

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**MAPAS, PRISÃO E FUGAS:
cartografias intensivas em educação**

Ana Maria Hoepers Preve

Campinas

2010

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

Ana Maria Hoepers Preve

**Mapas, prisão e fugas:
cartografias intensivas em educação**

Doutorado

Área de concentração
Educação, conhecimento, linguagem e arte

Orientador
Prof. Dr. Wenceslao Machado de Oliveira Junior

Campinas

2010

© by Ana Maria Hoepers Preve, 2010.

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**
Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

Preve, Ana Maria Hoepers
P928m Mapas, prisão e fugas: cartografias intensivas em educação / Ana Maria
Hoepers Preve. – Campinas, SP: [s.n.], 2010.

Orientador: Wenceslao Machado de Oliveira Júnior.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação.

1. Mapas. 2. Prisão. 3. Fugas. 4. Geografia. 5. Educação. 6. Oficinas. I.
Oliveira Júnior, Wenceslao Machado de. II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

10-204/BFE

Título em inglês: Maps, prison, and flight: intensive cartography in education

Keywords: Maps; Prison; Flight; Geography; Education; Workshops

Área de concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

Titulação: Doutora em Educação

Banca examinadora: Prof. Dr. Wenceslao Machado de Oliveira Junior (Orientador)

Prof. Dr. Antônio Carlos Rodrigues Amorim

Profª. Drª. Ana Lúcia de Godoy Pinheiro

Profª. Drª. Gisele Girardi

Prof. Dr. Guilherme Carlos Correa

Data da defesa: 23/09/2010

Programa de Pós-Graduação : Educação

e-mail:

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

Tese de Doutorado apresentada à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Unicamp, sob a orientação do Prof. Dr. **Wenceslao Machado de Oliveira Junior**, como requisito para obtenção do título de Doutor em Educação

Banca Examinadora:

Wenceslao Machado de Oliveira Jr. (UNICAMP)

Antonio Carlos R. de Amorim (UNICAMP)

Ana Godoy (UNICAMP)

Gisele Girardi (UFES)

Guilherme Corrêa (UFSM/RS)

Suplentes:

Ana Lúcia Machado (USP)

Áurea Maria Guimarães (UNICAMP)

Silvio Gallo (UNICAMP)

Campinas

2010

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

Título

Mapas, prisão e fugas: cartografias intensivas em educação

Autor: Ana Maria Hoepers Preve

Orientador: Prof. Dr. Wenceslao Machado de Oliveira Junior

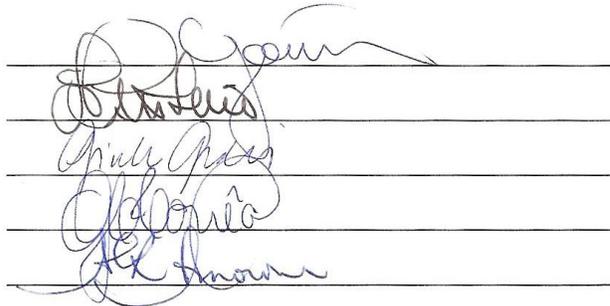
Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida por **Ana Maria Hoepers Preve** e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 23 de setembro de 2010

Assinatura

Orientador

COMISSÃO JULGADORA:



2010

RESUMO

A partir da proposição de oficinas sobre Geografia e Meio Ambiente junto aos internos do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Florianópolis/SC, desenvolveu-se uma pesquisa interessada em *geografias intensivas*. O foco inicial das oficinas era investigar o pensamento geográfico e as articulações espaciais dos detentos com suas vidas restritas ao espaço prisional. O estudo e a produção de mapas, pelos participantes, contou com a emergência de várias outras produções gráficas dos mesmos. Tomadas, num primeiro momento, como ruído, essas produções (desenhos, relatos, fotos), de tão recorrentes, passaram a ser consideradas e tornaram-se o foco mesmo das investigações, na medida em que problematizavam, entre outras coisas, o aprisionamento e a co-extensiva medicalização a que estavam sujeitos, gerando a noção-ferramenta de *mapas intensivos*. Nessa noção o conceito de intensivo tomado de Gilles Deleuze e Félix Gattari joga um papel central acompanhada das noções de devir, linhas de fuga (aqui, fugas) e desterritorialização dos mesmos autores e dos estudos sobre prisão e loucura de e com base em Michel Foucault. As oficinas colocam-se, portanto, como estratégia educacional interessada na cartografia das contingências e dos processos em que surgem os *mapas intensivos*. E é com isso que adquire consistência a noção de *geografias intensivas*.

Palavras-chave: mapas intensivos, fugas, cartografias intensivas, oficina, prisão, loucura, educação em geografia, geografias intensivas

ABSTRACT

A series of workshops with patients in the Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Florianópolis (Santa Catarina, Brazil), inspired research on intensive geographies. The workshops first planned to investigate geographic thinking and spatial mapping of the patients, using map production, soon led to several other graphic productions. At first, these productions seemed only statistical noise, but as their images began to reappear, they turned into the center of the research. These marginal products were significant in the way that they troubled the connection between prison and its medicalization, and in the process, developed the heuristic of the “intensive map.” This notion depends upon the concept of “intensive” developed by Deleuze and Guatarri, along with idea of the forthcoming, lines of flight, and deterritorialization (the last concept also emerging from Foucault’s studies on prisons and madness). The workshops became, as such, an educational strategy for those interested in the cartography of contingency and the processes out of which intensive maps emerge. In this way, the idea of intensive geography became consistent.

Keywords: intensive maps, prison, madness, flight, geography education, intensive cartography, workshops, intensive geography.

Aos meus mestres loucos do HCTP

Enquanto o turista volta correndo para casa depois de algumas semanas ou meses, o viajante, que não pertence a lugar nenhum, viaja lentamente, durante anos, de uma a outra parte da Terra.

[Paul Bowles, O céu que nos protege]

AGRADECIMENTOS

Wences, em quem descobri segurança e liberdade, combinação rara e valiosa, um encontro para sempre. À minha mãe, com quem aprendi a ser forte, a não desistir... Aos da casa Lilo, Fredi, Márcia, (Dona Elizabeth também) pelo carinho, colo, chão, visitas, pequenas e grandes alegrias, muito aprendizado e ajudas para estar no mundo. À Karen, uma amizade grandiosa demais para agradecer, uma magia. Ao Guilherme, uma sorte na vida; uma força que me faz mais forte. Ao Fábio, encontro vital, oportunidade rara de viver todos os dias a outra casa. À Ana Godoy, uma inspiração que sempre me faz ir mais longe, me faz querer partir, me faz querer partidas e começos. Karina, Ligia, Paulão, o gênio da lâmpada concedeu três desejos, pedi três amigos. Maria Oly com quem aprendi a me perder... , minha gratidão. Rapha, Wendel, Jorge, Leandro, Giovana, AC Amorim, Gisele Girardi, Rita e Kurt, Filipi, Arsele, Rose e Edith, João, Alessandra, Tita, D. Valmiria e seu Fanor, D. Nilcéa e Ino, Fátima, Nivaldo, Tomaz e Ordival, Albertina, Mati, Valéria Cazzetta, Marco Antonio, constelação afetiva. Aos professores do Programa de Pós Graduação em Educação da UNICAMP, em especial ao Grupo de Pesquisa OLHO e ao Milton de Almeida, ao grupo de estudos do Wences, ao Grupo Transversal e ao Silvio Galo. A UDESC e ao Departamento de Geografia, especialmente os cuidados atenciosos de Vera Dias, Francisco de Oliveira e Ademilde Sartori. No HCTP, Sirene, Rita, Emília e estagiárias do Serviço Social, o carinho, a atenção e as informações para que a pesquisa deslanchasse; Maria Inês (a Tôca), Márcia, Rosana, presenças fortes, generosas e fundamentais para o desenvolvimento do meu trabalho. Ao pessoal da segurança pela atenção dispensada, especialmente ao Vandir que me levou aos pátios. Ao Nédio, diretor, por me permitir a permanência no Hospital; a Juliana Rodrigues pelo fornecimento de dados institucionais. A Erli e toda a equipe de enfermagem por me dar acesso as rotinas dos tratamentos e pelos esclarecimentos diligentes, ao Fabiano também da enfermagem, por me apresentar os corredores atravessados pelas medicações, um raio-x. À banca examinadora pela primeira leitura. Aos internos, um oceano de ensinamento e beleza.

SUMÁRIO

Introdução

[1]

Aproximações

[27]

Mapas, domesticação e fugas

[53]

Cartografias intensivas

[83]

... e outras histórias

[137]

Um devir fugitivo

[169]

De que se foge?

[197]

Mensagem numa garrafa atirada ao mar I

[233]

Mensagem numa garrafa atirada ao mar II

[245]

Conclusão

[259]

Bibliografia

[261]

ÍNDICE DE IMAGENS

Bloco I

(após p. 28 - imagens de 1 a 9)

Bloco II

(após p. 54 - imagens de 10 a 27)

Bloco III

(após p. 84 - imagens de 28 a 40)

Bloco IV

(após p. 138 - imagens de 41 a 46)

Bloco V

(após p. 170 - imagens de 47 a 60)

Bloco VI

(após p. 198 - imagens de 61 a 67)

Bloco VII

(após p. 234 - imagem 68)

Bloco VIII

(após p. 260 - imagens de 69 a 81)

Introdução

Eu quero escrever um livro!/ Então Andes, por que você quer escrever um livro?! Porque eu tenho coisas pra me perguntar, mas eu não sei escrever.

Escrever na impossibilidade: *eu quero, mas não sei*. Como é que se escreve quando não se sabe escrever? Como é que se reúnem condições para que uma escrita das escritas dos que não escrevem apareça. Eis uma questão e um problema.

Cruzam-se em todas as páginas daqui para frente impossibilidades entre *eu quero* e *eu não sei*, entre uma vontade de fazer e uma impossibilidade dada pela lógica de uma escrita maior que requer e exige para tanto o domínio de códigos e padrões de uma língua. Para escrever é preciso saber escrever, para desenhar é preciso saber desenhar, para cantar é preciso ter voz, para... . Partimos de outro começo: para escrever é preciso deixar que uma escrita, a noção de escrita maior, desapareça em nós e outra se coloque no seu lugar, dotada de força de mobilização de pensamentos e não de representação de alguma coisa. *Eu não sei bater foto, eu não sei desenhar... eu não sei fazer mapas*. Uma atenção especial foi dada ao que acontece quando não se sabe alguma coisa. O que parecia fim, porque afinal não se sabe, abre aos começos do que não se conhece e do que não se sabe aonde vai dar. No meio disso estão minhas impossibilidades para lidar com modos de dar língua aos fluxos diversos que chegam com velocidades muito particulares criadas por uma contingência espacial limitante dos gestos, impeditiva das palavras e dos deslocamentos, redutora da vida, moduladora dos ritmos.

Difícil precisar onde as coisas que a gente estuda começam. Passamos a deixar que os começos façam seus encontros e que comecem por desmanchar algumas certezas. Escrever como experiência dos que não escrevem e fazer mapas como experiência dos que não são engenheiros cartógrafos ou geógrafos que trabalham com cartografia. Escrever movidos por perguntas sem respostas, mapear para inventar espaços; melhor, para abrir no espaço outros espaços. Escrever e fazer mapas para produzir sempre novos começos... Novos modos de dizer.

Um começo pode ser onde alguma coisa do nosso problema – num outro tempo e lugar – se encontra de forma mais concreta: uma situação escolar que se parece com uma situação prisional; uma situação escolar que detecta pessoas fora da norma, uma situação escolar onde se inventa um fora da escola. Uma situação-começo ativa-se como potência de partida, detonadora de situações ainda não experimentadas, quando os movimentos do trabalho começam e fazem encontros. A situação-começo resulta de um encontro que o movimento da pesquisa traçou e fez vir à tona como bloco. Os começos também não estão dados, é preciso começar para encontrar começos de pesquisa, começos há muito já dados e que, no entanto, se inauguram. Mas é preciso partir, abandonar o ponto fixo da terra firme e se lançar aos desconhecidos dessa mesma terra. Não digo que se trate de ocupar um novo ponto, mas de construir modos de transitar entre os pontos ocupados, e daí, já não interessam pontos, nem de partida, nem de chegada, e sim desmanchar as linhas que cruzam os pontos para compreender alguma coisa.

O texto aqui escrito resulta de muitas decisões. São muitas as componentes disponíveis no mundo a que o pesquisador teve acesso. O que o faz decidir é o seu envolvimento com a

questão-problema. Questões-problemas surgem ao longo de uma vida e são refeitas sempre que se modifica o mundo habitado pelo pesquisador. Se pesquisador e questão-problema estão embaralhados é porque extraem, daquilo que se chama cultura, conforme Antonin Artaud “idéias cuja força viva é idêntica à da fome”. (Artaud, 1999, p. 1) Uma urgência por saber o que acontece quando não se sabe.

O trabalho vai percorrer esses movimentos em que a questão-problema se apresenta e se refaz quando disposta sobre as mais diversas superfícies. Não interessa tanto o que iremos responder, mas aquilo que ela continuamente alimenta em nós enquanto pergunta nos colocando em constante relação com as forças, como as da fome.

Mas viajantes de fato apenas são aqueles/
Que partem por partir; de coração
flutuante, / Jamais hão de aceitar ser outros senão eles/
E, sem saber por quê,
ordenam sempre: Adiante!

[Charles Baudelaire, A viagem]

Adiante!

Corriam os últimos anos da década de 1980 quando usava ônibus para ir do centro de Florianópolis (SC) à Universidade Federal de Santa Catarina, local onde estudei por um longo tempo, da graduação em Biologia ao mestrado em Educação. No percurso passava pela

Trindade, bairro que liga o centro da cidade à Universidade Federal e que dá acesso às praias do norte da ilha. Neste bairro situa-se, desde 1971, o Complexo Penitenciário de Florianópolis. Do interior do ônibus, com a visão que proporciona, avistava o que, de carro ou mesmo a pé, não era possível: o pátio do complexo penitenciário e alguns presos fazendo pequenos deslocamentos no seu interior. Um pequeno pátio cercado por arame chamava atenção em meio ao Complexo, dando uma diminuta mostra de seus internos. Esses pequenos momentos, instantes em que o ônibus percorria aquela curta distância, são minhas primeiras lembranças daquela instituição de reclusão, mas não dos sentidos de se estar preso naquelas condições. Havia uma vontade de saber o que se passava no presídio com as vidas ali vividas. Não eram propriamente os detalhes de cada um que me despertavam a curiosidade, mas como é que uma vida se adapta à privação de liberdade. Quanto à origem dessa curiosidade não sei precisar; nem mesmo sei se há um começo. Sei apenas das situações em que isso aparece com a força desassossegadora de um problema e me põe em movimento.

Conheci o presídio em 1995, na época em que cursava o Mestrado e estava vinculada ao grupo de pesquisa em educação do Núcleo de Alfabetização Técnica (NAT) da UFSC desenvolvendo *oficinas*. É a possibilidade de criar oficinas tomadas, então, como modalidade de ação educacional alternativa à escolarização, que me leva a considerar o presídio como local para realizar intervenções em educação distintas das que até então havia feito: todas vinculados à educação escolar. Oficina, aqui, tem seu sentido ligado ao conjunto de estratégias educacionais livres dos “efeitos de escolarização” (imobilização do corpo e do pensamento) e que visam um “conhecer com vontade”. (Corrêa, 2000 e 2006)¹

¹ A noção de oficina me acompanha desde 1991 quando entrei para o Núcleo de Alfabetização Técnica (NAT) e terminava o curso de Biologia Licenciatura. O NAT era coordenado pela professora Maria Oly Pey do Centro de

No NAT o que nos movia em termos de pesquisa eram a produção e a proposição de oficinas ligadas a problemas de estudos que, como oficinairos tínhamos interesse em estudar. Estudávamos perspectivas em educação que pudessem subsidiar trabalhos não restritos à mera repetição das aulas teóricas. A oficina não era entendida também como a parte prática de um determinado conteúdo. O que se buscava, desde as primeiras oficinas, mais do que juntar teoria à prática, era um meio para que determinado interesse de estudo (podendo ou não coincidir com algum conteúdo escolar) pudesse ser experimentado. Pelo manuseio das ferramentas reunidas para que se pudesse conversar sobre um determinado tema podiam-se produzir entendimentos, responder a perguntas iniciais e, sobretudo, criar novas questões. Tais questões apareciam no jogo entre o manuseio das ferramentas (textos, fotos, informações, experimentos, jogos, dinâmicas de grupo, discussões) e as conversas entre os participantes. Para lá das dicotomias teoria-prática a oficina tinha como preocupação dissolver hierarquias tanto do saber quanto das relações entre quem ensina e quem aprende.

As dificuldades para chegar ao Complexo Penitenciário foram muitas e desapareceram com a apresentação de meus vínculos com a Universidade e a proposta das oficinas. Na época eu era mestranda e professora colaboradora da Universidade Federal de Santa Catarina e desenvolvia oficinas sobre sexualidade com professores, alunos de escolas públicas de periferia e membros de comunidades de pastorais de saúde. No circuito percorrido com as oficinas conheci muitos lugares, e em cada um deles pessoas vinculadas a uma escola, a uma

Ciências da Educação da UFSC. Referências importantes sobre o trabalho das oficinas encontram-se em Pey, Maria Oly. **Oficina de Alfabetização Técnica: propondo uma modalidade de trabalho educativo**. Florianópolis, SC: Movimento, Centro de Cultura e Autoformação, 1993 e ainda em Corrêa, Guilherme Carlos. **Oficina: novos territórios em educação**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

área de conhecimento, a uma religião. O Presídio Feminino veio nesse movimento: outro lugar, outras pessoas, outras referências de mundo.

Apesar das diversas tentativas de aplicar a oficina de sexualidade prevista nos roteiros tão eficientes até então, o grupo das presas mostrou-se resistente àquela seqüência de atividades. Havia algo que sempre atravessava as minhas intenções, esvaziava o sentido das propostas e revelava um tipo de pensamento inédito, inquietante, na experiência acumulada com as oficinas de sexualidade. À primeira vista, ou aos nossos olhos acostumados a enquadrar e identificar, as internas demonstravam grande dificuldade de concentração e problemas com a expressão de suas idéias. Podia-se também dizer que elas desprezavam uma questão tão importante em nossas vidas. Ao invés disso, por exemplo, na atividade em que foi oferecida argila para que elas expressassem a questão “o que é sexualidade” preferiam fazer cinzeiros, porta escovas de dente, bonecos representando os filhos, loucinhas, maricas, porta-incenso enquanto conversavam despreocupadamente e alheias à questão proposta.

Demorou muito para perceber a oficina como oportunidade de aprender uma espécie de saber novo sobre sexualidade. Saber que chega inesperadamente sem encontrar correspondência na trajetória feita até então. Aos poucos compreendi que fazer outra coisa com a argila era uma capacidade extraordinária de não corresponderem a uma solicitação que a "professora" havia elaborado para elas. Uma capacidade de expressarem desejos, como invenção, uma vontade de conversar, uma necessidade de falar sobre o querer sair dali. E foi nesses descompassos de línguas, de perspectivas de vida, de nível de escolarização, de condições de vida, no descompasso que é uma vida vivida entre grades, que conheci, naquele desvio das propostas que eu apresentava, um saber distinto daquele a que estava acostumada

na universidade. Dentro disso restava o exercício difícil de ver naquele fluxo de conversa o modo como elas, sem intenção de explicar, recolocavam a questão que eu propunha e perceber, mais ainda, qual era a questão refeita por esses fluxos intermitentes de conversa. Enquanto junto aos outros grupos conseguia apenas ativar clichês com a pergunta “o que é a sexualidade”, elas me apresentam a pergunta demolidora: “sexualidade, quem precisa disso?”. (Preve, 1997) Tal pergunta não me surgiu assim formulada, mas abriu-se aí o campo em que ela pode acontecer. E vi, desde então, se perderem os contornos do trabalho em inúmeros fluxos. Os contornos estavam programados para dar conta da questão – entender a diversidade da sexualidade a fim de tratá-la com naturalidade – mas, sem saber, eles levavam sempre a uma mesma resposta. Uma resposta já definida antes da pesquisa. Essa perda dos contornos escapava ao previsto na oficina. Foi com certa resistência que acolhi aquela força tão nova para o trabalho, quando os contornos se perderam.² Há algo no novo que assusta, talvez, porque não se pareça com nada (Godoy, 2008b), e aí não se encaixa, não faz sentido e parece que tudo está errado. Sensação desconfortável de insegurança... De repente descobre-se que essa sensação é boa... e a oficina, sem que se saiba, está aberta para novos problemas.

Oito anos após o término desse trabalho retorno ao Complexo Penitenciário para orientar estágios em Geografia no Presídio Masculino³ com o objetivo de preparar os detentos para as provas do Ensino Supletivo.

A sala pequena com pé direito alto e uma lâmpada fraca pendurada por um fino fio elétrico, tinha paredes verdes descascadas e abrigava um clima gostoso de interesses

² Ver **Sexualidade, quem precisa disso? A trajetória de uma oficina**. (Dissertação). Mestrado em Educação, CED, UFSC. 1997.

³ Na qualidade de professora do curso de Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) ministrava a disciplina Prática de Ensino de Geografia e Estágio Supervisionado.

mobilizados a partir da exposição dos conteúdos de Geografia. Embora meio escura e freqüentada por ratos e baratas, ainda assim, era bom estar lá. Os alunos estagiários faziam pesquisas extras para dar conta dos interesses que extrapolavam as simples aulas de Geografia preparatórias para as provas do exame de supletivo. As trocas de conhecimentos eram freqüentes quando o assunto ‘regiões brasileiras’ estava em pauta, e os alunos estagiários quase sempre silenciavam para ouvir histórias de pontos de vistas muito diversos sobre estas regiões. As rotas do tráfico de drogas deram outros sentidos para o estudo delas; aliás, era como se elas só fossem entendidas se submetidas às experiências dos deslocamentos que os alunos presidiários haviam feito no território para traficar. Discutíamos na época a importância de uma escuta para poder ensinar Geografia. Nessa escuta do que diziam os presos, os alunos aprendiam o quanto sabiam pouco das regiões estudadas em relação aos que haviam percorrido aqueles territórios em função de atividade econômica de grande importância num país como o Brasil e que, por questões de legalidade, não são mencionadas. As rotas do tráfico desenhavam, então, um outro Brasil para os alunos estagiários. Estes, por sua vez, surpreendiam-se com as relações, estranhas a primeira vista, mas sabiam que as aulas de Geografia, quando se deixavam atravessar por estes interesses, ganhavam intensidades outras.

Foram em situações como essas que percebi elementos para descortinar a fachada aparentemente tranqüila que avistava do ônibus noutros tempos. Descobri um Hospital do qual raramente se fala: o Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP), mais conhecido como manicômio. Um ano e meio depois iniciei no manicômio um trabalho vinculado a Projetos de Extensão com oficinas sobre Geografia e Meio Ambiente.

No HCTP tudo era diferente. O misto de hospital-prisão era difícil sequer de imaginar. Estar naquele lugar era, mais uma vez, estar na prisão com o complemento dos medicamentos e dos diagnósticos médicos, novos elementos que complicavam os sentidos da prisão. O início foi bastante difícil. Dificuldade com as palavras, com o estabelecimento de trocas em conversas em tantos tons. As oficinas começaram no HCTP enfocando questões de meio ambiente, mas os constantes comentários sobre a prisão, enquanto o tema era meio ambiente, desestabilizam o trabalho que então começava: — *a senhora pensa que está livre? Não tem aqueles dias que o trabalho é uma prisão?* Nunca vivi na prisão e estou muito longe de saber os significados dessas grades, no entanto, algo naquelas falas e naquele lugar não era estranho.

Algo nessas perguntas me levou a um bloco de sensações antigas ligadas à amizade que nutríamos uma coleguinha de escola primária e eu, e a perspectiva pela qual essa amizade foi percebida pela direção da escola.

Com Karen costumava fazer recreios escolares bonitos. Tínhamos por costume fazer o lanche afastadas das brincadeiras barulhentas do pátio. No morrinho, na parte de trás da escola, sentadas sobre uma tábua, comíamos o pão com queijo enquanto trocávamos nossas impressões sobre novelas, fotonovelas e gibis, músicas, segredos de família, e algumas tenras dúvidas sobre a existência. Era um espaço de fuga possível dentro da escola.

Terminávamos o pão e a conversa continuava, divertida, interrompida apenas pela sineta. Descíamos o morrinho meio correndo para voltar ao tempo da aula. Numa de nossas descidas para formar a fila no pátio fomos abordadas pela Irmã Diretora. Para nossa surpresa ela nos aguardava com a expressão facial mais temida por todos na escola: sobranceiras

franzidas, rugas atravessando a testa, lábios apertados, olhar duro e penetrante. Apavoradas, entendemos que seríamos repreendidas.

– *Parem!* Disse ela em tom forte. – *Quero falar com vocês duas.* Imediatamente paramos e a irmã prosseguiu.

– *O que vocês fazem lá sozinhas?*

– *Conversamos...* Respondíamos em pensamento porque ela não nos deu tempo de resposta.

– *O que é que vocês tanto têm para conversar que precisam se afastar de todo mundo? O lugar de vocês é aqui com os demais colegas brincando no pátio.* Ficamos perdidas em meio àquela quantidade excessiva de palavras que se repetiam, num tom de voz muito alto. Só consegui me concentrar na última frase, porque tinha que dar conta das pernas que tremiam e do frio na barriga, do susto, do vermelho no rosto, do medo.

– *A partir de amanhã quero as duas brincando no pátio.*

Estacou permanecendo rígida até nos movermos para tomar nossos lugares na fila. A censura muda daqueles olhos negros até hoje me perturba e convoca a lembrança da irmã pelos corredores da escola, como um carcereiro, lenta, implacável e apavorante, responsável pela ordem e pelo curso normal das atividades da escola.

Tudo aquilo fora vivido sem entendermos, sem sequer suspeitarmos o que motivara a ação preventiva de que fomos objeto. Contrariadas e confusas, a partir dali, passamos o recreio brincando no pátio, acompanhadas de nossas colegas. No espectro de entendimento que tínhamos como crianças não podíamos sequer suspeitar o que animava uma atuação tão aguda. Qual seria o próximo passo daquela mantenedora da inocência, se insistíssemos em

retornar ao *morrinho*? A julgar pela cara mais feia - das muitas que ela tinha - com que nos abordou não é difícil imaginar que estávamos, com nossa vontade de ficarmos perto uma da outra, a um passo de protagonizar um escândalo na sociedade.

Não é por acaso que as perguntas dos presos evocam o evento do recreio na escola. Estávamos ali na iminência de sermos marcadas por todo o aparelho moral de que dispõe uma cidade do interior. Bastava à irmã dizer ‘pervertidas’ e teríamos outra história para contar. Esse limiar que o especialista pode ultrapassar fazendo com que os objetivados por ele, em sua função estabelecida, passem da linha do normal para a do anormal, aciona toda a rede pedagógica, médica e punitiva à sua disposição. Na mesma cidade já existia uma opinião pública formada para dizer quem era quem, para acolher as decisões do especialista. Qualquer aluno da escola, qualquer criança da comunidade, qualquer um poderia ser objetivado por essa perspectiva e o fator determinante dessa objetivação, e dos tratamentos resultantes, poderia ser, por exemplo, conversar no *morrinho* durante o recreio. Bastava identificar um desvio, fosse ele evidente ou não: pervertido, retardado mental, marica, machorra, puta, vadia e em volta uma aparelhagem pronta às correções. Uma cadeia em desuso, uma colônia reformatória no município vizinho, os castigos familiares, as avaliações escolares. Estávamos todos muito próximos desse limiar (normalidade e anormalidade) que, por pouco, não se atravessou. Uma questão de sorte, como lembrou uma detenta do Presídio Feminino – bonita, ativa, inteligente ao se referir às punições na nossa sociedade: *nós somos vocês que demos azar*.

Percebe-se no presente daquela infância uma espécie de construção prisional, de um controle que começa a funcionar com eficácia e independência dentro da gente desde há muito tempo. Ao contrário do que parece, um elemento comum entre as formas de prisão é, antes,

uma linha de força geral que atravessa os discursos e as instituições e nos atinge com força desmedida.

Longe, aqui, de comparar a experiência de um preso com a de um escolar e as dramáticas diferenças entre essas realidades, emerge disso uma linha de punição, obediência e medo atravessando famílias, presídios e escolas e que se apresenta como justiça, educação, saúde e segurança. É sobre essa linha que esse trabalho se move.

A decisão pelo Hospital como campo de pesquisa se deu muito mais como compromisso vital: sentia-me sem poder decidir por outra coisa. Era ali que poderia dar continuidade à minha experimentação como educadora interessada em criar condições para a produção de diferenças. É uma pergunta pela produção de diferenças e não pelo encontro com o diferente. As diferenças se produzem nos encontros, aparecem neles, não estão dadas. Neste lugar o que encontro por excelência são as identidades fixas de louco, de bandido, de marginal, de preso, de vagabundo, de doente mental. Identidades fortes, inspiradoras da prisão, vinculadas à exclusão do sistema social e ao internamento. Esse é o meio identitário no qual o trabalho se move.

Sem cuidado nenhum, sem respeito nem pesar,/ Ergueram à minha volta altos
muros de pedra./ E agora aqui estou, em desespero,/ Sem pensar noutra coisa:
o infortúnio a mente me depreda./ E eu que tinha tanta coisa por fazer lá
fora!/ Quando os ergueram, mal notei os muros, esses./ Não ouvi voz de
pedreiro, um ruído que fora./ Isolaram-me do mundo sem que eu percebesse.

[K. Kaváfis, Muros]

No presídio, voltar

Viagem no mesmo lugar, esse é o nome de todas as intensidades, mesmo que elas se desenvolvam também em extensão. Pensar é viajar...

[Deleuze e Guattari, 1997, p. 189]

A pesquisa é interessada em *geografias intensivas*. Ocupar um cubículo ou uma enfermaria e percorrer - saindo de um ou outro - um corredor para desembocar num pátio, dele poder ir até um refeitório, um banheiro coletivo ou uma pequena sala de aula, ou ainda uma pequena sala de tear, ou raramente uma quadra de esportes, uma horta, ou uma sala-consultório, ou uma sala de conversa ou, apenas, um cubículo e um corredor e um pátio e um refeitório e um cubículo, e outro, e muitos mais por vários anos. Espaços diminutos em série, um corpo. De tão pequenos achatam, de tanta rotina criam o hábito que é vício, vício de remédio, vício de instituição. Doentes-presos. Remédios-grades. Uma rotina de prisão no que chamam de Hospital. Não se deslocam. Estão sempre no mesmo lugar. Andam no mesmo lugar, sobre o mesmo solo. Às vezes, nos mesmos lugares desde a infância: de menor infrator a adulto criminoso, sempre indivíduo perigoso que vai de instituição em instituição, sempre revisitando os mesmos muitos lugares. Presos viajam porque pensar é viajar.

Presos que são loucos viajam porque pensar é viajar. E como viajam! “E o que acontece quando a linguagem sai para fora de si, em vez de retornar sobre si?”

Fundamentalmente o seguinte: entre ela e ela abre-se uma distância, um vazio, uns espaços lacunares que denunciam sua nova natureza, que é o espaçamento”. (Pelbart, 1989, p. 117)

Esses espaçamentos potencializam a geografia ao darem o tom intensivo a qualquer espaço. É preciso produzir espaçamentos. Por onde começar tal produção? Como são as geografias dessas viagens? Eis a questão interessada dessa pesquisa. Mapas intensivos de geografias intensivas ganham existência através de cartografias intensivas. Pensar é viajar, dizem Deleuze e Guattari em **Mil Platôs**; para estes autores o que diferencia as viagens “não é a qualidade objetiva dos lugares, nem a quantidade mensurável do movimento – nem algo que estaria unicamente no espírito – mas o modo de espacialização, a maneira de estar no espaço, de ser no espaço. Viajar de modo liso ou estriado, assim como pensar...”. (Deleuze; Guattari, 1997, p. 189-190) São os espaçamentos que se cria no espaço, espaços lacunares, como maneira de estar no espaço, um novo pensar. Um pensar em relação com “as forças do fora”. Não é qualquer pensar que dá condição para o intensivo, mas todo pensar cuja força está em relação com outra força. Uma força não tem realidade em si, “sua realidade íntima é sua diferença em relação às demais forças, que constituem seu exterior. (...) o Fora é essa pluralidade de forças. O Fora será sempre um Entre...”. (Pelbart, 1989, 121)

Estão sempre no mesmo lugar como os nômades, e é a propósito destes que se pode dizer “eles não se movem. São nômades por mais que não se movam, não migrem, são nômades por manterem um espaço liso que se recusam a abandonar, e que só abandonaram para conquistar e morrer”. (Deleuze e Guattari, 1997, p. 189)

Nesse sentido, o estudo teve como base a realização de um conjunto aberto de oficinas desenvolvidas entre abril de 2005 até abril de 2010. Nas oficinas se deram os encontros nos

quais se provocou, por meio de uma série de propostas/jogos, uma abertura, uma sociabilidade outra da que caracteriza os ambientes escolares, bem como o hospital-presídio. Essas propostas/jogos interessam-se em produzir deslocamentos intensivos, movimentos de pensamento. São esses movimentos que se quer cartografar. O resultado material dessas cartografias são os mapas. Com estes mapas, conjunto de documentos/registros gráficos desses deslocamentos, toma corpo uma cartografia, cujo resultado é a tese. A tese é o *livro* dessas geografias intensivas.

Tomando de empréstimo termos da Geografia este trabalho não é de Geografia, nem em Geografia. As noções, os conceitos, as imagens da Geografia presentes no trabalho colocam em movimento os termos geográficos e exerce sobre eles uma tensão de desterritorialização e reterritorialização. No entanto, tais termos, noções, conceitos e imagens não podem ser vistos em oposição à geografia e sim num movimento de deslocamento de campo, do extensivo do espaço euclidiano e cartesiano ao intensivo do espaço riemaniano. Deste modo, esta tese pode vir a ser Geografia. Este é um dos seus possíveis.

Os mapas intensivos são afirmações da vida nas suas proliferações e não dizem respeito às regularidades e ordenamentos do presídio e das discursividades que mantêm tudo isso funcionando; presos por grades, medicamentos, diagnósticos, cura, cumprimento de pena e, ainda assim, alguma coisa se passa. Na imobilidade alguma coisa se move. Mapas de sensações. Mapas intensivos.

Quase todos os capítulos iniciam com um bloco de trabalhos gráficos (mapas, fotografias, desenhos, escritos) com exceção do mapa 68 que articula os capítulos “Mensagem numa garrafa atirada ao mar I” e “Mensagem numa garrafa atirada ao mar II”, e da

“Conclusão” que apresenta uma dinâmica própria na distribuição destes trabalhos. A quase totalidade deles são produções dos participantes das oficinas. Aparecem numa seqüência que nem sempre respeita a ordem em que são referidos no texto do capítulo e a ordem temporal das oficinas. A escolha de apresentá-los em bloco busca dar-lhes o máximo de independência possível do texto, inibindo a sujeição dessas produções à categoria de ilustração, na medida em que se antecipam ao texto – e seus interesses e referências – podendo, assim, ser apreciados por si só e em relação ao conjunto. Os trabalhos gráficos podem, desse modo, interagir com quem se dispuser a conhecê-los antes que este trabalho de tese se aproprie deles para os seus interesses.

Cada uma dessas produções é tomada como um mapa intensivo. Mapas de uma ordem distinta dos produzidos pela Cartografia Científica, cujo foco concentra-se na superfície extensiva da Terra. Os mapas intensivos não podem ser descolados dos processos em que surgiram. Esses processos, em bloco, é o que chamo aqui de cartografias intensivas. E os mapas intensivos não são tomados como resultado de procedimentos cartográficos – como técnica de produção de mapas da cartografia científica –, mas como movimento no processo. São mapas na medida em que permitem apresentar o processo, mas deixam de sê-lo se se quiser utilizá-los como guia, orientador, indicador ou localizador; eles não levam a lugar nenhum, não servem para identificar quem os desenhou, tampouco para subsidiar diagnósticos de qualquer ordem, e, nesse sentido, eles querem, antes, confundir. Os mapas, como lembra Deleuze, “não devem ser compreendidos só em extensão, em relação a um espaço constituído por trajetos. Existem também mapas de intensidade, de densidade, que dizem respeito ao que preenche o espaço, ao que subtende o trajeto”. (Deleuze, 1997, p. 76)

Cada mapa tem o seu número próprio, independente do número das páginas de texto. Os mapas, quando referidos no texto, aparecem com seus correspondentes.

Notar-se-ão tarjas brancas ou pretas sobre muitos mapas. Elas encobrem os nomes. Tais tarjas são, explicitamente, efeitos da proibição. O nome do interno está sob o domínio de um curador e não pode ser utilizado em trabalhos de pesquisa acadêmica, a não ser por suas iniciais.⁴ Neste trabalho, os nomes suprimidos das imagens pelo uso das tarjas foram alterados no texto. Para isso, alguns internos tiveram a oportunidade de escolha do seu outro nome através de uma sessão específica da oficina. Aos que não tive mais acesso, por terem recebido alta, troquei os nomes utilizando substituição simples, por exemplo, João por Pedro.

O trabalho está em primeira pessoa. Dentro dele há o meu trabalho e o trabalho dos participantes da oficina. Trabalhos gráficos e texto formam blocos montados e operados por mim como capítulos. Em alguns casos as composições provêm de momentos e de sessões diferentes da oficina, mas, na tese, aparecem lado a lado formando o capítulo. Essa disposição é uma tomada de decisão na montagem para dar consistência a um movimento do pensamento que se quer alcançar no capítulo.

O leitor precisa entrar no trabalho já sabendo, como eu, que é impossível manter o padrão de limpeza visual dos mapas científicos nos mapas intensivos. A folha, nos mapas intensivos, é um campo amplo, utilizada em frente e verso quando necessário, trazendo quase sempre os vestígios das circunstâncias: manchas de café, farelos de pão, restos de margarina, marcas de grãos de arroz. Em certos casos os originais guardam o cheiro do presídio. Os textos

⁴ Quando é constatado que o réu, além de criminoso, é portador de doença mental o Juiz nomeia um curador que passará a responder pelo interno condenado. Esse curador é geralmente um familiar, na ausência deste o Juiz nomeia o advogado. Fonte: Juliana Rodrigues Ramos, Agente Prisional, Junho de 2009.

ou as falas deles são inseridos no meu texto, grafados sem correção, em letra de computador com a única intenção de facilitar a compreensão das palavras, quando se fizer necessário. Lembrando que as palavras grafadas nos mapas e no meio do meu texto em itálico são, antes, imagens, ou melhor, têm a liberdade de se apresentarem apenas como imagem.

De um ponto de vista técnico as fotos não são boas, são comoventes e muito eficientes no que apresentam. A preocupação com fotos é tardia no curso do trabalho, foram algumas circunstâncias que me encaminharam a utilizá-las. As fotos concentram-se nas produções deles e não neles. Estão aí na medida em que mostram os seus trabalhos, mas apresentam problemas na sua apresentação. As fotos são mal feitas sob o ponto de vista da informação visual de algo. Há problemas com luz, enquadramentos, e, sobretudo com os equipamentos utilizados, geralmente câmeras muito simples. Boa parte delas não foi tomada por mim, mas pelos próprios participantes das oficinas, muitas vezes trêmulos e emocionados. Mas justamente por isso nos permitem ver quem está na foto sem nela ter a imagem grafada: o fotógrafo. A opção inicial pelo não uso de fotografias e gravadores liga-se ao que Truman Capote fez em “A Sangue Frio”; ele dizia que “a anotação e a gravação prejudicam o tempo dedicado à observação dos personagens e do ambiente, e intimidam os entrevistados...”. (Capote, 2003, p. 428)

As palavras dos trechos citados em itálico provêm das anotações tomadas após a oficina ou, em algumas poucas vezes, de gravações. Não fiz o diário das oficinas. Fiz anotações, traços, esboços. Muito poucas vezes relatei em detalhes uma oficina por inteiro. Algumas dessas anotações foram feitas ainda no refeitório, outras na sala das assistentes sociais e a grande maioria em casa, ou seja, depois que tudo já havia passado. O *quase* é o que

ficou do que foi experimentado, o que sobrou depois que a oficina aconteceu ou depois de uma ida ao Hospital. Portanto, no início do trabalho nada de anotações enquanto a oficina acontecia, assim como nada de gravações, apenas as propostas/jogos nos nossos encontros. Tomar nota durante o trabalho é um movimento recente ligado ao movimento de escrita proveniente dos próprios participantes da oficina. Alguns deles passaram a usar cadernos para anotações próprias, escrevendo ou desenhando sempre que uma idéia ou uma imagem lhes tomava, dependendo do interesse das suas escritas. Havia também os que faziam anotações na cabeça, por não escreverem. Por caminhos diferentes, chegamos juntos a uma escrita. Procuravam-me com textos orais prontos, na ponta da língua, esperando que uma página em branco os acolhesse e nem sempre tinha à mão tais páginas, usava o que tinha disponível para essas anotações *in loco* de escritas orais.

Cada capítulo é uma espécie de preparação para o seguinte. Um capítulo termina porque atingiu uma consistência que suporta novo movimento do pensamento, conforme também se deram os movimentos da oficina e doicineiro no tempo de pesquisa na instituição. Os capítulos são, antes, movimentos ora mais longos ora ínfimos do que se passava comigo e com eles. As citações dos autores estão entre aspas e todas incorporadas no texto sem recuo, continuando o pensamento em curso. Os recuos foram reservados exclusivamente às epígrafes que marcam os cortes e passagens para outro movimento. Toda escrita em letra do tipo itálico é a fala dos pacientes ou de outros participantes transcrita e/ou refeita a partir do que ficava dos encontros, e também está incorporada no texto sem recuo. Citações e falas estão indicadas no texto. Pelo tamanho de algumas delas podem até confundir

o leitor que por vezes não sabe, se perde, se está me lendo ou lendo outros dentro do meu texto. É um efeito.

Algumas filmagens de oficinas aconteceram em encontros com outros profissionais. Jamais filmei para mostrar o Hospital para quem não o conhece. Não uso essas imagens filmadas diretamente na tese, aproveito-me delas nos momentos de elaboração da escrita quando preciso rever cores, ou relembrar vozes e percursos.⁵ É recorrente o uso de cenas de filmes e/ou documentários para auxiliarem as composições, produzir uma atmosfera, dar climas e apresentar situações chaves.

Os participantes das oficinas são flutuantes: alguns estão desde o início, outros por períodos curtos desaparecem e aparecem, dependem das saídas e entradas no Hospital, das entradas e saídas nos cubículos e entradas e saídas em surtos; outros, ainda, desistem. A oficina não pára; encara com que está por perto, interessado.

Algumas noções sobre prender, punir, castigar, controlar, mundo do controle, estamos todos presos, produzir o indivíduo perigoso, a loucura, a loucura por prender estão no texto de forma diluída e espalhada, repetindo-se devagar e com poucas palavras sempre que se fizeram necessárias para que não esqueçamos que, uma das coisas que pega no trabalho, é a produção midiática, propagandeira do sujeito normalizado. Não apenas a prisão, antes, o trabalho toca nos aprisionamentos da sociedade de controle e nas imobilizações que tudo fazem para impedir as forças de invenção: aprisionamento do pensamento e imobilização corporal. O

⁵ As primeiras filmagens foram realizadas com Ana Godoy (Pós Doutora pela Faculdade de Educação da UNICAMP) na oficina “mapas-paisagens” em abril de 2008. As demais foram realizadas com Letícia Cardoso e Pedro MC durante as filmagens de “Entrelinhas” (Cizânia Filmes, 2009, 25 min.) um documentário sobre o HCTP. .

poder se exerce sobre o corpo, como nos lembra Foucault. E aí não se fala só do corpo dos presos.

Os participantes das oficinas são considerados criminosos e loucos infames, presos pelas grades e contidos pelas medicações pesadas. As geografias intensivas dos seus mapas constituem-se em fugas. Fuga como saúde, potência criadora de vida. Movimento. O que o pensamento inventa para fugir, para estar sempre em vias de um *devoir fugitivo*?

Distribuição

“Mapas, prisão e fugas: cartografias intensivas em educação” o livro dessas geografias intensivas está organizado, após esta introdução, em oito capítulos e uma conclusão.

“Aproximações”. Mostra-nos como uma questão de estudo se comporta no ambiente hospital-prisão. Os primeiros encontros – recheados de variações no trato com as questões propostas – levantam suspeitas sobre camadas invisíveis que recobrem os territórios desenhados; nos aproxima também do lugar desconhecido HCTP.

“Mapas, domesticação e fugas”. É como se esquecesse as variações apresentadas no capítulo anterior e tenta, insiste no movimento de traçar linhas sobre os mapas escolares. Ao partir dos mapas escolares a fuga torna-se mais difícil, pois tais mapas insistem e persistem como modelos. Mesmo assim, no que parece feito para não fugir, insiste um ruído que desmancha uma lógica escolar de mapas. Auxiliada por outros pensadores de mapas,

compreendo que o que está fugindo é o autoritarismo da imagem-mapa em representar um lugar.

“Cartografias intensivas” é um possível novo começo quando o mapa não existe. Jogam aqui linhas, linhas soltas que se juntam e dão consistência a lugares que não existem no território extensivo. Esses lugares imateriais abrigam forças de deslocamentos, vida e proliferações sucessivas. Mapa aqui é fuga e fuga já é saúde.

“... e outras histórias” é todo feito de histórias menores, mapas e nesse aspecto o cartógrafo descobre com o auxílio de um paciente que seus mapas intensivos são como fumaça, móveis, sempre a depender dos ventos que sopram. Histórias menores de experimentação. Lampejos de outros usos do corpo e do espaço fazem proliferar – como desterritorialização, devir e linha de fuga – vidas.

“Um devir-fugitivo” dá as dimensões do movimento que a oficina precisa atingir para produzir passagens do que não costuma passar: modos de ser, de viver, de escrever, de driblar uma situação, de produzir mapas a partir de uma cartografia não usual, de uma educação não ancorada nos sistemas de transmissão de informação. O estar perdido como sentido afirmativo encontrado num filme devorado pela oficinas: o que acontece quando não se sabe começar.

“De que se foge” trata de visitar a questão ‘de que mesmo se foge quando se está preso?’ Se o cartógrafo se dá conta que uma prisão está ativa na gente desde muito cedo e a gente nem sabe quando ela se construiu, como é que se foge dela? Fugir é explorar os meios prisionais – que meio não é prisional? – se lembrarmos de Deleuze quando diz que as prisões, hoje, se dão a céu aberto. Se foge no meio.

“Mensagem numa garrafa atirada ao mar I” é uma anotação das marcações mais fortes em livros importantes para essa pesquisa. Anotações que mostram, ou ao menos marcam, o quanto uma sociedade, em nome da razão, pode exercer o poder de dizer se somos ou não perigosos, se somos ou não loucos, se somos ou não....

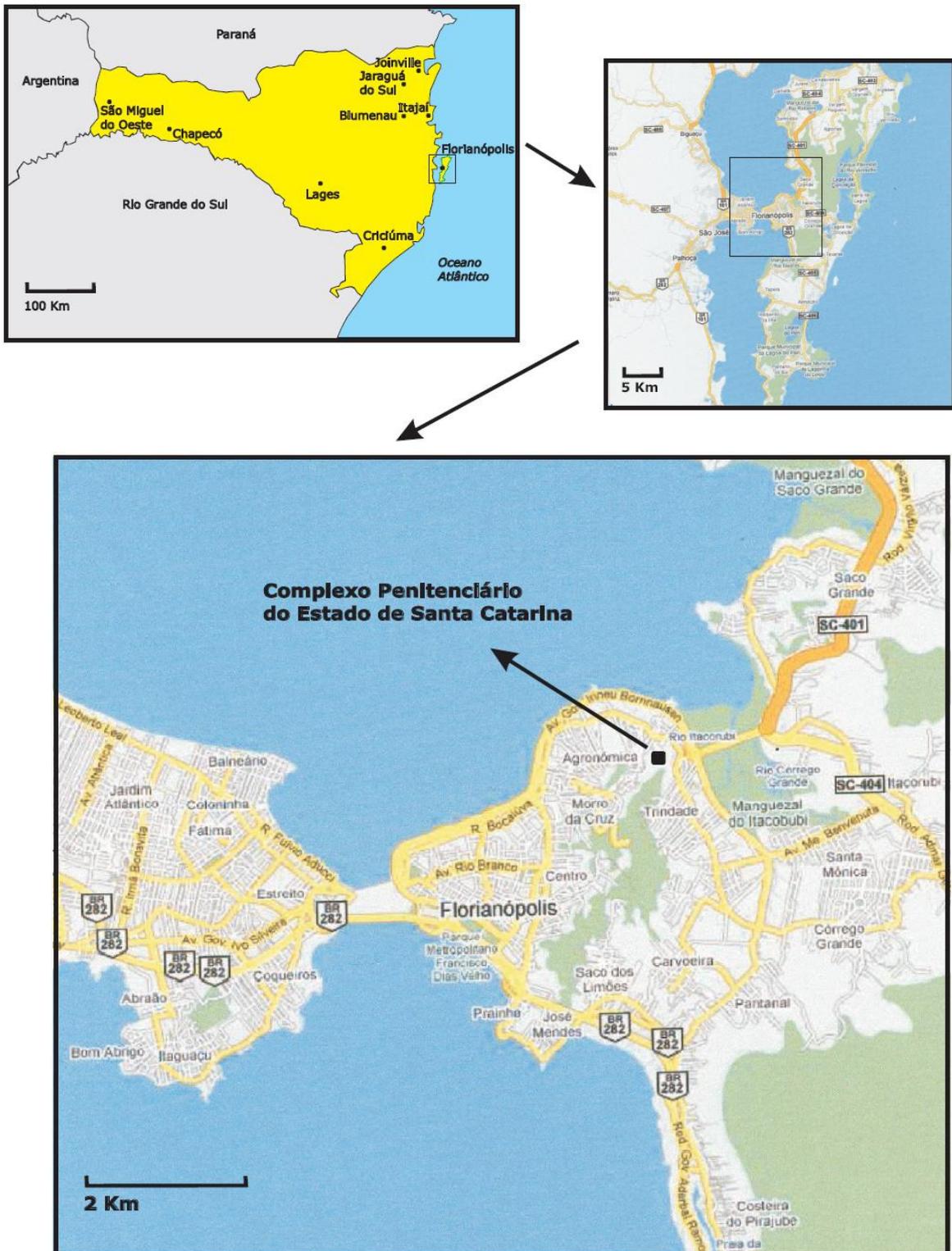
“Mensagem numa garrafa atirada ao mar II” lida com a pergunta “de que serviu tudo isso?” extraída de um documentário sobre as condições extremas do alpinismo e com a resposta: “para andar até deixar de haver caminhos.”

É preciso dizer que como anotação e como mensagem dentro de uma garrafa atirada ao mar pode-se não encontrá-las (as duas garrafas) tanto quanto pode-se ser encontrado por elas e, ainda, pode-se imaginar que elas bateram numa rocha, se espatifaram e a escrita-mensagem se decompos e mais, pode-se de repente encontrá-las...(!) São escritas-existências que não se sabe o que vai acontecer com elas; afinal pouco sabemos do que acontece com as garrafas e com as mensagens que carregam quando lançadas ao mar... . Todavia quem escreveu quer que ela chegue, quer ser lido tanto que escreve, e o leitor é o único capaz de abrir a garrafa, mas mais do que isso de abrir a mensagem abrindo-se para aquilo que nela é potência de vida.

“Conclusão” feita de um material simples e sem palavras porque o cartógrafo aprendeu que não precisa explicar. Silêncio. Ponto. Acabou. Mas o ponto foi totalmente exposto, aberto e assim ficou sem casca, como ferida aberta, vertendo para fora alguma coisa, um alimento para o pensamento.

Aproximações

Localização do Complexo Penitenciário do Estado de Santa Catarina em Florianópolis



Fonte: Google Maps (2009)
Edição: Ana Maria Hoepers Preve
Paulo Fernando Meliani

Arredores do Complexo Penitenciário do Estado de Santa Catarina em Florianópolis

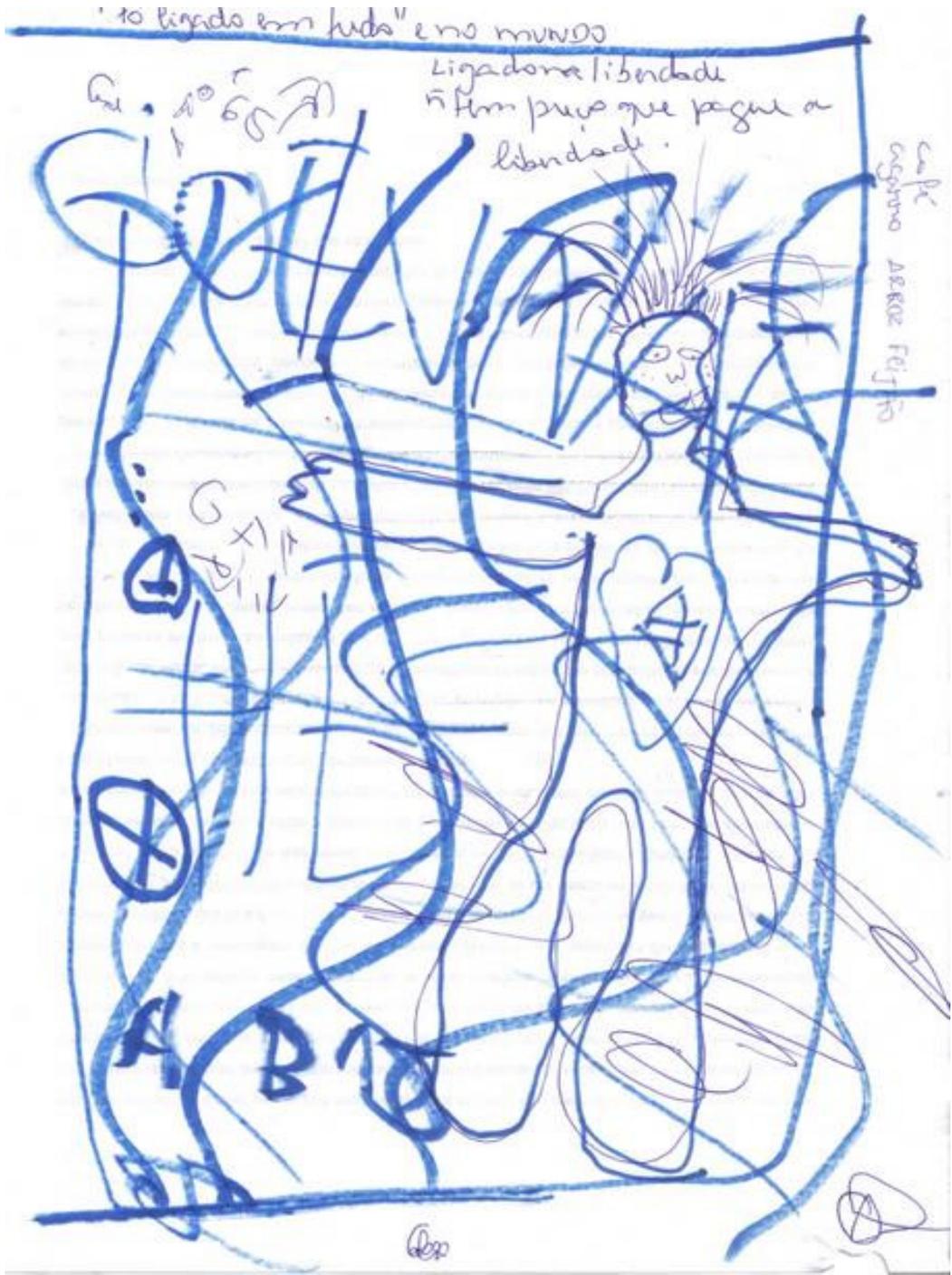


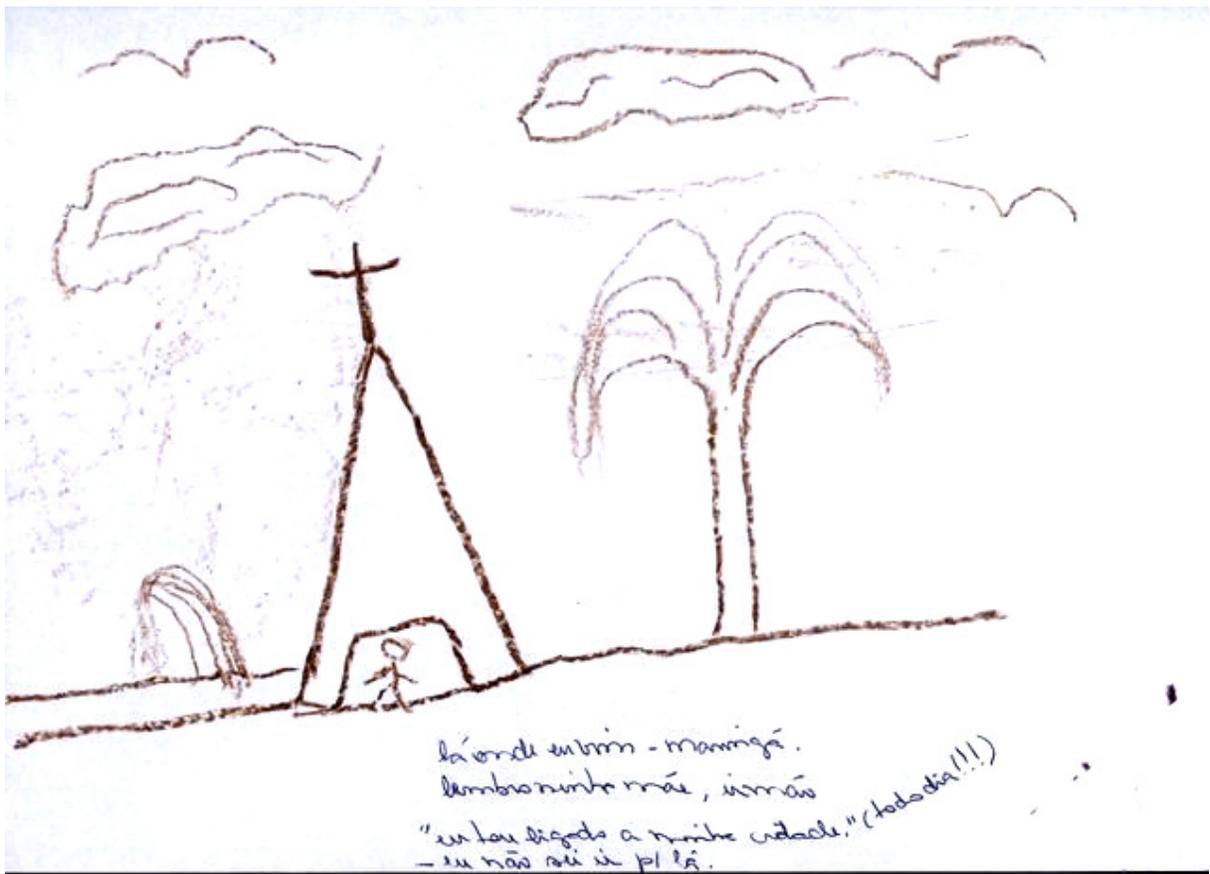
 Perímetro do Complexo Penitenciário do Estado de Santa Catarina

HCTP Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico

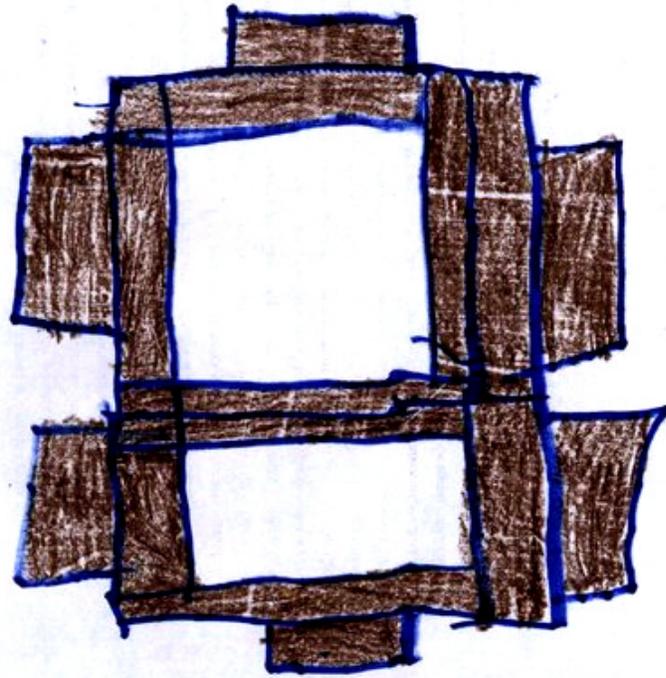
Fonte:
Google Maps (2009)
Google Earth (2009)

Edição:
Ana Maria Hoepers Preve
Paulo Fernando Meliani



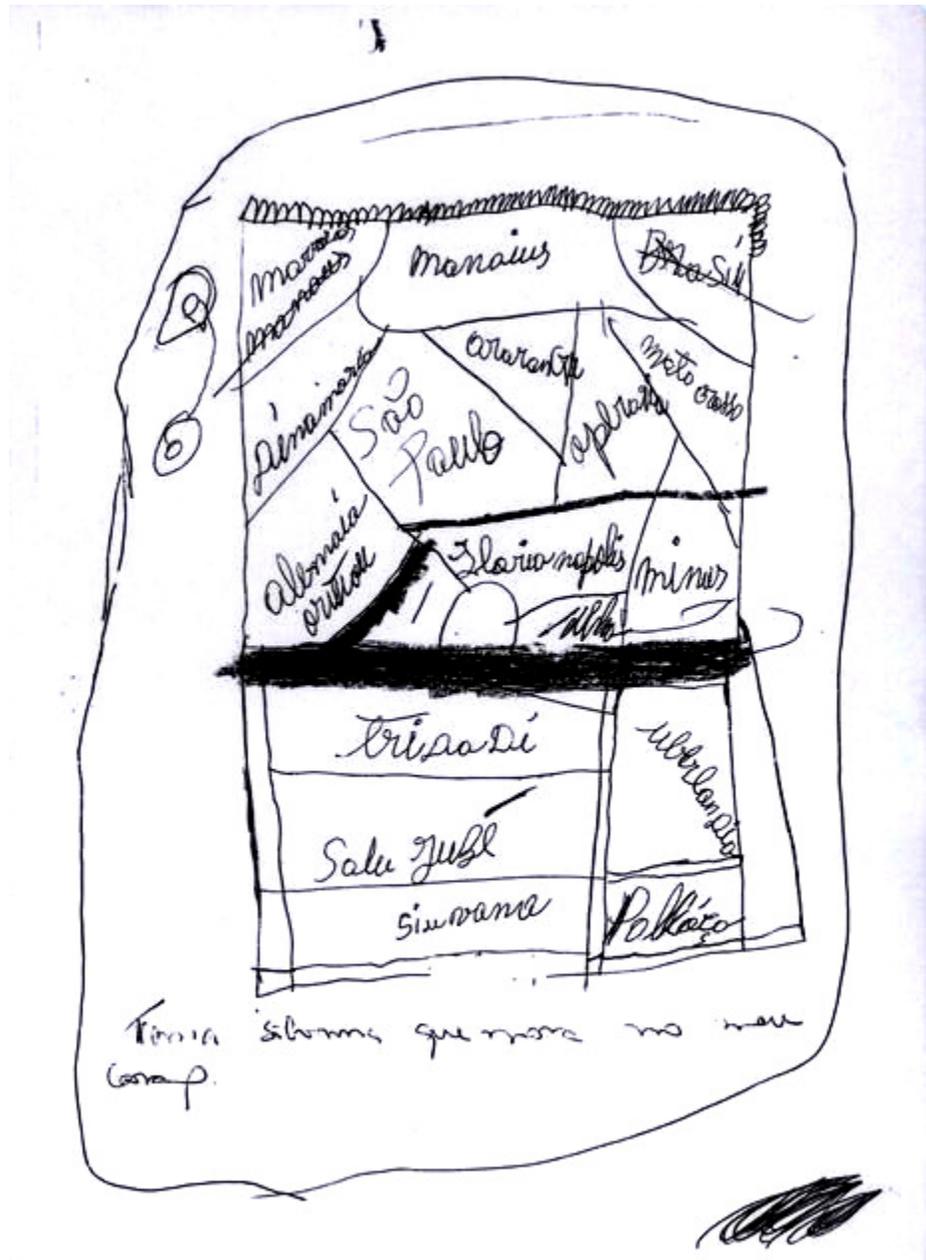


se fixa plank
de um prédio
porque se
quiso construir
um prédio
de dois andares.











Para a criança, que adora olhar mapas e telas,/ O universo se iguala ao seu vasto apetite./ Ah, como é grande o mundo à tibia luz das velas!/ E na saudade quão pequeno é o seu limite!

[Charles Baudelaire, A viagem]

Para explorar e conhecer novos lugares o viajante necessita de pouca coisa, nada que mantenha ocupadas suas mãos ou que o impeça de caminhar ereto e no seu ritmo. Por vezes é necessário deter-se por mais tempo nos lugares, parar e aprender. Depois é preciso seguir, ir adiante, buscando por novos solos e encontros. Nessa viagem o trabalho de mestrado aparece como lugar em que se aprendeu que, para quem quer aprender, é necessário manter o movimento, não possuir terras, não defender bandeiras, não acumular nada que constitua um fardo.

Os primeiros passos no HCTP foram com a intenção de seguir o movimento de ir adiante, primeiro o presídio feminino, depois o masculino, e depois, bem depois, a prisão-hospital.

É com uma vaga noção do que seria um ambiente hospital-prisão que dou os primeiros passos na instituição. Minha entrada deu-se através do Projeto de Extensão com oficinas de Meio Ambiente e Geografia que na época desenvolvia na coordenação do Núcleo de Estudos Ambientais no Departamento de Geografia da UDESC. O foco destas oficinas centrava-se na compreensão da noção de problemas ambientais e no estudo do que, em cada grupo, se

constituía como problema ambiental. Apresentei o projeto a então diretora do Hospital Dra. Eleonora da Luz, na companhia da Assistente Social Sirene Cordioli, no ano de 2005. Obtive aprovação mediante a inclusão de temas como o tabagismo e a reciclagem do lixo. O aceite deste projeto me permitia dar os primeiros passos na instituição.

Meus primeiros passos no HCTP foram acompanhados das assistentes sociais em direção ao refeitório (sala destinada à oficina) para o encontro com os pacientes. Era segunda-feira, dia de assembléia com os pacientes organizada pelas assistentes sociais.

Esses passos foram dados devagar de modo que eu pudesse ter uma visão mais ampla do lugar enquanto caminhava. De um corredor desembocamos num outro e neste pude ver, olhando para baixo, através de uma janela, um lugar fechado nas laterais, sem teto, mas escurecido. Embora a luz do sol entrasse ali eu não vi cores fortes. Vi muitos homens que se deslocavam em círculo e/ou pra frente e pra trás, ou ainda, de arrasto. Um lugar pequeno para a quantidade de homens que vi juntos. Era uma imagem triste de homens trancados: os pacientes.

De corredor em corredor e avistando muitas portas com grades assim se fazia e se apresentava o lugar para mim. Ainda que me dissessem os nomes dos lugares ou me apresentassem pessoas fixava-me no que via, e essas palavras que costumam usar para definir um lugar rebatiam e voltavam, e não ficava em mim, eu estava ligada ao que via e ao que sentia, no cheiro que também chegava como chegavam as tantas grades, portas, policiais, algemas penduradas. Algumas dessas palavras, porque destoaram do meu universo de referências de prisão, ficaram em mim já naqueles primeiros instantes do percurso, como por exemplo, não se usa a denominação cela, mas enfermaria e era assim que estava escrito nas

portas; ao invés de cubículos, leitos individuais. Seguíamos para o refeitório que estava arrumado para a assembléia. Tinha as mesas encostadas às paredes e os bancos, um atrás de outro, formando duas filas. Bancos, mesas e paredes verdes. Sento-me ao lado das assistentes, de frente para os quase quarenta pacientes que, naquele dia, participavam da assembléia.

Assembléias para agendamentos de consultas médicas, odontológicas, psiquiátricas, jurídicas, psicológicas, sessões de escritas de cartas e/ou outro tipo de conversa com as assistentes sociais. Ouvi reclamações de problemas nas enfermarias, nos pátios, pedidos de colchão e de telefonemas à família, revisão de processo, por resultados de laudos. As falas processavam-se ao mesmo tempo fazendo com que os especialistas presentes interferissem para colocar ordem. Para que os pedidos fossem anotados o paciente deveria levantar a mão, fazer uma inscrição e esperar por sua vez de falar. Uma espera devido ao número de inscritos e a vontade e necessidade de falar, a quantidade de reclamações e pedidos, a demora nas respostas de laudos, espera longa para quem já vive o tempo da espera. “*Vamos respeitar a ordem*”, dizia a assistente social que conduzia a assembléia, e aí “*todo mundo vai ter a sua vez, é só esperar*”. Tratava-se mesmo de esperar a sua vez e de ficar em silêncio. Tudo parecia muito lento e os pedidos davam a sensação, a quem chegava naquele momento como eu, de serem em vão, de serem de impossível solução. Era uma sensação atravessada pela noção que temos da justiça no Brasil; e os homens, que pediam por alguma resposta, que reclamavam de tratamentos no pátio, que marcavam consultas com psiquiatra, pareciam todos muito abandonados. Alguns estavam mais agitados e incomodados com a espera outros apáticos, parados, olhando para algum ponto indefinível, esperando talvez. Outros com um movimento semelhante a tiques nervosos distribuídos por partes do corpo como nas mãos, na cabeça,

numa espécie de agitação, de agonia, de movimento incontrolado. Eu assistia a assembléia esperando pela hora de uma apresentação, enquanto isso deixava que os elementos daquela cena/paisagem chegassem. E via que cada paciente estava marcado por um número nas peças de roupa. Não usavam uniformes, no entanto não havia uma peça de roupa, das que eu via que não apresentasse um número. Dentre as diversas cores das roupas há três repetidas: a cor branca, a laranja e a azul. Nas camisetas o número fica grafado no peito, na calça e na perna. São números pintados em preto ou branco, com uma fôrma vazada, que acompanham o paciente durante toda a permanência na instituição. A preponderância de roupas em branco, laranja e azul indica a existência de um uniforme que não se mantém devido à falta de reposição de peças.

Nas paredes em verde-claro do refeitório - cor de parede de hospital - chamam a atenção cartazes com frases sobre liberdade, com dicas de alimentação saudável e de higiene corporal. Cartazes parecidos com os de sala de aula seguindo inclusive as mesmas recomendações. Perto destes cartazes estão coladas folhas A4 com reproduções, em desenho mimeografado, de sabão, esponja, toalha de banho, xampu, pintados pelos pacientes. A sala é grande como uma sala de aula ampla e quadrada, e preserva o cheiro e farelos da última refeição. Atrás de onde nos sentamos há uma janela que toma toda a extensão da parede e muita luz entra no ambiente.

Com poucas palavras apresentei-me ao grupo de pacientes, achando que seria fácil falar das coisas previstas para fazer com eles. Ao pronunciar as primeiras palavras fui tomada por uma onda instantânea de não saber o que dizer, como se todas as palavras preparadas tivessem fugido. Na ausência delas e na semi-gagueira provocada pela tremedeira que me

tomava tive que, instantaneamente, inventar outras formas, com outras palavras e gestos que coubessem na paisagem que me olhava. E tudo isso era feito com simples movimentos para que não fossem percebidas minhas instabilidades emocionais. Afinal era começo e no começo, em certas ocasiões, não se pode falhar para não correr o risco de perder a possibilidade de ocupar um lugar. Eu me esforçava para dizer, mas tudo parecia pouco e as palavras fugiam de mim. Não é que eu não as tinha; é que elas diziam pouco. Sentia medo, mas não era medo deles e sim o medo de não saber fazer alguma coisa ali, de não dar conta do projeto que levara. Devagar fui me ajeitando com as palavras, me fazendo entender escutando os olhares que chegavam. Depois de anotar o nome dos interessados, saí passando rápido pelos corredores e retornando para o mundo das coisas aparentemente conhecidas e seguras. Não carecia de segurança pública, não era isso; e sim do conforto da segurança quando lidamos com o supostamente conhecido. Senti esse estranho desconforto nas palavras, como se eu não soubesse falar a língua deles e daí não pudesse fazer nada.

Viajantes sem temor, quantas nobres histórias/ Lemos em vosso olhar profundo como os lastros!/ Mostrai em vosso escrínio essas ricas memórias,/ Jóias raras do que a etérea luz dos astros.

Queremos navegar sem bússola e sem vela!/ Fazei, para que o tédio o ser não nos afronte,/ passar em nossos corações, qual numa tela,/ Vossas lembranças com seus quadros de horizontes.

E o que vistes? Dizei.

[Charles Baudelaire, A viagem]

Meio sem bússola e sem vela começo o trabalho de oficinas com vinte pacientes. Estava preparada para encarar uma conversa - diferentemente de um monólogo onde quem fala, fala para quem escuta - uma sessão incessante de falas em tantos tons e variações de palavras, algo meio enlouquecido, sem muitas regras, mais solto. Conversar é diferente da linearidade que vai exclusivamente do falante para o ouvinte e vice-versa, a conversa é uma circularidade de recorrências em torno de uma frase, de uma proposição. Na conversa há os que falam muito, os que falam pouco e os que nem falam, mas olham de diferentes modos, como se dissessem palavras diferentes, também conversam sem palavras. Fui para lá sabendo disso, querendo estar nessas situações enlouquecidas de conversa. Daqui pra frente o que estiver em *itálico* é deles, ou seja, o que capto do movimento enlouquecido da nossa conversa, o que é simultâneo e preenchido por gestos, olhares, tiques e por muitas vozes, aparece com certa ordenação no papel.

Sentia-me mais preparada e deixei a conversa fluir em torno da questão “o que é, para vocês, meio ambiente”, tinha alguns materiais à mão para auxiliar no exercício. Uma colagem sobre a noção de meio ambiente deu a conversa dimensões bem maiores do que o previsto. Rapidamente apropriam-se dos materiais sobre a mesa, iniciam o exercício e falam ao mesmo tempo. Sobre essas colagens estabelecemos uma série de conversas sobre meio ambiente e sobre aquele meio ambiente quando a questão trazida por um deles é: — *isso aqui é meio ambiente?* Os rumos da conversa seguem o curso desta pergunta. — *Olha, aqui é assim: aqui nós vivemos como um passarinho na gaiola, a disciplina é bem rígida. Esse lugar é tão ruim, parece lixo, que deve assustar quem vem de fora, como a senhora. Aqui estamos presos mesmo e temos pouca chance de comunicação com as coisas que estão lá fora.*

A conversa sobre o passarinho na gaiola retorna acompanhada de uma pergunta: — *a senhora pensa que está livre? A senhora não anda na rua com medo de ser assaltada? Não tem medo do trânsito? A senhora trabalha?* Essas perguntas, feitas de forma delicada, cercadas por um clima agradável eram questionadoras do mundo extramuros da prisão. Silenciosamente respondia: “sim, tenho medo de ser assaltada, sim cumpro horários, sim,...”. Era como se estivessem me explicando... *a cadeia é mais que isso que a senhora está vendo, e não há aqueles dias que o trabalho é uma prisão?* Única resposta: “sim”.

Novo encontro. Preparara uma nova pergunta para conduzir a oficina sem esquecer-me do primeiro e do “sim” que não parava de funcionar na expansão da noção de prisão. A pergunta para encaminhar os trabalhos em torno da produção de lixo era: “estou ligado a quê? Quais são as coisas desse mundo com as quais fazemos conexões no correr de um dia?”

Os primeiros movimentos de acolher a pergunta se deram no encontro rápido com os materiais sobre a mesa e em perguntas do tipo: — *posso escrever no desenho?, a Senhora pode me explicar de novo?* Em poucos minutos Xuxa – paciente jovem, com aspecto de muita saúde, forte, alto, veloz, não escreve, não lê – entrega sua produção e pergunta se está bom e se eu gosto (03). — *Eu não sei escrever nada.* Diante das linhas retas e tortas feitas em azul pediu que eu acrescentasse o que ainda tinha para dizer sobre o desenho. Com minha letra escrevo rapidamente, tentando acompanhar a sua velocidade: — *tou ligado em tudo e no mundo, ligado na liberdade. Não tem preço que pague a liberdade. Café, cigarro, arroz, feijão.* Sob as linhas azuis de seu desenho o desenho de um boneco de cabelo curto quase escondido pelo emaranhado que as linhas formavam. No tronco do boneco um coração com alguma letra. As demais linhas do desenho preenchem toda a extensão da folha, ocupam todo

o seu espaço e se conectam ao boneco passando por cima dele, camuflando-o. Outros desenhos e escritas ficam prontos e respondem a pergunta “estou ligado a quê?”: feijão, rádio, pilhas, arroz, cigarro, prédios, água, leite, suco, remédio, amor, caneta, casa, árvores, vida, mesa, prato, copo, televisão...

Adriano – de constituição franzina, com graves problemas de locomoção – não anda, é carregado como um manco nos braços de seu amigo. Desenha com muitas dificuldades, pois sua coordenação motora fina fora atingida num acidente na prisão. Com tudo isso ele não desiste, é atento ao trabalho, demonstra um interesse surpreendente. Enquanto um participante entrega uma resposta em desenho em menos de dez minutos outro pode levar todo o nosso tempo das duas horas de oficina, como é o caso de Adriano. Para escrever pede ajuda e para fazer o desenho concentra-se bastante na folha e no lápis, faz uma linha após a outra e em cada uma delas coloca toda a sua força para que elas não escapem no ar antes de chegar ao papel. Parece saber muito bem a que está ligado. Seu desenho é a cidade de Maringá onde mora com sua mãe (04).

Para entender o que dizia contei com a ajuda de seu amigo, pois sua língua travada, atrapalhada, mole, não permitia que eu entendesse os detalhes das suas palavras. Há um som, uma variação de vibração e um gesto que acompanha suas tentativas de conversar, com elas e com seu amigo entendi que seu desenho é a cidade para onde deseja voltar: Maringá. Maringá é a mãe e o irmão: — *minha casa*. Gaguejando e tremendo ele segue: — *ligado a minha cidade, todo dia, eu não sei mais ir pra lá*. Sua voz é fraca, baixa e as palavras saem cortadas (*Ma ma ga*), mesmo assim mostram-se fortes, pois sabe dizer o que quer dizer. Adriano, no modo como fala e olha para o desenho, mostra a saudade implicada nele, assim como a tristeza

de não saber mais como voltar para Maringá. Há dois movimentos no desenho: o da tristeza e da saudade que ele acrescenta a paisagem e o da alegria por ter conseguido desenhar. Aponta o dedo indicador para o desenho, estica os lábios e deixa aparecer uns poucos dentes que ainda lhe restam.

— *Eu fiz a planta de um prédio porque eu quero construir um prédio de dois andares.*

Joca entrega sua planta baixa (05). É sério, não ri, fala o necessário e está sempre com o olhar distante. Olho para a planta do seu prédio e pergunto-me como uma questão simples “estou ligado a quê?” podia conter respostas tão amplas, dar margem a rumos tão diferentes na conversa. Essas respostas pareciam indicar vontades de desenhar, de usar cores, de dizer alguma coisa que gostariam de fazer, se assim fosse permitido. Chocavam-me, embora soubesse que elas continham boas respostas, é que elas deslocavam um circuito de possibilidades, traziam elementos novos para a conversa. Esperava por respostas diferentes, mas havia um limite em mim para a aceitação do diferente nas respostas naqueles momentos iniciais da oficina no Hospital. Disse até aqui mais de uma vez que o HCTP era para ir em busca de variações, em busca de respostas diferentes. Começo a perceber que, mesmo no preparo para acolher esses movimentos diferentes que se produzem nos encontros, há um limite claro em mim sobre até onde compreendo uma diferença. Há detalhes, respostas, questões que extrapolam meus limites e por isso, num primeiro momento, essas variações foram descartadas.

Outra situação semelhante e presente desde o primeiro encontro foram os desenhos de coelho (06). O desenhista de coelhos fazia vários deles ao mesmo tempo. O desenho do coelho era o que ele tinha a oferecer para qualquer questão colocada na oficina. Desenhava e escrevia:

coelho. Do mesmo modo era a seqüência numérica feita por Seu Henrique. Ele não falava nada, mas não era mudo. Entrava na sala, ouvia minhas palavras iniciais e escrevia na vertical esquerda da folha em branco algarismo de um a nove, um embaixo do outro e depois preenchia as horizontais com zeros. Era sempre assim. Mudava a cor, e o traço acompanhava as tremedeiras de sua mão. Outra situação semelhante eram as aves que D. Maria Fumaça fazia em forma de eme (m), no Presídio Feminino, nas oficinas de sexualidade. Coelhos, números, aves estiveram presentes nos inúmeros encontros das oficinas, apareciam em silêncio, permaneciam em silêncio e alguns deles assim estão até hoje. O coelho foi insistente. Seu desenhista o colocava ao lado dos outros desenhos e escritos, e eu não tinha como ignorá-lo. Tentei. Por um tempo tentei deixá-lo no silêncio, escondendo-o debaixo dos outros desenhos. Depois não foi mais possível. Por mais que tentasse, achava os coelhos interessantes, mas não via relação deles com as questões apresentadas ao grupo. Se o tema é lixo, o que fazer com o desenho do coelho, dos números...?

A pergunta “estou ligado a que?” mostrou ainda os lixos mais freqüentes descartados no HCTP: bitucas de cigarro, restos de comida, garrafas de refrigerante, pilhas, papel; ampliou a noção de lixo e de meio ambiente: *a justiça é um lixo; as pessoas são lixo; aqui tudo é lixo, o que dão pra gente é lixo; tudo é lixo; tudo é lixo; aqui, aqui, tudo é lixo.*⁶

Segurando fios de lãs coloridas, num jogo de fio e palavra, ligados um a outro e a outro e assim por diante, construímos uma trama que nos indicava a cada movimento o quanto estávamos implicados uns nos outros, dando continuidade ao exercício “estou ligado a que”. Ao puxarmos o fio para direita toda a trama sentia, todos sentíamos o movimento para a

⁶ Naquela época também demos continuidade a separação de pilhas junto ao projeto da professora de Educação Física Maria Inês Bernardino (a Tôca).

direita. Experimentamos movimentos de andar devagar e com pressa para sentir que um movimento que parece de uma única pessoa não o é. — *Meio ambiente é isso? Sentimento, faz parte do meio ambiente? Ora, se o homem faz parte, como a senhora está falando, então tem muito sentimento no meio ambiente. Tem ou não?* Este paciente era bem novo, uns 22 anos. Sabia falar inglês, gostava de ler sobre teatro, queria ser ator. Deixei em silêncio para que pensássemos um pouco. No silêncio o menino novo segue na questão, comparando o HCTP a um meio ambiente. — *Se aqui onde estou é meio ambiente, olha todo o sentimento que eu tenho por isso, eu não agüento mais esse lugar.* Eles seguiam falando e colocando mais elementos na conversa, diziam que no Hospital também há sentimento bom. *Eu gosto de muitas pessoas aqui. Eu já me sinto melhor aqui. Se eu tivesse na rua estaria morto.* E a frase inconformada de outro participante que ouvia isso tudo atentamente: *esse lugar é insuportável, é impossível sentir coisa boa aqui, por favor, não digam mais isso.* Entreolham-se e um silêncio toma conta, era hora de terminar o encontro. Cada um sabia o que estava dizendo.

Dias depois retomo o encontro partindo das conversas sobre meio ambiente e encaminho uma nova questão: “O que é o mundo?”. Rapidamente recebo um desenho (07). Na folha uma casa em giz de cera, com nuvens em azul e duas pessoas de mãos dadas a frente, um pássaro sobrevoando, pergunto se isso é o mundo. — *Sim, é o meu mundo.* Escrevo na sua folha porque ele também não sabia escrever a sua explicação: — *mundo é a vida que a gente leva no lugar que a gente vive.* Lembro pouco desse desenhista.

Outro desenho (8) feito à caneta apresenta um retângulo que dá o limite espacial para o mundo. O paciente, de quem também tenho poucas lembranças, toma a folha branca, faz um contorno, dentro desenha o contorno de um bloco de notas em espiral e, no bloco, faz suas

anotações de punho. No retângulo faz divisões menores em novos retângulos, triângulos, semicírculo, divide a folha do bloco ao meio no sentido horizontal com um traço preto mais forte que os demais e acima distribui países, municípios, cidades, bairros, e pessoas. O Marrocos fica acima da Dinamarca, a Dinamarca acima da Alemanha Oriental. Ao lado Mato Grosso, São Paulo, Araranguá, Florianópolis, Minas, Operária. Abaixo e em linha decrescente Trindade, São José, Silvana, ao lado Palhoça e Uberlândia. Para entender, perguntei se Silvana também era cidade, bairro, país do seu mundo. — *Não. A Silvana é a mulher que mora no meu coração.* Um mapa do mundo composto por lugares (cidade, estado, país, bairro) e pessoas, e as pessoas são paisagens no seu desenho, ocupam espaços nos mapas.

Conversávamos então sobre estes mundos quando entra na sala do refeitório um paciente novo, Augusto. Anda em volta das mesas e olha para os desenhos. Seus braços se movem sem parar, suas pernas como se estivessem marchando e o espaço é pequeno para comportar o movimento de Augusto. Sua cabeça parece funcionar na mesma velocidade de seus movimentos físicos. Pedi uma folha e desenhou. Levou menos que dois minutos. Entregou o desenho (09) e disse: — *O nome disso é Itajaí. Minha casa no sítio que fica em Itajaí. No lado do muro tem a minha vaca que eu trato com cana e ela dá leite pra nós toma café de manhã cedo. Tem também o meu cavalo que eu monto porque eu sou peão. E o meu porquinho, porque trato com carinho e com lavagem. Bem, dona, a história termina que eu quero ir pra casa. Já estou bastante tempo aqui. Antes, deixa eu fazer um galo inglês!* Largou tudo sobre a mesa e saiu da sala na mesma velocidade em que chegou.

Essas velocidades que dão ritmos diferenciados às conversas, aos escritos e aos desenhos se produzem na instituição pelo uso de remédios. Há um conjunto de remédios

usados para o controle dos transtornos mentais que desencadeiam sensações corporais que o paciente não consegue controlar. Estamos na prisão e ao mesmo tempo num hospital.

Vimos estrelas e ondas,/ E enfim vimos também alvíssimas areias;/ E, apesar do naufrágio em borrascas hediondas,/ O tédio, como aqui, nos cinge em suas teias.

[Charles Baudelaire, A viagem]

Onde estamos?

Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP), manicômio judiciário ou apenas hospital são os nomes usados como sinônimos no interior da instituição penal para se referir ao lugar dentro do sistema prisional destinado às pessoas que cometeram crimes e apresentam transtorno mental. No sistema penal brasileiro é considerado inimputável o praticante de um crime incapaz de apreciar o caráter ilícito do crime que cometeu, ao contrário dos imputáveis que sabem das responsabilidades ao cometer um delito. Aos criminosos inimputáveis não se aplica punição e sim medida de segurança. A medida de segurança é instituída no Código Penal brasileiro como uma medida especial para esses criminosos específicos tratados socialmente como doentes mentais perigosos ou loucos criminosos.

Esses lugares – mesmo sob a tônica do Movimento de Reforma Psiquiátrica que luta pelo seu fechamento – ainda estão ativos e em pleno funcionamento nos estados brasileiros. Seu ponto no mapa é localizável, mas na cidade são pontos fechados, distantes e invisíveis. Ninguém sabe da sua existência. O lugar, nada aparente na grande cidade, é freqüentado por seus trabalhadores e pelos pacientes presos, e sustentado pelos discursos de que precisamos sempre de mais cadeias e, portanto, mais segurança. O Hospital de Custódia está distante dos horizontes de qualquer morador da cidade, no entanto está inserido nos limites da malha urbana de uma capital, ao lado das imagens cartão postal da cidade ao lado de nossas casas (01), como um vizinho estranho.

Além das pessoas da instituição, as demais quando sabem alguma coisa é porque um parente esteve por ali ou o amigo de um amigo e assim por diante. Não há indicações através de placas como costumam ter os shoppings, as praias, os pontos turísticos em Florianópolis. Se na cidade há uma invisibilidade das prisões, com os hospitais de custódia o silêncio e a invisibilidade são ainda maiores. No Estado de Santa Catarina ele é o único como lugar destinado a prisão e ao tratamento psiquiátrico ao mesmo tempo.

Uma cidade encontra formas de se mostrar e para isso recorremos aos mapas, aos roteiros e aos guias, pesquisamos no Google Earth, folheamos um jornal, ou caminhamos, subimos um morro para vê-la melhor. Hoje, poucas coisas estão escondidas numa cidade, é certo que umas aparecem mais do que outras como nos mostram os cartões postais e até os mapas. Não conhecemos cartões postais de cemitérios, de hospitais, presídios, aterros sanitários, de bairros de periferia, a não ser que estes guardem em si particularidades relevantes da sua construção. Não se trata de exigir que esses lugares apareçam nos cartões

postais. Ou seja, não é da substituição da figura da Ponte Hercílio Luz pela do presídio da capital que estamos falando, pois ambas operariam na lógica da visibilidade-invisibilidade movidas por interesses sociais. Nessa lógica o jogo imagético opera quando certas imagens são suprimidas e outras são por demais utilizadas, entra em ação uma política de estratificação espacial: para alguns lugares o brilho, para outros a escuridão. Sob tais lugares há sempre vidas, vidas que devem brilhar e outras que devem fenecer na escuridão.

Vozes extramuros prisionais perguntam: *Existe isso aqui em Florianópolis? Onde fica? Que lugar é esse? Quem está lá? O que é isso? Como são essas pessoas? Você não tem medo delas?*

Contingentes significativos da nossa sociedade estão nos presídios, manicômios judiciais, instituição de reclusão de menor infrator e nosso conhecimento desses espaços passa pelo que a imprensa disponibiliza. Desse conhecimento que a mídia disponibiliza ouve-se que as cadeias estão lotadas de marginais, bandidos, foras da lei, gente vagabunda; dos manicômios, por sua vez, nada se sabe, mas se intui por juntar a noção de indivíduo marginal com a de louco que estes seriam monstros. Indivíduos completamente inúteis ao convívio social, desnecessários, e, por extensão, quase o que poderíamos chamar de lixo humano. Segundo dados de 2009 do Departamento Penitenciário Nacional, vinculado ao Ministério da

Justiça, a população carcerária no Brasil chega a 473.626 e em Santa Catarina esse número é de 13.340.⁷

O Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Florianópolis se localiza na Ilha de Santa Catarina, bem próximo à região central, no bairro Agrônômica, numa das ruas mais movimentadas que liga o Bairro da Trindade ao Centro da cidade (01). É parte integrante do Sistema Penitenciário Estadual, ligado ao Departamento de Administração Penal (DEAP) que por sua vez subordina-se a Secretaria Executiva da Justiça e Cidadania e esta a Secretaria de Estado da Segurança Pública e Defesa do Cidadão (02).

O espaço físico do HCTP insere-se como anexo ao pátio da Penitenciária Estadual de Florianópolis. Sua estrutura física comporta, distribuídos nas suas nove enfermarias e trinta cubículos individuais, aproximadamente cento e quarenta internos. Foi criado em 07 de Janeiro de 1971 pela Lei Estadual no. 4.559, com capacidade para quarenta e cinco pacientes masculinos. Hoje, como a grande maioria dos presídios brasileiros, se encontra superlotado o que faz com que suas instalações sejam de baixa qualidade. O art.26, “caput” do Código Penal, determina: “[é] isento de pena o agente que, por doença mental ou desenvolvimento mental incompleto ou retardado, era, no momento da ação ou omissão, inteiramente incapaz de entender o caráter ilícito do fato ou de determinar-se de acordo com esse entendimento”. Sem imputabilidade, não há culpabilidade e, por extensão, não há pena a ser cumprida. Isento de pena o indivíduo não é condenado, devendo ser absolvido e, em seguida, submetido à medida de segurança de no máximo três anos, podendo ser reavaliada a cada ano e reaplicada

7 Dados obtidos do Sistema Nacional de Informações Penitenciárias – InfoPen. <http://portal.mj.gov.br/data/Pages/MJD574E9CEITEMIDC37B2AE94C6840068B1624D28407509CPTBRIE.htm> Acesso: 01 de março de 2010.

se o paciente não apresentar quadro de melhora. É essa a medida aplicada aos indivíduos inimputáveis que cometem crimes. Os hospitais de custódia servem a essa função no Brasil. A internação nestes hospitais é chamada de medida detentiva, e, na falta deles a internação pode ser cumprida em outro estabelecimento adequado (CP, art. 96, I). A lei não caracteriza o que é um estabelecimento adequado, indica apenas que o internado tem direito a ser recolhido em estabelecimento dotado de características hospitalares (CP, art. 99). Por apresentarem ‘características hospitalares’ os manicômios judiciários são considerados ‘estabelecimentos adequados’.

No HCTP passa-se de meses, anos, até muitos anos em ‘tratamento’. No HCTP um paciente pode ficar cumprindo medida de segurança por até três anos, mas dados de Junho de 2009 mostram que dos cento e trinta e três pacientes, trinta e nove estão a mais de três anos no Hospital, alguns chegam a estar nove, doze, treze, dezesseis, dezoito, dezessete, vinte até vinte e quatro anos. Sem família para recebê-los, a saída fica suspensa no aguardo de outras possibilidades institucionais como o são os projetos de Residências Terapêuticas do Ministério da Saúde do Governo Federal, parte do movimento de Reforma Psiquiátrica no Brasil. Em Santa Catarina, conforme dados do portal da saúde do Governo Federal, há três delas em funcionamento abrigando vinte e três moradores.⁸ Segundo esclarecimentos obtidos no HCTP esses dados não condizem com a realidade, pois até abril de 2010 nenhuma dessas residências havia sido inaugurada.

8 Portaria/GM nº 1.220 - De 7 de novembro de 2000 Criação do Serviço Residencial Terapêutico em Saúde Mental, da atividade profissional Cuidador em Saúde, o grupo de procedimentos Acompanhamento de Pacientes e o subgrupo Acompanhamento de Pacientes Psiquiátricos, o procedimento Residência Terapêutica em Saúde Mental, dentre outros. Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/saude/cidadao/visualizar_texto.cfm?idtxt=23120 Acesso: Maio de 2009.

Após reformas na estrutura física o HCTP passou de quarenta e cinco vagas para setenta e duas e está agora com quase cento e quarenta internos distribuídos em cento e vinte e cinco camas. Há ainda quarenta pedidos em espera, fora vários presos em surto nos presídios do interior do Estado. A funcionária chama a atenção para o pequeno número de vagas no Estado e para a demora na saída de alguns internos.⁹

Ao HCTP, conforme Artigo 2º do Regimento Interno aprovado pelo Decreto nº 4.283 de 27 de setembro de 1994, compete as seguintes finalidades: I – realizar perícia psiquiátrica para fins de apuração de responsabilidade penal; II – receber para fins de tratamento psiquiátrico e por determinação judicial, os pacientes que apresentarem sintomas de doença mental no decurso da prisão provisória ou após sentença condenatória; III – proceder exame de sanidade mental em detentos quando solicitados pela Autoridade Judiciária ou pelo Conselho Penitenciário do Estado; IV – exercer outras atividades relacionadas com a natureza do Hospital e sua finalidade específica; V – proceder exame de dependência toxicológica, em presos provisórios que se declarem viciados.

O perfil de 90% de seus pacientes é de pessoas pobres, com baixa escolaridade, sem vínculo empregatício; 10% são ex-moradores de rua¹⁰ e mais de 90% dos seus pacientes sofrem de esquizofrenia¹¹. Conforme Darós “a grande maioria, 70% cumpre medida de segurança que vai de 1 a 3 anos; 20% aguarda laudo de sanidade mental e/ou sentença e 10%

9 Dados obtidos em conversa com a agente prisional Juliana Rodrigues Ramos. Ela afirma que os crimes cometidos, em sua grande maioria, são de ordem sexual.

¹⁰ Fonte: **Jornal Hora de Santa Catarina**, Florianópolis, quarta-feira, 14/05/2008. Dados confirmados em junho de 2009 por Juliana Rodrigues Ramos.

¹¹ Fonte: **Jornal Vozes de Fora**, Jornalismo e Realismo, n. 11, . Prim.-Ver., 2007. Florianópolis. Dados confirmados em junho de 2009 por Juliana Rodrigues Ramos.

são provenientes de outros estabelecimentos penais e encontram-se internados para tratamento ou tratamento em regime de hospital-dia”. (Darós, 2004, p. 5)¹²

O muro e a cerca de alambrado de quase três metros de altura, de pedras escuras, irregulares, com pequenas plantas ruderais divide a rua do complexo penitenciário. A qualquer passante a aparência é boa. Passa-se por ali sem saber o que é que existe no lado de dentro. Um presídio, as inscrições no muro assim o dizem. O conjunto de casas brancas, grandes, compridas, altas, com janelas gradeadas, listras pintadas em vermelho e verde, marcando as cores do Estado. Uma torre branca se sobressai entre as demais construções e mostra com letras garrafais: “ATIVIDADES LABORAIS. Reeducando Estimulando Capacitando”. Logo abaixo a lista dessas atividades laborais: agricultura, marcenaria, suinocultura, bovinocultura, ervas medicinais, e showroom de produtos. A torre também mostra a palavra PAZ e logo abaixo o contorno de um pombo, o pombo da paz. Essas inscrições atravessam os limites do muro, bem como algumas árvores, e toda a parte da frente do Complexo. É essa a vista tranqüila de fachada que se oferece aos passantes.

12 Darós, Rita de Cássia. **Diagnóstico Institucional**. Florianópolis: UNISUL, 2004. (Trabalho de Conclusão de Curso em Serviço Social). Diagnóstico do HCTP realizado por uma de suas Assistentes Sociais.

Encontros

À noite na nossa enfermaria é bem legal. Somos vinte pacientes, o espaço é pequeno, e têm três camas quebradas. A gente dança, brinca e ouve muita música no rádio não muito alto. Eu escuto filme pelo rádio que pega a TV Record, fico até as duas horas da manhã. Ah é bom! É bem bom!

A tônica no trabalho é o espaço que se pode inventar no espaço. Espaçamentos. Entre o espaço e o espaço, um vazio, um espaço lacunar, um fora do espaço no espaço. Algo que não compõe com o espaço dado, mas num dando-se do espaço.

Escutar um filme pelo rádio, dentro de um manicômio judiciário, numa cela (enfermaria) com vinte pessoas, acordar e repetir tudo de novo, pátio, espera pelos laudos, refeições mal preparadas, remédios e mesmo assim escuta-se um filme nas madrugadas quentes ou frias e isso – em meio a tudo isso - pode ser tão bom. Algo passa diferente no espaço. “Viagem no mesmo lugar, esse é o nome de todas as intensidades,...” (Deleuze; Guattari, 1997, p.189)

Escutar o rádio desse modo me leva à compreensão dessa linha de fuga – que perpassa o ponto HCTP – que dura enquanto dura um filme e que é feita de vibrações sonoras.

Estamos entre os que cumprem medidas de segurança porque são considerados pela lei como indivíduos perigosos à sociedade. Sujeitos considerados nos prontuários médicos e atestados por laudos de sanidade mental como desorientados no tempo e no espaço.

Como cartógrafos, desorientados no tempo e no espaço, exploram o meio prisão-hospital e outros; como cartógrafa, afetada por essas desorientações, dou língua às explorações, tornando visível e audível uma *geografia intensiva*, apresentando “mapas de intensidade, de densidade, que dizem respeito ao que preenche o espaço, ao que subtende o trajeto”. (Deleuze, 1997, p. 76) Uma outra idéia de tempo e de espaço está ligada a invenção de um fora do tempo e um fora do espaço, e assim exploram os meios e “produzem constelações afetivas que preenchem as suas deambulações sociais” (Corazza; Tadeu, 2003, p. 91).

O boneco de Xuxa atravessado por linhas formando um emaranhado. Linhas que atravessam o corpo do boneco, o corpo dele, superfícies atravessadas por linhas imaginárias ou não. Cada lugar é um ponto cruzado por linhas e cada corpo também. À primeira vista, as linhas do boneco de Xuxa podem ser as linhas mais aparentes num presídio, as linhas verticais e horizontais de metal que encerram em celas cada um; fios invisíveis que ligam uma pessoa a outra a ponto de nos sentirmos muito bem por estarmos ao lado de alguém ou não. Fios que ligam uma pessoa ao cigarro, ao café, ao feijão, ao arroz.

Maringá desenho da saudade, da impossibilidade de voltar. Da cidade quando ela é atravessada por outra linha, quando ela é distribuição de afetos. Adriano desenha com a mão trêmula de um corpo atravessado por acidentes na cadeia, por processos, por medidas de segurança a cumprir, a cidade que é sua casa. Quase perdeu a capacidade de se mover e de traçar linhas num papel. Só a força de querer sair dali torna isso ainda possível, um traço, um rastro, uma nesga, quase nada, uma força, uma escrita em desenho, um pouco de vida que se move. Maringá de Adriano é assim uma sensação de saudade, de impossibilidade de voltar. É

como se um desenho não fosse só um desenho, mas um encontro. Maringá é sensação. Adriano desenha a sensação.

Antonin Artaud afirmou que o “homem interior tem sua geografia” tal qual o mundo “e esta é uma coisa material”. (Artaud, 1983, p. 93) Ele fala desse medo que nossa cultura tem de conhecer uma geografia profunda, cultura arraigada no materialismo dialético de Lênin. Artaud está no México, fugido da civilização européia, movido pelo ódio contra essa civilização e essa cultura. Está em busca de uma forma vital de cultura que não encontrou, porque no México estavam os destroços “o cadáver da cultura européia”. (Artaud, 1983, p. 84) No contato com cultura mítica do México diz que “uma cultura profunda não teme geografia alguma, mesmo que a exploração dos continentes desconhecidos do homem conduza à vertigem na qual se chega à imaterialidade da vida”. (Artaud, 1983, p. 84)

Deleuze e Guatarri dizem que “a geografia não se contenta em fornecer uma matéria e lugares variáveis para a forma histórica. Ela não é somente física e humana, mas mental como a paisagem”. (Deleuze; Guattari, 1992, p. 125) Eles tratam do aparecimento da filosofia na Grécia em função de uma contingência, muito mais do que de uma necessidade; de um ambiente ou de um meio, mais do que de uma origem, (...) de uma geografia, mais do que de uma historiografia. A geografia, segundo os autores, “arranca a história do culto da necessidade, para fazer valer a irreduzibilidade da contingência. Ela a arranca do culto das origens, para afirmar a potência de um ‘meio’ (o que a filosofia encontra entre os gregos, dizia Nietzsche, não é uma origem, mas um meio, um ambiente, uma atmosfera ambiente: o filósofo

deixa de ser um cometa...) ela arranca as estruturas, para traçar as linhas de fuga que passam pelo mundo grego, através do Mediterrâneo”. (Deleuze; Guattari, 1992, p. 125)

E dentro disso, da irredutibilidade da contingência, alguma atividade do corpo na produção de algo que não é apenas uma escrita para escrever, um desenho para desenhar. “É possível que escrever esteja em uma relação essencial com as linhas de fuga. Escrever é traçar linhas de fuga, que não são imaginárias, que se é forçado a seguir, porque a escritura nos engaja nelas, na realidade, nos embarca nelas. Escrever é tornar-se, mas não é de modo algum tornar-se escritor. É torna-se outra coisa”. (Deleuze; Parnet, 1998, p. 56)

As linhas de fuga numa prisão, assim como num manicômio, numa escola, numa relação amorosa, não estão dadas. Inventam-se ou nunca as conheceremos. Podem ser traçadas por um mover-se inventivo no espaço, mobilizam o pensamento, desfazem certezas, e dão indicativos de que dentro das prisões e manicômios pode se experimentar outra coisa que não a prisão, mas uma espécie de pequena liberação, isto é, de alguma forma experimentar o que a prisão não aprisiona e, por outro lado, o que a liberdade, fora das prisões, não libera. Não é uma situação prisional que dá conta de prender tudo na vida de uma pessoa, assim como não é a rua que garante a ela liberdade. Prisão e liberação não estão restritas a lugares específicos.

Não “temer a geografia alguma”, pois ela “é material”, já dizia Artaud, e fazer mapas “tornar-se outra coisa”, “traçar linhas de fuga, que não são imaginárias” são forças que o oficinairo acolhe e leva adiante.

Essas primeiras produções, provenientes do movimento de “Aproximações”, levam a suspeitar se seriam fugas, se seriam mapas, se seriam geografias e se há uma força das contingências nessa produção. Pessoas levadas a um ponto de desgaste e impedidas do

deslocamento, quase impedidas de um pensamento, vivendo situações-limite... Aparece então o que resta quando tudo, quase tudo, foi extraído. Resta o que não é permitido, é perigoso, que é excluído da sociedade. Com o resto, que já não é mais nada para o mundo que aí está, resta o que insiste, persiste, resiste, vive.

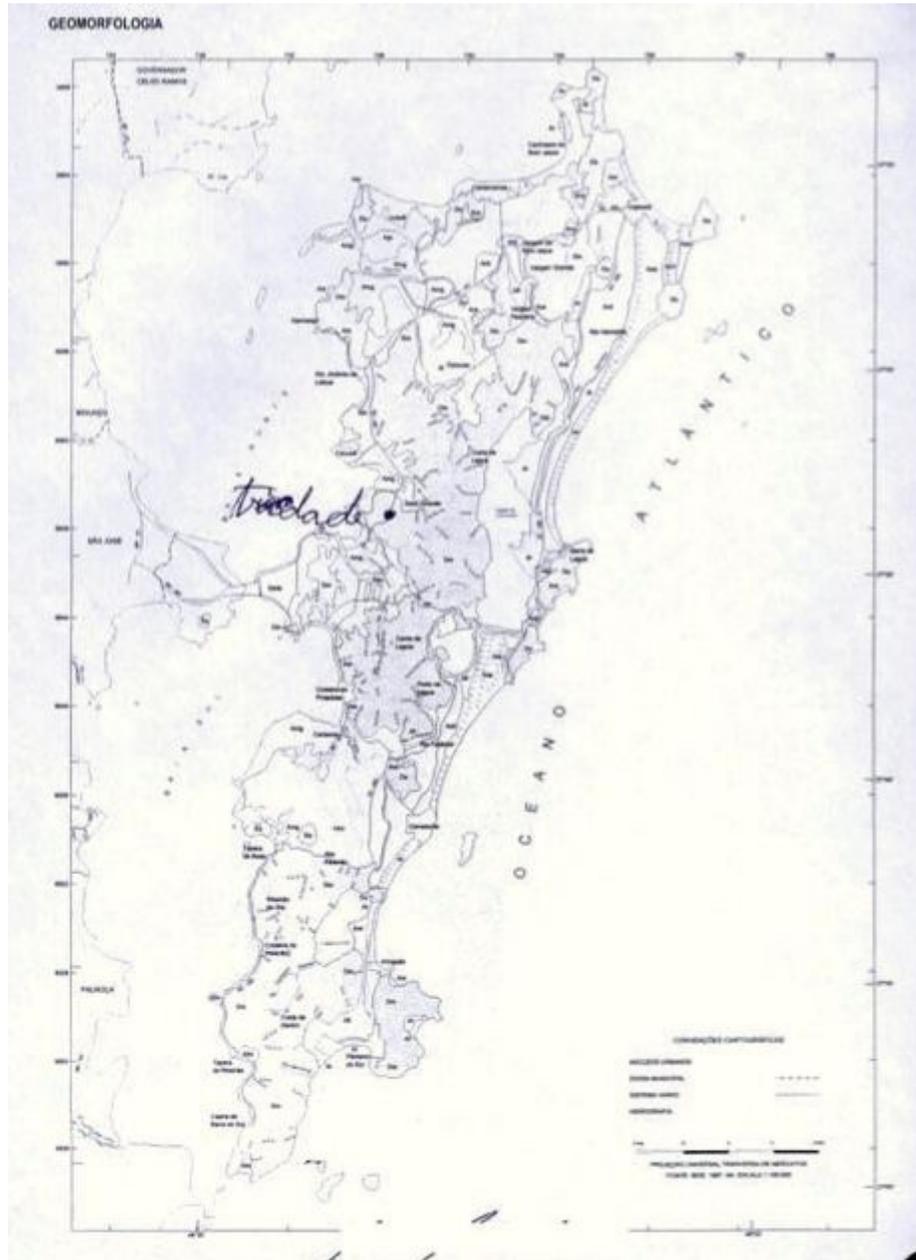
Itajaí, sítio, muro, minha vaca, cana, leite, café da manhã, meu cavalo, sou peão, meu porquinho, carinho, lavagem, quero ir pra casa, bastante tempo aqui, galo inglês. Manaus, São Paulo, Trindade, Silvana, Palhoça, mora no meu coração, Alemanha Oriental,... Nuvens, pássaro, casa, duas pessoas, mundo é a vida que a gente leva no lugar que a gente vive,... Coelho, Planta de um prédio porque eu quero construir um, Maringá, eu não sei ir pra lá, minha mãe, meu irmão, todo dia..., Coração, linhas, cabelo, olhos, nariz, pernas, braços, bolas, letras, eu, tou ligado em tudo, no mundo, café, cigarro, liberdade.

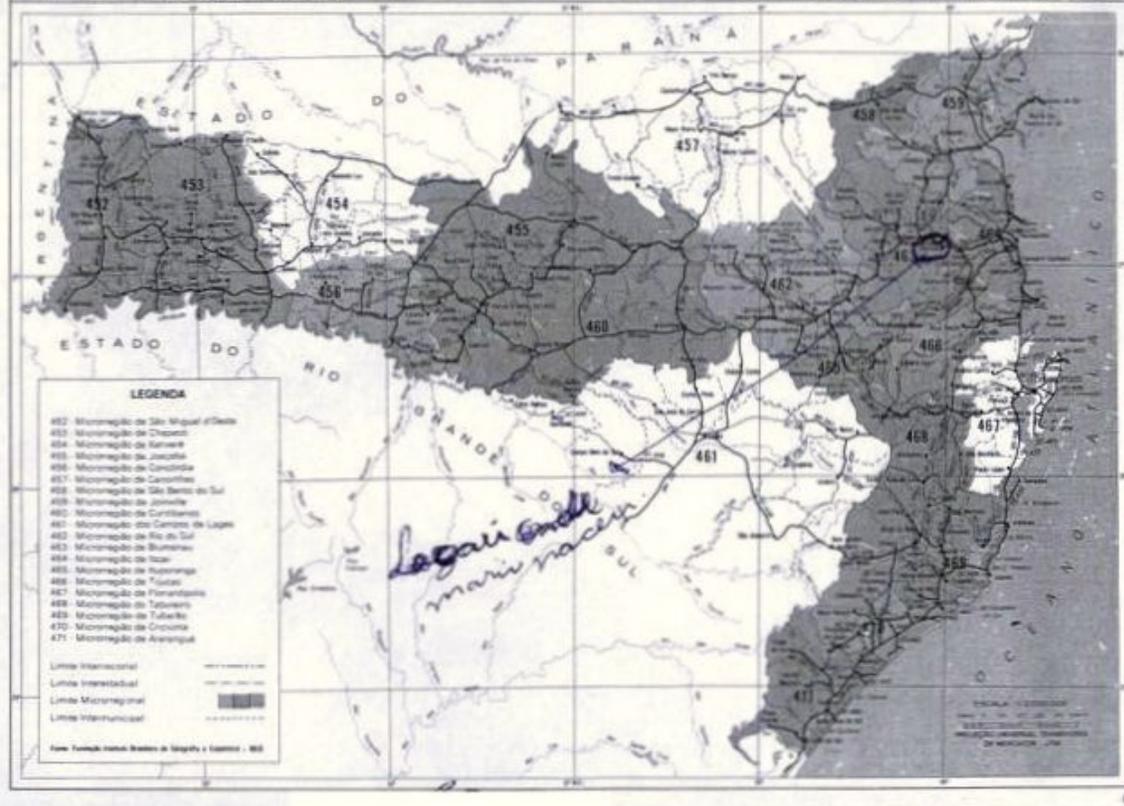
Suspeitas de linhas diferentes que não propriamente as dos elementos materiais de uma paisagem, um invisível que começa a dar sinais da sua visibilidade nas paisagens, nas cidades, no território? Pensar esses desenhos como mapas intensivos, superfícies onde alguma coisa acontece e se movimenta; superfícies onde se registra uma distribuição de afetos possibilitados pela abertura das oficinas na contingência da situação limite entre grades, medicamentos e um rótulo. Esses desenhos não seriam mapas intensivos de geografias intensivas?

A glória ébria do sol por sobre um mar violeta,/ As cidades em glória ante o sol a se pôr,/ Nos acendiam na alma uma vontade inquieta/ De mergulhar num céu de aliciante esplendor.

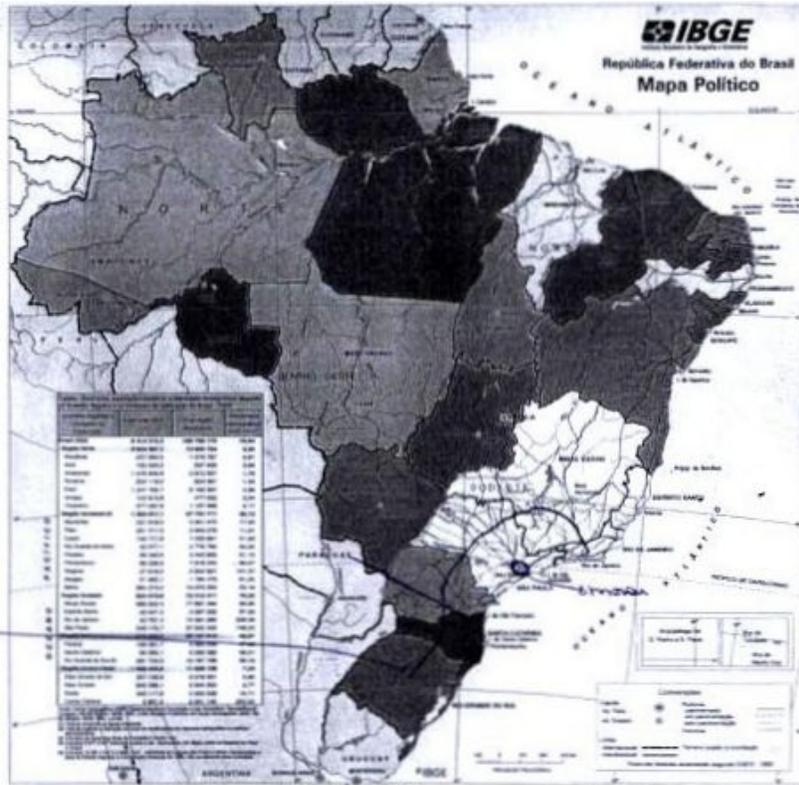
[Charles Baudelaire, A viagem]

**Mapas,
domesticação,
fugas**





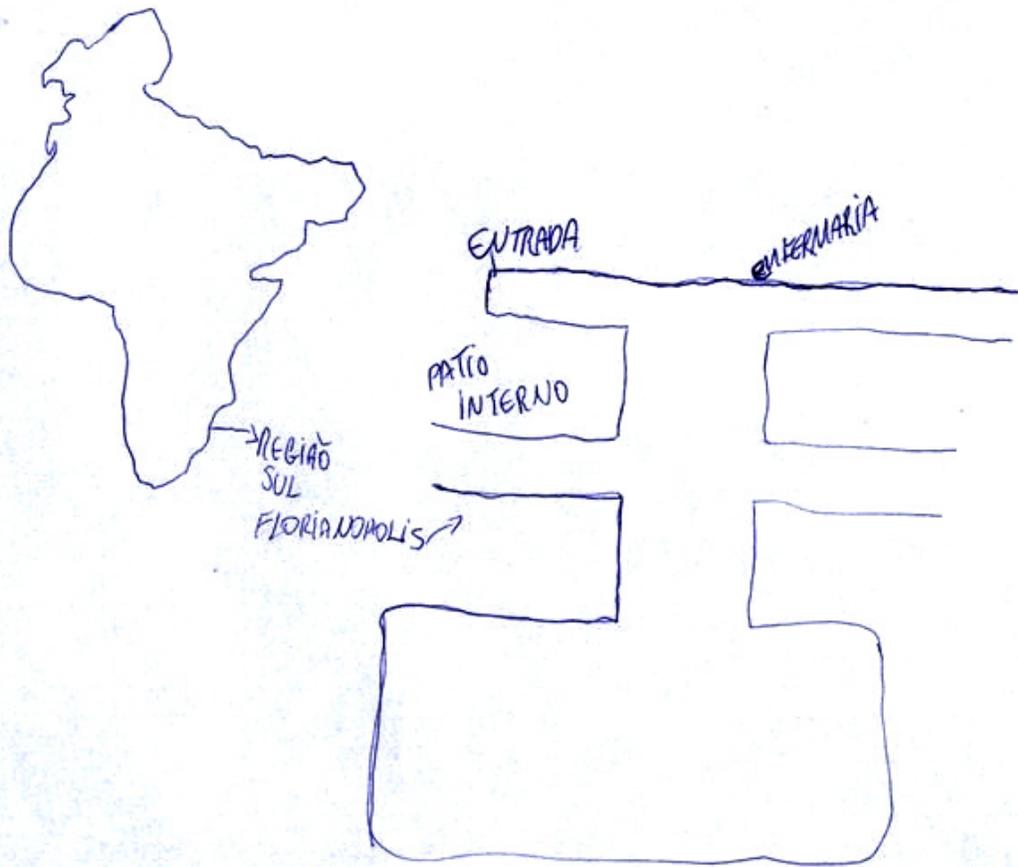
Naci no Rio grande do sul fui pro parana dela para sao paulo e depois para santa Catarina



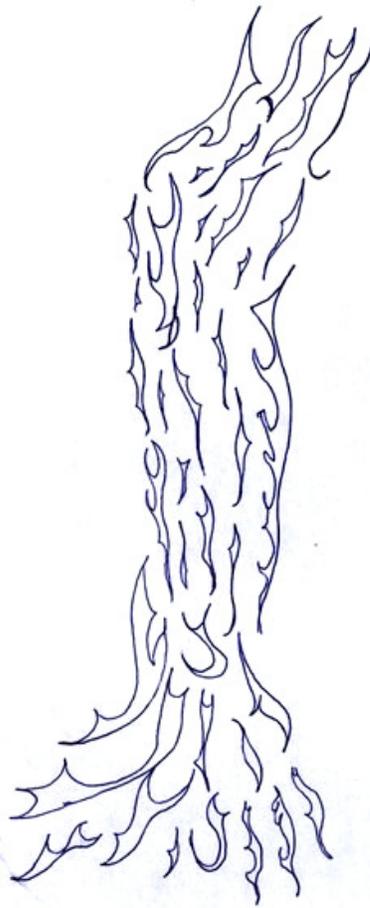
Nas Pesquisas do IBGE, quem ganha é você.

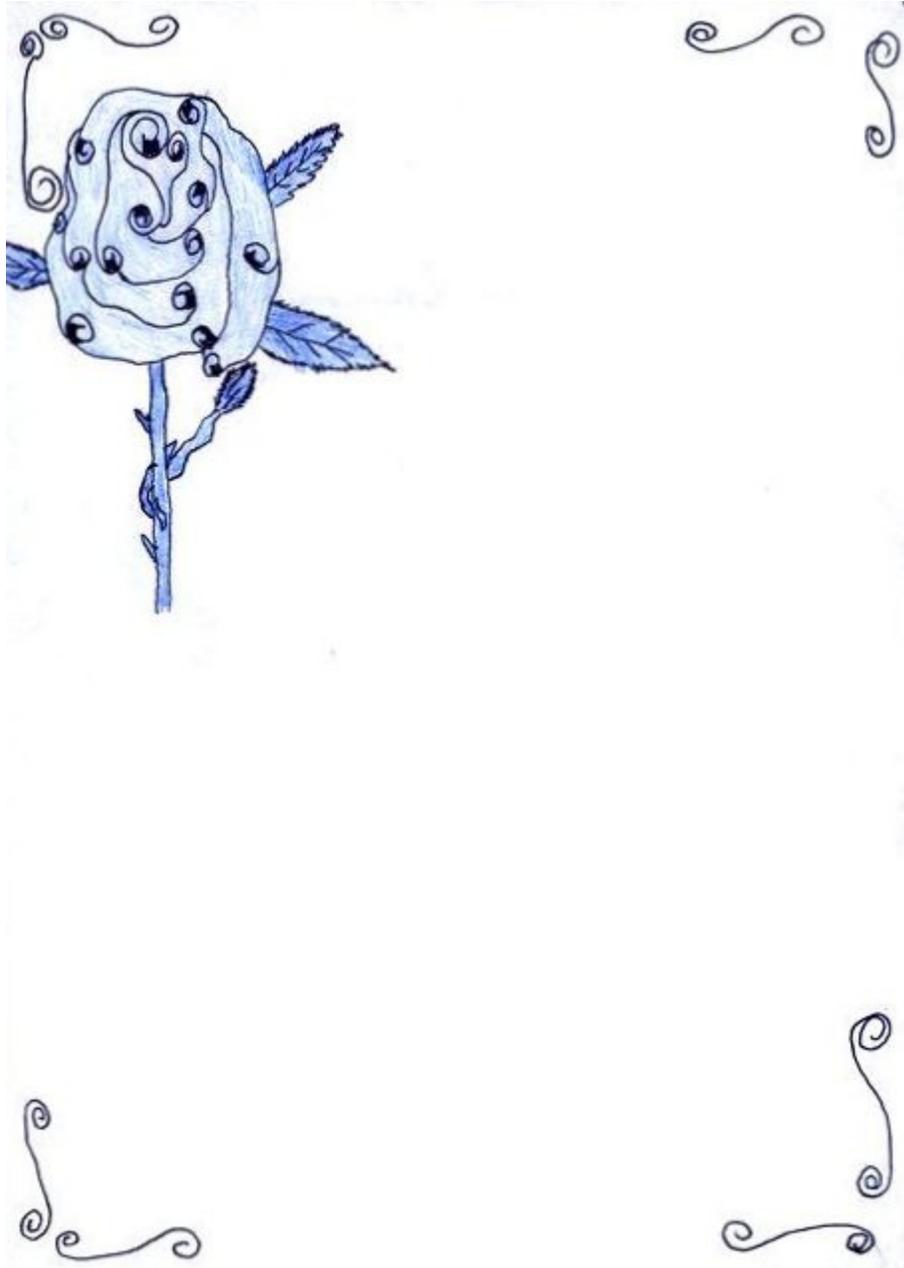


MAPA
HCTP



LUGAR nenhum
"omê mono"

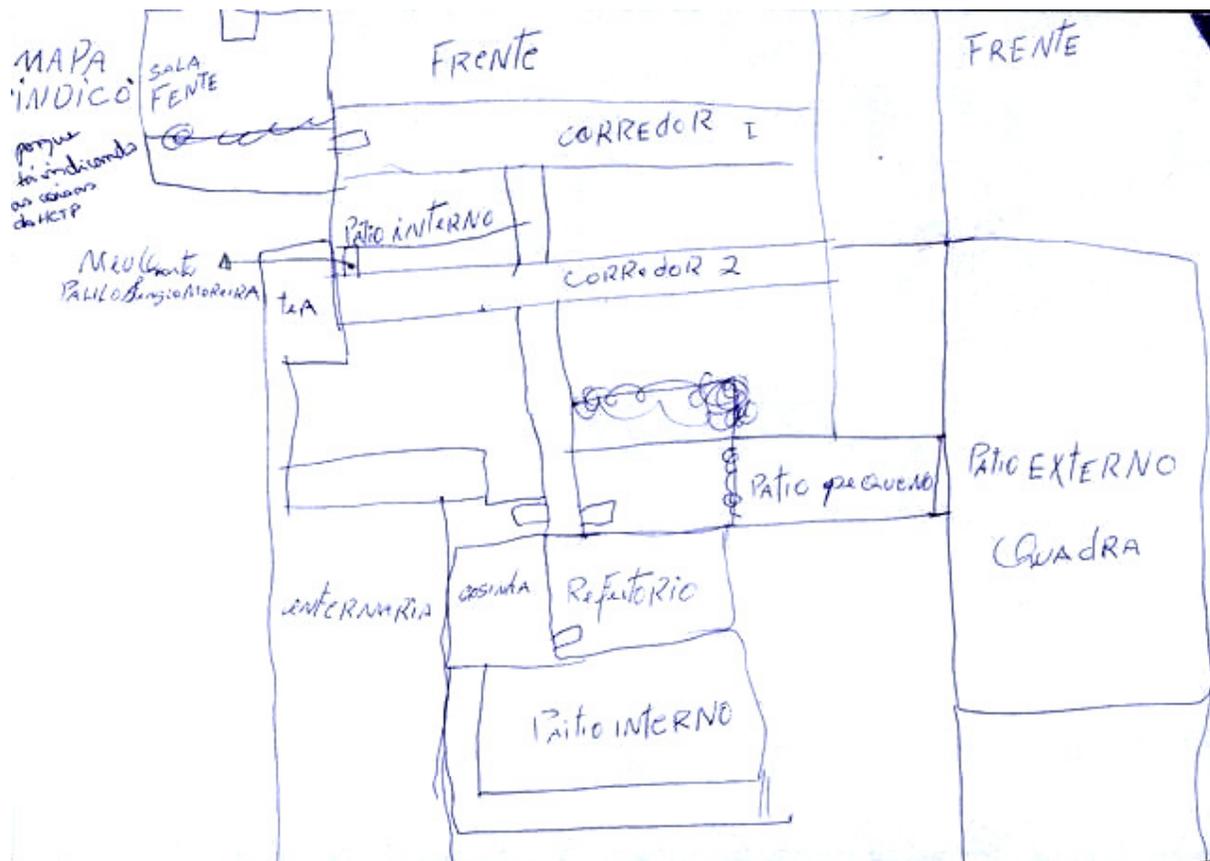


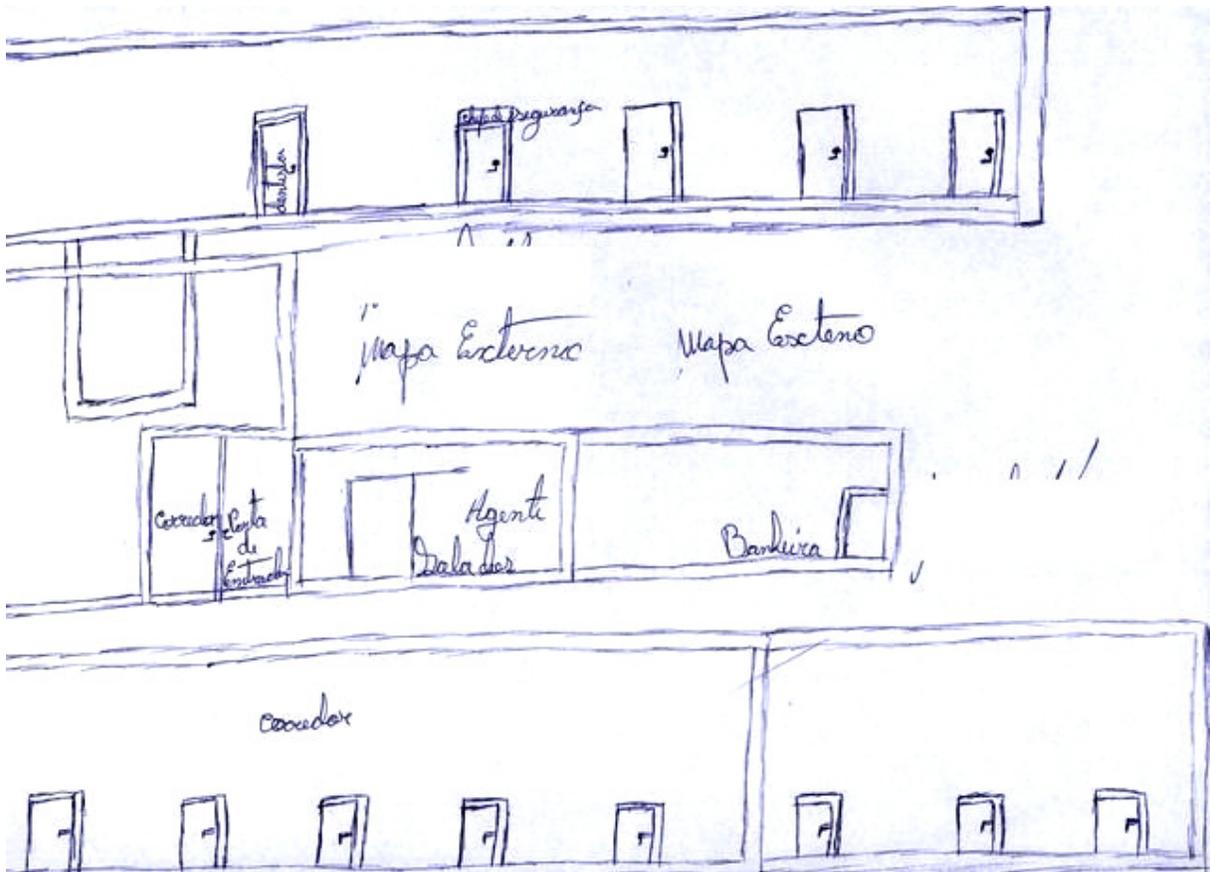




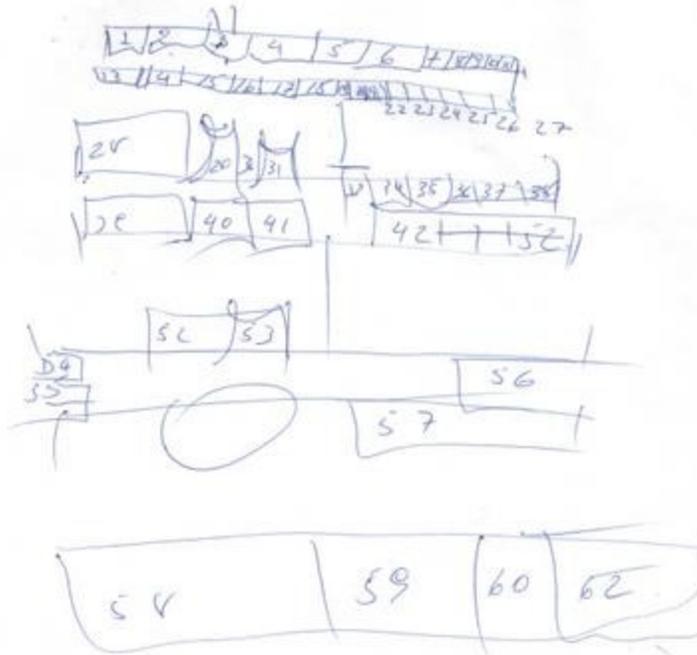




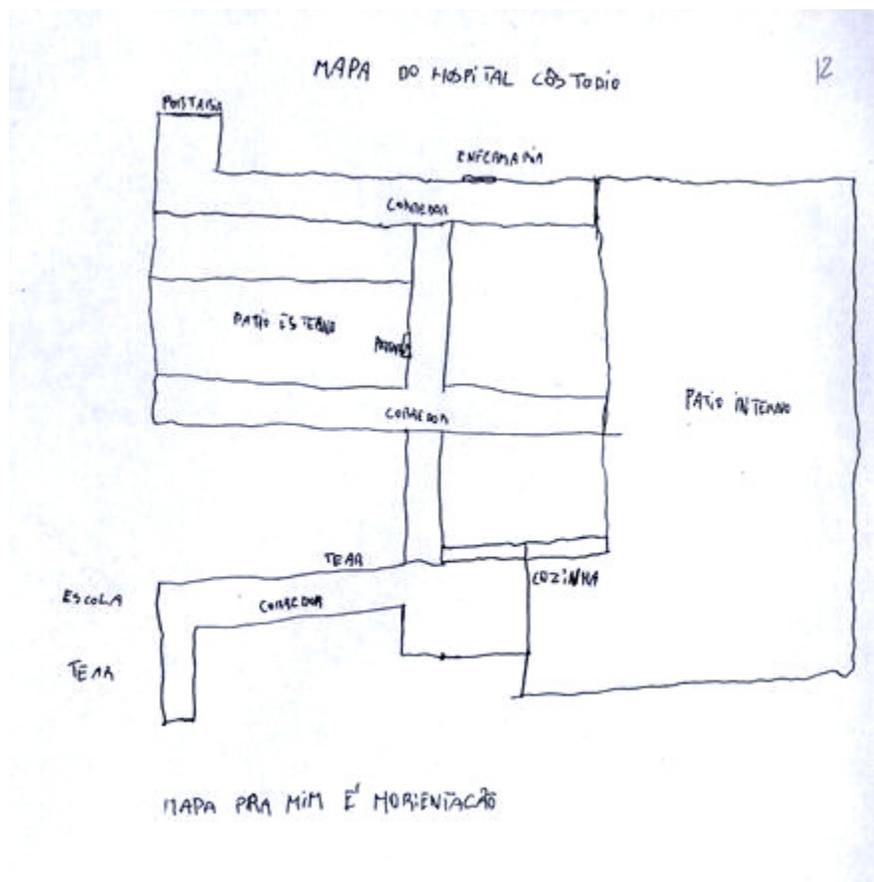


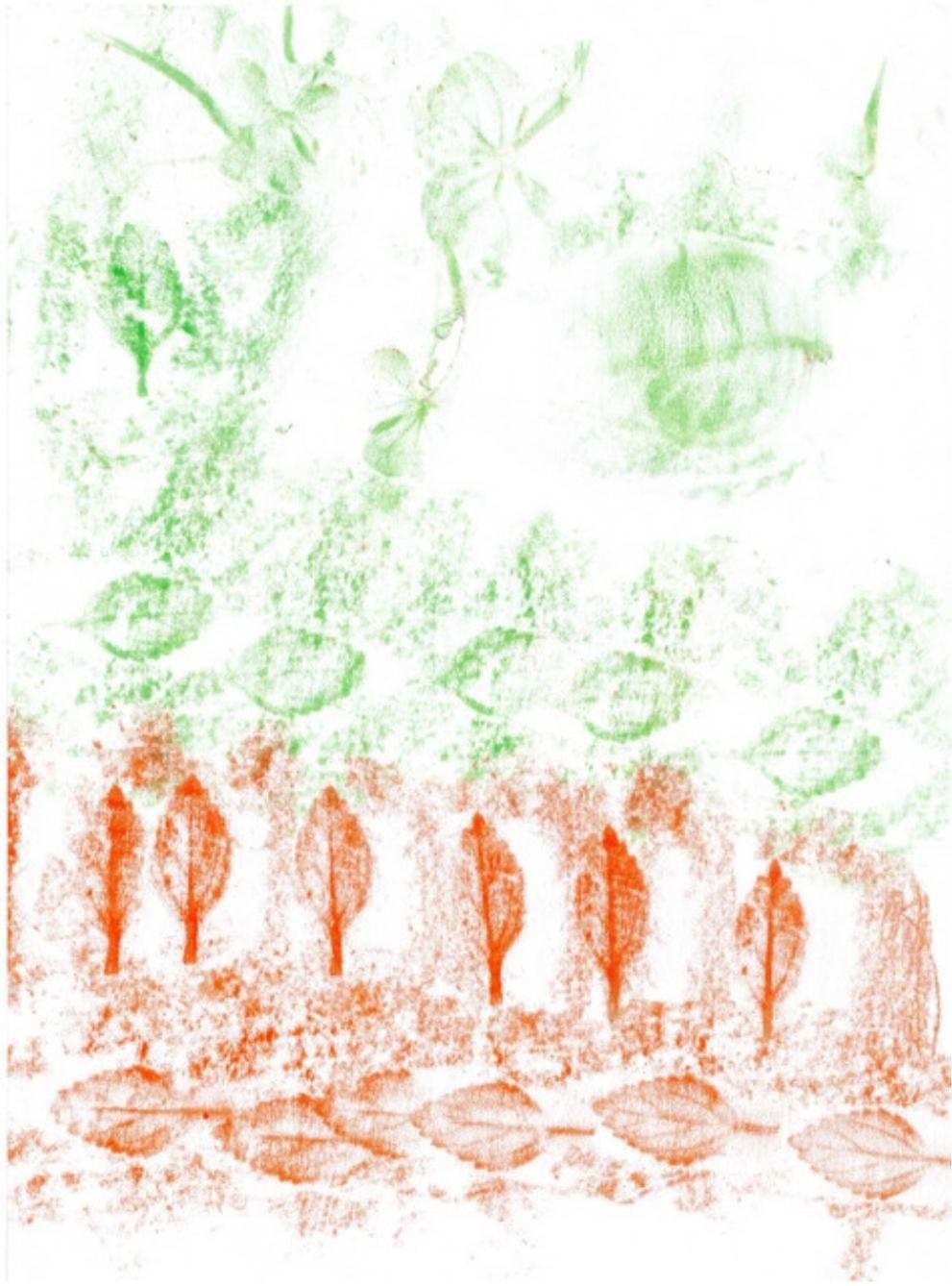


ESQUELETO DO MANICOMIÃO

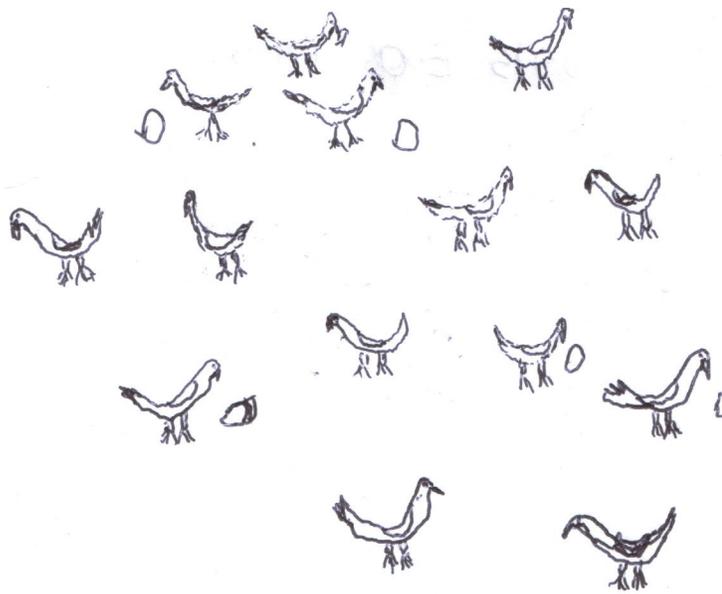


- | | |
|-----------------------------------|--------------------|
| 1- Dormitório dos visitantes | 14 banheiro do que |
| 2- sala do Diretor Administrativo | 15 sala do guarda |
| 3- Portaria | 16 sala psicólogo |
| 4- sala serviço social | 17 sala de serviço |
| 5- sala do médico enfermeiro | 18 internato |
| 6- enfermeiro | 19 banheiro |
| 7- enfermeiro | 20 banheiro |
| 8- banheiro | 21 consultório |
| 9- cubículo | 22 " |
| 10- cubículo | 23 " |
| 11- cubículo | 24 cela forte |
| 12- cubículo | 25 cela forte |
| 13- cela no guarda | |











Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias.

[Rolnik, 1989, p.15-16]

Não temer geografia alguma. Fazer mapa para tornar-se outra coisa. São essas duas forças que impulsionam os novos movimentos do trabalho centrado nas linhas inquietantes apresentadas no movimento anterior.

Percorre-se este trabalho com o que Viveiros de Castro chama de “compromisso vital”:
“Escolhi estudar os índios. Mas o meu compromisso com estes povos que estudo não é um compromisso político, e sim um compromisso vital. Eu não faço de meu compromisso com os índios, nem o objeto de minha pesquisa, nem sua justificativa. Ele não é nenhuma dessas coisas; ele é condição de meu trabalho, que aceito e que nunca me pesou. (...) Por fim, tendo visto tantas vezes esse tal de ‘compromisso político’ sendo usado como uma espécie de tranqüilizante epistemológico... Confesso que não tenho nenhuma simpatia por isso. Eu nada tenho contra os tranqüilizantes, mas quando se trata de pensamento, prefiro os inquietantes”.
(Viveiros de Castro, 2002, p. 402)

Percorrer as linhas inquietantes e seguir adiante com as oficinas. Com a produção delas organiza-se uma nova distribuição de trabalhos gráficos para produzir sentidos. Os que são importantes para ver até onde os mapas geográficos podem funcionar no trabalho das oficinas. Até porque é com eles ainda que as oficinas estão operando, embora já tenha dado para

perceber que há algo a mais nos desenhos dos participantes. O sentido é produzido no percurso: “o sentido não é nunca princípio ou origem, ele é produzido. Ele não é algo a ser descoberto, restaurado ou re-empregado, mas algo a produzir por meio de novas maquinações”. (Deleuze, 2006b, p. 75)

Sobre as mesas mapas escolares políticos do mundo e do Brasil, da divisão microrregional de Santa Catarina e o mapa topográfico da Ilha de Santa Catarina, lápis coloridos, canetas, réguas para um exercício com mapas. Estávamos em onze pessoas, cada uma tinha à disposição o conjunto destes quatro mapas para alguns apontamentos, como por exemplo: trajetos feitos, lugares que gostariam de conhecer, lugar de nascimento e o lugar HCTP. Um exercício de marcação de trajetos pessoais nos mapas da Geografia Escolar.

Entre os participantes um ex-andarilho que tinha, quando andarilho, um atlas geográfico. Pergunto se usava mapas em suas andanças: — *Não, para isso não precisava de mapa.* Seu atlas era para brincar de viajar com os dedos aos lugares distantes, e tornava a dizer: — *Ah... como eu gostava de fazer isso!*

Com estes mapas escolares brincamos de olhar, percorrer, marcar os lugares, responder as questões propostas. Enquanto estas marcações solicitadas aconteciam, outras escapavam. Para alguns pacientes o mapa distribuído era apenas pedaço de papel e sobre ele iniciava alguma coisa: o desenho de pequenas flores, as dobras para que virasse aviãozinho, os cortes para enrolar um pouco de fumo.

Os mapas apresentados no início deste bloco dão idéia da localização do Hospital. Negão começou as marcações (10 e 11). No primeiro (10) marca com um único ponto em caneta azul o bairro Trindade onde fica o HCTP. No segundo (11) faz um pequeno círculo

achatado mostrando seu lugar de nascimento, Blumenau, em Santa Catarina. Negão frequenta aulas da Educação de Jovens e Adultos que acontecem no HCTP e gosta de estudar Geografia. Sempre pergunta por cidades, capitais, rios. Aproveita-se dos encontros também para colocar suas dúvidas sobre a matéria Geografia.

Paulo marca no mapa (12) Cruz Alta, Rio Grande do Sul, como lugar de nascimento. De Cruz Alta passou por São Paulo, Paraná e agora está em Santa Catarina. Mostra no mapa com um traço em semicírculo o deslocamento que vai do Rio de Janeiro até o Rio Grande do Sul. Santa Catarina é o Estado em que se encontra no momento e é nele que traça uma linha reta em direção ao Paraguai.

A América do Sul faz parte dos planos de viagem de Papai Noel (13). Ele gosta de ir para longe. Quando conta uma viagem, é como se estivesse nos lugares, seu corpo fica diferente, ele viaja. Sempre viajou, — *se eu morrer no caminho, não importa*. O círculo em volta dos países marca seu interesse em conhecê-los de mochila nas costas, vendendo artesanato. Após a marcação destes lugares, respira fundo, olha para o mapa: — *fazer uma viagem é um alívio pra quem tem vontade*. Ficamos por algum tempo envolvidos pelas histórias das viagens. Papai Noel as contava tão bem que era gostoso ouvi-lo, acompanhando o nos deslocamentos: — *Ah... têm países que eu conheço só pela imaginação*.

Quando a conversa parecia acabar interrompi perguntando: “O que é um mapa?” — *É um desenho que localiza as cidades, países, o Brasil, o mundo*, Negão respondeu imediatamente e outras respostas seguiram a sua: — *Uma fotografia do planeta. É um negócio pra gente se orientar. Se a gente quiser ir pra uma cidade grande tem que ter um mapa pra se localizar. É um desenho pra gente saber os países. O mapa serve pra gente se localizar*.

A partir do mapa de Florianópolis coloquei algumas perguntas. Se, como diziam eles, mapa serve para orientar e localizar, como seria o mapa do HCTP? Se Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, Mundo foram apresentados daquele modo pelos mapas que tínhamos à mão, como poderíamos apresentar o HCTP? Por fim a questão foi encaminhada: “como podemos mostrar este lugar (nosso lugar no momento) a quem não o conhece?”.

Alex interrompe. — *Isso não é meu lugar*, falou alto, estava sério, tinha os olhos vermelhos, inchados e distantes. Passou um tempo observando outros participantes da oficina que, por sua vez, observavam o espaço da sala, do pátio para executarem seus desenhos. E, nesse sentido, uns são mais detalhistas que outros, chegam a medir o espaço com réguas e passos. Ao final da manhã, quase ao final daquele encontro, Alex aproxima-se lentamente, meio cabisbaixo e entrega um desenho (14): — *aqui está, é o máximo que eu consigo*. Não houve insistência de minha parte para que entrasse no exercício. Na oficina participa quem está com vontade e tem interesse pelos temas, mesmo que o interesse seja o de estar ali (quietinho olhando, escrevendo poesias num cantinho da sala) para não estar nos pátios. No espaço das oficinas isso era possível.

Entendi a impossibilidade de Alex com minha proposta. O lugar lhe faz mal, nada dali identifica como seu. Achei interessante a resposta e no seu movimento pude pensar que o hábito me levava a dizer frases como “desenhe o seu lugar” sem pensar que para chamar um lugar de *seu* é preciso gostar, escolher, querer estar, poder estar nos lugares. De alguma maneira é preciso criar o lugar para que ele seja seu, para que ele não se confunda ou reduza a um ponto num mapa, a uma arquitetura sobre um terreno, a um arranjo institucional ou ainda a

uma categoria explicativa. Nesse sentido o HCTP é um daqueles lugares que quase ninguém quer para chamar de seu.

O desenho de Alex pode ser visto como o contorno da América do Sul com uma seta saindo da região sul (Florianópolis) apontando para um contorno do HCTP. A parte de dentro do contorno é oca. Com poucos detalhes mostra, através da disposição de linhas retas horizontais e verticais, corredores. Indica, escrevendo na folha, *enfermaria, pátio interno e entrada*. A entrada lacrada é um traço contínuo, uma parede sem interrupção. Os outros corredores, cujas saídas dão para dentro da instituição, estão abertos nas bordas. O desenho é uma impossibilidade de dizer qualquer coisa sobre o seu lugar num lugar que não é seu, que lhe faz mal. Seu mapa quase diz: *por favor, não me peça pra falar do horror*.

Perguntavam-me sobre o tamanho dos corredores, sobre como mostrar que uma parte do HCTP é mais alta que outra, pela diferença entre pátio externo e interno, por exemplo: *o campo de futebol é interno ou externo?*

Não tenho lugar, dizia o desenho de Vânio (15). No centro da sua folha uma labareda de fogo em inscrições tribais, esse é o *lugar nenhum* que chama Morro do Pedregal: — *Só conheço este morro e a cadeia. Meu morro é uma favela, está em guerra, mas lá todo mundo respeita o cara*. O desenho do *lugar nenhum* e da *flor azul* (16) me remetia aos momentos sem palavras, aos vazios e silêncios na linguagem, aos cheios de sentido na experiência. Vânio participa pouco das oficinas, não gosta de freqüentar escola, não suporta ficar parado por muito tempo, não sabe ler nem escrever, é considerado um dos presos mais violentos (muito violento!), está em instituições de reclusão há muito tempo, desde criança. É jovem, tem pouco mais de 20 anos e ainda muita cadeia a pagar. Vânio não cumpre Medida de Segurança,

faz tratamento no HCTP; curado volta à penitenciária de origem. Entrega a *flor* pouco depois de sua labareda de tribais, e dedica-a a um amigo: — *Essa flor é pra um camarada meu que morreu aqui dentro e me deixou algo de bom, o HIV. Quando eu sair daqui quero saber onde ele está enterrado e levar uma flor.*¹³

Deixo a *flor* e o *lugar nenhum* em silêncio sobre a mesa junto de meus materiais. Vê-los como mapas era naquele momento e naquele contexto – onde os mapas científicos predominavam sobre a mesa – atitude quase impossível. Não dava para enxergar mapas naqueles desenhos porque estava em busca de traços mínimos – aquelas linhas que imaginárias ou não configuram territórios, materializam espaços – para reconhecê-los como mapas do HCTP. Havia uma noção de mapa operando em mim, e por mais que abrisse espaço para outras possibilidades havia um limite dentro do qual podia considerar alguma coisa como mapa, conquanto não pudesse esquecer os encontros do capítulo anterior onde as linhas como *saudades, euforia, tristeza...* atravessando lugares, compondo paisagens, lançavam suspeitas sobre se seriam mapas, se seriam geografias. As suspeitas se complicavam porque nelas, cada vez mais, deixava de haver indícios de uma imagem mapa escolar.

Fiquei surpresa com a delicadeza e beleza do traço do paciente chamado, pelo conjunto dos agentes prisionais, de violento. O encontro dessas linhas – delicadeza, beleza e violência – desmanchava a noção de Vânio como *um dos mais violentos que a cadeia tem*. Seu desenho interrompe o clichê dele mesmo e ficamos quase sem palavras tentando olhar o desenho e escutar o que dizem sobre ele. O desenho não encontra correspondência no discurso. Podia até ser o mais violento, mas não era só isso...

¹³ Não é a primeira vez que no ambiente prisional me deparo com esse modo de encarar a contaminação pelo HIV.

A *flor, o lugar nenhum, o coelho* (17) desenhos mudos frente às intenções de apresentar o HCTP através de um mapa do território extensivo.

A *minha história HCTP Hospital*. (18) O mapa de Negão está vazio, apresenta corredores e lugares fechados. Sobre estes lugares escreve *pátio, escola, refeitório, cozinha, banheiro e enfermaria*. Os corredores são vazios, os pátios também.

Nesses desenhos aparecem os contornos, no entanto, por esses corredores contornados estão agentes prisionais, assistentes sociais, professores, enfermeiros, estagiários e pacientes. Os corredores desenhados vazios, se parecem com as linhas dos mapas que apenas demarcam a existência de algo; contornam, mas dizem pouco sobre o que acontece por ali. Minha solicitação era restritiva porque vinculada aos mapas escolares, e inspirava uma solução ideal no recurso da representação do espaço, por isso os desenhos apresentavam plantas baixas desprovidas de tudo.

De traços trêmulos é o mapa de Adriano (19). Assemelha-se a uma parede alta preenchida por aberturas com grades. Apenas uma dessas portas está sem grades. Começa, se seguirmos seu desenho de baixo para cima, com pequenas portas em enormes paredes e, à medida que subimos na folha, essas portas aumentam de tamanho. A última porta à esquerda ocupa toda a altura da parede. O hospital que desenha e que vive, temporariamente, é feito de celas e grades.

Pátios, corredores, enfermarias, cozinha, refeitório encerrados para dentro da instituição e sem saída visível (20). O espaço desenhado é tão segmentado como o tempo no hospital, seus elementos são incomunicantes. No desenho tudo se encerra nos limites do cubículo, da enfermaria, do pátio. O corredor liga os cômodos e os pátios, mas no desenho não

se apresentam como lugares de trânsito. São lugares fechados como as enfermarias e os cubículos. Quase todos os desenhos mostram a frieza desses cômodos, porque fechados e vazios, dando a ver, pelo desenho, que é impossível sair pelas vias que conhecemos. Para sair é preciso fazer alguma coisa, é preciso sair de outro modo.

Outro excesso de portas fechadas, corredores vazios e longos (21). Maurício chama de desenho de *mapa externo*. O texto abaixo, feito por ele, apresenta as tais linhas que dão volume ao mapa. Maurício é paciente quase menino de tão novo, de tão vivo, de tão cheio de vontades. – *Hoje me acordo cansado. Pouca alimentação. Não entendo porque estou vivendo sobre cortinas de ferro. O dia não passa. As horas difíceis de fazer chegar o fim do dia. A rotina de estar internado neste Hospital é muito cansativa. Somente três opções são impostas, pátio, televisão ou enfermaria. Muitas vezes se acorda durante a madrugada e a solidão invade. Aí são alguns cigarros para passar as Horas nessa madrugada. Pela manhã, mais uma vez a realidade de estar privado de muitas coisas que se pode fazer fora do hospital. E todos os dias tenho que tomar três comprimidos: soníferos e anti-deprimidos.*

Esqueleto do manicômio (22) é o que Medo nos apresenta. Medo está no processo de sair e voltar para o Hospital há quase trinta anos, como vários outros pacientes. Raros são os pacientes que apresentam uma única passagem. Estes trinta anos de Medo são interrompidos por intervalos que duraram no máximo três anos e meio fora da cadeia, o tempo restante passa mais dentro da instituição do que fora. Magro, alto, de voz rouca e cansada, seu rosto bastante marcado pelo tempo é coberto por linhas de vincos profundos. Não tem mais que cinquenta anos e parece mais, bem mais. – *Conheço muito bem este Hospital*. Seu mapa tem até legenda, um esquema composto por compartimentos numerados de um a sessenta e dois como se

fossem sessenta e dois modos de falar do hospital, sessenta e duas coisas para dizer sobre as repartições. O mapa é de células desconexas, sem corredores. São ao todo sessenta e dois cômodos que a legenda apresenta até o de número vinte e cinco. É com este mapa que fico sabendo de celas fortes indicadas pelos números vinte e quatro e vinte e cinco. Não existe nada com esse nome no HCTP. Forte talvez seja o nome de algum lugar, algum estado experimentado nas enfermarias e nos cubículos. Forte é outra linha passando, atravessando o *esqueleto*, o território.

– *Mapa para mim é orientação* (23). Aldo fala que esta cadeia acabou com sua vida de andarilho, porque introduziu uma rotina de remédios: – *nunca mais vou poder sair por aí, mundo a fora sem destino, sem porto fixo. Como é que eu vou fazer pra pegar remédio? Pra isso só voltando, mas daí não se é mais andarilho.* Seu mapa sem saída e sem entrada, todo fechado: um corredor não faz mais que esbarrar no outro. São partes separadas que se tocam. Aldo passa boa parte do dia encerrado na enfermaria. Não gosta de muita conversa e nem de barulho. – *Estou terminando de pagar minha pena, mas eu nunca mais vou me ver livre disso aqui, segundo o médico, eu tenho que tomar os comprimidos pro resto da minha vida. Como é que eu vou fazer pra ser andarilho de novo? Esses remédios me fazem mal, eu sinto.*

Aldo entendeu que a prisão muda a vida, arranca partes bem preciosas de quem está ali; entendeu e pode dizer que sair do hospital é permanecer com o hospital dentro de si. Não é mais andarilho, teme nunca mais sê-lo. Não gosta de pátios, nem de festas; para o andarilho não há o que festejar. Arrancaram dele partes preciosas...

Saio desse encontro, passo pelos corredores e vou até a rua. Os pátios internos que aparecem vazios nos mapas estão abarrotados de pacientes e são ainda estranhos para mim.

Minha ida para a rua depende da travessia do corredor onde desembocam esses pátios. Uma passagem inevitável, difícil. Sim, porque isso que a gente vê e que nos vê é real. Isso tem cara de depósito, de abandono, de esquecimento sob o nome de tratamento, medida de segurança, hospital. Um tipo de esquecimento que é a insistente lembrança de que tudo é uma questão de cura, de melhoria, de aperfeiçoamento, de adaptação.

Volto depois de uns dias e no corredor encontro-me com Medo. Andava muito devagar, dizia que seu corpo pesava e precisava carregá-lo, sentia-se cansado. Sentamos juntos no refeitório, falou da sua asma e do quanto, ultimamente, se sente mais cansado; suspeita que os remédios para esquizofrenia estejam lhe matando aos poucos: – *aqui eu sempre pioro da asma*. Peço, depois de ouvi-lo, que olhe nossos desenhos do encontro anterior. O Hospital estava em silêncio, era dia de missa e eu nunca ouvira aquele silêncio. Medo olhou. – *Há por aí mapas com muitos e com poucos detalhes. Estes, e o ‘esqueleto do manicômio’ são mapas com poucos detalhes. Aqui só está estipulado o local e não o que tem dentro de cada repartição. Aqui, onde a gente se encontra preso, tem degrau por degrau, porta por porta, janela por janela, e dentro disso tem tanta coisa, tem eu, aqui, agora, cansado. Aqui nos desenhos tem porta com grade e porta sem grade. E isso não mostra a comida, o remédio, os enfermeiros, a fumaça, o barulho, alguma amizade... e o convívio nos leitos que é bem difícil. Tem tanta gente na enfermaria onde eu durmo. Falta o dia a dia. As brigas no refeitório. Os descontentamentos à situação que se encontram. Falta cor. Falta as roupas mesquinhas, a alimentação precária. Isso aqui são os corredores da morte, mas ninguém pode falar isso. O tal lugar que ninguém esquece. É um dilúvio. É o fim. O dilúvio é a chegada no corredor da morte, esfacela os sonhos, maltrata o homem.*

Por último, me olha rindo e com sua voz rouca diz: – *Nós somos muito melhores que o sistema nos permite ser*. Pergunta se está bom o que disse, se eu concordo que os mapas estão vazios. Antes de sair da sala diz: – *com tudo isso eu não me martirizo, seria pior*.

Estes mapas que se parecem com plantas baixas do HCTP delimitam, dividem, posicionam, distribuem e apresentam poucos elementos fixos da paisagem; deixam de dizer o que está *entre* as grades e sob o efeito dos medicamentos. Tais desenhos, que chamo de mapas, correspondem ao meu pedido inicial de mapas do lugar, mas, mesmo atendendo ao pedido, apresentam fugas.

Faço paisagens com o que sinto!

Do trabalho com mapas escolares e com o desenho do lugar passamos a desenhar paisagens. A frase de Bernardo Soares¹⁴ “Faço paisagens com que sinto!” gerou a questão para os novos desenhos “quais são as paisagens que eu vejo?”. Com ela a série de perguntas: *mas o que é paisagem? É uma paisagem bonita? É pra desenhar a natureza?* Apresentei a definição mais comum, dada pelo dicionário, encaminhando novamente ao desenho: “paisagem é a extensão do território que se abrange num lance de vista”. “Quando olho para algum lugar o que sinto?”. Espalhei sobre a mesa vários lápis de cor, giz de cera, canetas, lápis, borracha, papel. *Não é o que eu vejo é o que sinto?* “Sim”, disse eu, “o que sinto quando eu vejo”.

¹⁴ Bernardo Soares é um dos heterônimos de Fernando Pessoa. A frase foi extraída do **Livro do desassossego**. Por Bernardo Soares. Seleção e Introdução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Brasiliense, 1989. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/2586920/bernardo-soares-o-livro-do-desassossego> Acesso: 20.06.2010

Seu Dinaldo é um senhor tranquilo, inteligente, brincalhão, interessado. Gosta de desenhar, de olhar os desenhos depois de feitos e dar a eles um título. Seu Dinaldo gosta de cores. Neste dia pediu licença para sair da sala do refeitório, foi até o pequeno canteiro de flores que fica muito próximo e coletou uma folha verde. Colocou-a sob a folha branca, não sem antes perguntar se podia fazer aquilo, e sobre ela esfregou giz de cera. Prosseguiu assim repetindo essa prática por algum tempo até aparecer algo que desse visualidade ao que queria apresentar como paisagem. Sua atitude, inesperada e inusitada, despertou vontade nos outros pacientes. De repente tínhamos sobre a mesa muitas folhas verdes. Seu Dinaldo lentamente retirava a folha debaixo do papel, colocava mais a frente, esfregava novamente o giz de cera com força e decidia os próximos passos. Um passo depois do outro, uma folha após a outra. Concentrava-se no exercício, pois sua mão é trêmula, grande e pesada. *Passeando sobre o deserto* (24) foi o título que deu a sua paisagem.

Adriano olhava tudo atentamente, estava fascinado com a possibilidade de esfregar um lápis sobre uma folha e fazer aparecer uma imagem. Sua fascinação aumentava quanto mais imagens repetidas via aparecendo. Adriano inventou repetições com moedas e clips. A cada repetição olhava com atenção, parava tentando armar uma estratégia para tirar a moeda e colocar num outro lugar na folha sem perdê-la ou sem que ela caísse no chão. Adriano é aquele paciente que tem muitas dificuldades no corpo, portanto, cada traço, cada forma de moeda colorida que aparecia na sua folha era uma alegria, uma surpresa, era o movimento vivo de quem quer estar vivo (25).

Aldo entrega seu desenho e imediatamente pergunto do que se trata. *São os pardais daquela árvore. “Pardais?” — Sim. São apenas os pardais comendo o pão que nós jogamos todos os dias pra eles.* (26)

O desenho de Augusto era outro daqueles feitos de uma matéria diferente, e mais uma vez o silêncio era necessário (27). Olhei os desenhos e perguntei em que medida eles tinham a ver com “o que eu sinto quando que eu vejo”. A abertura a frase de Bernardo Soares/Fernando Pessoa encaminhava ao invisível das paisagens, mas não menos real que o visível. É como se tivessem desenhado o que o olho vê quando está longe dos excessos de imagens clichês. O olho de quem está encarcerado quase sempre rebate numa parede, de vez em quando vê o céu. O olho, muitas vezes, fica parado no chão, porque a cabeça está voltada para baixo, está pesada pelo efeito de algumas das medicações. O limite são as paredes. E eles me dizem: *Essas coisas que nós desenhamos sobre as paisagens só não estão aqui, mas se fizemos é porque estamos vendo.* Ríamos muito e era lindo escutar aquilo. Uma escuta despreparada sente um pouco, mas logo acolhe o que aconteceu, percebe a riqueza do que está acontecendo e do quanto essas paisagens sentidas nos arrastam para outra noção de espaço. Para o quanto pode um espaço, uma paisagem, uma folha de árvore sob uma folha de papel. Lembrei imediatamente da frase de um deles no dia em que conversávamos sobre viagens. Ao lado da frase de Bernardo Soares/Fernando Pessoa, “Para viajar basta existir”, escreveram *Pra viajar é preciso usar drogas.* Havia ainda *o coelho* ao lado de todas aquelas paisagens. E seu desenhista me dizia com muita dificuldade na língua que se não fizer o coelho não vai fazer outra coisa.

Para viajar é preciso usar drogas.

Drogas? Quais drogas? Comprimidos.

A administração de medicação dá ao presídio características de Hospital. Se elas curam, se devolvem a razão ao desarrazoado, se o acalmam, por outro lado produzem o corpo. *Para viajar é preciso usar drogas.* Haldol, Akineton, Risperdal, Clozapina, Paroxetina, Anítril, Geodon, Emosec, Omeprazol, Neosine, Amplictil, Carbolítium, Inosine, Diazepan, Rivotril, Lexotan, Depakene, Finotoína, Fenobarbitol, Meloril, Zyprexa, Fenergan, Dormonid, Bromazepan, Imipramina, Carbamazepina, Fluoxetina, Sertralina, Lexapro, Frontal... . Em doses variáveis de um, dois, três chegando até doze desses combinados de comprimidos/dia/paciente. Cada paciente segue a sua dose corretamente em função dos horários estabelecidos: sete horas da manhã, treze e trinta e dezoito horas. Os remédios estão ordenados em clínicos, psiquiátricos e coquetéis para os portadores de HIV. Classificados como antipsicóticos, antidepressivos, ansiolíticos, anticonvulsivantes, anti-transtorno de humor, anti os efeitos colaterais como é o caso do Fenergam e do Akineton que diminuem a impregnação do Haldol no corpo. Haldol é o nome da medicação mais utilizada no HCTP. Em pacientes com maior agitação de humor o Haldol é receitado em até cinco drágeas de 5 mg/dia, fazendo um total de ingestão diária de 25 mg Haldol/dia.¹⁵

Há um paciente no Hospital que toma dois comprimidos de Haldol pela manhã, mais dois à tarde e quatro à noite combinando-o com Risperidona ou Akineton para a diminuição dos efeitos da impregnação e da acatisia. A impregnação é o enrijecimento muscular, principalmente do pescoço que, aos poucos, vai se dobrando para um dos lados, as pálpebras

¹⁵ Dados obtidos no Setor de Enfermagem do HCTP com Erli Alexandre de Souza (Enfermeira Responsável) e Luciana Silva Dirksen (Enfermeira) em Agosto de 2008 e Junho de 2009.

tendem a ficar mais paradas produzindo um olhar congelado, e a língua amolecida. A acatisia é a incapacidade de manter parados os braços e as pernas.¹⁶

Haldol, da classe dos antipsicóticos, é o medicamento usado em aproximadamente 90% dos pacientes. Seu efeito colateral se dá sobre o sistema motor, “como o enrijecimento muscular, a inquietação (dificuldade de ficar parado) e a vontade de ficar mexendo as pernas, mesmo estando parado, assim como movimentos musculares (principalmente na face)”.¹⁷

O trabalho nas oficinas está impregnado desses medicamentos. Estar rápido, lento, longe, imóvel é um efeito deles combinado a uma irritação com o estar ali sem poder sair. As imagens produzidas nas sessões de oficina até aqui tentam uma espacialização do lugar – correspondendo à minha proposição inicial –, apresentam algo como uma geografia afetada pelo uso dos medicamentos, pelas doenças, pelo encarceramento, pelo não querer estar ali. As paisagens desenhadas abalam uma noção de superfície, os mapas escolares que usamos na oficina são de alguma forma a apresentação de superfícies terrestres, são distribuições de algo que está na superfície extensiva da terra. E todos estes desenhos – do coelho às plantas baixas – que estou chamando de mapas intensivos, distribuem e apresentam diferentemente uma noção de superfície. A noção de superfície como um lugar percorrido em extensão é reducionista neste caso. Qual é a superfície que esses desenhos mostram sob efeito dessas drogas?

¹⁶ Informações fornecidas por Erli Alexandre de Souza, enfermeira responsável pelo Setor de Enfermagem do HCTP

¹⁷ Disponível em: <http://www.psicosite.com.br/far/anp/haldol.htm> Acesso: Maio de 2009.

Auxílios para o que está fugindo

Doreen Massey no livro **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade** faz algumas perguntas ao questionar os efeitos sociais e políticos do modo de conceber o espaço como superfície que se estende ao nosso redor, com contínuo de terra e mar, o espaço como algo dado, a ser percorrido (ou conquistado). “O que poderia significar reorientar essa imaginação, questionar esse hábito de pensar o espaço como uma superfície? Se, em vez disso, concebêssemos um encontro de histórias. O que aconteceria às nossas imaginações implícitas de tempo e espaço?”. (Massey, 2008, p. 23)

Apresentar o espaço sem as trajetórias, sem os movimentos que se dão nele e o constituem é reduzi-lo a uma superfície extensiva e a uma possibilidade única de apresentação, como se o espaço fosse apenas o visível ou o redutível aos olhos. Doreen Massey, falando de outro lugar e de questões de cunho mais amplo, nos auxilia quando se refere às forças da globalização no mundo, sua inevitabilidade colocada pelos atuais governos do Reino Unido e dos Estados Unidos. Há uma “única narrativa”, nos diz Massey, na qual alguns países estariam atrasados e seu futuro seria o mesmo de todo Ocidente, de que seria impossível resistir às forças da globalização. O futuro já estaria dado, neste caso a globalização para todos, e não haveria como fugir a ela. Impossibilidade de invenção de futuros. Massey fala da Nicarágua, de Moçambique e de como estes países não são reconhecidos como outros coetâneos, mas sim como se estivessem meramente em estágios anteriores dentro dessa única narrativa que é possível fazer. “Essa cosmologia de 'única narrativa' oblitera as multiplicidades, as heterogeneidades contemporâneas do espaço. Reduz coexistências simultâneas a um lugar na

fila da história. (...) E se nos recusássemos a expressar espaço em tempo? E se ampliássemos a imaginação da única narrativa, para oferecer espaço (literalmente) a uma multiplicidade de trajetórias?”. (Massey, 2008, p. 24)

Repensar o hábito de pensar o espaço como superfície, é a questão inicial que Massey nos propõe. “No ano 1 Junho/Ano de Nosso Senhor de 1519, entre os muitos aspectos de alteridade radical que se enfrentaram no vale do México, estava o modo de imaginar o 'espaço'. Cortés carregava consigo aspectos de uma visão incipiente das imaginações ocidentais vigentes no início de seu progresso triunfante, mas imaginações ainda crivadas de mito e emoção. Para os astecas também, embora de modo muito diferente, deuses, tempo e espaço estavam inextricavelmente ligados. Um 'aspecto básico da visão de mundo dos astecas' era 'uma tendência a focar as coisas no processo de se tornarem outras'¹⁸ e 'o pensamento mexicano não reconhecia um tempo e espaço abstrato, dimensões separadas e homogêneas, mas, antes, complexos concretos de espaço e tempo, eventos e sítios heterogêneos e singulares... 'lugares-momentos’”. (Massey, 2008, p. 27)¹⁹

J. B. Harley (1991) diz que o mapa é o que facilita a compreensão espacial de alguma coisa. Ao longo do artigo mostra como cada cultura apresenta essas (os mapas) formas de perceber e produzir imagens espaciais. A partir dessa compreensão define mapa como: “representação gráfica que facilita a compreensão espacial de objetos, conceitos, condições, processos e fatos do mundo humano”. (Harley, 1991, p. 7) Tal definição é ampla e por isso mesmo permite que as culturas de todos os tempos usem-na para pensar o que é mapa. Harley

¹⁸Townsend, R.F. **The Aztecs**. Londres: Thames and Hudson. 1992. p. 122. In: Massey, 2008, p. 27.

¹⁹ Soustelle, J. **La vida cotidiana de los Aztecas em visperas de la conquista**. Cidade do México: Fondo de Cultura Economica. (Publicado originalmente em 1995 como **La vie quotidienne des Astèques à la veille de la Conquête espagnole**. Paris: Librairie Hachette). In: Massey, 2008, p.27.

coloca que as histórias da cartografia eurocêntrica desprezam os usos míticos, psicológicos e simbólicos dos mapas, “valorizando seu uso prático”. (Harley, 1991, p. 9) Diz ainda que as tradições cartográficas locais fundamentavam-se nos conhecimentos geográficos de povos indígenas e isso era evidente quando estes mapas do território colonial eram editados na Europa entre os séculos XVI e XIX. É um estudo das tradições e práticas cartográficas, denominadas por ele de não-ocidentais, que levam a essa afirmação. Contemporaneamente, de acordo com Harley, os historiadores da cartografia têm recorrido a teorias provenientes das ciências humanas e sociais. “Deixou-se de acreditar, por exemplo, na supremacia do sistema de representação numérica do mundo. Também já não se crê que os mapas modernos, inclusive os obtidos mediante o concurso do satélite Landsat e dos computadores, estejam à margem das maquinações do poder”. (Harley, 1991, p. 9) Conclui, nesse texto, dizendo que os mapas sempre foram imagens mentais e, valendo-se de um ditado muito antigo de Korzybsky, afirma: “o mapa não é o território”. (Harley, 1991, p. 3)²⁰ Nesse sentido Harley nos fala da necessidade da desconstrução²¹ como possibilidade de outros entendimentos do mapa,

²⁰ Korzybski, A., **Science and Sanity: An Introduction to Non-Aristotelian Systems and General Semantics**. 3a. ed. Novo prefácio. Lakeville, Connecticut: The international Non- Aristotelian Library Pub. Co., 1948, p. 58, 247, 498, 750-51. In Harley, 1989, p.3.

²¹ Desconstrução, como análise de discurso em geral, demanda uma leitura mais fechada e profunda do texto cartográfico do que tem sido a prática geral tanto na cartografia como na história da cartografia. Pode ser considerada como uma busca de significados alternativos. Desconstruir define-se: “*é reescrever e re-situar significados, eventos e objetos dentro dos mais amplos movimentos e estruturas; isto é, como se diz, reverter a formidável tapeçaria de modo a expor todas suas desglamorosas desalinhadas tramas ou fios que constituem a imagem opulenta que apresenta o mundo*”. Eagleton, Terry. **Against the Grain**. London: Verso, 1986, p. 80. Citado em Soja, Edward W. **Postmodern Geographies**. London: Verso, 1989, p. 12. In: Harley, 1989, p. 8.

sobretudo se o considerarmos desde a perspectiva de Michel Foucault como produzido por discursos de poder.²²

Esses autores da Geografia, e outros que não aparecem aqui, ao tensionarem a noção universal de mapa tornam-se auxílios preciosos que o trabalho encontra para poder afirmar estes desenhos como mapas intensivos.

Os pacientes do HCTP operam com a noção escolar de mapa que chega pela escola, pelos atlas, pela televisão, pela memória que temos dos mapas, por uma educação que nos faz ver como mapa o mapa oficial da cartografia e associar geografia a mapa. Minha solicitação inicial estava limitada aos mapas da Geografia Escolar. Quando dizia - logo após mostrar os mapas da Geografia Escolar - “faça um desenho do HCTP”, como podia esperar outras soluções? Oliveira Jr, no texto “Apontamentos sobre a educação visual dos mapas: a (des)natureza da idéia de representação” coloca que os mapas, esses que conhecemos pela geografia escolar, “fazem parte da ficção que o Estado cria, dos discursos de verdade que circulam entre nós. Eles, os mapas, estão a nos educar o pensamento por meio da educação dos olhos para esta ficção, uma educação que nos leva a memorizar as fronteiras políticas como a única maneira de nos movimentarmos – encontrarmos os lugares, referenciá-los, relacioná-los uns aos outros – nas obras cartográficas. Isto se dá de maneira muito mais forte nos mapas voltados aos escolares que nos mapas voltados aos profissionais. Uma evidente

²² Foucault buscou descobrir “as práticas sociais que o próprio texto tanto reflete quanto emprega” e “reconstruir a estrutura técnica e material na qual se originam”. Harley tem como preocupação as dimensões social e política bem como o entendimento do modo pelo qual os mapas trabalham na sociedade como uma forma de poder-conhecimento. A este respeito ver Harley, 1989, p. 12.

política de criação de uma memória pública”. (Oliveira Jr., 2009a, p. 4) A imagem-mapa agente em nós é forte e é criada pelo Estado para ser o que é, faz parte da ficção que o Estado cria para produzir uma memória coletiva.

A oficina começou com quatro tipos de mapas e com uma proposta de trabalho sobre eles e com eles. Para minha surpresa alguns desenhos, inoperantes na perspectiva da noção de mapa escolar, operavam outros sentidos àquela noção (como fugas), arruinando o mapa domesticador que eu mesma oferecia a eles. Minha insistência com a pergunta “o que é um mapa?” trazia respostas ligadas à Geografia Escolar. Como escapar se o que eles tinham a disposição como referência eram mapas escolares? Mesmo assim escaparam.

Oliveira Jr. em “Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografia menores” questiona a mediação das imagens dos lugares e seus lugares propriamente, como se dissesse que uma imagem não é um lugar, embora trate dele. Para ele um lugar é produto de relações, “de tensões e disputas de muitas práticas que se dobram sobre ele, (...) nos dias atuais, conhecer o espaço é também pensar sobre como ele é inventado diariamente diante de nós pelas câmeras, fotografias e pelas narrativas da tevê, e sobre como ele é criado em nossas próprias práticas educativas, onde aparecem muitos mapas, fotografias, filmes, pinturas e outras tantas imagens”. (Oliveira Jr., 2009b, p. 23)

Na mesma direção, apenas detalhando a abordagem dos mapas como obras de ficcionalidade, Girardi (2007) infere que os mapas “tem menos este cheiro de realidade. Ele mais se parece com a cidade de Tâmara de Calvino: ‘Os olhos não vêem coisas, mas figuras de

coisas que significam outras coisas.’ São as escolhas feitas pelo mapeador. Estas escolhas vão desde a escala (recorte territorial), passando por seleções, classificações, tradução em signos gráficos, produção de hierarquias de informação visual. São escolhas de presenças, como também de ausências. As entrelinhas, ou seja, o campo sígnico secundário, são pistas importantes para captar e situar os sentidos do mapa”. (Girardi, 2007, p. 5)

Os mapas constituem-se em obras ficcionais. Em “Deconstructing the map” Harley (1989), apoiando-se em Foucault, diz que o poder surge dos mapas e atravessa a forma como os mapas são feitos. “Catalogar o mundo é apropriá-lo, então todos esses processos técnicos representam atos de controle sobre sua imagem que vai além dos usos professados da cartografia. O mundo é disciplinado. O mundo é normalizado. Nós somos prisioneiros de sua matriz espacial”. (Harley, 1989, p. 13) Nesse sentido, o processo de normalização que o cartógrafo empreende aos mapas se compara aos demais processos de normalização nas sociedades disciplinares que Foucault descreveu. Seriam os mesmos processos que sofrem as pessoas em instituições disciplinares – prisões, quartéis, escolas, fábricas. Padronizam-se imagens do mundo tal qual se padroniza produções numa fábrica... Os mapas escolares são produções universais. “No mapa, a natureza, é reduzida a uma fórmula gráfica”. (Harley, 1989, p. 13) E “os cartógrafos estão falando sobre seus mapas e não sobre suas paisagens. (...) Quando eles esquecem a diferença entre mapa e paisagem – e quando eles nos permitem ou persuadem a esquecer aquela diferença – toda sorte de responsabilidade sucede”. (Harley, 1989, p. 14) Uma das responsabilidades a qual ele se refere é que os mapas expressam uma visão social encaixada, ou seja, um mapa não é pura e simplesmente uma imagem do território, mas o que se quer dele mostrar. Nesse sentido, no movimento de entender o papel

dos mapas e propor uma desconstrução da sua imagem, conclui: “mapas são imagens autoritárias”. (Harley, 1989, p. 14)

Não se trata de acabar com a obra mapa e sim colocá-lo sob suspeita e ao lugar que ocupa em nossa sociedade, como uma imagem que tem o poder de dizer de um lugar, de uma distribuição, sobre o poder que tem de dizer a verdade. Esses autores o questionam nesse sentido e por isso interessam à pesquisa na relação com os mapas intensivos. Se, por sua vez, os mapas intensivos ocuparem lugares de verdade junto com os mapas científicos, não terão valor algum, seriam somente novas imagens autoritárias de territórios intensivos.

Massey, em **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**, dirá que o ‘espaço’ não pode ser jamais, “aquela simultaneidade completa na qual todas as interconexões já tenham sido estabelecidas, na qual cada lugar já está (e nesse momento imutavelmente) ligado a todos os outros. Finalizações em aberto e estórias em curso são verdadeiros desafios para a cartografia”. (Massey, 2008, p. 161) Um mapa que represente uma geografia não é aquela geografia ou, como afirma a autora, “aquele espaço – mais do que uma pintura de um cachimbo é um cachimbo”, (Massey, 2008, p. 160) referindo-se a Michel Foucault.

“Caindo nas armadilhas do mapa”, é esse o título que Massey (2008) dá ao capítulo em que escreve sobre a possibilidade de sair dos limites que o mapa propõe para percorrer o que está para além destes limites definidos pelas linhas que o integram. Ela sugere ainda pensar o mapa em termos rizomáticos, seria essa uma luta para abrir completamente o mapa; nesse sentido e sob essa perspectiva apóia-se totalmente em Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Jorn Seemann (2006) explicita a necessidade de produções a cerca de aventuras cartográficas, pois estas possibilitariam viagens pelo “misterioso mundo que os mapas

escondem”. (Seemann, 2006, p. 15-16) Seemann, como os demais autores mencionados, nos coloca interrogações a respeito dos limites de um mapa, sem os desconsiderar como um saber sobre o mundo, mas sugerindo que quer algo a mais da Cartografia. Como ele mesmo diz “visões alternativas (e também complementares) da Cartografia que se situam nas zonas fronteiriças e terra *incognitae* da imaginação humana”. (Seemann, 2006, p. 15-16)

Outros auxílios

Na introdução de **Mil Platôs** Deleuze e Guattari fazem considerações sobre o princípio da cartografia e da decalcomania referindo-se ao rizoma como mapa cuja noção nos auxilia. “Um rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou generativo. Ele é estranho a qualquer idéia de eixo genético ou de estrutura profunda”. (Deleuze; Guattari 1994, p. 21). O eixo genético, ou de estrutura profunda, são os princípios do decalque, “reprodutíveis ao infinito. Toda lógica da árvore é um lógica do decalque e da reprodução”. (Deleuze; Guattari, 1994, p. 21) Na Psicanálise ou na Lingüística a árvore tem como fim a representação do inconsciente, a descrição de um estado de fato, “[e]la consiste em decalcar algo que se dá já feito, a partir de uma estrutura que sobrecodifica ou de um eixo que suporta. A árvore articula e hierarquiza os decalques, os decalques são como folhas da árvore”. (Deleuze; Guattari, 1994, p. 21) O rizoma, por sua vez, é mapa e não decalque. “Fazer o mapa, não o decalque. A orquídea não reproduz o decalque da vespa, ela compõe um mapa com a vespa no seio de um rizoma. Se o mapa se opõe ao decalque é por estar inteiramente voltado para uma

experimentação ancorada no real. (...) Ele faz parte do rizoma. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação. Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas; (...) Um mapa tem sempre múltiplas entradas contrariamente ao decalque que volta sempre 'ao mesmo'. Um mapa é uma questão de performance, enquanto que o decalque remete sempre a uma presumida 'competência'". (Deleuze; Guattari, 1994, p. 22)

A competência da psicanálise, por exemplo, limita-se a enquadrar cada desejo ou enunciado sobre um eixo genético produzindo *ad infinitum* decalques dos estágios sobre este eixo. Ao contrário disso está a esquizoanálise “que recusa toda idéia de fatalidade decalcada. As pulsões e objetos parciais não são nem estágios sobre o eixo genético, nem posições numa estrutura profunda, são opções políticas para problemas, entradas e saídas, impasses que a criança vive politicamente, quer dizer, com toda força de seu desejo”. (Deleuze; Guattari, 1997, p. 22) Nesse sentido, que é o que interessa a este trabalho, a esquizoanálise - que poderia ser chamada também de pragmática ou rizomática - permitiria agenciar práticas que fogem aos saberes e campos delimitados traçando linhas que afirmam um saber e um modo de conhecimento subterrâneo e clandestino. Dessa perspectiva é preciso projetar o decalque sobre o mapa, explicam os autores. “Essa operação não é de forma alguma simétrica à precedente, porque, com todo o rigor, não é exato que um decalque reproduza um mapa”. (Deleuze;

Guattari, 1997, p.23) Trata-se de uma operação inversa, “religar os decalques ao mapa, relacionar as raízes ou as árvores a um rizoma”. (Deleuze; Guattari, 1997, p.23-24).

Nos mapas dos participantes da oficina apoiei-me nas suas variabilidades que iam das imagens-mapa até aquelas que, de tão afastadas e diferentes, não se pareciam com mapas e divergiam muito do que encontramos na Geografia Escolar, e seguem divergindo; mas, ao mesmo tempo em que divergem indicam uma *performance*, um movimento de experimentação ancorado no real, um movimento do desejo no ponto onde ele ainda não foi paralisado ou seja, no ponto ínfimo onde as grades e a medicação não o capturaram. Uma linha tênue que ainda faz passar desejo. Estes mapas intensivos não reproduzem estados vividos, mostram, antes, o desejo em movimento e suas conexões com o que está disponível no mundo. Nada é fixo. Nenhum mapa aqui é fixo ou tem seu sentido fixo.

É preciso não esquecer, antes que se forme uma idéia fixa do rizoma e do mapa como oposição a árvore e ao decalque: “[e]xistem nós de arborescência nos rizomas, empuxos rizomáticos nas raízes”. (Deleuze; Guattari, 1997, p.23-24)

No texto “Os mapas movediços de Öyvind Fahlström” Suely Rolnik conta sobre a obra de Fahlström: “O mundo é um vasto jogo de fliperama, onde a cada uma de suas figuras corresponde um valor. Só que aqui²³ nada é fixo, nem as figuras nem a relação entre os valores: dependem do sopro criador de todos e de cada um. O espectador descobre-se

²³ Suely se refere a obra de Öyvind Fahlström “O pequeno General (Pinball Machine)” criada em 1967. É a maior de um grupo de instalações escultóricas onde silhuetas flutuam em piscinas cujas águas são às vezes coloridas e cuja forma lembra as mesas retangulares de fliperama. Essas silhuetas, fotos de jornais ou revistas de figuras populares (Charles De Gaulle, Shirley Temple, Che Guevara e outras imagens debochadas) são pintadas a óleo. Ícones da cultura de massa flutuam livremente nestes campos pictórico aquático, cada um com seu valor inscrito na placa de acrílico que lhe serve de suporte. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Fahlstrom.pdf> p. 19. Acesso: Setembro de 2008.

participando do ato de cartografar o mundo, como um pequeno general que manipula o jogo com seu poder de brincar.²⁴ (Rolnik, 2000, p. 19)

O desafio – nesta obra flutuante que é jogo e que a cada arranjo deste constrói mapas – “consiste em inventar exatamente com estes elementos a brincadeira que permitirá sonhar novas cartografias e manipular o mundo efetivamente”. (Rolnik, 2000, p. 20) Noutra obra “At Five in the Afternoon”²⁵ Fahlström usa a silhueta do mapa do Chile – imgeticamente semelhante à coluna vertebral – e ao longo dela espeta alfinetes feitos de fibra de vidro e em cujas pontas estão presos fatos históricos, políticos e econômicos junto a fatos poéticos. Com essa obra ele fala dos “ilusórios mapas de sentido eterno”. Os fatos históricos presos por alfinetes, tal como ficam os insetos nas coleções dos entomólogos, “a nos lembrar o olhar classificatório e frio de um entomologista, decifra o modo como ficam os homens sob uma ditadura que os priva de sua vitalidade, ao seqüestrar sua potência criadora, para fixá-los num ilusório mapa de sentido eterno”. (Rolnik, 2000, p. 21). Mas a obra não é fixa e os mesmos alfinetes que prendem fatos, que congelam a realidade, são agulhas de acupuntura aplicadas na coluna vertebral, nos seus pontos de estrangulamento, para desobstruir as vias por onde circulam energias vitais, libertando a vitalidade dos homens numa ditadura. Suely Rolnik diz que Fahlström nos propõe um mapa de afetos porque “a perda do Chile não pode ser expressa retratando meramente uma sucessão de eventos. O Chile de Fahlström não é representativo,

²⁴ Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Fahlstrom.pdf> p. 19. Acesso: Setembro de 2008.

²⁵ Fahlström. “Chile 2: The Coup”, 1974. Título da obra extraído do poema “Pranto por Ignacio Sanchés Mejías” de Federico Garcia Lorca (Edição brasileira **Obra Poética Completa**. Tradução de William Agel de Melo. São Paulo: Martins Fontes, 1989).

mas intensivo”. (Rolnik, 2000, p. 21) O mesmo ponto atravessado por alfinetes de vidro marcando fatos libera energia vital.

Fahlström sabia que não existe um ‘fora da realidade’, uma espécie de margem purificada dos conflitos e da crueldade, margem à parte, livre desse mundo para onde se pudesse fugir. As contingências geográficas são as mesmas, ou seja, estamos no sistema capitalista e somos parte dele sendo artistas ou taxistas como lembra Fahlström, o que nos cabe, na tensão de escapar, é recolher as forças do mundo e produzir um fora intensivo. “Em suma, resistir não é mais opor-se, mas singularizar; criar é produzir não mais um suposto outro mundo fora deste mundo, mas sim aquilo que faz deste mundo um outro²⁶ – tarefa interminável”. (Rolnik, 2000, p. 12)

O que se atingiu na oficina com os mapas escolares e com as *paisagens sentidas* foi a possibilidade de fazer fugir o poder domesticador dos mapas escolares, decalques da realidade, para entrar na cartografia (intensiva) e produzir mapas. Mapas não mais como imagem pronta, imagem fixa e estabilizada (autoritária) de um lugar. Mapas como acontecimento. Até aqui ainda partimos também de mapas prontos, daqui para frente... não há mais o mapa pronto.

Dá para pensar que os mapas intensivos não funcionam como visões complementares ou alternativas como propõe Seemann (2006), nem mesmo são desconstruções da cartografia científica conforme Harley (1991), não se opõem numa luta reativa com o estabelecido. Os autores nos apresentam uma abertura para olhar os mapas no interior de um campo de conhecimento e, por isso, nos auxiliam. Os mapas intensivos são composições silenciosas que não brigam com a geografia para ocupar um lugar de crítica e/ou oposição, dizem outra coisa,

²⁶ Idéia inspirada numa passagem do texto de Peter Pál Pelbart “Literatura e loucura”. In: **A vertigem por um fio**. Políticas da subjetividade. São Paulo: Iluminuras, 2000.

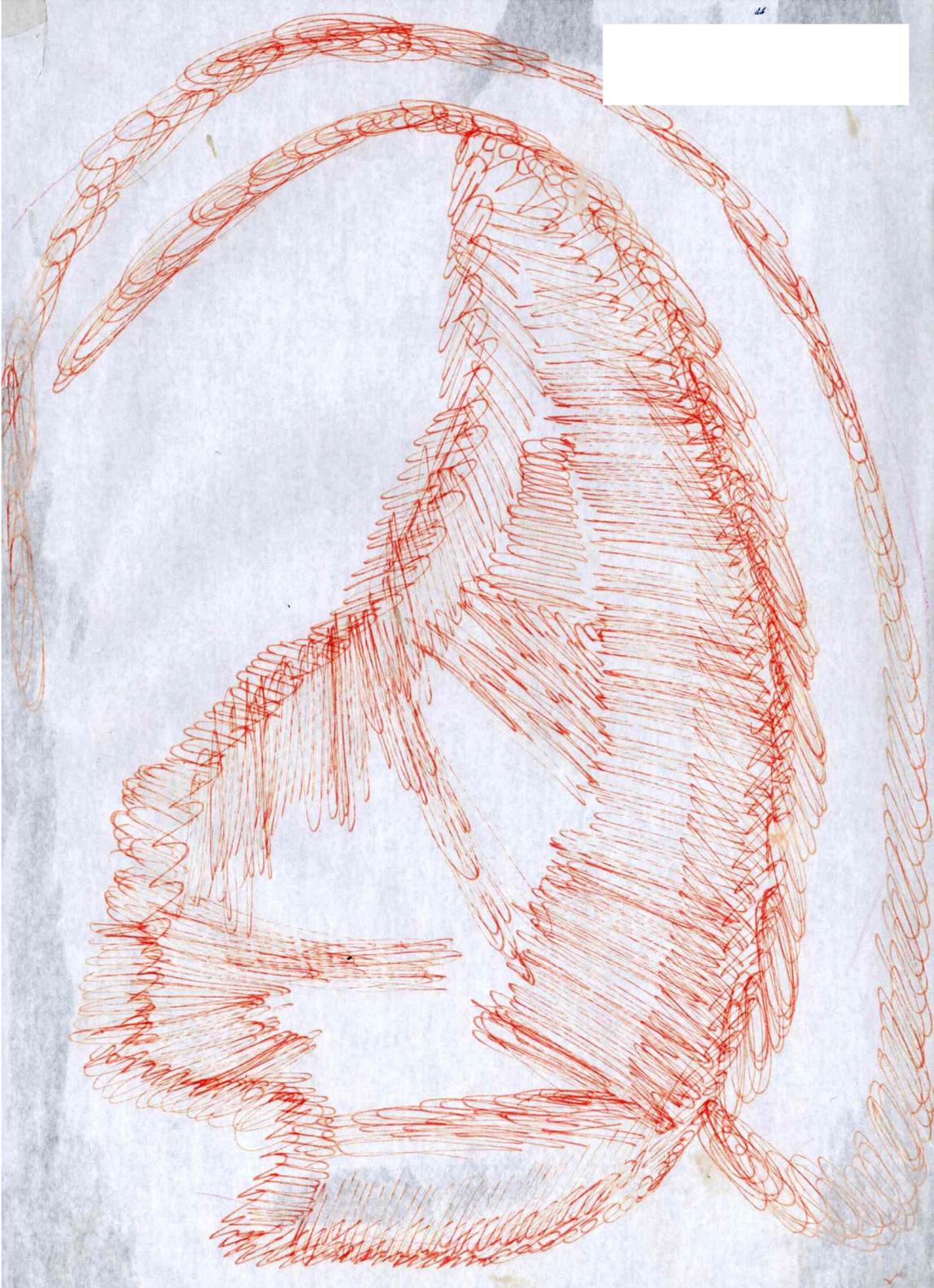
fazem fugir o poder representacional que os mapas escolares detêm e que poderia, neste trabalho, operar. Fazer outra coisa na geografia um outro uso de suas noções. Os mapas intensivos funcionam no movimento, no processo, ganham existência nos encontros de uma prática, e por isso não a precedem – localizando – tampouco a sucedem - justificando.

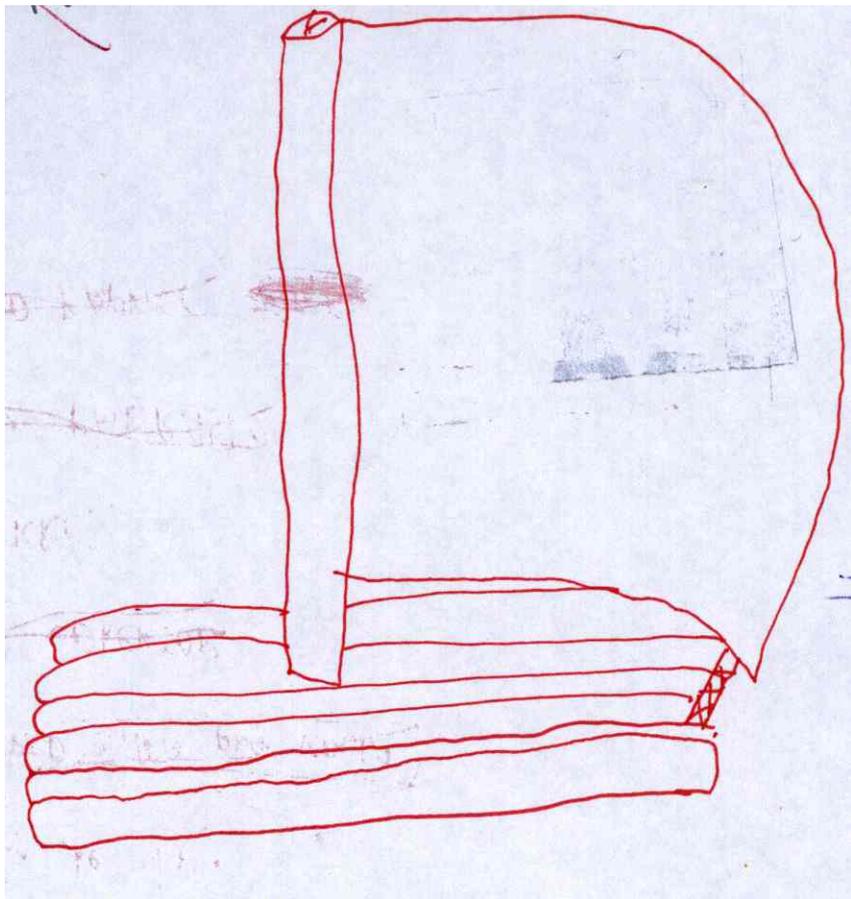
Os mapas aqui, como alguém nos apresentará mais adiante, se *apresentam como fumaça* e têm essa qualidade fixa de estar sempre em movimento.

Adiante!

Cartografias intensivas







o Sol batendo sobre os montes
Sustendo os ~~filhos~~ ^{filhos} a ~~que~~ ^{que}
LHA pedindo sobre as suas
terreiras espedidas.

La Lailha o Sol iluminando
os contrastes da vida

o que ta la no luar
de uma noite estrelada.

Mais e caminhada esta
LHA e MAR a MAR.

Estou dentro do mar longe
das civilizações ^{por aqui e}
meu lugar, longe de tudo
onde nada e absoluto quero
vi viver nestes montes.



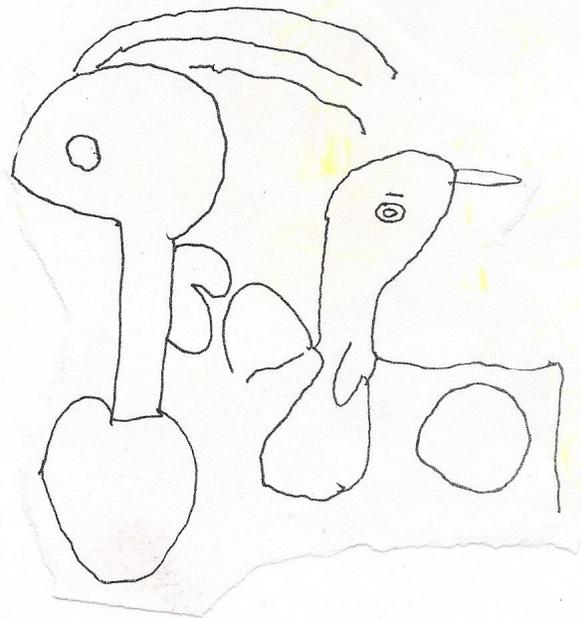




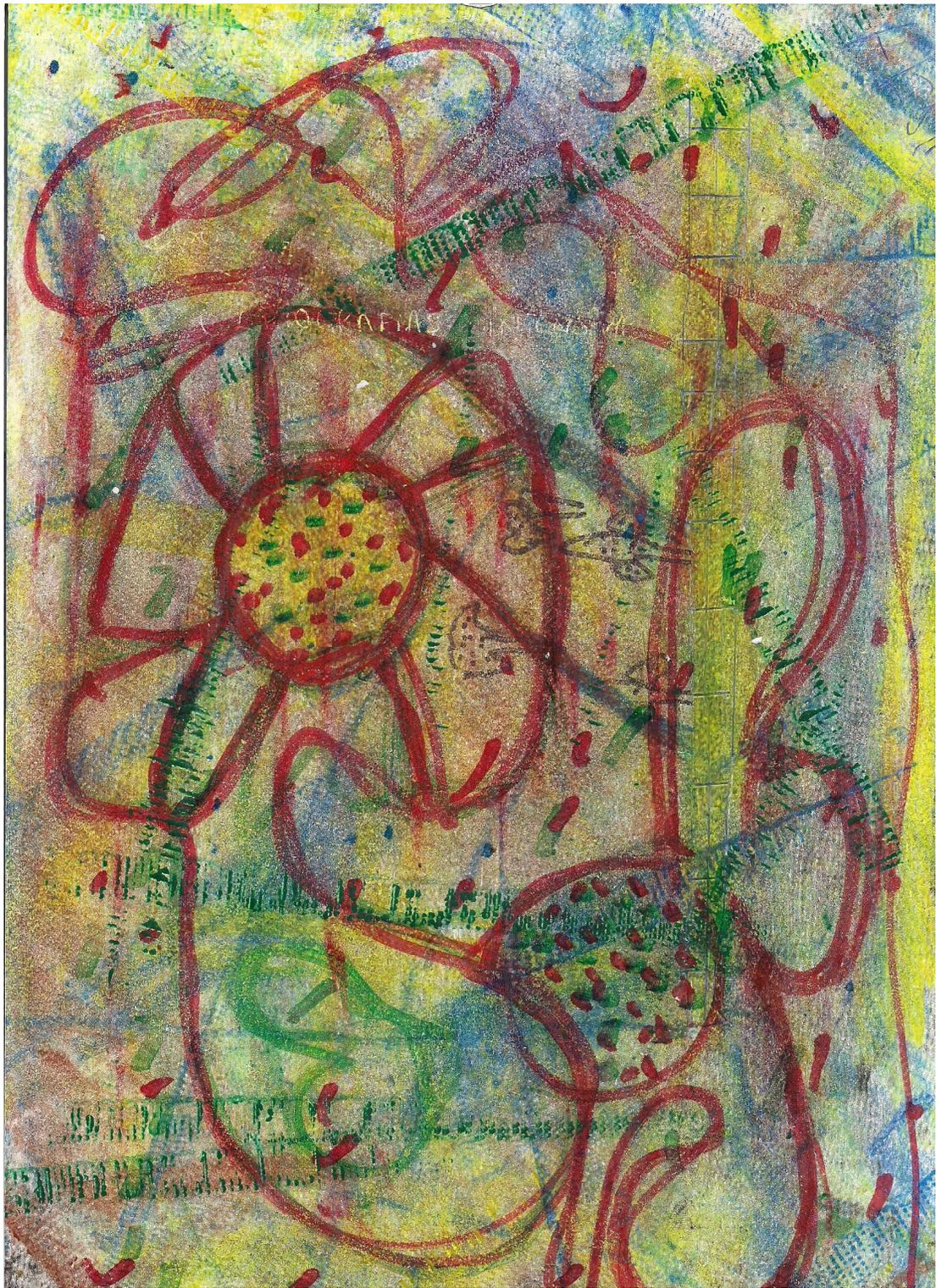




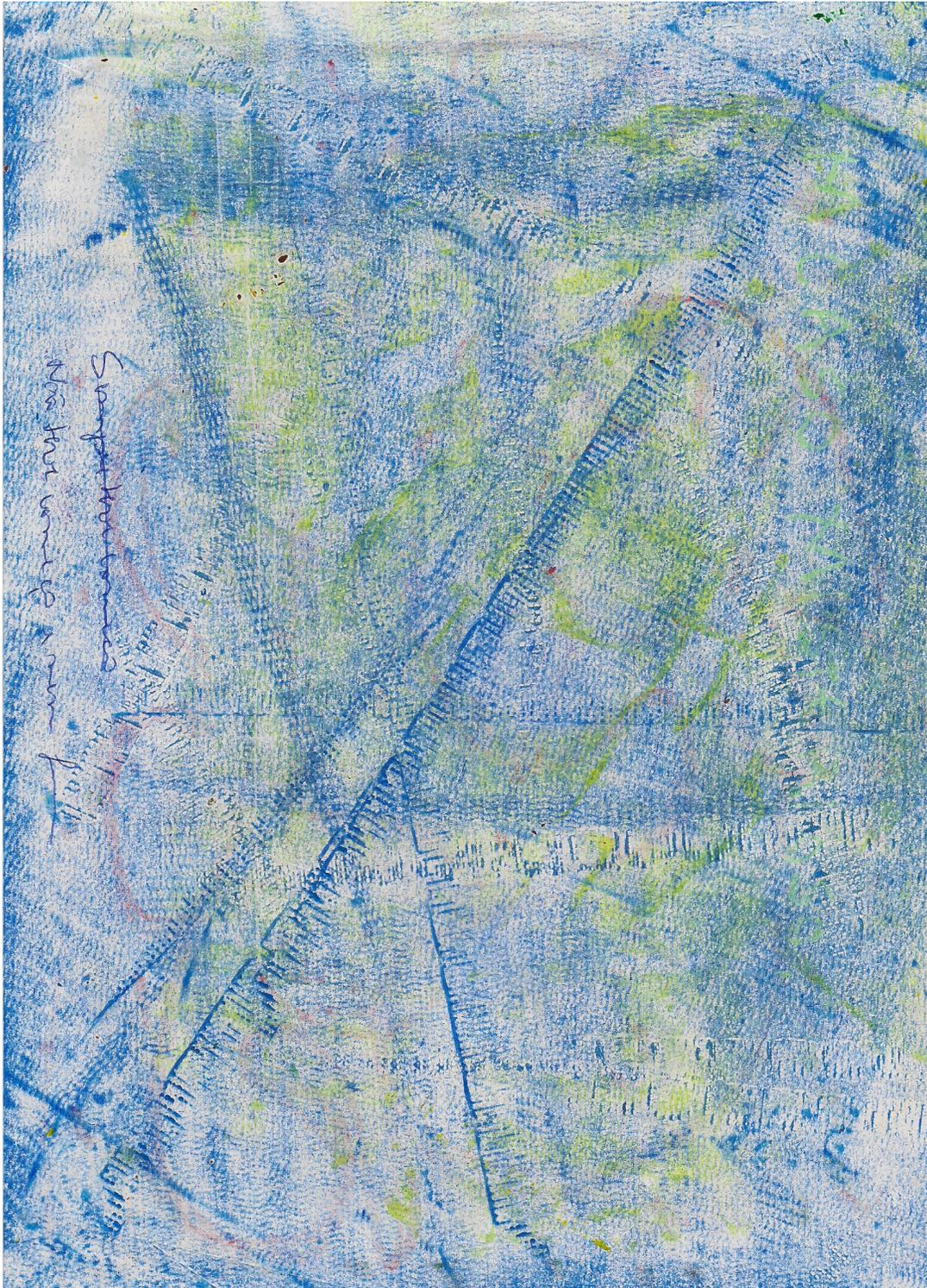
a, sabe, polisada carregou
lingua







40 a



Se desenho um lugar, e faço com que o ouvinte viva um pouco neste lugar, posso brincar também de fazer com que ele se sinta tranqüilo naquele lugar, ou com que tenha esta tranqüilidade abalada quando, de repente, e isto tem de ser de repente, o faço sentir-se arrastado para fora daquele lugar: era nisto que consistia o jogo de modulação do classicismo, levar o ouvinte para passear em um ponto em que ele não se reconhecesse mais e cujo ponto de chegada ele desconhecesse, ou ainda, se o conhecesse, seria apenas de leve. O efeito surpresa! Mas que surpresa é esta? Só há surpresa se houver preparação de um lugar cômodo a ser abalado. Para que alguém se surpreenda é necessário que este alguém fique tranqüilo acreditando que tudo já está estabelecido. E para fazer este lugar, o recurso talvez seja este de reiterar elementos, de fazer com que as coisas girem numa pequena roda, uma cantinela, um ritornelo, uma ladainha, um caleidoscópio, uma caixinha de música. E a surpresa é justamente aquele momento em que alguma coisa foge da ladainha, alguma coisa que está dentro da ladainha, algo que até poderia ser previsível, mas que não era. De repente uma nota trai a harmonia, desfaz o perfil principal da frase musical, uma sonoridade leva para um outro espaço de ressonâncias.

[Ferraz, 2005, p. 37]

Mapas intensivos são instantes de sensação quando ela toma consistência e se efetua e, novamente, se abre a novos encontros. Enquanto a cartografia apresenta os movimentos de transformação das paisagens (o que se passa, o que acontece) os mapas intensivos apresentam as reterritorializações. Consistências. O mapa intensivo como consistência é aberto às conexões. Não é um todo estático ou definitivo de algo ou alguém, é a mobilidade dos afetos. “... As intensidades em si não têm forma nem substância, a não ser através de sua efetuação

em certas matérias cujo resultado é uma máscara. Ou seja, intensidades em si mesmas não existem: estão sempre efetuadas em máscaras – compostas, em composição ou em decomposição”. (Rolnik, 1989, p. 31) As máscaras, de acordo com Rolnik, são “operadoras de intensidades”. (Rolnik, 1989, p. 31)

A cartografia vai apresentar daqui para frente esses processos de produção onde alguma coisa foge. As oficinas passam a lidar com os ruídos, com as linhas soltas e com um efeito surpresa. Surpresa para mim, surpresa para eles. As linhas nos levam para outro espaço.

A prática das oficinas requer paciência, preparo de ações, seleção e decisão de materiais, estudo de temas, de uma organização em torno da questão em andamento. Faz-se isso sozinho ou acompanhado e os passos que a oficina dá são derivados do que está em ação. Lidar com o ruído requer rigor.

De questões genéricas sobre meio ambiente e mundo, desenho do lugar e as localizações no mapa à formulação do que seria um problema ambiental passamos a acolher o que acontecia nos encontros. Encontros entre interessados. Os encontros de aprendizagens foram se ampliando e exigindo do grupo novos movimentos, inclusive o de abandonar o que estava previsto no que foi apresentado à direção da instituição, como a seqüência de sub-temas em meio ambiente e a incorporação de palestras sobre tabagismo. Decidi investir no que estava sendo deixado de lado, no resto. Todos aqueles desenhos que até então não coincidiam com as proposições diárias passaram, nesse momento, a compor as novas paisagens. Abri, decididamente, as portas ao estranho, “... algo que até poderia ser previsível, mas que não era”. (Ferraz, 2005, p. 37)

O quê usar para compor as novas paisagens? “O cartógrafo serve-se de fontes as mais variadas, incluindo fontes não só escritas e nem só teóricas. Seus operadores conceituais podem surgir tanto de um filme quanto de uma conversa ou de um tratado de filosofia”. (Rolnik, 1989, p. 66-67) É um antropófago. Está sempre buscando elementos que são alimentos para compor suas cartografias. Não importa ensinar conceitos, mas aprender estando juntos. Atingir o ponto de não querer ensinar.

O oficinairo não descansa, sua atenção volta-se para o aprendizado das sutis variações a partir das quais tomará novas decisões: deixar uma coisa acontecer por mais tempo ou encerrá-la. É a criação de uma consistência que marca essas passagens. Consistência de uma noção, por exemplo.

As oficinas são composições e compor é desenhar um lugar. O capítulo trata das composições a partir de traços, linhas lançados sobre superfícies esvaziadas. Esses traços juntam-se fazendo uma composição-casa, uma composição-festa, uma composição-território, uma composição-cartografia e uma composição-mapa. Traçar uma linha e fazer aí um plano, sobre o plano todas essas composições. Uma linha, depois outra, muitas linhas. Uma casa, uma festa, um território, cartografias, mapa de uma geografia estranha, profunda.

O meio onde as composições se fazem é fluído tem movimento próprio para abrigar as noções que por ele circulam, param, ficam e depois saem. Um plano de imanência. Criar conceitos e traçar um plano eis os aspectos da filosofia para Deleuze e Guattari. “Os conceitos são como as vagas múltiplas que se erguem e que se abaixam, mas o plano de imanência é a vaga única que os enrola e os desenrola. (...) Os conceitos ladrilham, ocupam ou povoam o plano, pedaço por pedaço, enquanto o próprio plano é o meio indivisível em que os conceitos

se distribuem sem romper-lhe a integridade, a continuidade: eles ocupam sem contar (a cifra do conceito não é um número), ou se distribuem sem dividir. O plano é como um deserto que os conceitos povoam sem partilhar. São os conceitos mesmos que são as únicas regiões do plano, mas é o plano que é o único suporte dos conceitos. O plano não tem outras regiões senão as tribos que o povoam e nele se deslocam”. (Deleuze e Guattari, 1992, p. 51-53) O plano sobre o qual as noções (várias delas) oscilam em velocidades de desterritorialização e reterritorialização provem desses traços, das linhas do jogo. Percorre-se o plano – “somos nós que corremos sobre o plano de imanência” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 51-53) – com conceitos, com elementos, com discursos, com qualidades, com afetos, com o que há de disponível em nós, dobrado por nós. No trabalho não é feito disso uma filosofia, mas alcança-se com esses traços no plano um não-pensado do pensamento. O plano permite e, daí, o pensamento se inventa.

“O mapa, a paisagem, nunca vem antes...”

A vontade de experimentar, no encontro das oficinas, um outro encontro leva a um movimento de preparo diferente dos anteriores. Até aqui persegui questões e imagens de mapa, de meio ambiente, de geografia para saber como pensavam, o que diziam, e como podiam me apresentar elementos novos. Saber o que se passa com as questões pesquisadas, como se alteram nos lugares diferentes e mostrar as variações de um pensamento. Elementos dissonantes, ruídos estranhos aparecem desde o começo do trabalho e incomodam pela estranheza que causam. Não foram desconsiderados, apenas deixados de lado “esperando” o momento de um encontro para percorrer o plano traçado. Eis o momento.

Como sair de uma situação (escrever, desenhar, rabiscar sobre um tema) centrada nas minhas solicitações? Poucos encontros se faziam para além do trabalho individual. A oficina estava centrada nas produções individuais e nas conversas coletivas a partir dessas produções. A insatisfação com o trabalho individual levou a pensar em estratégias como o jogo. Jogar como brincar, como jogam e brincam as crianças, como jogam os atores, como jogam os jogadores. Educação como jogo, como movimento que liga um ao outro por cumplicidades estabelecidas com as regras criadas para jogar o jogo.

Sobre as mesas vários lápis pretos e coloridos e uma cartolina branca. Solicitei aos agentes prisionais que chamassem os pacientes do grupo das oficinas usando para isso a lista de nomes. Chegam à sala vinte deles. Uns falam sem parar, sacodem o corpo, mexem uma perna mais que a outra, outros num profundo silêncio, quase sem se mexer encontram um lugar para sentar e ficam quietos, outros, ainda, chegam correndo com sorrisos largos.

O que vai ter hoje? Ginástica também? Começamos assim: exercícios de respiração, alongamentos dos braços, do pescoço, dos músculos da face, brincadeiras sonoras repetindo sílabas e variando a intensidade.

Sentamos em círculo em torno de uma cartolina branca, com os lápis, para traçar linhas. Linhas cujos tamanhos seriam determinados pelo jogador e o jogo correria no sentido horário. A cada jogador a regra de fazer uma linha. O jogo exigia que esperassem por sua vez e mantivessem atenção às linhas. Na primeira rodada essas linhas estavam espalhadas sem relação, cada uma no seu canto; na segunda havia alguma relação, se tocavam nas pontas e se cruzavam. A cada nova rodada a nova linha parecia fazer parte de um planejamento e, por isso, levavam mais tempo para traçá-la, como se tivessem medindo, calculando, prevendo.

Depois de um tempo jogando as linhas não eram mais linhas soltas num papel. Seus encontros formavam imagens vagas e podia-se, com alguma imaginação, ver ali pessoas, objetos, montanhas, barcos, ondas, limites... Ativava-se uma paisagem composta por linhas. Sugeri que escolhessem uma área para pintar o que Seu Dinaldo denominara de *desenho cego*.

Com as áreas coloridas tínhamos uma primeira paisagem (28) formada pelo emaranhado das linhas cruzadas. Podia-se ver uma mulher grávida, uma pipa solta no ar, uma pessoa andando, a lua, um sorvete. A cada nova imagem anunciada revisitava-se o desenho, via-se aquilo que a imaginação de alguém nos permitia. Momento muito bonito de trabalho coletivo, de poder ver com a ajuda do outro um pedaço da paisagem. Como se cada um fosse um estimulador da paisagem, fazendo aparecer, de tanto olhar, alguma coisa a mais, tornando visíveis pedaços invisíveis da paisagem. Quanto mais o jogo andava tanto mais a gente se soltava e ria. Ria-se muito com as invenções de títulos: *ao imaginar do surrealismo; paisagem cega; o paraíso do ciclo; paisagem de ilusão; círculo novo (porque parece o começo de uma idéia); contraste da tristeza (porque esse marrom ao lado do azul fica muito triste. Marrom, pra mim, é uma cor triste); e desenho inimaginável*. Decidimos por *paraíso do ciclo*.

As conversas sobre “*paraíso do ciclo*” tomavam consistência dando existência ao lugar como ilha: *Ilha Paraíso do Ciclo*. Um lugar-ilha ganha existência pela palavra e toma corpo com tamanho e distâncias, latitudes e longitudes, abriga visitas, rotinas, amores, muitas histórias.

Deixamos por um tempo essa cartolina em suspenso e passamos a outro jogo. Mais uma cartolina no centro da mesa. Pedi que fizessem, ao invés do traço, uma dobra, e, seguida da dobra, dispusessem a cartolina (dobrada) no espaço da mesa. Do mesmo modo que o jogo

anterior cada um deveria esperar a sua vez de propor uma dobra. Uma dobra sempre se dá sobre a anterior e assim, ao final do jogo, a cartolina desdobrada mostrará as cicatrizes das dobras. Cada dobra se apresentava no espaço da mesa e se parecia com alguma coisa: porta retrato, escultura, barco, mesa. A forma barco se sobrepôs às demais e o jogo de dobrar parou. Terminamos olhando para o barco. Conforme havia combinado no início do jogo, terminadas as dobras, deveriam desdobrar a cartolina para a visualização das cicatrizes. Um dos pacientes agarrou-se ao barco, segurando-o no peito disse: — *Não, nem pensar, esse é o nosso barquinho*. Os demais se juntaram a ele pra dizer *esse é o nosso barco que ficou muito bonito* e com ele iremos para nossa Ilha. — *Nada de desmanchar, professora*. Agarrados ao barco juntam-no a *Ilha Paraíso do Ciclo*. Propunha um jogo de linhas e dobras e de repente aparece um lugar e um barco: chão para o começo de encontros, território base de alguns começos. Acontecimento.

Pedi a Seu Dinaldo, ainda agarrado ao barco, que começasse a contar uma história usando a ilha e o barco; ao Lucas pedi que batesse palma quando achasse que a história deveria ser interrompida. (Palma para começar) — *A Ilha fica muito longe daqui, há muitos quilômetros e quilômetros e só o barco...* (palma) — *o barco não pode se desmanchar* (palma) — *tem muita música, cerveja e caipirinha no nosso barco* (palma, muitos risos) — *o nosso barco não. Ele é bem silencioso* (palma e risos, muitos risos). — *Era uma vez um barco, feito por nós, que nos levaria a uma ilha bem longe daqui. Ele já estava com os passageiros e de repente toca uma sirene...* (palma) — *e o barco afundou*. (palma e muitas gargalhadas). Envolvida que estava pela história achei que com o afundamento do barco a história terminaria ali.

Na história que contavam existiam dois barcos: o dos passageiros silenciosos e o dos barulhentos com música, caipirinha e muita festa. O barco dos silenciosos afundou, seus passageiros deram um jeito para que ele voltasse à sua posição no mar e seguisse a viagem rumo à Ilha. Desviram, juntam novos pedaços de pau para fazê-lo funcionar. E ele funciona. Capenga? Sim. Mas as coisas não se acabam porque o barco afundou, a vontade de chegar à Ilha é grande, bem mais que a força da água para afundar o barco.

A conversa, que corria solta dando sempre elementos para novas situações, imagens, paisagens e histórias foi interrompida com a chegada de Águia. Águia é um rapaz de seus quarenta anos, forte, alto, moreno e aparenta muita saúde. É o único dos pacientes que não toma remédios. O refeitório estava mais ou menos assim: sobre as mesas muitos lápis, papéis, revistas, borracha e na parede a cartolina *Ilha Paraíso do Ciclo* e o barco apontando para a Ilha. Muitos ali seguiam as histórias em tom mais baixo outros, sentados mais afastados, prestavam atenção a cada invenção e em silêncio riam, em silêncio e de longe participavam das invenções. Águia olhou silenciosamente para esses desenhos, pegou um papel e uma caneta, sentou numa mesa ao fundo da sala e desenhou rapidamente. — *Olha aqui, eu soltei a mão, não pensei em nada. (29) Não foi isso que vocês fizeram nisso aí que tá na parede? Seu desenho foi colocado ao lado da Ilha.*

Chega à sala outro paciente que rapidamente olha e escuta as invenções. Disse que tudo aquilo parecia coisa de louco. — *Isso é loucura pura da cabeça. Tinha que ter mais manicômio para dar conta de todos os loucos do mundo que estão soltos por aí. Como tem tão pouco manicômio em Santa Catarina? Olha isso que tá acontecendo aqui!* (risos e silêncio também). — *Chega de manicômio!* - diz um paciente com voz forte, falando sério, *parece que*

tu não sabe como é isso aqui e ainda fica pedindo mais..., parou de falar, sentou num canto e ficou observando.

Águia seguiu: — *A palavra que vem na minha cabeça quando eu olho pra esse mural é 'pensando'. “Pensando?” — É 'pensando', porque a gente não faz nada sem pensar.*

Uma interrupção porque o almoço está chegando. Os agentes me dão um sinal indicando que o tempo terminou e os meninos ajudam a desmanchar as mesas, a guardar o que estava espalhado. Saio do refeitório carregando desajeitadamente os materiais, acompanhada por alguns deles que ainda falavam sobre a maravilha de ficar inventando essas coisas nos desenhos, imaginando, pensando. Até os agentes prisionais prestaram atenção na parede ensaiando algumas palavras.

Sigo sozinha pelo corredor que divide os pátios e dou de cara com painéis de alumínio cheios de feijão, carne moída e arroz. Para que pudessem passar por mim preciso recuar e me encostar à parede. As painéis são levadas pelos internos e partem da cozinha industrial do Complexo Penitenciário. Numa delas vejo um movimento forte de líquido escuro formando ondulações, é o feijão. Bastante ralo... e não parece tão quente. Olho para trás e acompanho o movimento das painéis pelo corredor até o refeitório, uma fila de pacientes se forma para recebê-las, são quase onze horas da manhã.

Encontros sobre a Ilha

Quinze dias após o encontro sobre a Ilha volto ao Hospital. A Ilha está no cartaz pregado na parede. Águia me disse, admirando seu desenho ainda exposto: — *às vezes, quando*

estou almoçando, olho para o meu desenho nessa parede (29). Ontem vi nele um barco de guerra, daqueles bem antigos, você lembra? Eu via isso nos filmes. Disse a ele que vejo um bicho grande, forte e com um espinho na calda. Altair enxerga ali uma orelha, Alex uma língua.

Paraíso do ciclo passou a ocupar o centro da conversa deste encontro. Negão estava em silêncio, prestando atenção no cartaz (28), quando levantou o dedo, pedindo permissão para falar: — *Professora, isso parece geografia. É um mapa.* Marrone, ao seu lado, atento também ao cartaz como de costume, disse: — *É mesmo, é um mapa. As cores são os lugares, as linhas são as divisões de territórios.*

“Mapa do que?” Perguntei.

Negão tomou a palavra e passou a mostrar os lugares e as formas. — *Ah, tem um bico de uma ave bem aqui; uma guitarra aqui ó. E aqui uma bota de polícia, em cima uma coxa de galinha.* (Apontando o dedo para as áreas em que via essas formas) Águia, Marrone, Altair seguiram associando lugar e forma. — *Ali tem um peixe. Esse amarelo é uma chama forte queimando. É fogo. O amarelo do mapa é o fogo. E tem uma pandorga ali, embaixo do bico da ave.* Era o mapa da *Ilha Paraíso do Ciclo*.

Ao final daquele encontro alguém me disse: — *Ah, imaginar é isso, poder ir tão longe com as coisas que se vê. Eu queria embarcar nessa jangada e ir embora pra Ilha (30).* Ali a imaginação é quase que um combustível para a vida.²⁷

²⁷ A palavra imaginação é recorrente no texto. Estou sempre me referindo a uma capacidade imaginativa ligada ao que se experimenta nas oficinas. Não se imagina sozinho, sem nada, imagina-se com o que se faz e com o que os outros fazem, com o que se faz na oficina. Para David Hume (Deleuze, 2001) a imaginação está situada no princípio da associação de idéias. As idéias são provenientes das impressões e das sensações e as idéias levam à imaginação. É a experiência que fornece material às sensações e às impressões e daí imagina-se. Imaginar é uma capacidade ligada à experiência. “Consideremos a esse respeito uma relação muito especial, a de causalidade. Ela

Marrone escreveu uma poesia enquanto olhava para a Ilha [e imaginava] e a declamou de pé, de costas para ela, nos olhando. Sua voz fazia as variações que um declamador considera necessárias para dar visualidade as suas palavras. Antes de começar a declamação disse: — *fiquei olhando pra essa Ilha e me inspirei.*

O sol batendo sobre as montanhas, sustentando os pássaros e os seus filhotes na Ilha perdida sobre vários mapas, territórios esquecidos./ Lá brilha o sol iluminando os contrastes da vida./ Eu quero tá lá no luar de uma noite estrelada./ Mas, é caminhada esta Ilha é mar a mar./ Tão dentro do mar longe das civilizações porque aqui é meu lugar, longe de tudo./ Onde nada é absurdo quero só viver nestas montanhas (31).²⁸

Aldo - o paciente que se auto-intitula filósofo-poeta-roqueiro-andarilho -, não consegue mais escrever poesia e se pergunta sobre essa impossibilidade. — *Eu escrevia perto do mar, nas praias. Tinha uma caverninha, uma caverninha e eu botava o edredom e escrevia. Eu tinha um colchonete, um colchãozinho fino, aí eu botava na caverna e ficava escrevendo. Eu levei (não sei se é apropriado falar) drogas pra lá, fumava e escrevia. Escrevia na beira do mar, escrevia no centro da cidade também. Perguntei se lembrava de suas poesias e se queria escrever sobre a Ilha. — Não, agora é difícil lembrar, faz tanto tempo já. (silêncio) Não... Nada... Aqui não sai nada. Não sei se é o remédio que me impreguina. Deve ser o remédio. Não consigo me inspirar aqui.*

é especial porque não nos faz apenas passar de um termo dado à idéia de alguma coisa que não é atualmente dada. A causalidade me faz passar de alguma coisa que me foi dada à idéia de alguma coisa que jamais me foi dada, ou mesmo que não é dável na experiência.” (Deleuze, 2006a, p. 213).

²⁸ Poesia incluída no livro **O canto da letra**, de sua autoria e que organizamos juntos. Mimeo.

Diferentemente de Aldo, Marrone escreve inspirado no labirinto de corredores e grades, de policiais e medicamentos. Ele retira desse meio as suas palavras. — *Escrevo porque senão eu piro aqui*. Aldo me permite ter acesso a alguns ensaios quando conversamos por bastante tempo, como se precisasse de tempo maior pra chegar, em pensamento, num outro lugar, e escrever pequenos trechos.

Mapa-paisagem²⁹

Ela trabalhava nisso havia quinze anos, levando-a consigo por toda parte numa sacola informe de brocado, que continha toda uma coleção de pedaços de tecido colorido, com todas as formas possíveis. Ela jamais conseguia decidir-se a dispô-los segundo um modelo definitivo, por isso ela mudava-os, recolocava-os, refletia, mudava-os e recolocava-os novamente, como pedaços de um jogo de paciência nunca terminado, sem recorrer às tesouras, alisando com seus dedos suaves...

[W. Faulkner, Sartoris,
apud Deleuze, G.; Guattari, F., 1997, p. 182]

A oficina vai aproximando, juntando vontades de estar junto para continuar fazendo coisas já começadas, em movimento; continuar fazendo de qualquer ponto, desde que se façam encontros interessantes. Pessoas se juntam com suas malas vindas de outras viagens, carregadas de indícios de oficina. Uma música pode ser um indício, pedaços de pano também. Uma mala no meio da sala, uma amiga chegando e a oficina, como sempre, se prepara

²⁹ Título dado por Ana Godoy para a oficina desenvolvida sob sua coordenação no HCTP.

novamente. Experimenta-se filmar um chão de cimento, cuja cola seca da antiga forração que o cobria forma linhas, muitas linhas. Percorre-se o chão com a câmera ao som de “Space Oddity” de David Bowie. O chão de cimento, coberto de linhas amarelecidas, se abre como espaço amplo. A câmera no olho, o som de Bowie, o tipo de luz, um encontro fazia aquele chão ultrapassar o possível do chão. As linhas, todas elas, imaginárias ou não, faziam o chão se abrir e abrigar as intensidades do encontro *mapa-paisagem*. Ali decidimos o que fazer no outro dia no HCTP. Nesse clima Ana Godoy preparou comigo a oficina *mapa-paisagem*³⁰. Com uma generosidade imensa, do tamanho da espacialidade do novo chão, abriu sua mala cheia de coisas de outras passagens de oficina e de sua obra dispondo suas ferramentas para o meu trabalho. Sua mala parecia aquelas sacolinhas de brinquedos que a gente leva contente para a casa do amigo para brincar juntos. Este clima de perguntas sobre as coisas da mala — *o que tu tens aí?; O que tu fez com isso?; Olha o que eu tenho aqui, veja o que fiz...; olha como sei fazer isso!; ai, isso aqui não sei montar, me ajuda.* — desenhou o percurso da montagem da oficina. O chão tomado pelos pedaços coloridos, de tamanhos variados, de seus tecidos macios, ásperos, lisos, finos, transparentes, brilhosos, rugosos se juntam aos desenhos e às histórias da *Ilha Paraíso do Ciclo*. Puro deslocamento dado pelo encontro, composição nova e interessada, cartografia. *Mapa-paisagem* já tinha consistência. E a Ilha, deslocando-se, estava cada vez mais longe do continente.

Pela primeira vez chego ao Hospital acompanhada. Estava com Ana. De início ela preferiu escutar os meninos. Chegou devagar e escutou. Foi com muito entusiasmo que contaram a ela o que vinha acontecendo até ali e do que tratavam os dois cartazes na parede.

30 Ana Godoy é doutora em Ciências Sociais e autora do livro **A menor das ecologias**. São Paulo: EDUSP, 2008.

Não precisei fazer muita coisa para que as apresentações se dessem, sozinhos falaram e perguntaram sobre o trabalho da Ana, e ela perguntou detalhes sobre a *Ilha*. No término das apresentações distribuímos sobre a mesa máquina fotográfica digital, câmera filmadora e panos. Com a máquina solicitamos uma fotografia da Ilha, assim: “Você está na ilha e precisa voltar. Qual foto dela você gostaria de trazer para mostrar?”

Surpresos com a máquina, com a fotografia do lugar cuja existência duvidosa nem fora questionada, embrenharam-se na questão de como usar um objeto do qual há tempos estavam afastados. — *Uma fotografia dessa Ilha? Do quê? Mas como, como fazer? Nós? Nós, batendo fotos? Se é pra fazer a gente faz, oba uma máquina! Mas eu não sei se eu sei bater foto. Acho que não lembro mais, a senhora me ensina?* Começaram. Respeitando os momentos de apertar o botão para a foto de cada um e, como se estivessem com uma máquina analógica, preparavam a foto, como se fosse única a chance de fotografá-la. Lindo ver aquela organização e atenção.

— *A ilha é o paraíso, vou tirar uma foto desse jardim. (32 e 34). Uma foto da cozinha. Uma foto da praia.* Eis um problema: como mostrar a praia? — *Eu visitei o país chamado Bico da Garça e quero mostrar o mar de lá. Um mar alto, tipo lá da praia de Balneário Camboriú.*

Como fazer pra mostrar o mar de *Bico da Garça*? Pensaram, olharam para a mesa verde-água, saíram do refeitório atrás do barco de cartolina que estava guardado noutra sala e o colocaram sobre a mesa, tomando o cuidado de não deixar aparecer na foto outra cor além da mesa e paredes verdes (33). — *Olha só. Essa mesa é o mar e o nosso barco está nesse mar.* Olhar o movimento deles no percurso que fizeram pelo Hospital até outra sala para encontrar o barco (*o nosso barquinho!*), a escolha do local verde, o cuidado para que não aparecesse outra

cor ou um outro detalhe que enfraquecesse o mar, é daquelas visões que o interessado numa “educação com vontade” quer nunca mais parar de encontrar. Essa foto-mapa é mapa do problema que ela resolve, nem tanto do mar que ela mostra. Embora sempre que paro diante dela vejo antes o mar. Há então o movimento dos pacientes no percurso da questão, percorrer uma questão-problema (eis a cartografia) para fazer aparecer o invisível.

— *Eu traria de lá a foto do mapa, desse mapa.* Negão não sabia como começar a mexer na máquina, envergonhado nos pedia um pouco de ajuda, perguntava se estava bom, se podia ser assim... Encabulado, pois fazia muito tempo que não segurava uma máquina fotográfica (digital ele nunca tinha segurado), deu o seu *clic* trêmulo e bateu (28). A foto-mapa da Ilha de Negão é também mapa do seu encontro de paciente medicado (trêmulo), afastado dos avanços tecnológicos, intimidado por eles, mas com vontade de fazer fotografia de viagem, de retratar o que gosta.

Outras fotos se produziam: a de um grupo em frente à Ilha, de duplas de amigos, a de Marrone plantando bananeira de cabeça encostada no chão e com as pernas para cima, ereto, forte, firme: — *Calma. Espera um pouco, deixa eu ficar bem retinho. Agora pode bater. Isso! Bem isso. É isso que eu fazia lá na Ilha eu plantava bananeira.*

Na seqüência do trabalho com as fotos, distribuímos sobre a mesa os panos. Na sala estavam todos muito interessados em saber o que tínhamos mais a oferecer. Com esses panos demos início à confecção do mapa da Ilha. O mapa começa com a tentativa de encontrar no pano a sensação da *Ilha Paraíso do Ciclo*. À medida que tocam os panos coloridos, macios, leves, transparentes a *Ilha* vai se perdendo no horizonte ante as possibilidades novas com os panos que se transformam em adereços e tornam-se ali, nas brincadeiras, túnicas, lenços, tapa

olhos, máscaras, echarpes. De adereços a países, os panos dançam nesse mar de possibilidades. As tiras brancas, e, brancas e azuis que atravessam o pano vermelho (a Terra) adentrando os buracos como correntes do Rio Araguaia, do mar perigoso, são também o oceano (35). O pano em preto amarrado a uma dessas correntes é a China. A Amazônia o pedaço azul escuro preenchido por pequenas flores. A Amazônia não fora escolhida antes. Já estava no pano quando foi dado o seu nome. O pano continha a Amazônia. Ao lado da Amazônia um lugar sem nome em roxo com textura macia. Um pedaço colorido em listras vermelhas, verdes, amarelas e azuis era a Jamaica. No sentido sul (36), em relação à Amazônia, está a Caatinga. No extremo oposto, como no sentido oeste, está o deserto do Saara, chamado de Ilha Paradisíaca. A grande maioria desses nomes aparece no *mapa-paisagem* depois da sua invenção. Colamos o mapa na parede (36) e passamos à invenção de nomes: *arquipélago festivo, terra vermelha, complexo de países, mulheres vermelhas, paninho de artesanato, colcha de retalhos, bandeira da festa do divino*.

Dois agentes prisionais entram na sala para saber o motivo de tanta movimentação. — “*O que significa isso?*” Pergunta um deles, curioso com aquela profusão de idéias. — *Não tá vendo que é um mapa? Não ficou claro? Será que só a gente tá vendo?* O agente acenou positivamente com a cabeça, rindo também e em seguida pergunta: — “*mapa do quê?*” — *Da nossa Ilha*. Deve ter pensado: Ilha? Florianópolis? Um dos agentes falou que via um animal, a carcaça de um animal. As infinitas possibilidades do pano, quase um tapete, permitiam esses vôos. Já era hora de sair do Hospital, quase onze horas da manhã. Saímos de lá em silêncio, mas foi difícil terminar, sair, parar de falar. Os meninos não queriam que acabasse, embora as panelas do almoço já se encaminhassem para o refeitório.

Chegados, nunca chegamos,/ eu e a ilha movediça./ Móvel terra, céu incerto/
mundo jamais descoberto. /(...)/ Mesmo sem naus e sem rumos,/ mesmo sem
vagas e areias,/ há sempre um copo de mar/ para um homem navegar.

[Jorge de Lima, 1952, I, 2]³¹

[Os versos deste Canto Primeiro da Invenção de Orfeu de Jorge de Lima funcionaram como um horizonte movente sobre o qual se desenhou minha tese. Enviá-lo para os meninos do HCTP não era somente um meio de prolongar um encontro, era principalmente o único jeito que encontrei de dizer o que importava dizer sobre esse encontro. Era mais um retalho, como aqueles de tecido que havia levado na mala. Era um retalho de palavras sobre um mundo jamais descoberto e que, todavia, nos habita; um mundo para o qual de nada adiantam os sextantes e nem o tratado de Tordesilhas, um mundo cujas latitudes e longitudes escapam aos cálculos que porventura se pensou conhecer.

Cheguei assim naquela sala daquele apartamento em Florianópolis: nenhum sextante e a mochila cheia de tecidos, algumas músicas, câmera de vídeo, um ou outro fiapo de idéia, uma vontade desmedida de estar onde estava, sem nada atrás onde pudesse me apoiar e pela frente alguma coisa que não podia dimensionar. Uma oficina começava sobre aquele chão, numa noite quente e silenciosa, em meio a uma profusão de cores e texturas trazidas e encontradas. Ali debruçadas sobre o chão, brincando com as linhas e a câmera, eu e Ana Maria começamos a juntar o que tínhamos como quem junta retalhos num desenho vago. Um esboço. Entrei assim, pela primeira vez, no Hospital de Custódia. Levava alguma coisa de que

³¹ Originalmente os quatro versos finais precedem os quatro iniciais. Para efeito deste trabalho tomei a liberdade de invertê-los (decisão que, sem dúvida, encantaria o poeta).

gostava para ir ao encontro daquilo de que eles gostavam: a Ilha e as paisagens que ela envolvia.

Histórias da Ilha tomaram minha escuta e se desdobraram à medida que os pedaços de tecido se iam lentamente juntando, ganhando relevo e densidade no movimento de amarrar tiras produzindo correntes oceânicas que se metamorfoseavam em cabelos, túnicas se encarnando em vozes, risadas e silêncios: a Ilha e seu povoamento. Nesse tecer sem fio, agulha ou tesoura, escutei a amplitude de um exercício do detalhe, das passagens sutis que se experimentava a cada movimento dando a ilha sua movência e, também, sua consistência. Cada pedaço de tecido, cada gesto, cada risada ou palavra que com os tecidos se compunha tornava visível um mundo feito de Amazônia e Saara, de oceanos e rios, de casas e andanças que instauravam uma intensa circulação de vida no espaço mínimo do refeitório, no espaço mínimo de um gesto, de uma palavra: a ilha estava em toda parte e em parte alguma, a ela nunca se parava de chegar mesmo quando nela se chegava. O canto de Jorge de Lima diz disso. Diz desta força de engendrar mundos, de arrancá-los ao torpor.

Devo ter pensado que era assim e com isso que se começava uma história de navegação ou uma história de ilha ou uma história de oficina. Para começar basta um copo de mar para um homem navegar. O mapa, a paisagem, nunca vem antes.]

Força de engendrar mundos

Os versos de Jorge de Lima foram lidos na companhia da *Ilha Paraíso do Ciclo* e do *Arquipélago festivo*. Sentamos numa posição em que esses dois mapas fossem nossos

horizontes. Falaríamos deles, para eles, com eles (e pra além deles). Pediram para ler mais de uma vez o presente. Li e reli. Declamamos. Repetimos frases soltas: “mesmo sem naus e sem rumos...”.

Pensativo, Seu Dinaldo começa a se perguntar no poema: — *Será que todos os lugares estão no mapa? Eu não acredito*, diz Zeca. — *Eu acho que o mapa mente. Tem coisa que o mapa não pega. A gente ainda não imaginou tudo. Tem sempre um lugar a mais a imaginar. Tem sempre um lugar a chegar*. Seu Dinaldo empolgou-se com o poema.

*Há sempre um **corpo** no mar, isso seria o certo no poema*, diz Zeca. — *Um copo de mar é um braço de mar*, diz Seu Dinaldo emocionado com o presente. Disse-me, depois que tudo terminou que não esperava receber um presente em poesia. *Um copo de mar*, prosseguiu ele, — *e isso é o que a gente tem pra navegar e usar em nosso benefício. Uma pequenina lagoa já se desfaz em areia movediça*.

Retomava-se a poesia de Marrone (31) *na Ilha perdida sobre vários mapas, territórios esquecidos*. Alguém dizia da existência de ilhas que os mapas não conhecem e que são as ilhas desconhecidas. ... (silêncio em mim). — *Tenho certeza que elas existem*. E são incapturáveis? — *Claro*. A pergunta: é possível ainda, no contexto de alta tecnologia cartográfica, que uma ilha fique fora dos mapas? Há alguma terra ainda incapturável? De qual terra estavam falando, de quais ilhas... — *a nossa Ilha Paraíso do Ciclo, por exemplo*. Sim, (começa a fazer sentido, a criar alguma consistência) há muita terra incapturável. — *Tenho certeza que elas existem, estão escondidas e ninguém sabe delas*. Há muitas coisas que os mapas científicos *não pegam*. Alcançáramos até ali o poder de pensar desse modo. A Ilha da qual falavam era *Paraíso do Ciclo* e ela tinha consistência o bastante (forças) para fazer um pensamento irromper à

superfície e habitar o grupo. O lugar-ilha-paraíso-do-ciclo tinha sua geografia própria, *profunda, um copo de mar*.

As ilhas oceânicas trazem ao ar livre um movimento vindo de baixo: “algumas emergem lentamente, outras também desaparecem e retornam sem que haja tempo para anexá-las”. (Deleuze, 2006, p. 17) As ilhas oceânicas nos fazem lembrar que há terra sob o mar, e esta terra, por causas e razões próprias, congrega suas forças para romper a superfície.

Terminamos a manhã, mais uma vez, sem querer terminar. Os materiais foram guardados, a sacola estava dependurada no meu ombro e, no entanto, eles não me deixavam sair da sala. Ninguém me prendia, ninguém me segurava pelo braço, mas ninguém conseguia ir, nem eu, nem eles. De repente, não sei como, começamos a falar algumas palavras e expressões em inglês, espanhol e italiano. Riam muito decifrando códigos em outras línguas. Quem não sabia escutava atentamente e pegava carona na pergunta dos outros: — *como é isso em italiano e aquilo em inglês, isso é espanhol?* Ficamos juntos no refeitório até que alguém avisasse que não dava mais para permanecer; as panelas estavam chegando, os pratos de plástico azul amontoados sobre uma das mesas, as garrafas plásticas com água, o cheiro forte de comida entrando no refeitório. Nessa mistura de almoço chegando com o falar outra língua nos despedimos... — *adiós, hasta luego, addio, arrivederci, bye*.³²

Os dias passam. Retorno para outro encontro com novas proposições e eis que ainda encontro a Ilha no cartaz e o mapa da Ilha em pano presos à parede do refeitório. Fiquei

³² Essa conversa em outra língua rendeu durante alguns encontros. Escolhi letras de música cantadas por Mercedes Sosa como “Todo Cambia” e “Guitarra Dímelos Tú”. Traduzimos, cantamos, um paciente preferiu levar a letra ao pátio e pedir ajuda de um colega. Seguíamos falando e com a tradução, auxiliada por um pequeno dicionário e pelo paciente que falava espanhol, ampliava-se o repertório de palavras. Num outro dia o paciente que levava a letra para o pátio tinha em seu bolso a letra traduzida para me entregar. O papel estava bem marcado pelas dobras e pelo bolso, mas totalmente traduzido e ele entregou. “*Eu queria que a senhora visse que eu fiz*”.

surpresa com a conservação dos materiais. Um paciente disse: — *a senhora não precisa se preocupar, nós cuidamos bem das coisas aqui*. Achei tudo muito bonito, o cuidado deles para com as coisas que fazemos e, por outro lado, as lembranças, provenientes daquelas duas imagens da parede, fizeram-me ficar ali por alguns minutos admirando. Impossível olhar para elas sem ver as coisas que havíamos conversado nos três últimos encontros. Não era mais um desenho qualquer. Marrone seguiu compondo suas poesias, olhando para essas imagens, imaginando.

Às vezes dá sol, às vezes dá chuva parece casamento de viúva. Pensei em me dar bem, no fim me dei mal. Eu fiquei na ilha deserta muito triste, depois me alegrei e foi o fim. Não tinha peixe e perdeu o sentido no zunido das ondas, no som do luar. O barulho do silêncio dominava a minha amada que era sol de dia e chuva na madrugada. Porque viveu e teve esperança nas danças dos pássaros. Alegrou meu coração. Esta é a ilha onde a presença divina é existente, põe a morte para o fim e a vida no começo. Onde tudo que eu conheço não tem preço. Minha amada e eu, com sol e chuva acho que eu jamais ficarei viúvo. A pior viagem é viver e se arrepender de ser feliz. A ilha se acabou porque as pessoas terminaram com ela, assim ficou um deserto. Eu tão esperto falei pra todos da ilha... da ilha. E foi o fim de um começo e hoje deserto.

Marrone compôs o trecho acima ouvindo nossa conversa. Conversávamos sobre a experiência de ocupar a nossa Ilha deserta, sobre os objetos que levaríamos e as dificuldades em escolhê-los; antes disso falávamos das diferenças entre ilhas oceânicas e ilhas continentais

com o auxílio de um pequeno texto. Ainda inspirava-me no trabalho de Ana Godoy e seguíamos compondo uma conversa, como esta:

*Chegar ao fim de uma viagem [é o seu interior] e dar tudo errado é uma morte. Tudo se acabou na ilha. Deu tudo errado. Medo. Se a ilha virou deserto o Negão ficou sobre o deserto. Da ilha deserta ao deserto. Ilha de deserto. A ilha deserta é o paraíso. É preciso inventar o paraíso porque ele não existe mais. O paraíso deve ser o céu. Será que é bonito ir para o céu? **Aqui é tão bom!** A vida por mais que seja ruim a gente vai se levando. Há ilhas continentais e ilhas oceânicas. Uma se liga ao continente e a outra não. Nós fomos para uma ilha oceânica, aquela para onde levamos as nossas coisas. Levamos continente pra ilha oceânica?*

A Ilha continuava viva: — *aqui está a nossa Ilha, a Ilha que nós inventamos.* Os cartazes e o mapa de pano ficaram na parede até o fim da cola das fitas adesivas e deram chance para estudos, composições, imaginações. Havia todo *um mundo* no pano, no cartaz, que só era percebido por alguns, aqueles que participaram da invenção de grandezas intensivas. Quem desconhece esse processo encontra pouca referência nesses cartazes além de belas cores e algumas formas... . Não há legenda, sozinho ele não comunica a invenção (ufa, que bom!).

Os mitos aborígenes da Criação falam de seres totêmicos legendários que vagam pelo continente no Tempo do Sonho, cantando o nome de tudo o que cruzava o seu caminho – pássaros, animais, plantas, pedras, poços – e assim

dando existência ao mundo por meio do canto. (...) / “Um canto”, ele disse, “era tanto um mapa como um orientador direcional. Desde que você o conheça, sempre poderá encontrar seu caminho através do país.” (...) / Dando existência ao mundo pelo canto, ele disse, os Antepassados foram poetas no sentido original da *poesis*, como “criação”. (...) / Os aborígenes não podiam acreditar que a terra existisse até poderem vê-la e cantá-la – assim como, no Tempo do Sonho, a terra não existia até ser cantada pelos Antepassados. — “Então a terra”, eu disse, “deve existir primeiro como um conceito na mente? E depois ser cantada? Só então pode-se dizer que ela existe?” — “É isso.” — “Em outras palavras, *existir* é 'ser percebido'? — “Sim”.

[Bruce Chatwin, 1996, quarta capa e p. 24, 25 e 26]

Cartografia-festa

Não basta que tudo comece, é preciso que tudo se repita, uma vez encerrado o ciclo das combinações possíveis.

[Gilles Deleuze, 2006, p. 22]

Compor é desenhar um lugar, preestabelecer o que tem por lá, pôr algumas pedras, uma passagens, umas saídas, criar umas ranhuras que possam, quem sabe, atrapalhar uma visão que era clara. E este é o plano de composição pelo qual se passeia. A cada música um plano, a cada quadro um plano, a cada livro, poema, peça teatral, escultura, dança, sempre um novo plano. E as escutas, elas não são diferentes a cada vez que ouvimos até mesmo uma mesma música? Sim, são diferentes, o plano é cheio de acidentes e o modo como caminhamos por ele é que é sempre outro, não são as mesmas coisas

que as forças nos fazem conectar. O jogo de conectar é o jogo de fazer escuta; é a razão da diferença.

[Silvio Ferraz, 2005, p. 97]

Mais de um ano se passara desde a primeira vez em que o jogo das linhas fora proposto. Fixei em uma das paredes do refeitório um pedaço de papel pardo de aproximadamente 1,50 m por 1,20 m. Sobre ele não havia nada. — *O que é isso? — Pra que é isso?*

“Vamos começar um jogo?”, perguntei para os novos e os velhos integrantes do grupo das oficinas. O jogo de fazer linhas no papel, uma a cada vez. Uma linha, neste jogo, só pode começar quando e no ponto que a anterior terminar. Terminar uma linha é abandoná-la na hora em que o jogador decide que é o seu fim. Fim que é começo da linha seguinte. A regra consiste em cada um fazer apenas uma linha de cada vez, partindo da extremidade final da última grafada sobre o papel obedecendo a sua vez de jogar no círculo. A ordem dos jogadores seguiu o sentido anti-horário. Uma linha de cada vez, de qualquer comprimento, reta ou curva.

Feita a primeira rodada de linhas alguma coisa se mostra, com a segunda e a terceira rodadas já é possível ver um emaranhado delas de várias cores e, se quisermos, já é possível ver algumas formas quadradas, retangulares, circulares, elípticas. Com o término da terceira rodada passamos à escolha de áreas. Perguntei pelas áreas preferidas, pelas cores que colocariam. Com as áreas pintadas era possível ver imagens parecidas com... (37) e leva-se um tempo brincando de experimentar nome e forma: — *Isso parece a Lagoa da Conceição! Olha essa ponta, se não é? Eu não vejo nada disso aí, agora aqui em cima é o Rio Nilo, esse azul*

aqui ó. A Lagoa é alaranjada, o Rio azul, o pedaço preto é uma Mineradora, em verde é um pasto, campo de futebol.

Em volta da mesa outros desenhos dos internos que não participaram do jogo de linhas. Estávamos neste dia em vinte pessoas. Dez no jogo, outros cinco fazendo desenhos livres e outros dispersos pelo refeitório observando. Ao final os desenhistas colocam seus desenhos no jogo, compondo com o grande papel pardo e suas linhas. Riem juntos, e um tanto de novas suposições rolam. Nos desenhos feitos a parte havia um coelho, uma paisagem, um lobo que entram no grande papel pardo. Colados nas extremidades e portando um signo interagem com as linhas. Silêncio. Quase todos os olhos percorrem o campo à frente e cada um diz uma coisa sobre o que vê: — *Isso parece um quadro abstrato, um jogo da memória, um jogo sem fim, é um mapa territorial.*

Marrone diz que o que vê a sua frente é *um seu estado momentâneo*, esses riscos coloridos se parecem com: — *eu penso colorido. Isso é o mapa territorial do meu estado momentâneo.* Estica o canto da boca, um sorriso bem fininho aparece, seu olho acompanha esse movimento da boca. “*Mapa territorial dos nossos estados momentâneos*” virou, no movimento da oficina, um jogo de dobrar e desdobrar e adquiriu velocidade própria, arrastando a cada um com sua consistência para fazer um pensamento irromper à superfície e habitar o grupo. Uma geografia *profunda, um copo de mar. Adiante!*

A cada vez que desdobro “*mapa territorial de nossos estados momentâneos*” sobre alguma mesa no Hospital, algo se passa. Num desdobrar Elton, menino que trabalha na cozinha, parou: — *o que é isso, hein?* Deixei que percorresse as linhas, não respondi. Como responder a pergunta “o que é isso?” Ele ria, olhava, tentava com o dedo seguir alguma linha:

— *Ah, mas tá faltando nesse negócio uma coisa que eu gosto.* Perguntou se podia escrever e acrescentou: LED ZEPPELIN. — *Eu gosto pra caramba desses caras, tu conhece? Eu escrevi o nome da banda aqui porque é isso que isso daí tá parecendo, uma coisa desses caras, eles são muito loucos.* Elton adora rock pesado, sente saudades de ouvir Led Z. A cada movimento de abrir, fechar, dobrar e desdobrar, o cartaz aumentava, envolvia-se por mais camadas de sentidos. Havia nele espaço para entradas. Em qualquer parte podia-se produzir um começo, em qualquer parte uma ponta solta a espera de alguma pessoa, alguma coisa, novos começos.

Dobro.

Desdobro. Disponho sobre a mesa massa de modelar, papel de gramatura alta, tintas e pincéis. — *O que eu faço com essa massinha?* Andes pegou quase toda massa vermelha e, em silêncio, amassou até formar uma superfície fina, tipo pizza. Pensava, olhava para o mapa e cobria a área verde denominada, antes, de “pasto”. Enquanto amassava dizia que ali era a Próspera. Um bairro no município de Criciúma, ao sul de Santa Catarina. — *Eu moro aqui.* Cobrindo a área dizia estar fazendo sua casa. — *A minha casa é vermelha, eu pintaria todas as paredes de vermelho. Eu adoro vermelho, é a minha cor preferida. Têm muitas plantas, todas com flores vermelhas. Meu sobrinho moraria comigo mais meus amigos: Pedro, Tadeu e Mateus. Na minha casa nunca entraria a polícia porque eu solto os cachorros neles... a polícia é nervosa que nem o meu pai. ... A minha casa não fica sem um vaso na sala com um buquê de rosas”*

Ao terminar admira a superfície em vermelho com a marca dos seus dedos, pergunta se ficou bonita, mostra a parte de trás da casa onde tem uma varanda e pode-se avistar o lobo do mato.

— *O nome disso é 'minha casa'*. Ao final daquela tarde, quando estávamos guardando o papel, Marrone retirou a massa vermelha. Andes pulou com as mãos para cima da 'sua casa': — *Ah não! Não era pra desmanchar. Destruíram a minha casa. Ah não, eu vou fazer tudo de novo.* Juntou as massas espalhadas, de todas as cores que encontrou, e fez com elas uma bola deixando que o vermelho predominasse e começou a amassar de novo, — *agora é pra deixar ela aqui, vocês ouviram?*

A casa vermelha de Andes acolheria seus amigos: Mateus – com quem troca muitas palavras e ouve conselhos, com quem discorre sobre seus medos de voltar para a rua e cair no crack, no álcool – experimentou essas situações quando ficou poucos dias na rua, e Andes vê em Mateus uma referência na vida. Pedro, outro amigo que depende de seus cuidados, está numa cadeira de rodas. Não agüentando a vida de restrição que a prisão-hospital impõe, agarrou-se ao colchão no cubículo e ateou fogo. Agora, com grande parte do corpo queimado e com muitas dificuldades, é cuidado por Andes. — *A família não quer mais ele, por isso ele não vai embora.* Cabisbaixo Pedro escuta essas palavras e Andes termina dizendo: — *É igual a minha família. Por isso ajudo ele, por isso eu quero ele morando comigo.* Marcos, o outro amigo, é o paciente que não suporta viver com os demais e inventou um mini-pátio num pequeno corredor de passagem, uma cela sem teto onde passa o dia. Um cachimbo, um pacote de fumo e uma garrafa de água compõem seu material de sobrevivência diário. Seus dedos amarelados do fumo agarram-se as grades e ele grita por atenção numa fala enrolada, cortada,

incompreensível. Quando está em silêncio, com olhar parado e distante, sem movimentar os braços, está sob forte efeito da medicação. **Dobro.**

Desdobro. Antônio, paciente novo no grupo das oficinas deslumbrou-se com as massinhas de modelar. Na sua mudez perguntou com gestos se podia mexer. Modelou vários objetos e não parava de 'dizer' (com suas mãos, olhos, todo o corpo e um som que vinha da garganta *han han han*) coisas. Modelava um a um, escolhia cores, investia nos detalhes, escolhia o lugar no “mapa” para cada objeto: uma trave de futebol, uma bola, uma cama, uma cadeira, um rádio (retângulo branco, pontilhado pelo bico da caneta, de mais ou menos 3 cm por 1,5 cm) e um carro (azul, conversível, de rodas amarelas). Desenhou uma garagem, colocou o carro dentro dela e distribuiu os demais objetos. Distribuiu seus afetos: — *eu gosto de dirigir carro conversível, gosto de ouvir rádio e jogar bola. A consistência do mapa como território que abrigava esses movimentos do desejo: — eu saio da minha casa, que fica aqui, do lado dessa orquídea branca.* Antônio prossegue contando divertidamente sua história e inventa um novo jogo sobre o plano - “mapa dos nossos estados momentâneos”. Seus amigos me ajudam, (meus cartógrafos) dão palavras aos gestos, começo a me encontrar no mapa móvel, no território dos nossos estados momentâneos.

Aurélio distribui-se pelo mapa. — *Bom, eu saio por aqui, por este caminho e pego o carro do Antônio emprestado. Vou com o carro do Antônio até o campo de futebol, convido o Sandro - moço forte, bravo, que pouco participa das oficinas, mas quando viu o que viu, quando ouviu, se permitiu uma pequena parada e, de um modo bem restrito, experimenta.* Estava no canto da sala olhando atentamente, dizendo uma ou outra palavra desenhando um

submarino e colocou próximo ao mapa. — *Convido o Sandro pra jogar uma bolinha e depois dali nós sai, pára lá naquele banquinho pra tomar uma gelada e depois da gelada a gente vai descansar. A gente descansa nessa cama. Mas ali, a gente não sossega, nós vai lá no rio e nós levamos esse rádio pra escutar lá no rio Nilo. E lá tem um submarino, a gente dá uma passeada por ali e sobe no submarino dele e olhamos a paisagem. Não dá pra dar uns mergulho o rio é muito fundo. A gente vai no rasiño, depois da gente fazer isso, a gente vai ganhar um dinheiro e vai trabalhar na mineradora de carvão. Depois, nós vamos pro mundo.* Nesse momento Antônio interfere, quer seu carro de volta. — *Nós vamos jogar uma tarrafa lá do submarino*, diz Aurélio. Rimos muito porque é impossível jogar uma tarrafa do submarino; diz Sandro: — *Vocês não entendem nada de submarino*. Aurélio ria e ria muito e não dava ouvidos a Sandro: — *ah, deixa eu continuar minha viagem*.

Aurélio terminava seu trajeto e Marrone começava se perguntando: — *Aonde eu devo começar?* Respondi falando bem sério com ele: “o começo é seu. Comece pelo seu começo”. Marrone desmanchou-se em risos e eu também, todo mundo ria, todo mundo queria se distribuir no mapa.

— *Agora eu vou contar a minha história. Aqui eu estou em casa. Eu estou em casa. Esse branco - a orquídea da casa do Jeferson — é o meu dinheirinho no bolso.* (Muitos risos. A orquídea virou dinheiro.) — *Aí eu pego a bufunfa e vou no mercado. Aqui é o mercado. Aqui é mercado, esse vermelho e amarelinho. Vou no mercadinho e compro um nescauzinho ou senão eu compro um bategute e compro uma mortadela pra comer pura antes do meio dia. Aí eu vou pra casa. A casa é aqui. Chego em casa, ligo a televisão, gosto de curtir um filmezinho, um futebolzinho. Aí, de repente, a família chega e me convida pra ir pra casa de*

um parente de carro. Dou uma voltinha com eles, na volta passo na praia, sento à beira mar, fico olhando as mulheradas na beira mar, a água, se der vontade eu vou lá e tomo um banhinho. Ali é a água - apontando para a área azul na extremidade direita do mapa. — Depois quando eu volto pra casa eu olho no espelho e me lembro que eu tou sem dente. (muitos risos). Aí eu vou no dentista, o dentista é aqui ó. (onde se vê a trave de futebol). — Esse aqui é o dentinho que falta em mim (a bola de futebol). Antônio ri sem parar: — Mas isso é uma bola de futebol, diz o Sandro irritado. — É uma bola não, é o meu dentezinho. Aqui é o Shopping (apontando para uma região na linha vermelha na parte inferior do mapa), mas eu sem dinheiro não entro em Shopping. A gente não tem dinheiro, sabe aquelas coisas né, pobre é pobre. Pobre só vê, mas não compra. Daí, daqui eu vou pra casa. Chego em casa eu sento na frente de casa, e fico olhando o visual, depois a gente se reúne com a família pra se alegrar numa festinha. Aqui é a festinha, nesse coração. Daí daqui eu venho pra cá. Aqui, aqui (apontando para o lado esquerdo do mapa onde há uma área coberta por massa de modelar colorida no lugar da casa vermelha do Andes) é as coisas coloridas que eu gosto de pensar e escrever. Eu vivo escrevendo e aí acabou a história. Esse vermelho aí são as paixões mal resolvidas na minha vida. Todo mundo tem uma paixão mal resolvida, não têm?

Pergunto a Sandro qual o percurso faria. Não me responde nada. Torno a perguntar: “Você gostaria de ir a algum lugar?” Enfaticamente me diz: — *não*. “Nem em direção ao seu submarino?” — *Não, me deixa aqui*.

Aurélio queria saber se aquilo era abstrato. Não sei de onde saiu com essa questão. Enquanto eu já estava ouvindo (e gravando) novos percursos ele ainda continuava no seu. Pedi a Marrone que conversasse com Aurélio sobre essa questão. — *Isso, fala Marrone, é um*

cotidiano da pessoa. Eu prossigo: “Isso é o que nós estamos chamando de mapa. Toda essa imagem desenhada no papel é ou não abstrata? Fale mais disso para o Aurélio”. Insisti com Marrone por ele já ter-me dado elementos de que poderia abrir a questão. — Bom, desde que a imagem começa a sair das mãos da pessoa, da mente ou da cabeça da pessoa já não é mais uma imagem, já é uma coisa física, né? É uma matéria. Uma matéria, então mesmo os riscos aqui que a pessoa não entender direito, às vezes não tem uma aparência, de cara, quando a gente olha assim, agora já tem né. Tem matéria. Dá pra ver várias coisas, as casas, as estradas, o barzinho, o submarino, tudo isso aí que tamo falando. Pra mim isso não é abstrato.

Aquiles chegou nesse momento e ficou escutando e olhando. Meio desconfiado, como é do seu costume, fez algumas perguntas para saber o que estava acontecendo ali. Aquiles tem uma percepção aguçada para os termos da Geografia, é curioso e interessado. Pergunto o que faria no mapa. — *A senhora ficou me mostrando isso antes e eu achei que isso aqui era a Lagoa da Conceição. Essa parte laranja aqui. Mas não é muito parecido não. Mas isso é Florianópolis? Não é, né?* Aurélio pergunta a ele o que achou do seu coração. — *Tá legal, tá bem no centro do mapa. Se bem que coração fica a esquerda e aqui vocês botaram no meio, mas tem a ver também. E o que que esse cão do mato tá fazendo aqui? O que que vocês vão fazer com o cão do mato?* Aurélio responde a Aquiles que o cão do mato freqüenta a casa de Andes. Aquiles não se conteve: — *Casa do Andes? É, do Andes sim* - responde Aurélio. — *Aqui ó. Da varanda de trás ele vê esse lobo, mas eu vou comprar uma espingarda pra pegar o lobo.* (risos em gargalhadas) Marrone não se conteve: — *Mas o lobo só vai fazer alguma coisa de mau se fizerem pra ele também.*

Aquiles saiu da conversa porque queria saber sobre o estado momentâneo. — *Então, se é o nosso estado momentâneo, isso aqui é um estado como se fosse Santa Catarina, estado de território e não estado psicológico. O meu estado momentâneo. Tá então, e o Rio Nilo? Não trocaram o Rio Nilo por outro rio? Então, eu dizia que lá era a lagoa da Conceição, mas aí eu vi o Rio Nilo e não tem a ver com Santa Catarina ou tem? Será que do Rio Nilo escorreu água e fez a lagoa... Mas é estado momentâneo de que parte? De que lugar? Então, se já disseram Santa Catarina é Santa Catarina, né? Mas será que ele se refere a estados psicológicos?* Foi rindo muito que Marrone respondeu as indagações de Aquiles: — *Mas esse estado psicológico já tem carro, casa, estrada... - e Aquiles: — Tá pode ser, mas quem tá dentro do estado, todos tem um estado psicológico. Toda criatura que tá nesse estado, de Santa Catarina, por exemplo, tem seu estado psicológico.*

Alguém nos interrompe: — *Eu quero fazer um desenho fora desse mapa, isso aí tá muito cheio, pode?* Joel escolheu um canto do cartaz e desenhou uma árvore. Aquiles e Marrone seguiam conversando; Sandro, Aurélio e outros, em silêncio, olhavam, escutavam, riam baixo de vez em quando. Joel pendurou na copa da sua árvore uma série de quatro objetos: um carrinho preto, uma casa vermelha, um relógio azul e uma bola marrom aos quais chamou de *a força da natureza*. Saiu da sala, achou tudo que ouviu meio estranho. “*Eu fui daqui pra lá e encontrei fulano...*”; “*eu moro aqui*”; “*na parte de trás da casa do Andes tem um lobo*”; “*eu tomo cerveja aqui*”; “*esse aqui é o caminho que eu faço pra ir da minha casa até a casa do Andes*”; “*a bola dessa trave tá muito grande*”; “*eu jogo sempre que posso uma bolinha aqui*”; “*quando eu preciso de dinheiro eu trabalho na mineradora de carvão*”; “*esse rádio tá difícil. Só o Antônio pra dizer que isso é um rádio*”. Antônio ria e acenava com sua

mão um positivo, “é” ... ria-se muito e cada fala gerava outra e mais outra, o jogo continuava e o mapa ganhava cada vez mais consistência espacial. Impossível ignorar a existência da casa de Andes, o campo de futebol, os caminhos, os lugares, o carro, a mineradora... Aquilo era muita coisa e também não era nada para Joel. — *Eu acho que vocês tão louco?* - repetia antes de sair da sala. Riam-se mais um bocado e respondiam num tom de brincadeira gostoso de ouvir: — *tamo mesmo, e daí? se tu não vê a gente vê.* Dessa vez eu também via. **Dobro.**

Desdobro. Disponho sobre a mesa do refeitório. Aquiles e mais dois pacientes entram na sala. Observam, perguntam, comentam. Comentários divertidos porque impregnados dos percursos: — *aqui o Aurélio andou com o carro do Antônio; e ali tava o submarino...* Alguém pergunta mais uma vez se isso é um mapa. Aquiles pensa sobre essa pergunta: — *Virou um mapa, né? Mas não era no começo.* Penso comigo mesma: “como alguma coisa vira mapa?” — *Porque aqui é uma mineradora, ali a casa do Antônio, ali a do Andes e tem uma distância entre esses lugares. Aqui tá o Rio Nilo, a Lagoa da Conceição...* Aquiles tenta entender porque virou um mapa; quando suas palavras perdem a velocidade, baixam de tom e entre uma e outra frase aparecem lacunas de silêncio. — *Engraçado, acho que não tem mais nada disso que eu tou falando. Tem que ter pessoas falando e sem elas isso deixa de ser mapa. Vai criando um mapa, com isso e aquilo* (apontando para as coisas distribuídas e lembrando os percursos), *sem as pessoas parece que não vai. Ó aqui esse pasto. Pasto?* - interroga um paciente. — *Eu tou aqui dizendo que é pasto e não é mais pasto é a casa do Andes.*

O sentido dessas imaginações que criam espaços e se deslocam está colada na experimentação, fora dela são emaranhados de linhas ou como dizia alguém, um desenho

cego. É mapa porque estamos juntos afirmando, se parece com um pelas linhas, pelos limites, pelas áreas; se parece com um mapa da geografia, mas difere pela sua capacidade comunicante. Como nos diz Aquiles, sozinho isso não funciona, perde forças, não é mapa.

Almir estava olhando há algum tempo para o mapa; escutando as conversas, ria, olhava desconfiado. Almir é do grupo dos mudos, mas sei pelos seus conhecidos que ele fala; eu ainda não escutei sua voz. Gosta de desenhar e escrever. Acenou com o dedo polegar dizendo que queria fazer alguma coisa e, pedindo licença, pegou folha branca e lápis colorido e sentou-se num canto da sala. Quando terminou mostrou o que fez apontando para o mapa: um barco com uma bandeira de pirata numa noite de estrela, apenas uma estrela e uma nuvem, um peixe fora d'água num pulo. Várias linhas de ondulações. Uma frase: – *estou num barco a rolar*. Tudo que vem do Almir é assim, carregado de uma solidão, coberto por camadas e camadas de tentativas de dizer para alguém que não precisa estar ali. Suas inúmeras cartas enviadas ao Juiz dizem isso. Não é mudo, mas teve a língua carregada, como diz sua frase ao me responder por que não podia conversar: – *a, sabe, polisada carregou a língua* (38).

Perguntei sobre o lugar de seu desenho no mapa. Balançou o corpo mexendo os ombros, como de costume, e me deu um sinal que eu li como “tanto faz”. Apontou com o indicador para todos os cantos do mapa. Dei-me conta que não era tanto faz e sim todos os cantos do mapa. **Dobro.**

Desdobro. Penduro-o na parede. Sem que eu os chamasse entram na sala alguns pacientes, um deles de retorno. Viam-me passando pelo corredor e avisam os agentes que precisavam me seguir. Os agentes já sabiam que sim. O grupo estava menor, segui apenas com

os pacientes que, como eu, não conseguiam parar o movimento de dobrar/desdobrar. A partir de um determinado momento não precisei mais usar as listas de chamada.

Entra na sala Xuxa. Estava muito magro e de rosto abatido; ficou um ano fora do Hospital; estava preso em Joinville e de lá foi mandado para cá. Ficou pouco tempo na rua, não mais que cinco meses, voltou para o presídio e depois para o Hospital. A rotina é mais ou menos assim para quase todos que saem. Voltar. — *Você ainda está por aqui, o que que tá fazendo agora? Deixa eu ficar aqui, deixa, por favor.* Estava mais rápido do que o conhecia. Os músculos do rosto tremiam, os olhos corriam para todos os lados, os braços, as pernas, a cabeça, os pés, era como se estivesse correndo parado. Coisas do retorno recente: doses super fortes de medicação, dez dias trancados no cubículo. Estava saindo do cubículo naquela semana. — *Tô mais magro, né? Os caras me pegaram de novo.*

Estão juntos no refeitório: Xuxa, Andes, Águia e Nivaldo. O “*mapa dos nossos estados momentâneos*” está pendurado na parede, conversamos mais uma vez sobre o desenho e de como foi feito. Andes ajuda a responder as perguntas vindas principalmente de Xuxa: — *Ai que legal, que bonitinho, é um mapa de verdade ou vocês que inventaram?* (Risos) Respondi que é um mapa de verdade das coisas que inventamos. — *Mas se vocês inventaram não é de verdade* - insistia Xuxa. — *Claro que é*, disse Andes, agarrado a um pedaço de papel e a um lápis vermelho.

Nivaldo pediu para escrever: — *eu não sei fazer um mapa, mas eu tenho uma coisa pra dizer para os outros, quero que saibam o que estou pensando. Posso dizer? Dá para botar aí nesse da parede e depois no jornalzinho?* Muito falante, deve ter quarenta anos, seu porte físico corresponde aos exercícios que faz em seu cubículo com garrafas de refrigerante cheias

de água. Inventa exercícios físicos, inventa poesias, inventa histórias, inventa instrumentos e apresenta soluções para o Hospital. Com um pensamento na ponta da língua ditou para que eu escrevesse. Não que ele não escreva, mas preferiu assim. Fiz o que pude com a caneta pra dar conta da sua velocidade.

Eu, Nivaldo, internado no HCTP venho declarar o seguinte problema: estou preso há dois anos sem fazer nada. Sou um bom hortigranjeiro, entendo de implantação de estufa, mas vejo tanta terra aqui do meu lado criando mato. Sendo que aqui tem 120 pacientes (eu digo antes dele e ele me diz) não, são internos. Sendo que aqui tem 120 internos sem fazer nada e loucos para trabalhar, mas não deixam. Por quê? Quanto alimento nós poderíamos produzir em um ano. Sendo que eu, no interior produzo 1000 sacos sozinho de milho e 50 de feijão. Imaginem 150 pessoas fazendo isso. Quanto daria? Então, me ajudem a tomar uma atitude, deixe nós trabalhar porque se ficarmos assim sem trabalhar vamos ficar mais furiosos. Cuidado conosco! Imaginem um cara que nem eu, doente mental, sem trabalhar? Por que não me dão serviço? Sou condenado por um defeito mental. Sem serviço e sem dinheiro, imagine o que eu não vou fazer para defender meu pão? É claro que eu vou roubar, assaltar ou fazer coisa mais terrível. Dê liberdade para eu plantar do lado do hospital!

Estava ofegante. Estávamos. — *É isso, e agora eu vou fazer o mapa da minha fazenda, lá em Xanxere.* Queria que eu mostrasse seu texto às autoridades, queria que o colocasse no jornalzinho. E tudo acontece ao mesmo tempo. Ouço Nivaldo; Águia me chama pra mostrar seus desenhos que parecem mandalas; Xuxa quer falar do seu desenho; Andes quer mostrar

sua casa. A escrita não dá conta disso, embora eu diga das simultaneidades dessas situações, elas parecem ter acontecido cada uma no seu tempo, como se uma respeitasse o término da outra. Frequentemente estou ouvindo três coisas ao mesmo tempo e olhando outra. No texto, ordeno as idéias de modo a facilitar o entendimento, lá eu uso as minhas mãos pra poder entender e deixar que cada um fale sem perder o instante da fala, as velocidades. Seguro uma fala, pulo para outra em vias de sair, paro e retenho algumas que suponho necessitarem de mais tempo, deixo outras saírem, passarem. Tudo com as mãos, como numa regência. De repente você se vê assim, coordenando ritmos. Um turbilhão de idéias, como num grande coro, e estamos em cinco pessoas.

Andes me entrega uma casa vermelha. Xuxa pegou uma folha branca e em poucos minutos deixou ela toda colorida. Linhas emaranhadas em preto, vermelho, azul, marrom, verde. No centro inferior da folha um pé, uma passada larga indo pra a esquerda no desenho. — *O pé do viajante* - disse. — *O pé de quem é uma viagem*. A folha foi preenchida por inteiro com cores fortes (39). Faz o mesmo com outra folha e não consegue parar, sua velocidade é chocante. Alguém, ao lado dele, me diz rindo: — *ele tá louquinho, louquinho de tanto remédio*. Impossível calcular a velocidade de Xuxa. Ele não ouve o que diz seu colega, se ouve não dá chance, ocupa seu tempo nas folhas e sem parar usa uma cor após outra, amassa os lápis, esfrega os lápis, passa de uma cor a outra. Termina de preencher um lado (40a), vira a folha e continua do outro lado com um azul intenso e um pouco de amarelo (40b). Só parou quando coloquei minha mão sobre a dele. Conversamos no ritmo dele sobre seu papel colorido. Não conseguia ficar parado. Peguei sua segunda folha e perguntei por onde poderia começar a olhar, qual era o lado um: — *isso não teve começo e nem fim, isso não pára, só pára*

quando a gente interrompe. Quando alguém de fora interrompe. Continua. — Esse desenho (referindo-se ao primeiro 39) quer dizer que eu sou uma viagem de ida e volta para o hospital. Eu viajo na minha mente. O nome desse mapa é uma viagem sem volta para a rua. O povo, eu, todo mundo é igual a uma folha seca. Onde o vento bate eu vou, nós vamos. “E quando não bate vento?” - pergunto. — Eu fico no hospital. Continua - dizia ele me pedindo - faz mais pergunta pra mim. Começo a fazê-las. “Tá bom. Pra que serve o hospital?” — Pra se tratar, pra arrumar a mala da viagem (risos). A viagem pra ver o universo. Dentro da mala eu levo a minha viagem. No universo tem Deus. “Como é Deus?” — Deus? Deus é bonito. “De onde vem Deus?” — Do infinito. “Como é o infinito?” — Sempre existiu. É infinito. O que sempre existiu é porque é um mistério. “O que é um mistério? O que é um mapa? O que é...?” — É o que ninguém consegue revelar. Só Deus que é meu pai. E o mapa é onde nós estamos localizados, é como uma bússola. Um mapa é um rumo na nossa viagem. É uma viagem. Essa rede roxa é um pala, uma manta pra se cobrir do frio, pra deitar no chão, pra um monte de coisa. Eu viajo de bicicleta. Eu vivo viajando. No final das contas o mapa é uma viagem. Cadê o céu? Ninguém descobriu. Eu já sei é o planeta Marte. Lá onde a minha viagem parou de viajar. Lá vou ficar pra sempre. Eternamente em Marte. Lá não tem tristeza, nem dor, nem rancor. Lá é o paraíso. Este mundo está perdido. Eu vou entrar em Marte que é o céu, porque eu tenho ordem do meu pai. Perguntei se colocaria seu mapa perto de alguma região específica do “mapa dos nossos estados momentâneos” — O meu não cabe aí. O meu é 100x maior que esse, ele é 100x maior que o mundo. Este é o meu mundo. Insisto com ele que o da parede é maior, portanto o seu estaria dentro dele. Ele concordou, mas disse que tamanho não é

documento. Faz um xis num ponto do seu mapa e apontando para o grande mapa na parede diz: — *isso tudo é só um pontinho nesse meu mapa.*

O segundo desenho de Xuxa é o planeta Marte (40a e b). Lá têm água, bichos, plantas e é maior que o rio Amazonas, sendo por sua vez trezentas vezes maior que o desenho do viajante e muito maior que o nosso mapa da parede. Tudo com aquela velocidade que lhe é peculiar, velocidade de pensamento e de movimento corporal: — *um pé tá em Marte e o outro na terra porque eu vou e volto. Sou o grande viajante. Sigo com mais algumas perguntas: “Como é ser um grande viajante?” — Ele viaja o mundo inteiro pela terra e pelo universo.* Depois de um tempo pergunto por seus medicamentos e se está tudo bem ele ri muito e fala: — *1 alaranjadinha de 100 mg, 2 amarelinhas de manhã, 1 haldol à noite, 1 haldol de manhã. Tudo bem coloridinha, bem bontinha.* Parou e sentou-se no chão embaixo dos mapas. Parou, parecia cansado. Descansou.

Desdobrado e fixo na parede o mapa seguia movimentando interessados, servindo a novos percursos. Sim, porque o mapa tinha consistência para que emergissem deslocamentos, percursos. Encontro-me com Marrone que havia lido “Um artista da fome” de Franz Kafka, por minha sugestão. Ocupou um lugar em frente aos mapas e falou sobre o livro a Andes, Almir, Vânio, Águia. Contou que o jejuador do livro desistiu de comer porque estava com depressão. E que todos nós perdemos a fome quando não estamos bem. Reli um trecho:

— Porque sou forçado a jejuar, não posso evitá-lo — afirmou o jejuador./ — Isso já se vê — concordou o inspetor — mas por que não pode evitá-lo?! — Porque — disse o artista da fome, levantando um pouco a cabeça e falando na própria

orelha do inspetor para que suas palavras não se perdessem, com lábios alargados como se fosse dar um beijo – porque não pude encontrar comida que me agradasse. Se a tivesse encontrado, pode acreditar, não teria feito nenhuma promessa e ter-me-ia fartado como você e todos os seus companheiros.

[Kafka, 1976, p. 156]

Andes pergunta se o jejuador era como o Almir, o mudo. Almir que estava atento a história do jejuador mostra com a mão, insistentemente, quatro dedos; acenava um sim com a cabeça, mas eu não conseguia entender o que dizia. Estávamos falando do jejuador do Kafka e o mudo 'entra na conversa'. Com a ajuda dos meninos (meus cartógrafos) consegui entender o que dizia com aqueles quatro dedos. Ele estava há quatro dias sem comer. Apenas tomando os remédios e a água para engoli-los. Fui engolida por aquela situação, pelo encontro do livro do Kafka e o mudo-jejuador. Continuei em silêncio, prestando atenção aos conselhos que davam ao mudo. Quando consegui dizer alguma coisa, depois de um silêncio necessário àquela situação, perguntei ao Almir pelos seus motivos para não comer. Com o punho fechado, usando apenas o indicador da mão direita, apontou para o besouro verde de bolinhas pretas na capa do livro de Kafka e, novamente, acenou um sim. Seu sim era como se eu estivesse lendo o trecho: “porque não pude encontrar comida que me agradasse. Se a tivesse encontrado, pode acreditar,...”. (Kafka, 1976, p. 156)

Senta ao meu lado e continua participando da conversa, agora mais interessado, e a impressão era de que estávamos falando a mesma língua. Estava tudo tão sério, tão triste. Da comida passaram a falar do remédio e do quanto não correspondem ao desempenho que uma mulher exige de um homem. Marrone falava calmo, muito devagar: — *Eu perco as namoradas*

porque elas querem que eu atue todos os dias e não dou conta. Faz dez anos que eu tomo esses remédios e a gente fica diferente. O legal seria se a gente arranjasse uma namorada que também tomasse remédio daí ela ia nos entender (muitos risos). “O que o remédio faz em você?” - pergunto. — Ah, ele tira muito da nossa força, diminui a vontade, dá muita sonolência. Cada um dizia uma frase e todos concordavam com todas. Em suma diziam: Os comprimidos aumentam a vontade de comer e diminuem a vontade de se mexer. Almir 'entra na conversa', novamente usa a mão, fecha a palma e com o indicador faz um curva para baixo e todos riem muito. Levo um tempo pra entender, mas não precisei de tradução. Rimos muito.

Na saída voltam-me palavras de um agente prisional sobre a relação Hospital e prisão: ... — *isso se parece com um presídio só que nós não usamos algemas, algema aqui é o medicamento. Qualquer coisa agressiva deles a gente pede aos enfermeiros que apliquem algo na veia e o paciente se acalma. Alguns demoram porque são muito fortes, outros caem na hora, mas o medicamento é forte. É que esses caras são muito fortes.*

Desdobrado. Volto ao Hospital para uma festa de Páscoa uma semana depois do encontro com o livro do Kafka. No refeitório aconteciam os preparativos e encontro-me com as pessoas que faziam de tudo para a festa ficar legal: assistentes sociais, professoras, agentes de segurança, senhoras voluntárias da comunidade parentes de algum paciente, enfermeiras e a psicóloga. Encontro também um paciente que não participa do meu grupo, mas sempre me cumprimenta de um modo bonito, sorridente. Estava distraído olhando nosso mapa. Seu corpo quase colado a parede. O dedo indicador corria pelas linhas do mapa e parava em partes preenchidas pelas cores. Com seu jeito de criança abandonada, brincava nas linhas como se

tivesse empurrando um carrinho. De uma das pontas da mesa observo o percurso. Parecia alguém planejando uma viagem, traçando uma rota, calculando distâncias, decidindo caminhos. Chego mais perto e ele bate com o dedo em algumas áreas querendo dizer alguma coisa. Não consigo compreender exceto que há alguma coisa naquele lugar dos “dois corações” que ele insiste.

Medo me observava observando esse paciente. Medo é um paciente de retorno e está cada vez mais irritado com a instituição, está cansado dela. Quando pode chegou mais perto e perguntou se aquilo era um mapa. Devolvi a pergunta: — *É sim!* - respondeu. “Por quê?” - perguntei. — *Tem divisória. Aqui divide uma coisa da outra. O que é isso aqui?* “Uma mineradora”. — *E isso?* “A casa do Andes...” Fui mostrando o que lembrava percorrendo o mapa com ele. E ele, me seguindo, perguntando sobre os estados momentâneos, ao mesmo tempo em que me mostrava lugares com limites, com cores. Medo diz que é um mapa, pois cada lugar tem uma cor, um limite e um tipo de preenchimento. Perguntava se era um Estado ou um ‘estado momentâneo’, como mostrava o título do mapa. Meu indicador apontou para o estado vermelho forte e o dele para o azul. — *Eu sou esse azul. Um pássaro azul, aqui está a cabeça e aqui uma grande asa é o grande pássaro azul voando.* “Voando para onde?” - perguntei. — *Para o norte. Só sendo um pássaro gigante pra sair daqui.* Rimos juntos da situação. — *Quem cai num lugar como esse não sai nunca mais.* Dizia que seu pedido de liberdade fora negado porque são muitas entradas no Hospital e o médico confundiu suas oito internações com dez. — *É que pra ele não faz diferença, eu tentei explicar, mas eles não querem ouvir a gente. Quando a gente cai aqui perde o poder da palavra.*

— Ana, como se chama o nome daquele amor que a gente não realiza? “Amor platônico?” — *Esse mesmo*. Apontou para o mapa, disse que era bonito, que quer voltar a escrever, propriamente a descrever; sua mão repousava sobre sua cabeça, seus olhos distantes fitando o azul do pássaro. Após ouvi-lo pedi que descrevesse então aquela imagem na parede, o mapa.

Mapa territorial do estado do ser/ Ser um caracol é ir no labirinto do estado normal do ser fitado por um grande olhar sereno e firme, como a barra das curvas da Laguna, sensata. Isso serve para combinar as coisas imprevisíveis e simples, traçar ou girar um lápis faço dois corações, espelhando a realeza da vida refletida nos caracóis do mapa do meu ser./ Cada dia o mapa muda simultaneamente com os dados do cotidiano, do dia a dia,...

Quão longe foram essas linhas e a cada dia, como escreve Medo, o mapa, a composição das linhas, *mudava simultaneamente* (mudávamos e o mapa mudava) *com os dados do cotidiano*. O mapa era puro efeito desses encontros; sem eles, como nos dizia Aquiles, *sem as pessoas isso deixa de ser mapa*. Ele é a cartografia dos deslocamentos feitos por essas pessoas. Mapa-movimento. Mapa móvel. Xuxa já anunciava: *no final das contas o mapa é uma viagem*. E, nesse sentido, “há sempre um copo de mar para um homem navegar”, como canta o verso de Jorge de Lima.

Desdobrado. Um mapa da cartografia científica é bidimensional e é feito de signos gráficos. As informações estão representadas por meio de símbolos, cores, linhas, simbologias

da cartografia para informar sobre o espaço. Essas simbologias seguem padrões universais, portanto, os mapas da cartografia científica querem comunicar universais, precisam comunicar. Uma cor não é uma cor aleatória distribuída sobre ele, é uma cor padrão que especifica regiões, altitudes; há os círculos, os pontos, as linhas pontilhadas, as linhas uniformes etc. A primeira relação que os meninos fazem nas oficinas dos desenhos com os mapas vai nessa direção. Todo desenho que apresentar em sua bidimensionalidade certo padrão de distribuição de linhas, áreas com cores diferenciadas, limites entre uma área e outra, se parecerá com a forma-mapa ou imagem-mapa. Forma esta grafada nas nossas estruturas mentais pelas aulas de geografia e pela maneira como nossa sociedade associa geografia a mapas. O que esses mapas carregam é o poder de representar o real, de dizer a verdade. A imagem de um lugar é produzida por radares, satélites, aviões, máquinas fotográficas e transformada, pós-produzida, em informação geográfica do lugar em estudo, do mundo, portanto, já não é mais a coisa na sua dinâmica espacial, na sua simultaneidade, no seu coetâneo. Há uma naturalização das coisas distribuídas nos mapas e, à medida que essa naturalização acontece, os mapas perdem as densidades do que apresentam, purificam o espaço, preocupam-se com os fixos da paisagem. As naturalizações da imagem-mapa, da geografia com mapa, dos símbolos cartográficos levam a outras naturalizações.

A naturalidade com que se escreve a história das conquistas das Terras no Novo Mundo pela Coroa Espanhola é desses fatos que ajudam a pensar a força das palavras sobre marcações no território. Corrêa abre seu livro **Educação, comunicação, anarquia: procedências da sociedade de controle no Brasil** com um trecho, uma pequena história montada a partir dos diários da descoberta da América de Cristovão Colombo. Nele trata-se do

ocorrido no dia 11 de outubro de 1492, quando os tripulantes da expedição vinda da Espanha desembarcam nas Índias para a tomada de posse das terras recém-descobertas. “O Almirante chamou os dois comandantes e demais acompanhantes, e Rodrigo de Escovedo, escrivão de toda a armada, e Rodrigo Sánchez de Segovia, e pediu que lhe dessem por fé e testemunho como ele, diante de todos, tomava, como de fato tomou, posse da ilha em nome de El-Rei e da rainha, seus soberanos...”.³³ (Corrêa, 2006, p. 12)

Palavras pronunciadas num ritual solene, junto a testemunhas, e sob a bandeira real adquirem força de poder dizer das coisas sem que nada no território tivesse se alterado, “nem a direção da mais leve brisa”. No entanto, tudo ali adquire outra vida e “tudo muda violentamente”. Até hoje, como nos diz Corrêa, insistimos que aquelas terras pertenceram à Coroa. “Escrevemos com surpreendente naturalidade a história dessas conquistas inauguradas pelo simples ato de falar, seguido do registro escrito: o documento cabal da posse”. (Corrêa, 2006, p. 12)

Como palavras, ditas à luz de um ritual solene de época de conquistas, podem ainda ter forças de composição com o que estamos desdobrando aqui? Ainda trato da possibilidade de esquecermos certos detalhes, e da importância do esquecimento como parte da naturalização das coisas do mundo, como se elas fossem óbvias e não contivessem em si outros interesses políticos. Trato deste esquecimento reativo que incita uma capitalização da memória bloqueando as experimentações.

Antes de retomar volto ao dobrar-desdobrar das linhas nas superfícies esvaziadas de papel ao longo do movimento na oficina que apresentei até aqui. Perguntava-me, maravilhada

³³ Colombo, C. **Diários da descoberta da América: as quatro viagens e o testamento**. Trad. Milton Person. Porto Alegre: L&PM, 1991, p. 52-53. In: Corrêa, 2006.

diante do que aconteceu: “como pode um monte de linhas coloridas, áreas pintadas numa estrutura bidimensional produzir tanto movimento, envolver por demais as pessoas que sobre ela se debruçavam, ocupando tempos em deslocamentos?”. Poderia ter dobrado essa superfície e guardado, mas não conseguia. Apenas me perguntava como isso permitia tantos vôos, esse plano, esse mapa, esse território, era o “o copo de mar que um homem precisa para navegar?”

Ao mesmo tempo, olhando para qualquer mapa escolar, podia fazer a mesma pergunta: “como as linhas, cores e símbolos nestes mapas oficiais podem ir, facilmente, tão longe?”. A Linha do Tratado de Tordesilhas, linha imaginária, não é uma linha no território, como a linha de uma estrada ou de um rio. O Brasil não havia sido descoberto quando a demarcação imaginária do Tratado de Tordesilhas foi consolidada: terras situadas até 370 léguas a oeste do Cabo Verde pertenciam a Portugal e as linhas a oeste desta pertenciam à Espanha. A linha de Tordesilhas é, no sentido cartográfico, uma forte marcação de lutas e disputas de poder pela ocupação do território do que ainda não havia sido descoberto. Há disputas no território por demarcação de novas linhas até hoje. Linha intensiva? (?) Opressiva? Autoritária? A linha pode ser feita de tudo isso. Linha sobre a qual professores e professoras, apoiados por seus livros didáticos no Brasil, insistem em ensinar aos seus alunos, afastando do seu ensinamento as densidades das forças desiguais pelo poder do território. Podemos seguir da linha imaginária do Tratado de Tordesilhas e ver todo o sistema de formação e demarcação das capitânicas hereditárias. A linha Tordesilhas serviu de ponto limite para essa nova demarcação desigual do território onde era necessário combater (massacrar) os índios que tentavam resistir à ocupação. Linhas de massacres, linhas marcadas a sangue. Conforme Corrêa, “as terras, as gentes e as outras coisas existentes no Novo Mundo não pertencem mais às Coroas da Europa.

Livres, pode-se dizer, dos tiranos, estas paragens são agora distribuídas em Estados. Palavras como México, Brasil, Chile etc. dão nome a essas divisões, a essas extensões e seus limites. Dentro dos Estados, e entre eles, o regime de governo, as leis: as palavras com as quais insistimos em dar consistência ao nosso pertencimento, à nossa participação no fenômeno do governo. As palavras, essas redes imateriais que capturaram e arrastaram vidas, nos permitem, facilmente, ir longe demais”. (Corrêa, 2006, p. 12)

Ao se referir ao poder de verdade que os mapas comportam, Girardi (2009) fala das referências utilizadas nos mapas e reconhecíveis pela experiência humana como natureza do território ou do lugar. “A localização e os atributos dos objetos, fatos ou fenômenos, e o recorte da área, transformam-se nos fios que tecem um discurso territorial”. (Girardi, 2009, p. 153) Coloca ainda que o parâmetro para a imposição da verdade do discurso do mapa é a naturalização, pois. “o desejo do mapa é ser tomado como a prova de que algo existe daquela forma que ali está grafado. Todo mapa deseja que olhemos seus signos não como algo grafado numa superfície, mas como a própria superfície manifestada diante de nós. Em seu modo particular de arranjar sinais gráficos, aos quais se atribuem significados sobre uma superfície plana, o mapa, em verdade, dá existência para aquilo que quer ‘representar’ (...)”. (Girardi, 2009, p. 153) Todavia essas linhas são fixas e não acompanham os movimentos, as lutas. O mapa científico é um documento (registro) fixo, fixado por alguns padrões de elaboração.

Os mapas de intensidade (sem fixos) produzidos pela exploração dos meios, apoiados em autores que pensam o mapa para além das extensões, para além dos trajetos, o pensam como devir. Os mapas, se não devem ser compreendidos exclusivamente em extensão, em relação a um espaço constituído por trajetos, é porque existem também os mapas de

intensidade, de densidade, do que subtende o trajeto, do que preenche o espaço. Os mapas de intensidade são marcados pela distribuição de afetos. “O pequeno Hans define um cavalo traçando uma lista de afetos, ativos e passivos: possuir um grande faz pipi, arrastar cargas pesadas, ter viseiras, morder, cair, ser chicoteado, fazer charivari com suas patas. É essa distribuição de afetos (onde o faz-pipi desempenha uma função de transformador, de conversor) que constitui um mapa de intensidade. É sempre uma constelação afetiva”. (Deleuze, 1997, p. 76) É o mapa das intensidades (ou das forças) “que distribui os afetos, cuja ligação e valência constituem a cada vez a imagem do corpo, imagem sempre remanejável ou transformável em função das constelações afetivas que o determinam”. (Deleuze, 1997, p. 77) Ele não porta uma imagem prévia, uma derivação do corpo, tipo um antes e um depois. Um mapa intensivo, uma lista de afetos ou constelações, é um devir. Nesse sentido “o pequeno Hans não forma com o cavalo uma representação inconsciente do pai, mas é arrastado num devir-cavalo ao qual os pais se opõem. A imagem não é só trajeto, mas devir. O devir é o que subtende o trajeto, como as forças intensivas subtendem as forças motrizes”. (Deleuze, 1997, p. 77)

É o devir que faz dos trajetos nas oficinas uma viagem. Intensiva viagem feita no mesmo lugar. Não imitamos o desenhista, o escritor, o mapeador, o cartógrafo, a fuga, o mar, a Ilha, o barco, mas experimentamos *um tornar-se* alguma outra coisa no desenhar, no escrever e no escrever sem saber escrever, no mapear, no mar, na Ilha...

Daqui para frente interessa muito mais a cartografia como “um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo em que os movimentos de transformação da paisagem”. (Rolnik, 1989, p.15) O cartógrafo se dá conta da profusão de processos e também da

impotência da sua cartografia para mapear isso tudo e entra, sem saber, num devir cartográfico. Partículas com forças de cartógrafo se movimentam e o cartógrafo aqui se agita nessas forças, com essas forças. “Um devir é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade”. (Deleuze e Parnet, 1998, p. 10) Também não são dois termos que se alteram. Para a pergunta “o que você está se tornando” (Deleuze e Parnet, 1998, p. 10) eles respondem que “à medida que alguém se torna, o que ele se torna muda tanto quanto ele próprio”. (Deleuze e Parnet, 1998, p. 10)

Paisagens

A surpresa é aquele momento, como nos diz Ferraz “em que alguma coisa foge da ladainha – uma sonoridade leva para outro espaço de ressonância”. (Ferraz, 2005, p. 37) Foram lançadas propostas e situações criativas – do desenho do seu lugar, ao desenho o mundo, da pergunta o que é meio ambiente ao jogo de linhas, às paisagens que se sente – e em meio a todas elas alguma coisa se apresentava como inaugural de alguma outra que não era propriamente o que se esperava como resposta. Respostas fugidias que exigiram do trabalho, desde o seu começo, a invenção de situações que encaminhavam aos deslocamentos intensivos. Mesmo enquanto oferecia propostas pouco criativas recebia respostas fugidias que arrastavam a questão de sua fixidez. Sempre um coelho que desmanchava uma uniformidade, os números repetidos, depois, enquanto pedia para desenhar o seu lugar, uma labareda tribal como lugar nenhum e o desenhista me oferecia uma rosa (como desenho de lugar) para um

amigo que transmitiu um vírus... Desmanchavam-se paisagens tornando outras possíveis. O jogo de linhas é uma abertura a esses elementos surpresa, que por sua vez, são operadores das novas paisagens.

Compor com linhas um mundo. Linhas simples, traçadas coletivamente construíram casas, chão, território, abrigo para Paraíso do Ciclo, Arquipélago Festivo e Mapa dos Nossos Estados Momentâneos; barco e jangada navegados a partir de um copo de mar... O movimento no jogo das linhas marca o início de movimentos para além do encontro nas oficinas, como a elaboração da série de desenhos de mandalas, os escritos para um jornal, para livros. Surgem, ainda, nesse movimento outros: eu sei fazer submarino; eu entendo de plantas; eu gosto de geografia; de poesia; eu escrevo poesia; eu quero escrever um editorial; eu não consigo escrever aqui; a maravilha de poder ficar imaginando; a casa vermelha que acolhe amigos abandonados; o encontro entre jejuadores; as soluções das fotografias; estradas que levam á mineradora e ao mar; um carro conversível; um rádio; uma bola. “Compor é desenhar uma casa, preestabelecer o que têm por lá (...). É este o plano de composição pelo qual se passeia”. (Ferraz, 2005, p. 97) Distribuem-se por esse plano distribuindo seus afetos. Uma estrutura esférica de massa de modelar branca pode ser bola e dente, orquídea e dinheiro, uma área azul pode ser pássaro, bicho que pode levar pra longe, poder ir tão longe com essas linhas e, no final, como lembra Xuxa, *no final das contas o mapa é uma viagem*. O mapa intensivo é uma constelação afetiva.

Oficina é um encontro. Atingiu-se o ponto em que a oficina é encontro de alguma coisa e pessoas que querem encontrar-se, que têm motivos para isso; os encontros não dependem mais de uma estrutura montada; há um território imaterial operando, pois se sabe que ali (onde?) tem um chão pronto, aberto e sempre à espera do que não cabe em lugar nenhum, do que resta... e do que não pára, que não pára e prolifera. Prolifera o quê? A fuga do poder de dizer a verdade que os mapas contém. A fuga do seu poder de comunicar ao poder estatal: quem somos, o que fazemos e onde estamos. O que escapa, foge, resta e não passa e é captado aqui. Oficina, mapas intensivos do que não passa. “Assim se constitui uma trama tal que tudo o que não passa por ela não pode, materialmente, ser ouvido. Por exemplo: em um programa sobre as prisões ficará estabelecida as escolhas jurista-diretor de prisão, juiz-advogado, assistente social-caso interessante, sendo a opinião do prisioneiro médio que povoa as prisões rejeitada fora da trama ou do assunto”. (Deleuze; Parnet, 1998, p. 29-30)

O lápis fica soltinho e eu vou para fora, vou pra longe, no tempo antes de eu estar aqui, daí eu viajo e desenho. A minha mente fica criança, criancinha. A mente fica sem nada. Fica vazia. Um cérebro de criança.

[Águia]

Escrever é pra sair fora. Nervosismo pra fora do cara. Eu fico mais calmo. Olha só onde o cara tá: todo fechado aqui, sem poder ver ninguém na rua, sem poder ir ao cinema, sem poder beber. Isso acalma o cara.

[Andes]

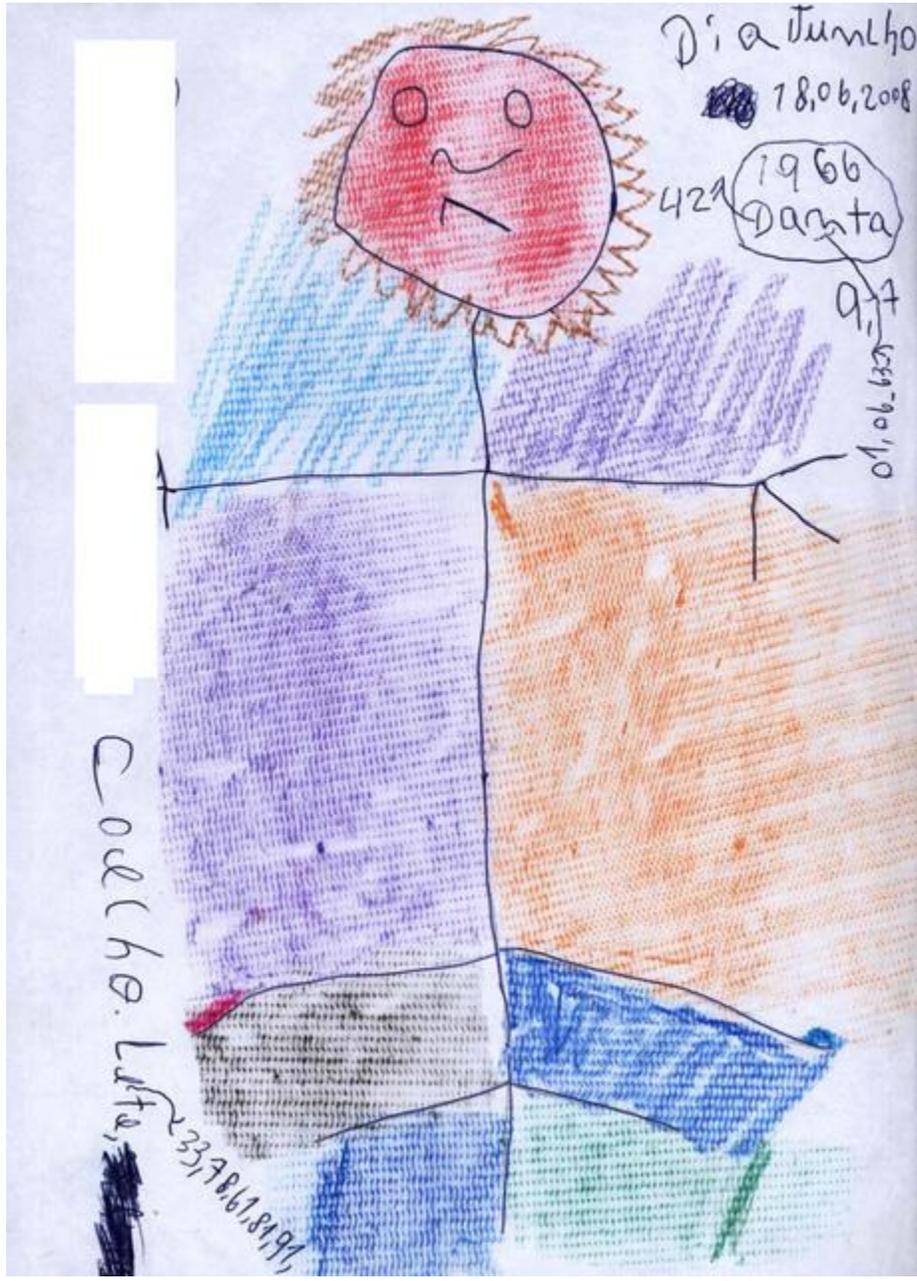
Fazer o ritornelo, fazer a casa, mas atravessá-lo pelo corte. Em seus escritos sobre arte, Paul Klee fala sobre o potencial dramático de uma linha. Onde

está esse potencial? Naquilo que representa? Não ele está no salto que proporciona, na experiência de corpo que envolve. Diante do salto, o olho tem de se mexer, o ouvido precisa se readaptar, o corpo se recurvar e tomar nova forma, a mão tropeça em uma ranhura e ganha nova aderência, o pensamento muda de lugar. Seja no ver, no ouvir no rastejar com o corpo, no tocar a mão, existe aí uma experiência de um corpo sendo arrastado para fora de um lugar: o hábito. A exigência de tomar uma nova posição, nova forma... Eis o potencial dramático, ele está no corte que a linha sofre e não totalmente nos significados que um ou outro ritornelo possa captar. É com meus ritornelos que capto os ruídos à minha volta, alguém que fala, um pássaro que canta, uma idéia numérica que me ronda, uma frase que não pára de soar. Com esses jogos de significação eu poderia também me valer do salto, do corte.

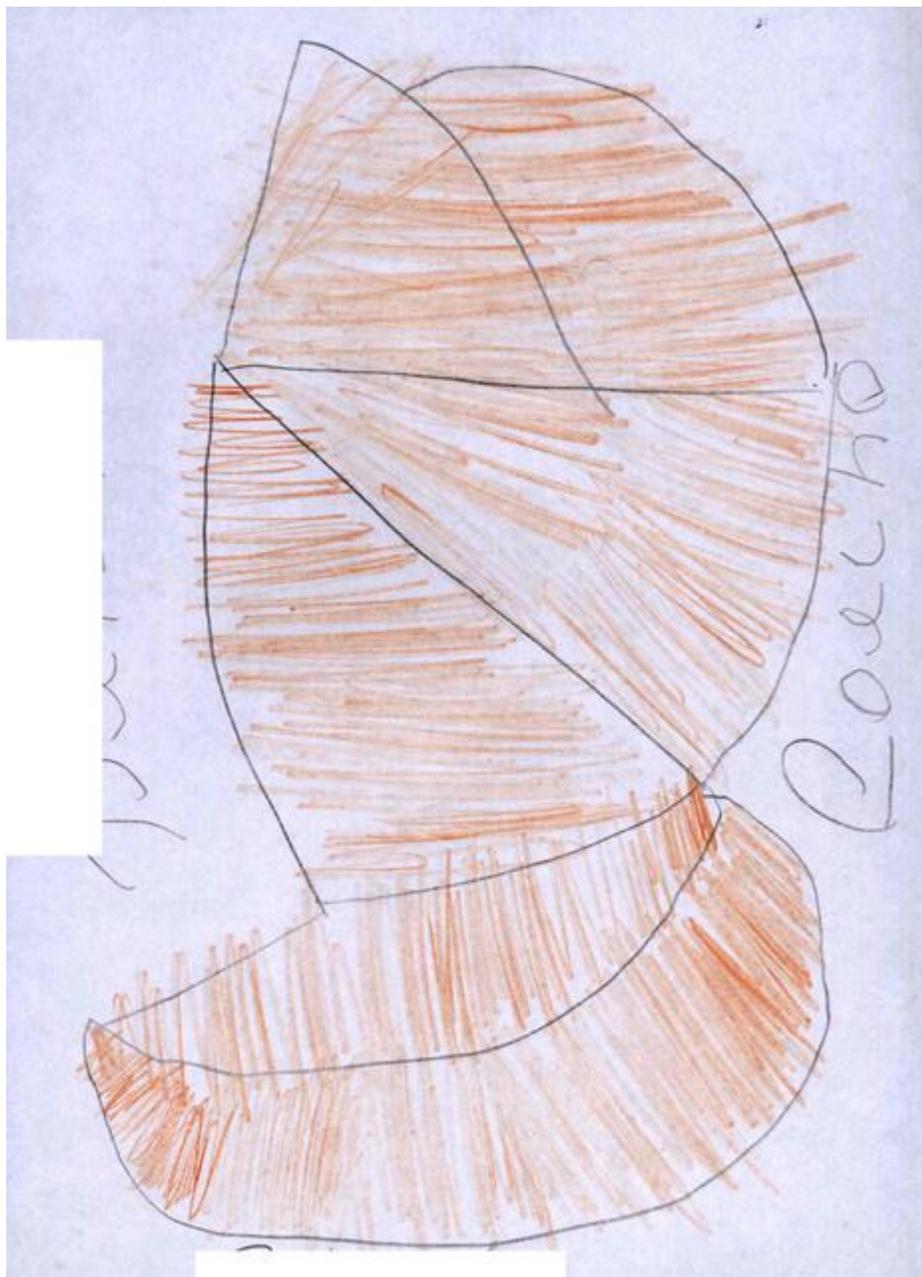
[Ferraz, 2005, p. 85]

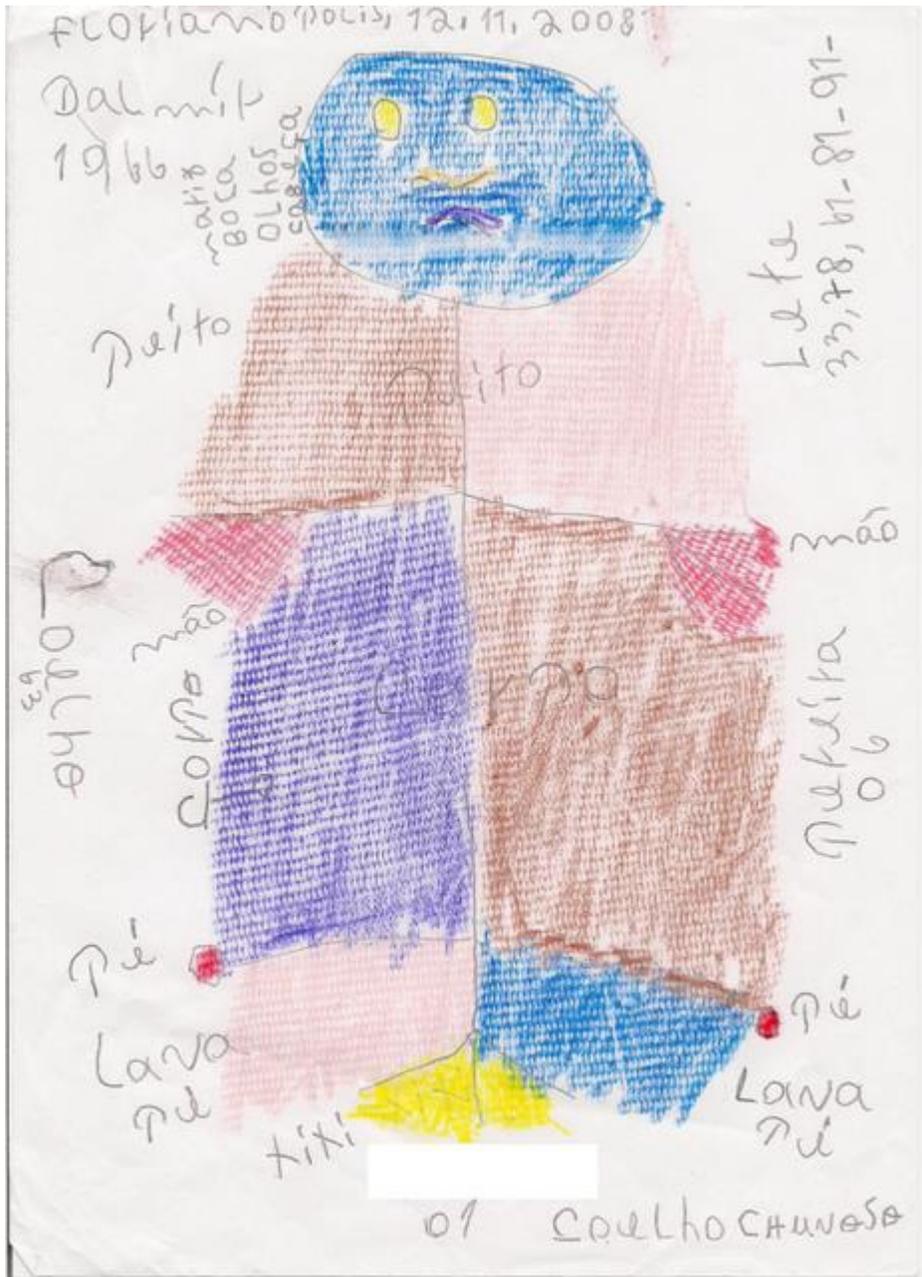
... e outras histórias

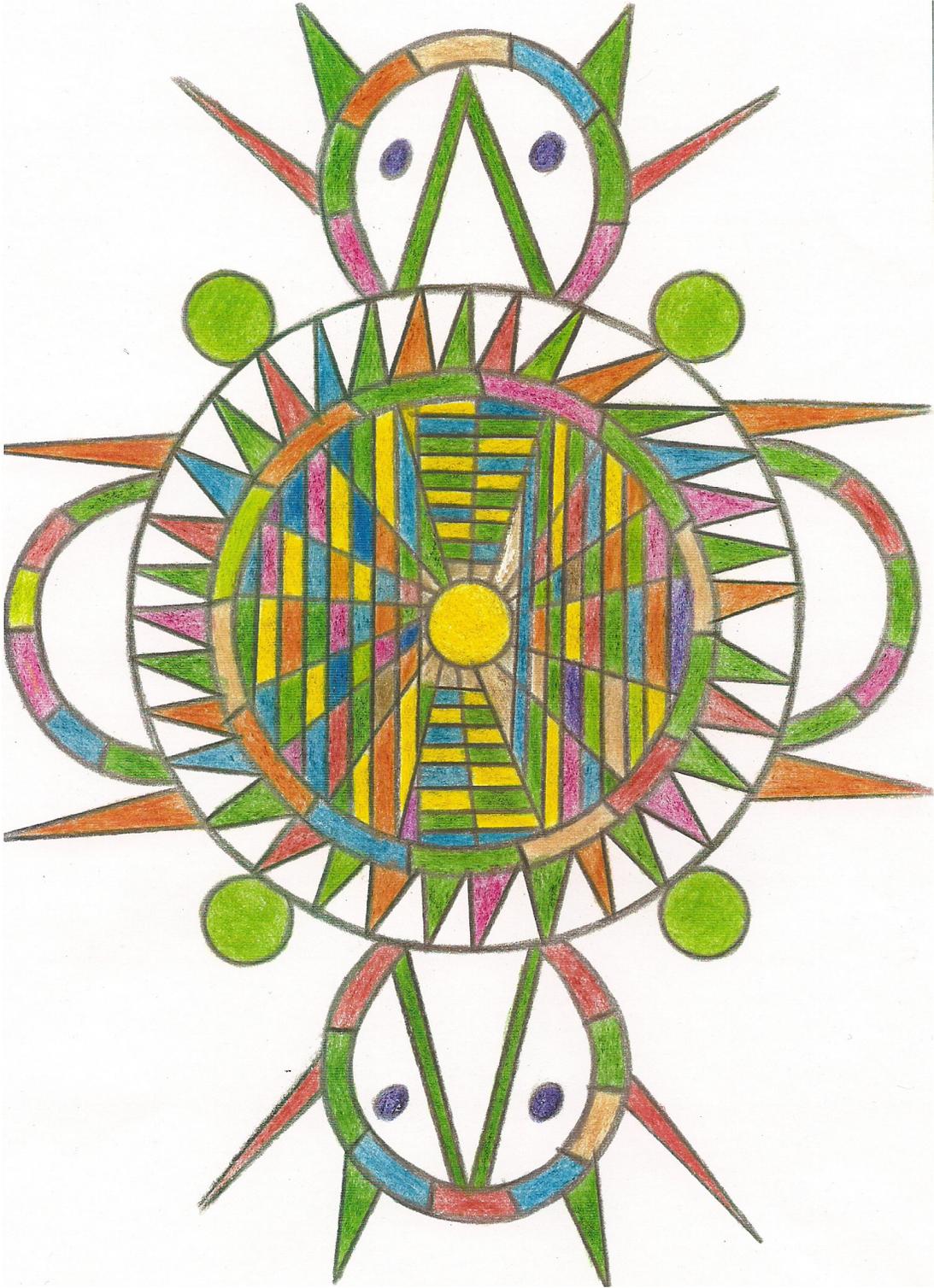












Gente quer saber o um/ Gente é o lugar/ De se perguntar o um/ Das estrelas se perguntarem se tantas são/ Cada, estrela se espanta à própria/ explosão./ Gente quer comer/ Gente que ser feliz/ Gente quer respirar ar pelo nariz/ Gente é pra brilhar,/ Não pra morrer de fome/ Gente espelho da vida,/ Doce mistério.

[Caetano Veloso, Gente]

Uma mulher dançando

Estava ao lado dos filhos. Magra, alta, cabelos negros brilhantes até a cintura, blusa vermelha, calça jeans justa, corpo longilíneo, pele morena de índia. Dançava solta no espaço da quadra de futebol, fumava seu cigarro, tomava refrigerante e, de vez em quando, abraçava os filhos. Dançava. A mãe e o filho mais novo dançavam com os braços pra cima, balanço de ondas cadenciadas, a cabeça para os lados acompanhando o movimento do corpo, os olhos fechados como se estivessem dentro da música e a música dentro deles, movimentos delicados, sensuais, soltos, coisa de quem está envolvido pela música. O outro filho, Aquiles, é paciente do Hospital e está recebendo a visita de natal, portanto, estamos na festa de natal no HCTP.

Aquiles dança devagar, seu corpo desajeitado de movimentos quebrados e desritmados se projeta lentamente. Dançando eles não compõem a imagem familiar modelo, não parecem mãe e filhos. Em volta deles passam outros pares de mãe-filho, pai-filho, irmã-irmão, mas esses não me provocam tanto. Era a alegria dos três dançando - principalmente a mãe com o filho mais novo – que chama a minha atenção, e parece inundar o espaço da quadra. Encontrar cena tão linda, na contingência de um manicômio judiciário, me surpreendeu. Aquiles dançava fora do ritmo, abraçando sua mãe; seu descompasso é próprio de quem é medicado com Haldol. Nem por isso deixava de dançar. Aquele trio alegre no meio da quadra escapava do traço tradicional que faz de alguém uma mãe, um filho, um pai etc. Pareciam amigos divertindo-se. A mãe, depois de um tempo dançando, foi ao encontro da professora que organizava a festa pedir o microfone para que o filho fizesse uma dublagem. Quanta alegria quando ele pegou o microfone! Pediu ao DJ que colocasse uma determinada música e aguardou... Na espera curta retirou de seu bolso os óculos escuros, colocou-os, e, num átimo, transformou-se num desses cantores populares aclamados pelas platéias, dominando os gestos típicos e concentrando-se na dublagem. A mãe e o irmão mais velho eram os fãs entusiasmados, batiam palmas, gritavam — *lindo!* – e cantavam com ele com as mãos para cima, como se estivessem num show. O cantor, por sua vez, se empolga, agradece aos fãs, manda beijo, tudo como se fosse de verdade. Era muito verdadeiro. Cantava para uma multidão: a mãe e seu irmão. Éramos muitos ali na quadra, mas a multidão estava nos dois que saudavam a *performance*; o cantor, sentindo isso, corre ao encontro da mãe e do irmão, e juntos criam uma frequência contínua que percorre os três como uma corrente elétrica. As pessoas em volta apenas observam; outras, como eu, balançam o corpo tentando entrar

naquela vibração, mas é impossível. Ao final dos aplausos, pede ao DJ que coloque outra música, mas não é mais possível, são quase cinco horas e a festa, a esta altura, já excedera o tempo determinado. Volta para a mãe que o abraça, e diz ao filho que foi lindo, o outro irmão diz o mesmo e acrescenta orgulhoso: — *esse é o meu maninho!*

Difícil não se perguntar como era possível tanta alegria e beleza. Aquiles, internado, pagando por um crime, envolvido pelo crack, o corpo marcado pelas tentativas de fugas, os dentes estragados pelas drogas, seu rosto levemente inchado, uma bochecha maior que a outra; o filho cantor com Síndrome de Dawn. Circunstâncias estranhas à alegria que vejo, sobretudo considerando a condição de Aquiles. É quase natal, um filho preso e ela, a mãe, dizia: — *eu adoro eles, eles são a razão da minha vida. A gente é sempre assim.* Emocionada na despedida, chorava por deixar ali um pouco de si. Aquiles agarrava-se ao seu pescoço. Para partir era preciso arrancá-lo. Faz isso emocionada. Abre as mãos dele para que desgrude do seu braço e entrega-o ao pátio. Deixa-o. Parte. O carro da prefeitura do extremo sul do Estado já a esperava. Em nenhum momento de nossa conversa reclamou da sua vida.

Aquiles me disse que ela está sempre alegre, mas ressalta, — *se tu for ver mesmo, motivos pra isso ela não têm. Deu tudo errado lá em casa.* Com pesar diz que sua mãe ao apoiar os filhos do modo como ela apóia — *pois está sempre ao nosso lado, tá sempre junto,* foi abandonada por toda a família, dos irmãos aos pais até o marido. Mesmo assim a mulher não abandona o filho na cadeia, não o abandona nas drogas. E ele conclui, dizendo que o tio diz para ela: — *gente assim tem que deixar apodrecer na cadeia, tu é uma burra.* Mas ela não o ouve.

Um submarino

Desenhou com detalhes um submarino. Disse que por dentro ele era cheio de trequinhos, relojinhos, botõezinhos, muitos comandos para mexer, e que este submarino viaja para Balneário Camboriú. Sandro é morador de região de porto, adora barcos, pesca e especialmente submarinos. Faz muitos anos que está na cadeia. Diz-se por ali que na casa de sua mãe, entre a cozinha e a sala, há um quartinho com aspecto de cela, com abertura na porta para passar comida, como a das cadeias, e é ali que ele mora, come, dorme, isolado, sem falar com as pessoas: — *em casa ninguém conversa comigo, eles só conversam com as visitas. Não sei porque que é assim.*

Enquanto detalha seu submarino com a ajuda da régua, conta esses detalhes: — *prefiro ficar aqui. Aqui sou tratado como gente e em casa como bicho.* Sabia falar muito do submarino e, por isso, não admitia pensar que se parecesse com um barco para pesca. — *Submarino é submarino e barco é barco,* dizia com seu jeito sisudo, de olhar parado. Sandro sabe escrever seu nome e reconhecer algumas letras. Começou a freqüentar a escola faz poucos dias e tem quarenta anos. Na conversa sobre o submarino descobro que sabe fazer aqueles barquinhos de madeira bem pequenos que ficam dentro de garrafas. Aqueles, cheios de detalhes que a gente vê em lojas de artesanato. Pergunto como aprendeu, tamanho o detalhe que este tipo de trabalho requer. Rindo, me disse: — *Ah, eu faço isso bem! Bem direitinho. Aonde eu aprendi?* (desmontou a cara sisuda e abriu um sorriso largo). — *Na cadeia, é claro.*

Será que louco tem volta?

— *Eu tava pensando esses dias que eu tenho uma coisa pra dizer pro jornalzinho.* Foi assim que Andes, sem saber escrever uma palavra, nem o seu nome, começou. — *Eu não sei escrever.* Pedi que esperasse um pouco e, sem terminar minha frase, ele diz: — *É sempre assim, depois, depois, depois...* Saiu da sala, incomodado com esse negócio de deixar as coisas para depois. Marcamos um encontro para o dia seguinte e desde então sua escrita nunca mais parou, cada dia um pedaço, cada encontro umas frases que começam assim: — *Eu pensei mais coisas sobre aquilo que eu te falei naquele dia.* “Qual é a coisa que você tem a dizer ao jornalzinho?”, perguntei. — *Será que louco tem volta?* Pergunto sobre o porquê dessa pergunta. v *Porque eu não sei*, era como se ele quisesse pensar na frase. Decididamente, fomos juntos escrever. Andes estava com a frase pronta há alguns dias esperando para escrevê-la. Emprestei minhas mãos, e ele com o que tinha disponível, se lançou sem saber aonde ia dar: *porque eu não sei.* Começou.

— *Se parar sem remédio, será que volta tudo de novo? Será que precisa tudo de novo: a carga de Haldol, Inosine e Fenegram? Será que melhora pra voltar? Será que agüenta na rua sem beber e sem tomar comprimido? Será que a família apóia? Será que não precisa mais tomar comprimido? Será que eu preciso ir para o CAPS? Será que eu preciso voltar de novo? Será que eu preciso tá aqui dentro? Precisando tomar remédio? Será que louco tem vontade de voltar à sociedade? Será que louco precisa ir para o CAPS/ad?*

“Você acha que precisa?”, perguntei.

— Não! Será que é por causa da cachaça? É por causa da cachaça, que não toma comprimido e fica adoentado? Por que que volta para o Hospital? Por que que não agüenta na rua? Por que que louco não agüenta na rua, quebra tudo no terminal e volta? Será que louco tem volta? **Dobro**

Desdobro. — Lê aí o que eu escrevi. (Início a leitura: “Se parar sem remédio...”) — Tá legal isso, Ana? Eu não paro de pensar nisso. Será que louco tem volta?

“Volta pra onde Andes?”

— Volta pra cá! O quê que eu tou fazendo aqui? Se tem tanta coisa pra fazer na rua, o quê que eu tou fazendo aqui? O quê que eu tou fazendo aqui? O quê?

“Volta?”

— É Ana, voltar esse problema. A psicóloga disse que se eu parar o tratamento com os comprimidos (Haldol e Carbamazepina), vai voltar tudo de novo pra mim. Aí eu volto para o hospital de novo. Da outra vez que eu vim pra cá eu fui acusado e fiquei três anos em medida de segurança aqui dentro. É difícil estar aqui dentro porque tem que tomar comprimido e é ruim e me dá sono. Tem que respeitar os guardas, a comida, a cama porque se está preso. Pra ir para o Fórum tem que ir com algema. **Dobro.**

Desdobro. — Pode começar. Andes dizia essa frase a cada vez que eu chegava com os papéis. Gostava muito de ouvir a leitura da escrita dos encontros anteriores, sorria com a quantidade de perguntas e continuava.

— *Será que se pára de ser louco?/ Acho que não. Eu acho que fica a mesma coisa, por isso que ela diz: ‘Andes, não pára com o comprimido e tem que ir para o CAPS/ad também.’. Será que louco tem volta?*

“Pra onde Andes?”

— *Pra rua. Pra outro mundo, pra cima do céu. Ter outro céu e ser outra pessoa sem droga. Pra eu escrever isso eu tou pensando no Mateus, mas eu tou pensando nisso pra mim. Eu acho que eu volto tudo de novo pra isso.*

“Por que você acha isso Andes?”

— *Tá martelando na minha cabeça porque tá quase na minha hora de ir embora. Tenho medo de voltar pra cá. E ninguém me dar mais apoio. (sua voz vai ficando baixa e lenta, o rosto volta-se para baixo). Tenho medo de morrer aqui dentro. (silêncio, pausa longa). Eu vi um monte de gente morrendo enforcado aqui dentro. Eles tavam cansados... ninguém dava mais apoio.*

Parte deste texto, lido durante a festa de natal, chamou atenção de seu pai e da psicóloga que acabou chorando porque não sabia que ele era capaz de tais perguntas. A menina que fazia as filmagens da festa e do filme “Entrelinhas” ouviu o texto e depois nos procurou para dizer: “*o quê que eu tou fazendo nesse mundo, eu nunca tinha me perguntado isso. Será que todo mundo tem volta?*”

O pai de Andes insistia que seu envelhecimento tinha a ver com a vida desregrada do filho. “*Você meu filho é o culpado por eu estar assim*”. O senhor que tinha boa aparência e estava ao lado de sua nova mulher dizia estar muito melhor agora. Muito melhor que antes, quando Andes estava na rua. Andes, que se mexia sem parar, virava para todos os lados

querendo que o pai parasse com aquela conversa pesada. O pai falava que estava bem (*muito melhor agora*) e o filho dizia que não agüentava mais a cadeia. — *Pai escuta, pára de falar essas coisas.* Triste o cruzar dessas linhas intensas. O horror. E o pai não escutava, não via que o filho não agüentava mais a situação, mesmo assim seguia proferindo palavras, mais palavras e mais. (“Como as palavras, essas redes imateriais, nos permitem ir tão longe”.) Anunciava para quem quisesse ouvir, que a vida com ele em casa era um inferno. Afastamo-nos dali, e o pai seguia com as palavras. Havia sempre alguém querendo ouvir o pai que estava bem.

Depois desse dia fiquei mais de um mês sem voltar ao HCTP. Quando volto Andes vem em minha direção: — *eu pensei mais coisas sobre aquilo que eu te falei naquele dia. Será que se naquele dia eu não lesse o jornalzinho na festa ia dar briga? O que será que ia acontecer entre eu e o meu pai, se eu não tivesse lido isso? Parece que aquilo me acalmou Ana. Não agüento meu pai falando essas coisas e eu disse pra ele: 'Pai porque tu não volta pro presente?' 'O que já passou, passou e eu tou pagando'. Tu viu, eu virei as costa e sai andando. Se eu não tivesse lido o jornalzinho acho que eu tinha brigado com ele. Ele não parava de falar aquelas coisas. Ele pensa o quê? Que a gente não sente? (...) Ele devia se internar porque ele tá louco, ele sempre repete a mesma coisa. Dobramos.*

Desdobramos. — *Ele pensa que a gente não sente.* Andes está na tranca. Isso quer dizer que ele está há alguns dias preso no cubículo, saindo apenas para fumar e tomar banho. Dependendo do agente prisional ele pode fumar mais ou menos. Fui avisada de tudo isso antes de encontrar com ele. Quando sabe que sou eu a me aproximar grita de um lugar que parece

ser o último cubículo. — *Eu pensei mais coisas sobre aquilo que eu te falei naquele dia. Ana, tu sabe que eu tou pensando como será a capa do meu livro?*

O que quer uma força de escrever como esta? Um cubículo é um lugar que a gente não deseja. É pequeno demais, é fétido, é escuro, é desolador. Trancar alguém no cubículo é deixá-lo ali por no mínimo oito dias, trata-se de uma espécie de corretivo. Ao ver alguém num cubículo dá para começar a entender que é preciso ser forte, que é preciso ter coragem. É preciso ser forte para encarar um cubículo e não se acabar nele. E ele não pára: — *O quê que tu acha de fazer um mapa na capa do meu livro? Será que fica bom? Será?*

Pergunto no que está pensando. — *Ah, o mapa não mostra as coisas, então, o mapa vai dizer as coisas que tão escritas.* Insisto para saber no quê está pensando. — *Um mapa pequeno, parecido com o que eu usava. O desenho de uma droga. Da droga Ana. Ah, assim como a fumaça da droga.*

Mapa, fumaça da droga. Ele não para, não é um cubículo que o fará parar de escrever. O mapa como fumaça também não para. Levo algum tempo para entender que a imagem da fumaça é perfeita como imagem para a capa de seu livro. A rotina é fixa, alguns anos se repetem do mesmo jeito para ele que, desde pequeno, vem passando instituições de reclusão. A fumaça é movimento, nunca para, nunca forma nada fixo. Fixa é a sua capacidade de mudar o tempo todo. — *Será que louco tem volta. Vamos continuar? Posso dizer?* Ele não para, parece mais ágil que nos outros dias.

Rapidamente pego folhas e coloco na posição de escrita, estava em pé no meio do corredor de frente para seu cubículo. Olho no olho. Via o seu rosto grudado nas grades do buraco da porta, suas mãos agarradas a elas as ultrapassavam.

— *Será que louco tem volta? Será que precisa tomar todos os remédios de novo? Será que não dá pra parar com todas essas drogas? Tá preso é uma droga, não tá com a família... não conseguir dizer não pra uma droga é uma droga. Acho que tá bom por hoje, escreve tudo isso aí.*

Olhamo-nos por um tempo, era sexta-feira final de tarde. Antes de ir, ele que seguia agarrado as grades da porta, torna a perguntar e suas palavras ocupam agora toda a extensão do corredor: — *Ana, será que eu volto pra cá?* Sorriu, falando sério: — *Volto.*

Sigo pelo corredor onde fica seu cubículo e desemboco no corredor principal, viro à direita, ando, viro a esquerda e sigo até a última porta de grade, me despeço de um agente e estou do lado de fora do Hospital. **Dobro.**

Desdobro. Andes está fora do cubículo. Quando me vê chegando, larga as vassouras e os panos e vem ao meu encontro correndo: — *eu pensei mais coisas sobre aquilo que eu te falei naquele dia.*

“Diga!”

— *Vamu continua? Eu tou indo para o CAPS! Aqui seria bem pior se não tivesse o CAPS. Fiquei confusa, sempre se perguntou sobre a necessidade de ir ao CAPS. — É, mas agora tá ótimo! Perguntei o que havia acontecido. — É, é, vou te contar. Eu conheci a Rose. Eu pensei que eu não ia mais amar. Eu tou namorando.* “Vamos continuar”, disse a ele.

“Partimos disso?” perguntei.

— *Espera, deixa eu pensar. Me ajuda. Isso dá? Pode ser sobre isso? (...) Tô aqui, mas tô com vontade de tá lá fora. Tô no manicômio e tô com vontade de ir pra rua trabalhar, pra*

nunca mais voltar. Batatinha quando nasce esparrama pelo chão, mamãe quando dorme põe a mão no coração. O CAPS ficou diferente, por causa da Rose.

Mapa, fumaça da droga. O desenho (41) é o CAPS. Explicou os símbolos que associei a letras: PI quer dizer CAPS. O primeiro P, maior que os demais, é ele no CAPS, o segundo a Rose, o terceiro seu grande amigo freqüentador do CAPS. Da esquerda para a direita, esses pés diminuem de tamanho até quase entrarem no azul que cobre toda a folha. Os pés restantes, a partir do quarto, querem dizer todo o resto, assim como o azul que cobre a folha branca é todo o resto das pessoas do CAPS, do mundo. **Dobramos.**

Desdobro. — *A Rose acabou. Ela tem outro cara, falou nada animado. — Vou continuar no CAPS, disse sem qualquer empolgação. — É bom, é bom, eu sei que é bom pra mim a Psicóloga e a Assistente já me disseram isso, se não eu não saio daqui.*

Andes me movimentava com suas perguntas, me inquietava com suas decisões. Estranho muito. Espanto-me com tantos movimentos de idas e vindas, tentativas de fazer alguma coisa fugir num corpo que não agüenta tanta prisão. Corpo forte, porque a prisão está nele há muito tempo. Ele também se espanta “à própria explosão”, como canta Caetano Veloso. Andes se espanta com o choro da menina, em como ela pode se perguntar na pergunta dele. “Das estrelas se perguntarem se tantas são; cada estrela se espanta à própria explosão”.

— *Quando eu for embora eu vou fazer de tudo para não voltar pra cá. Nem que eu tenha que me esconder no meio do mato pra polícia não me pegar.* Acabou-se em gargalhadas e terminou: — *aqui, aqui eu só vejo preso eu não agüento mais.*

Antes de dobrar... — *Será que louco tem volta?*

Andes nunca mais parou de se perguntar e de dizer alguma coisa sobre sua pergunta, sem respondê-la. Para que serve uma pergunta? Para fazer andar o pensamento; para correr mundos, para fazer o mundo correr porque o mundo não tem resposta; serve para poder fazer um mapa, que seja ele como a fumaça da droga porque é como se tudo mudasse o tempo inteiro. A terra não para. A fumaça como resposta à pergunta de Andes. Ele não para e começa seu pequeno livro assim: — *Passarinhos. Adoro passarinhos soltos. Adoro tratar os passarinhos de manhã cedo no café. Os passarinhos não nasceram para ficarem presos. Eu já tou preso. Eu já tou numa gaiola. ...*

Eu tenho!

No refeitório assistíamos as filmagens da festa de natal feitas pela equipe de “Entrelinhas” que fazia um filme sobre o manicômio. Um dos momentos da filmagem mostra a leitura do trecho do poema “Será que louco tem volta?”. O trecho ecoou: — *foi o Andes que escreveu sozinho?* - perguntavam-me a psicóloga e as assistentes.

“Escreve-se sozinho?”, perguntei-me a partir da pergunta delas. Alguém falou: — *mas, ele não sabe escrever!* Não falei nada, pensei: “Quem sabe escrever? Para que se escreve?” A festa de natal projetava-se na parede e uma outra festa acontecia na frente da projeção, era a alegria de se ver projetado. Estava muito divertido assistir as duas festas ao mesmo tempo. Em meio aos risos ouço uma voz gasta, rouca, enrolada e ela se sobressai, falando mais alto que

tudo que acontecia ali: — *eu tenho!* Com o dedo indicador, apontando pra cima, disse isso. Fui tomada por essa frase curta e afirmativa. E como se tudo parasse em volta, procurei pelo dono do 'eu tenho' no meio dos quarenta que assistiam a festa e que faziam uma festa. Era Marcos, o paciente que inventa a sua cela no pátio externo, que fala feito máquina, que canta sozinho, que inventa uma língua. Antes desta cena, vira Marcos gritando atrás das grades do pequeno pátio. Pedia atenção para dizer alguma coisa e gritava seu lamento triste sozinho. Tento me aproximar porque ele estica o braço para fora chamando qualquer um que passe, eu passei. Sua língua enrolada e sua rapidez me impedem de entendê-lo. Olha pra mim e fala sem parar, parece falar de um lugar, uma casa, umas pessoas. Peço que fale devagar, mas ele não escuta. Está magro, fraco e seus gritos ecoam no vazio com força. O 'eu tenho' era a resposta de Marcos à pergunta do texto de Andes: *será que o louco tem vontade de voltar à sociedade?*

— *Si. si. Eu tenho.*

Com o dedo apontando para cima, sem mesmo pronunciar direito o 'eu tenho', ele afirma a vida ali, onde parece não existir mais nada, pois já é quase um fiapo de gente. Jamais esperava 'um tenho' como tamanha força de afetação. Marcos é tratado com alguém que não tem mais volta. Seu 'eu tenho' é preenchido de sins, de vontades, é claro, é a palavra mais clara que ouvi dele, uma das expressões mais forte do manicômio...

Quase dois meses se passaram desde a exibição das filmagens e já não ouço a voz de Marcos. O corredor está preenchido por um silêncio novo. O silêncio da morte. O coração inchou, comia pouco e só tomava água. Seu pacote de fumo Bulldog marcava suas escolhas, consumia um desses pacotes por dia. Fumo caro, com cheiro bom, raro ali.

Mandalas

— *Eu viajo um monte fazendo isso aqui. Águia faz mandalas desde o dia em que ensaiamos na oficina um primeiro número do jornalzinho. Desenhou vários círculos, um dentro do outro e, dentro deles, preenchendo-os, uma série de semicírculos. Levou quase uma hora, usou cores; do lado de fora do círculo fez um sol e uma estrela e, embaixo, escreveu seu nome e sou de câncer. O efeito dos círculos me levou a pensar em mandalas. — Mandala? O que é isso? Selecionei textos e imagens sobre mandalas para lhe mostrar. Levei junto um catálogo com as mandalas de Fernando Diniz.*

Foi indo devagar, como quem aos poucos aprende uma coisa nova e desenha. — O lápis fica soltinho e eu vou pra fora da cadeia. No tempo antes de eu estar aqui, daí eu viajo e desenho. A minha mente fica uma criança, criancinha. A mente fica sem nada. Fica vazia. Um cérebro de criança.

“Como é um cérebro de criança?”

— *Sem imaginar maldades. Sinto-me o quanto sou criança naquele momento (enquanto desenha). Eu me sinto como se eu rolasse, rolasse e eu fosse voando por um túnel, chego noutra lugar. Daí, eu paro num ponto. O ponto em que eu não sou adulto. Isso tudo acontecendo e eu tou sentando nestas mesas (aponta para as mesas verdes que estão no refeitório). Fico sozinho numa delas pra que ninguém me incomode, eles assistem novelas e eu... ah, eu rio sozinho, acho graça, me divirto. Olho para o céu e não vejo, vejo esse pinheiro (aponta para o pinheiro que fica ao lado de fora do refeitório). Volto que nem raio laser até esse ponto. Nesse ponto eu me divirto.*

Bernardo ouve atentamente essa história. Seus olhos giram como se acompanhassem os movimentos de Águia. Em silêncio faz o desenho de uma cachoeira íngreme escorrendo sobre um monte de pedras ao lado de um pé de coqueiro e diz: — *eu também fujo em desenhos. Isso que o Águia está falando eu também consigo fazer, e se não fizesse eu morreria aqui dentro.* Bernardo fala de uma sensação de sufocamento por estar afastado de tudo que gosta. — *Só tenho elas as coisas que eu gosto em pensamento.*

Águia pede licença pra continuar; é insistente: — *Chego num ponto que eu não sou adulto, que eu me desintegro das coisas materiais. Um ponto vácuo e por volta de mim são só luzes douradas, paro num ponto e fico voando-flutuando num pequeno espaço cheio de alegria, onde não tem tristeza, nem guerra. A minha mente, o meu cérebro está dentro deste lugar, dentro daquele espaço vácuo. E é o único lugar que eu me sinto bem, que eu tenho paz, alegria. Eu me refugio neste espaço pequeno. Neste lugar eu fujo de tudo. Fico por algumas horas ocupando minha mente fazendo essas coisas, então minha mente fica como mente de criancinha mesmo, criancinha quase querendo caminhar e é naquele espaço que eu enxergo alegria. Eu me refugio psicologicamente naquele lugar. Este lugar se torna um verdadeiro refúgio que eu necessito pra eu sentir o sentido da vida naquele pequeno lugar onde eu estou flutuando. Eu busco esse lugar desde minha adolescência. Eu era hippie e viajava pelo mundo de cabelo comprido. As pessoas me diziam assim: 'um dia tu vai ficar velho e vai precisar de um lugar fixo. Antes que fique tarde demais tu precisa arrumar esse lugar, essa família pra ficar, cortar os cabelos.*

— *Mas, eu achava mais certo a vida de aventura que eu tinha e não gostava muito do que as pessoas diziam pra mim. Eu vivia isso em busca de um refúgio, de um canto pra eu ter*

alegria, paz e amor e correr da violência e correr das pessoas preconceituosas. Eu ia ia ia ia... e esse caminho nunca tinha fim, e nesse caminho, que nunca tinha fim, eu não achava esse lugar perfeito que eu imaginava. Ia ia ia por aquela Br, praias, ia a pé, solitário. Da Bahia a Pernambuco pela praia. Ia em busca de um lugar que combinasse comigo, que fizesse a minha cabeça e o meu coração, e eu não achava esse lugar. As pessoas me diziam que esse lugar que eu buscava eu nunca ia encontrar. E o mundo a sua volta pedia para ele parar de percorrer, para ele parar. Um pedido difícil para um andarilho que tem como princípio ir, sempre em busca de ir.

Embora seja imperceptível Águia continua indo, não para e continua incomodando os outros com o tanto que vai. Faz mandalas noite e dia, prefere a noite silenciosa no cubículo de 1,50 m por 2,80 m de luz fraca. Disse-me outro dia que o agente da noite chegou até a abertura da sua porta, olhou para dentro e perguntou como ele tinha paciência pra fazer aquilo. — *Olhei sério pra ele, querendo dizer alguma coisa, e não disse nada. Não tinha nada pra falar sobre paciência. Fiquei olhando pra cara dele um tempo e continuei desenhando minhas mandalas.*

— *Eu quis viver a aventura, eu nunca quis parar, mas as pessoas viviam dizendo que eu devia parar e me perguntavam assim: 'por quê que tu gosta de andar assim menino, com esse cabelo, essa vida...'*

Não consegue mais parar, espalhou sobre a mesa mais de vinte mandalas e leu uma carta: — *Ana, esses desenhos estão clareando e dando vida aos meus neurônios. (...) não deixando os meus neurônios se adormecerem, dormirem e caírem no isolamento sem luz sem os raios brilhantes do sol.*

Águia não toma remédios e já poderia estar longe das grades, mas para isso precisa de uma família ou de uma residência terapêutica ou de uma aposentadoria do INSS. Tudo isso é muito difícil nessa situação. Ter uma família é difícil.

Enquanto isso, na ausência das ausências, se diverte com as sobras de lápis coloridos e papel, mistura cores, distribui linhas coloridas, inventa um ponto. Quebra uma uniformidade continental, a uniformidade do hospital-prisão, e faz um arquipélago. No seu ponto um espaço se abre. No ponto que inventa, cria vácuo de informação e deixa uma experiência passar, experimenta no seu ponto e foge. Fuga intensiva. O espaço da sua fuga é tão vasto como o do mar, do deserto. Mede 1,50 m por 2,80 m e não há quem o compreenda, o segure, quem percorra o tanto que ele percorre por noite. Águia mostra-me que o espaço que habitamos não é todo o espaço que temos disponível. Habitamos pouco. Ninguém entende porque é que ele não para, como tem tanta paciência para percorrer, para ir adiante (46).

Coelhos

“Você sempre desenha esses coelhos”, disse ao desenhista. Estava terminando mais um deles (42) e não me respondeu, sorriu e continuou. Roberto passa o tempo no pátio ouvindo um rádio que carrega próximo do ouvido, desenha seus coelhos quando está na oficina. Um dia me disse gaguejando, porque é um pouco surdo e mudo: — *É mais fácil desenhar um coelho*. Com onze anos aprendeu com uma professora a desenhar um coelho, lá em Cachoeira. Alguém, ali no refeitório, lhe pergunta: — *Você gosta de festa de páscoa?* Convicto responde: — *Não, eu não gosto*.

Num dos números do jornalzinho (**O louco se recupera!**) organizamos, movidos pelo interesse de Seu Dinaldo, uma entrevista com Roberto. Seu Dinaldo olhava os coelhos. Roberto desenhava, pintava. Ouvia-se dos demais observadores que o coelho se parecia com um sol, com um mapa. Marrone parou, olhou de novo, virou um dos desenhos de ponta cabeça, ficou pensativo quando Negão disse que o coelho se parecia com um mapa: — *é, se bem que olhando bem parece mesmo um mapa!*

“Um mapa?”, perguntei. — *Com mapa sim.* Negão, que adora geografia seguia com suas explicações: — *É, por causa do acabamento do desenho: tem uma cor, outra cor, várias cores como uma divisão de lugares. Cada parte tem um enquadramento, não é? Esse é o mapa do Roberto.*

“Qual região desse mapa poderíamos conhecer?” E Negão vai direto e aponta a região roxa: — *a beradinha da região roxa, bem aqui.* Seu Dinaldo diz para Roberto que seu Coelho está triste, — *olha a cara dele.* E Roberto responde: — *Não, ele não tá triste não.*

Os coelhos são uma persistência aos longos desses anos de pesquisa no Hospital. Apareceram no primeiro encontro e seguiram até Roberto sair do HCTP. Roberto ficou internado ali por dezessete anos, sendo que entrou para cumprir três anos de Medida de Segurança. Ele chegava aos encontros da oficina pegava uma folha A4, escolhia as cores dos lápis e, com esses materiais, dirigia-se a um canto do refeitório. No canto desenhava. Saia da sala quando terminava, entregava-os sorrindo, como se entrega um presente.

Uma única vez deixou de ir ao refeitório para a oficina. Estava com a perna quebrada e não podia sair da enfermaria. Mesmo assim pediu lápis e papel e, de longe, de dentro da sua enfermaria, participou. Na impossibilidade do deslocamento territorial no hospital, deslocou-

se em seus coelhos (44 e 45). Esses coelhos foram afetados pela fragilidade da doença da perna quebrada, da diabete alta, da reclusão na enfermaria. Entrega-os com o sorriso largo de quem continua oferecendo o que é possível de ser oferecido. Olho para os dois coelhos afetados e vejo Roberto, olho para Roberto e vejo os coelhos. É possível afirmar, como o fez Deleuze, que “é essa distribuição de afetos que constitui um mapa de intensidade” (Deleuze, 1997, p. 76), esses mapas são *sempre* uma constelação afetiva. É assim que “a surpresa é justamente aquele momento em que alguma coisa foge da ladainha, alguma coisa que está dentro da ladainha, **algo que até poderia ser previsível, mas que não era**. De repente uma nota trai a harmonia, desfaz o perfil principal da frase musical, uma sonoridade leva para um outro espaço de ressonâncias”. (Ferraz, 2005, 37 grifos meus) Negão tinha razão em insistir. Os insistentes coelhos (ruídos) são operadores de novas paisagens.

Depois de um tempo, já fora da enfermaria, Roberto detalhou o coelho. Perguntava-me como poderia escrever nele. A palavra dita por ele eu decompunha em letras, soletrava uma a uma e ele escrevia. Escrevia, desenhava e falava por meio de palavras enroladas e gestos que davam um sentido claro ao desenho do coelho: — *Se tu tira uma foto bem certinha dele e passar num DVD ia rodar. Esse telefone sabe tudo do coelho. É só mandar rodar. Ele ia falar muita coisa: quatro horas de ação, quatro horas de filme. O coelho é alegre. Toma remédio. Câncer. Gosta de comer coisa boa: não come doce, doce não, doce não. Tem diabete. Liga nesse número, pode ligar. Liga. Liga. 3378618191. Coelho quer passear na Serra. Bebida de álcool não bebe. Não bebe, não bebe. Sou esse coelho. O coelho é casado. Esse telefone é só ligar que pega tudo. O DVD.*

“Tudo?”. — *Tudo que ele faz.* O coelho quer ir embora. No grande silêncio que essas palavras provocaram, saiu da sala. Para mim tudo em volta repetia sua frase (45).

O coelho quer ir embora...

Estrela

Numa das tardes de festa encontrei-me com o pai, a irmã e o cunhado de Augusto, paciente que desenha paisagens com muita velocidade. Desenhou “Itajaí” e o “barco no mar revolto”. Seu corpo segue impregnado de Haldol e o que desenha é sob o efeito do remédio, o que explora nesse dia de festa é também sob esse efeito.

O pai de Augusto, um senhor tímido, simples, de mãos calejadas, contava em poucas palavras que o filho estava melhor dentro do hospital. — *A droga tava acabando com ele, moça.* O pai olhou para o alto não conseguiu continuar. A irmã seguiu de onde ele parou: — *ele tem vinte e três anos e desde os quatorze ou dezessete, não lembro bem, começou a usar a pedra, o tal do crack. A gente já procurava por ele no IML, quando avisaram que ele estava aqui foi um alívio.* Augusto fazia círculos correndo em volta deles, estava alegre. Corria e pulava por todo o campo de futebol, pulava estrela, virava estrela, jogava capoeira, virava cambalhota. Movimentos amplos ocupavam o espaço aberto da quadra de futebol. Entre um pulo e outro, Augusto dava um beijo rápido no pai, outro demorado na irmã. Os pátios internos impedem esses movimentos e esses contatos. Augusto parecia de brinquedo, não cansava, explorava tudo ali, o campo, a irmã, o pai. Beijava, abraçava, ria, corria, fazia

carinho, pulava, dizia poucas palavras. A irmã seguiu contando dele: — *Ele está gordo, a senhora não sabe como ele tava, era um fiapo só. Aqui ele tá forte. Quando era bebê passou seis meses no hospital e com nove meses pesava 2,7Kg. Ele está muito bem aqui, mas a gente quer ele em casa com a gente, curado. A cabecinha dele está sem comparação. A gente não entendia nada dele. Ele mexia em tudo dentro de casa pra comprar droga. Um inferno, mas eu nunca abandonei ele. Sempre dava comida.*

A despedida foi triste. O pai, homem simples do interior, se despede do filho e não consegue esconder as lágrimas. Vira-se para os lados, olha pra cima, fecha os olhos, engole as lágrimas e sai andando. Deixa ali o único filho homem, o mais novo. Depois das despedidas Augusto voltou, sentou ao meu lado e disse: — *eles me amam e eu amo eles.* Durante toda a festa Augusto usou o espaço da quadra a seu favor, pulou, correu, riu, cantou. Seu cunhado, que viera acompanhando a irmã e o pai, passou todo o tempo encostado numa das árvores, próximo a nós, repetindo versículos da Bíblia. Queria salvar aquelas pessoas que, segundo ele, precisavam da palavra de Deus. O moço, grudado à Bíblia, repetia, na sua pregação, frases prontas, versículos inteiros, olhava para o céu com os braços erguidos pedindo a Deus que salvasse os irmãos pecadores. Em nenhum momento conversou com seu cunhado. Ele não conversava com ninguém, repetia as palavras em tom alto, forte, decidido, palavras feitas de letras e fé. Sem escutar, repetia. Parecia um preso de outra cadeia, de outra seqüência de rotinas, hábitos. Preso as palavras, impedido de encontrar alguém, de ver o que estava acontecendo. Palavras em excesso podem deixar as pessoas cegas, surdas. Medicamentos em excesso podem fazer alguém virar estrela.

Carta ao Juiz

— *Eu quero ir embora. Eu quero ir embora. Eu quero ir embora. Eu quero saber quando eu vou. Por favor, alguém pode me responder isso? É isso que eu quero escrever.* Eu estava numa sala pequena ajudando a professora de Educação Física na sessão de escrita de cartas. Naquele momento escrevia a carta para a mãe de Sandro, tia de Marrone. Uma vez por semana escrevem cartas para a mãe, para o pai, para a tia, para a namorada, para um amigo ou uma amiga ou para a irmã. Esse paciente olhando para a parede, teimosamente insistia em escrever a carta impossível. — *Eu quero escrever uma carta para o Juiz.* A professora lhe dizia que o juiz não ia ler uma carta assim. — *Mas eu quero escrever uma carta para o Juiz e ele vai ter que ler.* A cada vez que insistia se irritava mais, como se estivesse para explodir. A professora tentava convencê-lo a escrever outra coisa. — *Não,* respondia irritado, *eu quero saber quanto tempo eu vou ficar aqui na cadeia. Eu já estou cansado de ficar aí deitado, tentando me virar, tomando remédio, rolando de um pátio para o outro, me arrastando. Escreve aí, ‘eu tou aqui desde 1989. Tou cansado. Eu quero ir embora. Eu quero ir embora.’*

As mãos, pernas, cabeça, todo o corpo de Filipe tremem e ele não para de falar, tem idéia fixa, difícil negociar com quem não agüenta mais, que vê somente portas fechadas como horizonte. Não sei o que ele ouviu, só sei que de repente eu ouvi: — *Asilo! Asilo? Vocês tão loucos. Asilo é um inferno cheio de aparelho, de velho, de doença. Eu não quero ir pra asilo. Eu não sou velho. Eu só tenho a cabeça rachada no meio. Cabeça rachada. Cabeça rachada e vocês não me entendem.*

... e outras histórias

Diante do salto, o olho tem de se mexer, o ouvido precisa se readaptar, o corpo se recurvar e tomar nova forma, a mão tropeça em uma ranhura e ganha nova aderência, o pensamento muda de lugar. Seja no ver, no ouvir no rastejar com o corpo, no tocar a mão, existe aí uma experiência de um corpo sendo arrastado para fora de um lugar: o hábito. A exigência de tomar uma nova posição, nova forma...

[Ferraz, 2005, p 85]

No livro **A menor das ecologias**, Ana Godoy tensifica e intensifica a relação entre continente e arquipélago. O continente, como terra firme, não está em oposição ao arquipélago. Arquipélago não é o lugar para onde devemos correr quando tivermos destruído um continente. O arquipélago não está fora do mundo, fora do continente; pode estar longe. Longe não tem a ver, neste caso, com distâncias, e sim com capacidades corporais ativas (óticos-sonoras) de percepção. Um continente não é para ser destruído, mas percorrido. “O continente, pretensamente formado, oscila, mostrando a passagem das rachaduras, perturbando o equilíbrio e a organização da ecologia, ora chamada de sistema maior; e estes ritmos constituem ecologias menores, um arquipélago”. (Godoy, 2008, p. 22.) O continente movimenta-se e entre seu movimento ritmos, uma minoridade como nos diz a autora. Esses ritmos que constituem as “ecologias menores” estão espalhados pelos continentes, provém dele, mas podem passar despercebidos. Procurar, então, ativamente por esses ritmos silenciosos que não fazem senão viver em qualquer lugar, em qualquer situação. Abrir espaços

para o aparecimento desses ritmos, à vida que se inventa no seu movimento. Invenção de vida é a intenção da ecologia menor, como nos diz o livro, e não da maior ocupada com manter viva determinadas vidas em sistemas de conservação, se possível. A pesquisa de Ana Godoy não prescinde e não descarta a ecologia maior, o continente, “mas se afasta dela a ponto de não a ter como referência. Problematizar a ecologia é abrir espaços de vida por ela interditados pela idealização da vida como algo possível de ser apreendido pelo conhecimento”. (Godoy, 2008, p. 23)

Deleuze cita Bergson para dizer que nós percebemos sempre menos do que uma imagem inteira mostra. “Percebemos apenas o que estamos interessados em perceber, ou melhor, o que temos interesse em perceber, devido a nossos interesses econômicos, nossas crenças ideológicas, nossas exigências psicológicas. Portanto, comumente, percebemos apenas clichês. Mas, se nossos esquemas sensório-motores se bloqueiam ou quebram, então pode aparecer outro tipo de imagem: uma imagem ótico-sonora pura, a imagem inteira e sem metáfora, que faz surgir a coisa em si mesma, literalmente, em seu excesso de horror ou de beleza, em caráter radical ou injustificável, pois ela não tem mais de ser ‘justificada’, como bem ou como mal... (...) arrancar dos clichês uma verdadeira imagem”. (Deleuze, 2007, p. 31-32)

Aquilo que passa sem ser percebido, pode ser captado pelo que apresenta de novo: “[u]ma situação ótica e sonora não se prolonga em ação, tampouco é induzida por uma ação. Ela permite aprender, deve permitir algo intolerável, insuportável”. (Deleuze, 2007, p. 28-29)

Tornar visível o que passa despercebido. Fotografar a Ilha Paraíso do Ciclo; extair da prisão

algo que não tenha os horrores dela, que não componha com ela, ou que de tanto horror nos mostre o nosso horror, o horror da civilização.

... e outras histórias como outras ecologias porque a vida não cansa. Experimenta como experimentam as plantas que nascem no chão de asfalto, nos telhados, nas rachaduras de uma parede, em meio dos paralelepípedos. Vidas menores para uma geografia a ser descoberta e uma terra inventada. ... *e outras histórias* não comunicam, arrancam dos clichês (bandido e louco) uma verdadeira imagem e surpreende quando mostra delicadezas, belezas, as perguntas sutis que o horror comporta. O horror de uma sociedade calcada em modelos de internação para cura nestes moldes. Tais histórias não formam sistemas comunicantes, são nada mais nada menos que vidas experimentando a vida e não, tentando viver. A vida que prolifera nessas histórias é intensa em resistir, é forte como são as ervas daninhas. O próprio da vida é experimentar. Percorrer, explorar, querer ir...

É esse movimento que o clichê impede ao aprisionar a percepção ao percebido mantendo-a prisioneira de uma imagem sensório-motora das coisas, impedindo que delas extraia-se outra coisa. Percebemos do espaço os seus clichês. Se o espaço é um manicômio judiciário, percebemos o louco, o doente, o bandido, o perigoso, o espaço com suas figuras idealizadas; percebemos apenas *o que deve* ser percebido e jamais o outro que todo espaço comporta. Os acontecimentos desfazem configurações estabelecidas de mãe, de festa, de filho, de família, de prisão, de CAPS³⁴, de aprender, de loucura, de espaço... Instantes, captados quase como raios no momento do clarão.

³⁴ Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) são unidades de tratamento intensivo e diário aos portadores de sofrimento psíquico grave, constituem uma alternativa ao modelo de tratamento centrado no hospital psiquiátrico. “Seu objetivo é oferecer atendimento à população, realizar o acompanhamento clínico e a reinserção social dos usuários pelo acesso ao trabalho, lazer, exercício dos direitos civis e fortalecimento dos laços familiares e

Michel Foucault em **A Vida dos Homens Infames** reúne uma série de histórias minúsculas de existências também minúsculas para apresentá-las como são, vidas reais, recolhidas numa “mão cheia de palavras”, sem fazer delas uma obra de história. O que Foucault recolhe são relatos encontrados na Bibliothèque Nationale quando lia os registros de internamento do início do século XVIII. A leitura dessas notícias, que transcrevo abaixo, provocou em Foucault algo difícil de dizer: “sem dúvida uma daquelas impressões das quais se diz que são ‘físicas’, como se fosse possível existirem outras”. (Foucault, [1977], 1990, p. 91)

Mathurin Milan, internada no hospício de Chareton em 31 de agosto de 1707:

‘a sua loucura foi sempre o esconder-se da família, levar uma vida obscura no campo, ser processada, emprestar a usura e a fundo perdido, passear o seu pobre espírito por caminhos esconsos e crer-se capaz dos maiores cometimentos.’

Jean Antoine Touzard, internado nos paços de Bicêtre em 21 de Abril de 1701:

‘Frade apóstata, sedicioso, capaz dos maiores crimes, sodomita, ateu até mais não poder ser; um verdadeiro monstro de abominação que mais valia sufocar do que deixar livre’.

comunitários. Existem cinco tipos de CAPS diferentes, cada um com uma clientela diferenciada (adultos, crianças/adolescentes e usuários de álcool e drogas) a depender do contingente populacional a ser coberto (pequeno, médio e grande porte) e do período de funcionamento (diurno ou 24h). CAPS I - são serviços para cidades de pequeno porte, que devem dar cobertura para toda clientela com transtornos mentais severos durante o dia (adultos, crianças, adolescentes e pessoas com problemas devido ao uso de álcool e outras drogas). CAPS II - são serviços para cidades de médio porte e atendem durante o dia clientela adulta. CAPS III - são serviços 24h, geralmente disponíveis em grandes cidades, que atendem clientela adulta. CAPSi - são serviços para crianças e adolescentes, em cidades de médio porte, que funcionam durante o dia. CAPS ad - são serviços para pessoas com problemas pelo uso de álcool ou outras drogas, geralmente disponíveis em cidades de médio porte. Funciona durante o dia”. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/saude> Acesso: 25.03.2010.

Antologia de existências é como Foucault denomina as breves histórias de vidas breves que recolhe e compõe o texto “A vida dos homens infames”³⁵. “O acervo que aqui encontramos não obedeceu à regra mais importante que o meu gosto, o meu prazer, uma emoção, o riso, a surpresa, um certo assombro ou outro sentimento qualquer, cuja intensidade talvez me fosse difícil justificar, agora que é passado o primeiro momento de descoberta”. (Foucault, 1992, p. 89)

Para ele as “vidas breves, achadas a esmo em livros e documentos (...) são exemplos que têm menos de lições a serem meditadas do que de breves efeitos cuja força se desvanece quase imediatamente.” Sua intenção era de saber por que é que uma sociedade tornava importante sufocar “(como se sufoca um grito, um fogo, um animal) um monge escandaloso ou um usuário fantasista e incoseqüente”. (Foucault, 1992, p. 92) Hoje, como ontem, “podemos divertir-nos, se assim o quisermos, a ver nisso uma vingança: a sorte que permite que aquelas pessoas absolutamente destituídas de glória surjam do meio de tantos mortos, que gesticulam ainda, que continuem a manifestar sua ira, a sua aflição ou a sua invencível mania de divagar, talvez compense a má fortuna que sobre elas atraiu, mau agrado a sua modéstia e o seu anonimato, o clarão do poder. (...) Vidas que são como se não tivessem existido, vidas que não sobrevivem senão do choque com um poder que mais não quis que aniquilá-las, ou pelo menos apagá-las, vidas que a nós não tornam a não ser pelo efeito de múltiplos acasos...”. (Foucault, 1992, p. 102)

³⁵ Originalmente publicado como artigo sob o título “La vie des hommes infames”. *Cahiers du Chemin*, n. 29, 15 janvier 1977, p. 12-29. A tradução portuguesa encontra-se em Foucault, M. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992, p. 89-128.

... e outras histórias são acontecimentos-clarão, captados no instante e contados pelo que provocaram em mim no momento do seu acontecimento. A intensidade da provocação que esses instantes atingiram liga-se ao problema em experimentação: como o espaço que ocupamos não é todo o espaço que se dá a ver.

Será que louco tem volta, inferno, mandalas, eu tenho, uma mulher dançando, estrela, submarino, carta ao juiz, saúde e outras histórias são transbordamentos, forças de soerguimento de ilhas, movimento de algo vivo e forte sob o mar cuja consistência é feita do encontro que cada um faz com as grades, medicamentos, processos, polícia, crime, doença e exclusão.

Ao mesmo tempo essas manifestações que coletei não são nada. E é aí que encontro ainda alguma potência nessas pessoas. Transbordamento que não interessa ao Estado; pode-se chamá-lo mesmo de supérfluo, algo que não conta, inútil, pura mania, sequer merece nota nos prontuários. Num sentido contrário aos registros de internamento do século XVIII encontrados por Foucault, mas confirmando da mesma forma essas vidas infames pelo desprezo do que nelas pode haver de belo, nas minúsculas manifestações, interessou aqui o que a instituição, a miséria, as medicações não tocaram, ou se tocaram, não lograram sufocar.

Os mapas em “... e outras histórias” são de densidade, de intensidade, são feitos do que preenche o espaço e que subtende os trajetos. Cada história apresenta seu mapa aberto, conectável, remanejável, condensa um conjunto amplo de outros encontros. Mapas como a fumaça da droga, como nos dirá Andes, eles não são fixos como os que se ocupam de determinar tipos de pessoas e não formam fixos de paisagens, de pessoas, o que eles fazem é

dar certa inteligibilidade ao que foi percorrido no instante em que foram captados pelo cartógrafo.

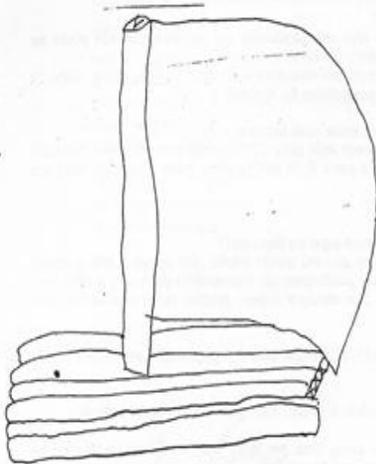
E outras histórias são mapas intensivos na mesma proporção que os trabalhos gráficos o são. Os trabalhos gráficos são mapas dos deslocamentos apresentados de outro modo. Estas histórias se tornam mapas intensivos quando o cartógrafo se dá conta que o seu ponto de vista do que seria um mapa intensivo também se dissolve.

Essas outras histórias dão a medida do que um corpo pode enquanto está vivo, ativo na produção de uma saúde que não é a gorda *saúde dominante*. Mas, antes, a saúde de um corpo que experimentou e vive experimentando, fazendo a vida proliferar, um bocado de sensações e “é capaz de compartilhar uma sensação com o outro”. (Artaud, 1986, p. 164)

Um devir fugitivo

O louco se recupera!

(Maio de 2008, No. 0, edição experimental)



Era uma vez uma galinha...

Quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha? Quem de nós nunca refletiu sobre esta pergunta, que nós deixamos confusos com os trocadilhos da resposta? E agora pergunto: quem irá se extinguir primeiro: o ovo ou a galinha? Talvez esta indagação, sim, seja muito mais difícil de responder pelo simples fato de acreditarmos que ainda existam muitas galinhas e por isso estão longe de se extinguirem. Mas afirmo que não. E digo mais, todos aqueles seres enjaulados nas granjas, apesar de seu estereótipo, não são mais galinhas. Explicarei um pouco melhor pois pode parecer insensato dizer que aqueles animais que vemos todos os dias arreganhados, enfiados em espetos, em todas as churrasquias da cidade, ou que aquilo que comi com pão no café-da-manhã e, no almoço, roí até os ossos numa satisfação necrófaga estão em extinção ou não são mais galinhas. Só pode ser uma piada! Mas não é!
(Extraído do Boletim Castra Violeta por)

Louco reclama que o salário não dá pra nada!

O salário em vez de crescer minguou. Com este salário não dá de fazer mais uma cesta básica. É uma vergonha um governo tão ruim dizer que o real é um dinheiro que aumenta no bolso do homem.
(por)

Reflexão

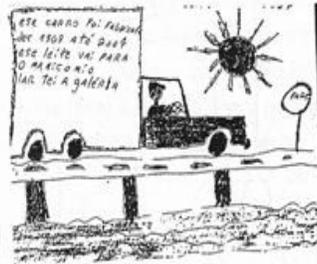
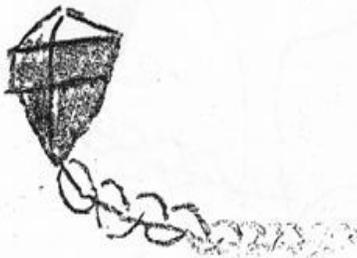
Uma melhoria na comida; umas saladas; mais emprego; precisamos de cozinheiros; uma cozinha no HCTP; não tem dentista para atender; o dentista só vem quando o dente cai.

Pegadinha

A clínica do Custódio está matando o pessoal de fome!

Diversão no HCTP

No Hospital vivemos por viver quase todo o tempo. Confesso que é legal assistir algumas aulas. Às vezes aprender coisas novas, nos revitaliza por dias. Mas bom mesmo é jogar aquele futebol, aquele jogo de ganhar ou perder. Aquela jogada de colegas atrás de um grilo que nos torna ativos. Pena que é apenas de terça e quinta uma hora por dia.
(por)



Entrevista

() entrevistam () e () estagiárias do Serviço Social.
Transcrição Ana Maria)

Meninas: O que vocês querem saber da gente?

: Se a frase "o louco se recupera" tá certa?

Meninas: Tá certa. Não quer dizer que se você tem um problema de saúde você não pode se recuperar, não é? Não é isso que vocês querem dizer?

: Pra dizer pra esses médicos que nós temos possibilidades de agir lá fora como certo, a mesma coisa. Porque de louco todo mundo tem um pouquinho de loucura.

Meninas: O que mais vocês querem perguntar?

: Agora fala vocês? Como é que vocês começaram essa história aí?

Meninas: O que é que a gente veio fazer aqui? A gente está pela UFSC, pela universidade, fazendo um estágio pra conhecer vários lugares e um deles é aqui. E só vamos ficar duas semanas, essa e a próxima.

: Vocês trabalham com o Conselho Tutelar?

Meninas: Não.

: Qual a pior e a melhor coisa que vocês viram aqui no Hospital?

Meninas: Esse é o nosso segundo dia aqui e a gente não viu muito ainda. Até agora o que a gente conheceu um pouco mais foi o espaço físico. A gente participou da Assembléia de vocês e deu uma volta pelo Hospital. E achamos legal, é isso. Vocês têm espaços legais, podem falar, têm aulas, têm coisas pra fazer.

: Espaço Geográfico?

Meninas: Não. É que vocês têm espaços de reunião. E a coisa pior? A gente não percebeu muito ainda. Mas têm superpopulação aqui?

: Não. Tá tudo certinho.

: Tem superpopulação sim. Um tá prejudicando o outro. Tem paciente demais aqui já.

Meninas: Talvez então ter mais espaços?

: Eles deviam liberar os pacientes de mais anos. Tem paciente que já tá bom, e tá aqui na Clínica se recuperando de não sei o quê. Têm muitos que ficam bom e depois de tanto remédio que eles tomam ficam ruim de volta... por causa das coisas daqui de dentro, né?

Meninas: Ainda não sabemos o que que tem de ruim aqui, de pior aqui dentro. É que a gente não viu tudo ainda. Vocês têm mais alguma pergunta?

: Vocês gostaram daqui, de nós?

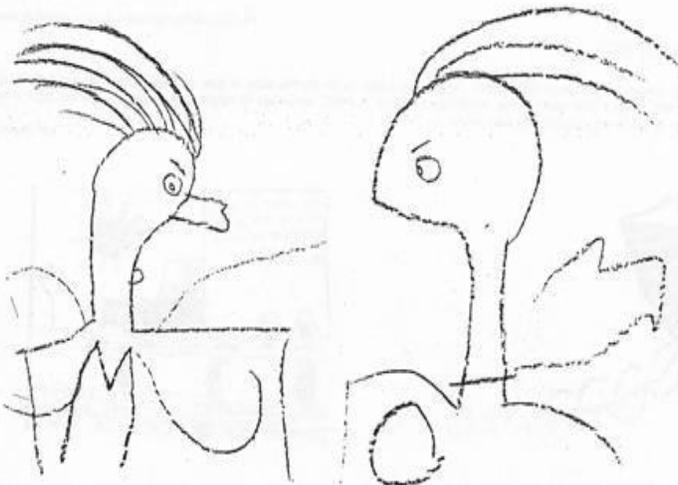
Meninas: A gente tá conhecendo ainda pra ver como é que é o trabalho do Serviço Social.

: Vocês acham legal o nosso trabalho?

Meninas: Bem legal a oficina de vocês. Nós não sabíamos de oficinas desse tipo aqui. É legal que dá pra falar, passar o tempo, conversar entre vocês, desenhar...

: Tem linha aberta. Aqui tem espaço pra todo mundo conversar. Acho que já deu então, todas as palavras foram apreciadas e foram apoiadas.

Meninas: Então tá bom!



Poemas e outros fragmentos...

O sol batendo sobre as montanhas,

sustentando os pássaros e os seus filhotes na ilha perdida sobre vários mapas, territórios esquecidos.
Lá brilha o sol, iluminando os contrastes da vida.

Eu quero

tá lá no luar de um noite estrelada. Mas, é caminhada esta ilha...
é mar a mar.
Tão dentro do mar, longe das civilizações porque aqui é meu lugar,
longe de tudo.
Onde nada é absurdo

quero

só viver nestas montanhas.
(Por)



...

Chegados, nunca chegamos,
eu e a ilha movediça.

Móvel terra,
céu incerto
mundo jamais descoberto.
(...)

Mesmo sem naus e sem
rumos,
mesmo sem vagas e areias,
há sempre um copo de mar
para um homem navegar.



(Jorge de Lima, Invenção de Orfeu. Esse poema foi enviado por Ana Godoy para o grupo que participou da oficina mapa-paisagem no HCTP no dia 08 de maio deste ano)

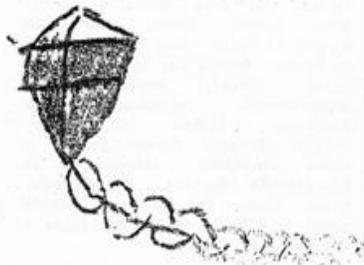
...

"Livre-se da droga, desligue já sua televisão."

"A guerra não deu trégua."

(Extrado do Fanzine Eu quero cantar, por)

...



É preciso inventar o paraíso porque ele
não existe mais. O paraíso deve ser o céu.
Será que é bonito ir para o céu, Ana? Aqui
(na Terra) é tão bom! A vida por mais que
seja ruim a gente vai se levando.

(por)

3

Eu quero falar sobre os filósofos!
(Conversas entre um andarilho, um domesticado e uma curiosa)

Quando o andarilho se apresentou o domesticado se definiu. Rimos muito. Portanto, o domesticado está em relação ao andarilho, apenas. Já que um andava muito o outro dizia ficar parado.

O andarilho é filósofo, poeta, compositor e gosta de fogo, de estar perto do fogo (Perto do fogo como faziam os hippies). O domesticado é um sonhador, trabalhador e muito espiritual. O domesticado vai de casa para o passeio, do passeio para a casa, da casa para o serviço, do serviço pra casa.

"Eu tinha um atlas geográfico grande naquele tempo que eu era andarilho". O andarilho disse que queria falar sobre os filósofos porque é um deles. O domesticado disse: - "eu nem entendo disso!" Eu perguntei ao Filósofo "o que quer um filósofo?" "Ele quer ser um artista com o poder dele. Os filósofos não morrem." O domesticado disse que a sabedoria passa de um para o outro. Porque as idéias não morrem, elas passam. "Eles morrem, mas ficam os livros e tudo mais que ele fez para ser lido".

•"Filósofo é alguém que tem amor a poesia. Eu, quando filósofo, viajava muito. Me inspirava muito em praias do litoral do Paraná. Eram viagens bem curtas e eu ia a pé. Às vezes, quando estava bem, ia de ônibus. Eu andava com três agendas para escrever".

"Telhado de um albergue", "Memórias de um pedinte", "Amor de Frégi", "Ele e ela", "Viver por ela", "Esses são nomes de algumas das minhas poesias".

"Ser poeta é bom quando aquilo que você faz passa de um para o outro. O ruim é quando se joga tudo isso fora, quando nos roubam..."

"Roubaram minhas agendas. Senti falta disso porque isso era minha ocupação e isso me inspirava muito."

Ao final da conversa o andarilho diz que é preciso ter a cabeça educada para não perder o ganha pão; o domesticado fala que é preciso ter respeito e educação para poder andar junto da população.

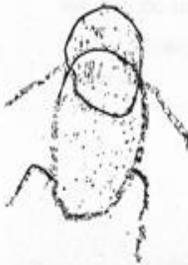
P.S. Disse o filósofo entusiasmado e sorrindo, após ouvir o que fora escrito da conversa: "eu achava que não ia sair poesia e nem filosofia". O domesticado com um baixinho sorriso, falou: "eu já sabia que isso ia dar uma poesia muito bonita". E deu.



(Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Florianópolis, SC. Colaboram nesse número Ana Maria Preve (UDESC),

todos participantes do Projeto Geografias Intensivas. Nosso Jornal, nesta edição experimental, apresenta suas primeiras linhas pontilhadas. Nossos sinceros agradecimentos a esses meninos, senhores, as Assistentes Sociais, professoras, todas elas, por estarem sempre vibrando e apoiando nossas idéias e aos agentes também.)

Até o próximo número!

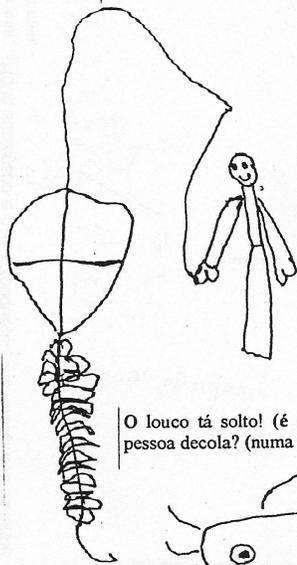


(julho-agosto de 2008, No. 1)

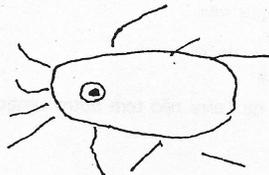
O louco se recupera!

Por que ler um jornal?

Porque nos traz tantas coisas boas que em nenhum lugar conseguimos comprar!
Me chamam de louco. Mas eu quero que me dêem um motivo pra me chamarem de louco. Passo o dia inteiro dormindo, quando saio para a rua as pessoas dizem assim: - lá vai o louco! E eu peço o seguinte: - me dê um motivo! Por que? Porque eu nunca atirei pedra em ninguém. Então, me dê um motivo... por que me chamam de louco?
(Por)



O louco tá solto! (é o pensamento do louco que tá solto). Numa viagem a pessoa decola? (numa viagem do pensamento) SIM! SIM! SIM!



Sol lindo

Hoje o sol nasceu
Chove, dá vento
E nós, pacientes a pensar:
como é lindo o dia na liberdade.
Pois um dia chegará!

A tristeza são momentos
pois a alegria transborda o coração, por isso essa melodia
- não podemos se alimentar da tristeza -
por nossa tão grande burrice...
por esperar o dia clarear...
e mudará todo o pesadelo.

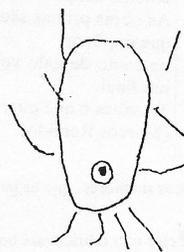
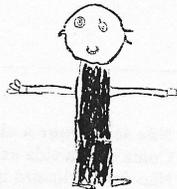
Pois eu sonho com a liberdade
pois a liberdade é bela e ninguém pode mudar isso.
()

Criança esperança

A névoa fria da noite
me faz pensar em você,
no seu cheiro suave de sempre um amanhecer.
Aprendi a ler como um poeta
a prescrever poesia que te encanta na dança de uma criança.
Sou seu par em uma eterna aliança.
Criança inocente como um pôr do sol, nasce pequeno no terno seio da terra, na esfera de uma bola gigante, um beijo emocionante. Tão tristonha apesar de um penar incrível no sentimento de mistério que você nunca soube amar.
Amar como eu te amo no terno sopro da vida, cura raiva, cura a ferida.
Assim te amo querida criança! Força de vida e de esperança que nunca tive pra ter esperança de uma vida feliz rodeado a mesa com crianças, filhos de uma esperança.
()

Use anel de formatura para se formar um Doutor.

Use cada dia um bom senso de humor que é bom pra saúde.
Não critique para ser criticado e ame para ser amado.



Quem mostra o que pode, vê o que não pode! Quem fala o que quer, ouve o que não quer.

Se você pensa que um Hospital Psiquiátrico é para tratar louco você está enganado. Porque certas pessoas estão doentes de todas as formas. Existe uma pequena doença mental que não é grave, existe tratamento, mas as pessoas tratam de louco. Não são loucos, são doentes.
()

Ninguém consegue entender a mentalidade do ser humano. Por mais que se estude, é difícil entender.

Conversa com um roqueiro

Nós somos loucos, Deus não.

- Eu entrei aqui no Hospital alucinado.
- Você acha que é possível se recuperar aqui dentro?
 - Eu acho que a gente se recupera porque perde aquele visual de maluco. Eu achava que era um anjo muito importante pra Deus. Minha missão era proteger Jesus e a Virgem Maria. Enxergava demônios, diabos... eu via direto isso. Era efeito da cola e do Tinner. De manhã cedo eu enxergava Ets carnívoros.
 - Carnívoros? Como você sabia que eles eram carnívoros?
 - Eu via eles se mordendo. Agora eu sou vesgo, antes tinha olhos normais. Eu era brincalhão.
 - E hoje?
 - Sou mais sério. Será que isso é coisa da idade? A gente vai ficando com o passar dos anos mais sério? Eu via disco voador. Sabe onde eles ficavam?
 - Não.
 - Tinha uma aranha grande na parte de trás da minha cabeça e ela cuidava do disco voador. A aranha era a guardiã do disco voador. Se eu morresse era a voz e a luz do alcance. (Deus me salvaria)
 - É verdade isso?
 - É sim! Isso era tudo real. Tão real que tava louco de Tinner e entrava nas igrejas para rezar pensando que eu era um anjo.

O mundo é feito em flores

mulheres são outros amores
que: com muitas dores
dão vidas a muitas flores
e dessas rosas nascem também
perfumes e cravos que em brotos se espalham sobre a terra
e formam uma imensa cidade tão lindas são elas
na escuridão da noite se enchem de glória
como a luz das estrelas são elas
tão belas formosas poderosas deusas
donas da terra donas do mundo
donas da paz poderosas no amor
glórias sem fim (mulheres).

()

Invento (Vitor Ramil)

(Seleção de
Leva
um beijo perdido
Um verso bandido
Um sonho refém

Alma
Que arrasta correntes
Que força as batentes
que zomba da dor

Oh, vento que vem
Pode passar
Inventa fora de mim
Outro lugar.

A vida aqui na Terra não tem outro sentido.

Não sei porque a vida faz de conta.

Conta com a vida as almas mais ricas.
Não é uma riqueza que se compra, mas se conquista nas pistas.
Um pintor olhando a obra que pintou, assim é a vida que pinta a obra
quando a gente não cobra.
Força de vida é batalhar pelas obras que se colocam em nossa frente, tão
ardente assim é a vida, na pista de corrida corro em torno da vida.
As obras primas são um fardo que os culpados não pagam os preços da lei
que impõem;
no canto de galo vejo a vida fluir nos mistérios das glórias sem fim, vejo
um final.
Tu sabes o que quer a vida é vida.
()

Os loucos têm atitudes e pensamentos melhores que as pessoas normais?

Se os estudiosos fossem inteligentes eles não fabricavam bombas atômicas.

A fé é o limite da vida que não têm limites.



YURI



CAPITÃO GUANCHO

Em cada nuvem que passa vai um pouco de mim.
Cada ser que me encontra leva um pouco de mim.
Cada dia que finda a noite nasce em mim.

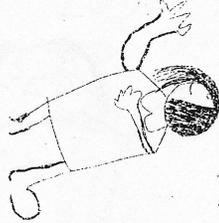
Fique sossegado e não enlouqueça. Use Alifazema e camilhe com flores.

Use L' água de Flor e sinta-se uma Deusa.



PRODADOR

YURI

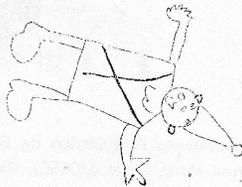


Para não ser louco não use drogas. (É o nosso medicamento?) Ele é químico.)

(Extrato do livro dos porquês de Vitor Ramli por

O ovo respirar? Por que é que os dois lados de um caminho reto se encontram ao longe? Como é que as moscas podem andar pelo teto? Até onde a nossa vista alcança? Qual é a origem dos pensamentos? Por que não estamos nunca satisfeitos? Por que nos parece que os campos se movem quando vamos num trem? Por que nos esquecemos de umas coisas e lembramos de outras? É possível conhecer o futuro?

capitão GUBINCHA



A vida tem sentido quando a gente vive.

Entrevista com , feita por e

3

O que o Sr. sente indo embora daqui?

O prazer de chegar novamente no meu torrãozinho e de ter o prazer de entrar numa residência terapêutica. Quais são os seus planos?

Trabalhar no CAPS, residir a casa novamente.

Gostava daqui?

Não. Daqui eu não gostei. Muita prisão, não se tem liberdade de ir lá fora conhecer um colega novo, fazer umas comprinhas.

E as amizades daqui?

Eu gostei.

Vai sentir saudades?

Sim, do meu ambiente, da hora do almoço que é uma hora boa aqui e da hora que me chamavam pra ir no médico.

E as assistentes sociais?

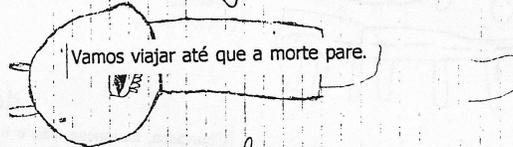
Eu gostei de todas elas. Sou humilde.

O que o Sr. diz pra quem fica?

É preciso respeito com as assistentes sociais. Que vocês façam que nem eu, botem Deus em primeiro lugar e nunca esqueçam deste salmo: "um choro pode durar uma noite, mas a alegria vêm ao amanhecer"

e dizem: Não faça besteira pra não voltar pra cá. Seja feliz na rua. Arrume uma mulher que te ame e vá pra Igreja. Que você seja sempre o bom amigo como sempre foi e alegre.

Vamos viajar até um



Vamos viajar até que a morte pare.
dia morte chegar

Entrevista com , nossa Assistente Social, feita pelo grupo

Há quanto tempo a Sra. está aqui?

Há 29 anos, entre aqui e a Colônia Santana. Já estou me aposentando. Tem algumas pessoas que conheço daqui e lá da Colônia também.

Por que a nossa saída demora tanto?

Todos estão aqui por ordem judicial e o juiz leva em conta o estado de saúde da pessoa e para onde ela irá quando sair daqui. Ou seja, como ela vai dar continuidade, lá fora, ao tratamento. Então, é muito importante que o paciente tenha alguém esperando por ele lá fora assim como um lugar pra ir. Alguns aqui já perderam a mãe e outra pessoa mais próxima. O Juiz não libera quem não tem pra onde ir. É muito importante quando se sai daqui levar o tratamento à sério, continuando com ele. Por exemplo, o vai sair daqui por esses dias e o pessoal de lá (de Joinville) está vendo uma pensão pra ele pra que ele possa continuar o tratamento no CAPS. Hoje em dia não se quer que as pessoas fiquem muito tempo no Hospital, mas para que isso não aconteça precisa-se de outros recursos como as residências terapêuticas...

E a nossa aposentadoria?

Não é aposentadoria. É um Benefício de Prestação Continuada. Tem direito a ele a pessoa com mais de 65 anos de idade e o deficiente, que não tem condições de se manter. Atualmente o INSS está limitando o acesso para as pessoas que estão internas no HCTP.

Quem tem direito a aposentadoria?

Para ter direito a este benefício a pessoa tem que frequentar um serviço de saúde do seu município. Há pensões também. O paciente tem o dever consigo mesmo de frequentar o serviço de saúde. O CAPS trabalha com autonomia do paciente, com o cidadão. Tem psiquiatra, medicamentos. O está frequentando o CAPS e ele pode falar um pouquinho das coisas que eles fazem lá.

: Tem reuniões que a gente fala coisas sobre nossa vida, tem música, atendimento à saúde e a gente encontra outras pessoas pra conversar.

A realza dos pássaros

A como eu queria ser a alegria dos pássaros. E voar no céu de luz de seu olhar.

Não ser vulgar. Ao menos encontrar nos traços físicos e na beleza de uma só franqueza.

Não ser realza, mais real o bastante para ser visto pelo menos num cisto de um ser, um olho nu em um microscópio.

Pegar os cosmos da vida e passar pela realidade de uma sombra de verdade.

A falsidade entre os homens da corrupção levando eu e você, os povos à pobreza de sentimento.

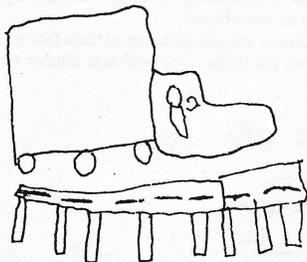
Onde está a realza que cumpriu com a verdade?

Onde estamos num mar de contenda roubaram a tenda... onde levaram a alegria dos pássaros.

()



alien predador



As horas passam como um vento, mas nunca esqueço deste hospital um só momento.

()

domingo de festas

Churrasco, maionese, pão e muita coca-cola e um café reforçado à tarde com bola nega-maluca, torta e torta de bolacha e cerveja e cigarro para quem gosta.

Conversa com coelho

, "o homem que não gosta de páscoa e adora

Você sempre desenha coelhos. Por que coelho?

É mais fácil desenhar um coelho. Foi com 11 anos que uma professora me ensinou a desenhar um coelho, lá em Cachoeira.

Você gosta de festa de páscoa?

Não, eu não gosto. Na mão desse coelho dá pra por um jornal completo!

Com o que se parece o coelho do ?

Pra mim é um sol, pra mim um mapa e pra mim um tapete com calda. É, se bem que olhando bem parece mesmo um mapa!

Com um mapa?

Por causa do acabamento do desenho, tem uma cor, outra cor, uma divisão.

Cada parte tem um enquadramento. Esse é o mapa do

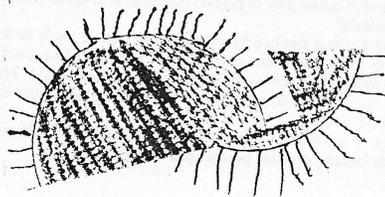
Se é um mapa, qual região daí você gostaria de conhecer? A beradinha da região roxa, bem aqui.

Esse coelho tá triste, olha a cara dele.

Não, ele não tá triste não.



COELHO DO A "REGIÃO" CITADA É A ÁREA MAIS ESCURA ABAIXO, A DIREITA



(Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Florianópolis, SC. Colaboram nesse número Ana Maria Preve (UDESC),

O louco se recupera é parte do Projeto Geografias Intensivas.)

Até o próximo número!

O LOUCO SE RECUPERA! Ecente-ce fern.

NOVEMBRO de 2008, Nº 2

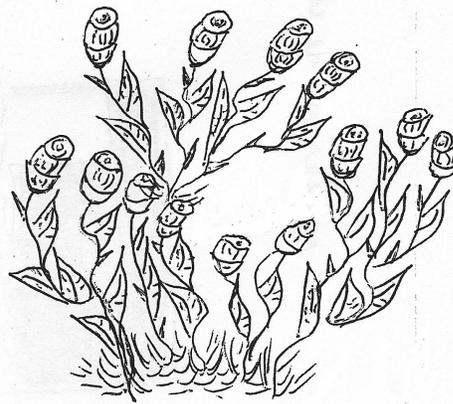
Journal que
Lembra
acontecimentos
atuais. Lembra
tambem acontecime-
ntos passados e mas
se esquece.

do futuro que
todos contão de
saber, noticias
crônicas propa-
-candas fotos
mostrando aconte-
-cimentos, prizo
acidentes, artista
modas, pressões
empregos, chama-
-das Militares.

Amar é viver, vivo por que
amo voce!

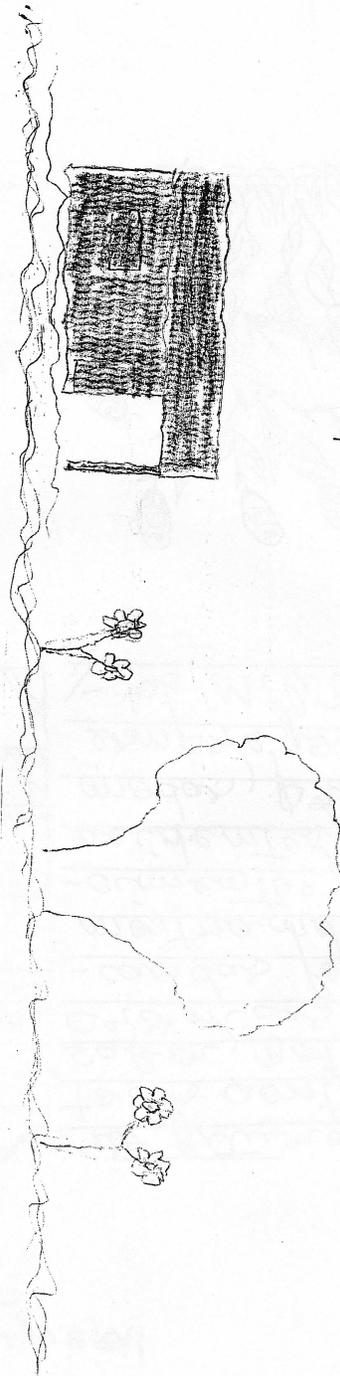
Como é viver amando
outra pessoa?
fala, diz como é que é.

- Amar é viver com outra
pessoa
- É diferente, é diferente.
- Amar é saudades da
pessoa
- nesse mundo ninguém
ama ninguém.
- mas eu amo!
- um amor, é inigual



Droga é:

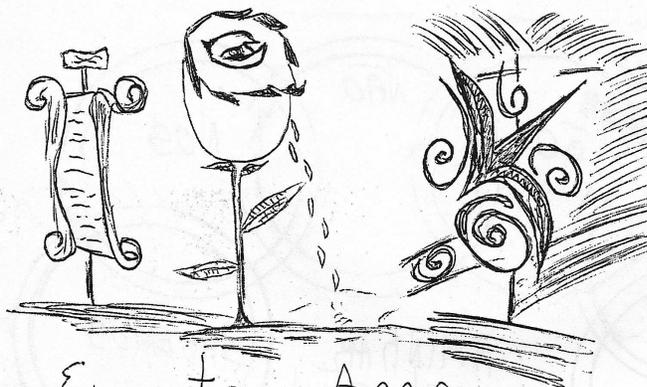
- Ex: - Ir no supermercado e não ter promoção.
- Se achar o único criado ou achar que está criado.
- Ir tomar banho e não ter água.
- Pensar que é uma besta.
- Não esquecer a primeira namorada.
- Perder uma mão.
- Quando o preço das coisas aumentam.
- Pisar na merda do cachorro.
- Não ter iniciativa.



no tempo de guerra cai o açúcar e eu gosto de abacaxis

As ROSAS

AS ROSAS CHORAM
POR SER BELAS
E ESTAREM SOZINHAS.

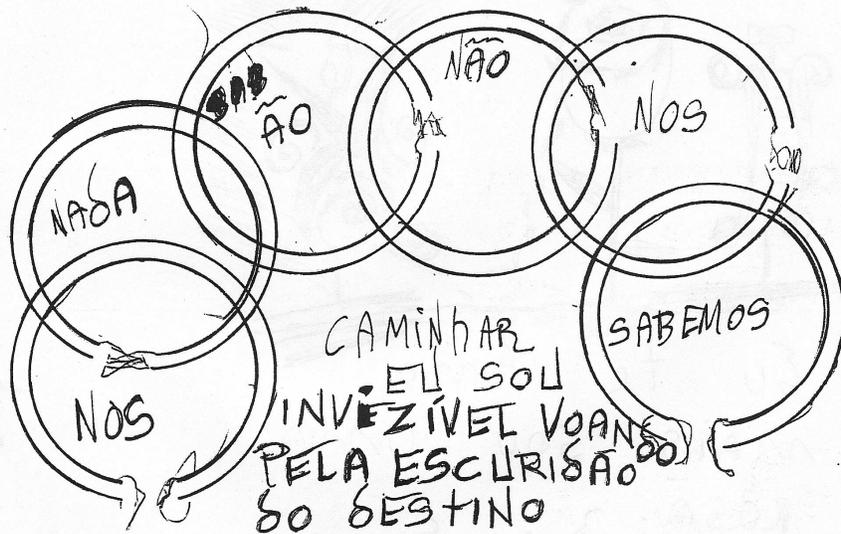


Eu te Amo
MAIS SOU UMA
ROSA. Beijos.

Floriâmbros, 12.11.2008
mantenha
esta local
limpo.
com toalha

Droga

Estar em um sentimento. pressionar nos pensamentos e se sentindo em todos os sentidos que a vida no dia dia traz muitos problemas e, as vezes, não se encontra soluções suficiente para ter um sucesso tanto físico como de bem com si mesmo para resolver e obter restituido os seus sonhos.



SE PARAR SEM REMÉDIO, SERÁ QUE VOLTA TUDO DE NOVO?

Se parar sem remédio, será que volta tudo de novo?

SE FÁ QUE A FAMÍLIA APÓIA?

Será que a família apóia?

VI

SE FÁ QUE É POR CAUSA DA CACHAÇA?

Será que é por causa da cachaça?

SE FÁ?

D: 12/11/08.

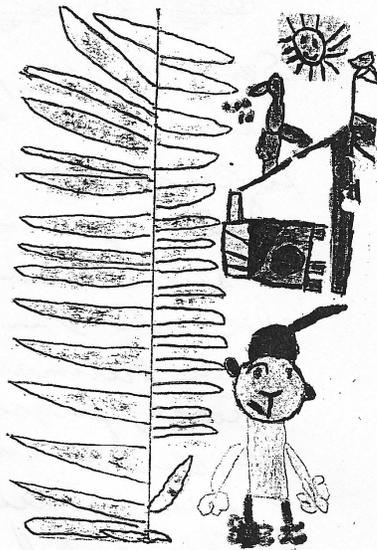
Estor em uma prisão em nós.

Sempre que penso em liberdade:
Para mim é ser livre.
Livre nos meus sentimentos,
alguém que não se vê, mas
se sente. Sentimento é
abstrato e não concreto.
O ser humano procura
saídas, fugas, para não
ver sentimentos que machucam
o seu interior e seu lado
sentimental.
Sem escolha não é liberdade.

↳ Poesia sobre a chuva

A chuva cai sobre os pavanos e
os pavanos não.
pois não estragam os minhos que
lá sempre ficam.
na natureza cresce sua melancolia,
pois os animais que não tem e
a sua tristeza.
pois realmente a chuva que existe
está dentro pois ainda não foram
dos corações dos pássaros.
mas em nada muitos que falam
viver é uma lição, mais real-
mente viver é uma lição
para os leucos e românticos e
amor debruço chuva com os
amarelos cantores.

↳ 10 de março de 2011



SEUS OLHOS CATIVANTES,
SE APRESENTAM NUM INSTANTE.

O LOUCO SE RECUPERA.

(Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico
de Florianópolis, SC. Colaboram nesse número
Ana Maria Preve (UDESC),

e
O louco se recupera é parte do Projeto
Geografias Intensivas.)

Até o próximo número!

E, no entanto tudo parece ilimitado.

[Paul Bowles,

O céu que nos protege]

Apresentar a oficina como o encontro, a reunião de peças de um jogo, interessada no que produz diferença, no que se move sem sair do lugar. O filme “O céu que nos protege” dá as dimensões do que pode acontecer quando o céu é o limite do que pode um trabalho, do que pode uma vida. Estar perdido como sentido afirmativo produzido nas oficinas.

O céu que nos protege

— *Você está perdida?*

— *Sim.*

A pergunta surge dos fundos do bar, ocupa o espaço, e chega até Kit, personagem do filme “O céu que nos protege”, que nesse momento entra no bar após ter percorrido longos trajetos no deserto do Saara. Estamos nos minutos finais do filme. Ela entra no bar, no mesmo bar onde a viagem à África começou, e encontra espaço para o seu *sim*.

Kit saiu de Nova York na companhia de seu marido e um amigo em direção ao deserto. Carregando muitas malas e expectativas ela se define um pouco viajante e um pouco turista. O turista é aquele que sempre quer retornar para casa, terra de onde partiu e deixou suas coisas, enquanto o viajante é aquele que pode nunca mais voltar.

Mulher-esposa Kit acompanha seu marido na viagem ao deserto. Juntos partem e juntos vão até um ponto. De lugar em lugar, hotel em hotel, por estradas cada vez mais distantes e condições de estadia precárias, o casal vai entrando em contato com um mundo que se comunica com a civilização, mas guarda uma face oculta e hostil. Os lugares rústicos, empoeirados, a falta de água e comida, muitas moscas, exacerbam os conflitos, acelerando-os, precipitando os dramas de vida que os três personagens passam a experimentar. A viagem do casal é atravessada pela viagem de um terceiro que se interessa por Kit. A ausência de água, de comida e de saídas para encarar sentimentos que não aceitam mais negociação, cruza-se com uma existência esgotada.

A noite no deserto é escura e silenciosa, o céu abundante de estrelas. No dia por demais ensolarado o calor é insuportável; o vento forte transforma a paisagem constantemente, mesmo que ela nos pareça sempre a mesma. Ir de um lugar a outro requer percorrer longos percursos sob o sol escaldante. O azul quase sólido do céu, o entardecer que deixa tudo rosa ou tudo cinza-azulado, as caravanas nômades dos mercadores serpenteando as dunas, os camelos, os árabes, os traços culturais, a língua, as moscas que grudam no corpo, as roupas que cobrem o corpo, o rosto, a miséria explícita mostram-nos a África pós Segunda Guerra Mundial. Elementos que compõem uma paisagem diferente das paisagens ocidentais as quais os personagens estavam acostumados e que deixaram para trás. Cidades muito pobres, pessoas

com fome, doentes, tudo muito pouco frente à abundância de quem chega dos excessos do mundo capitalista. Os caminhões e ônibus que fazem as travessias são lentos e precários, abarrotados de gente. Isso incomoda Kit; mas Port, seu marido, já está acostumado, pois esta não era sua primeira viagem à África. Port precisa desses encontros, ele busca isso como viajante que é. Tunner, o jovem rico e amigo que os acompanha, não suporta tamanha dessemelhança.

Boussif, Ain Krorfa, Messad, Bou Noura, El Ga'a, Sbâ lugares em direção ao deserto, para dentro do desconhecido, afastados cada vez mais do mundo ocidental, de seus pacotes de consumo. A uma certa altura da longa jornada na qual haviam se lançado as personagens, Kit percorre as cidades em busca de auxílio para seu marido que está sofrendo com a febre tifóide, mas o pouco auxílio que encontra não dá conta de estancar os arrepios de frio, o suor, os delírios e a força da doença que o consome. Foram dias de dor e tristeza, de vento forte e tempestades de areia, de palavras lançadas ao vento porque Kit não encontra ninguém que fale a sua língua, e com Port não é mais possível conversar. Finalmente protegidos numa base militar, ainda que sob cuidados, ele morre e ela, que não quer a proteção da base, parte. Algo também morre em Kit.

É preciso arranjar uma saída porque tudo em volta encaminha para a morte, a solidão, o abandono ou o retorno para sua terra. Sozinha, desnorteada coloca algumas coisas na pequena mala, deixa a base e parte. Parte porque é preciso partir. Não mais para uma viagem, como viajante que está de passagem, conhecendo lugares e culturas, mas a viagem como um mergulho na imensidão do deserto, na necessidade de estar nele e ocupar o grande vazio

deixado pela morte. Kit nada sabe do deserto, da morte. Insegura, com medo, mesmo assim abre a porta, a grande porta da base militar, e vai.

É como se tudo tivesse explodido e Kit experimentasse um outro espaço-tempo que lhe caberia preencher. O lugar no deserto agora é o deserto propriamente. A casa é o deserto. É a imensidão própria do deserto que a acolhe. Não existe mais hotel, caminhão ou ônibus, fortaleza que a socorra. De tudo que trouxera sobrara a valise carregada com alguns pertences, um chapéu, um par de óculos e as roupas que vestia. É com isso que se entrega a uma caravana de mercadores e, sem hesitar, pede que a levem junto. Dirige-se a eles com a certeza de que iria acompanhá-los. E querendo ir parece se espantar como a nova possibilidade de existência. Estar perdida. Nesse movimento, trânsito de uma viagem para outra, de uma mulher-esposa que já não é esposa e que, adentrando o desconhecido, esposa o deserto e suas tribos tornando-se parte do harém.³⁶ Leva o que pode, o *sim* para os processos da vida.

O *sim* de Kit é afirmativo e não é só a sua última palavra, é muito mais que isso. Seu *sim* é a afirmação do estar perdido como “experimentação no estar perdido”, perdido como experiência da vida, e não o perdido para ser encontrado. Ela não foi encontrada pela caravana de mercadores, como quem é resgatada, ao contrário foi ela quem fez o movimento de encontro, no pedido para que a levassem. Para onde? A caravana se encontra com o seu *sim*.

Montada nos camelos, dormindo sob o céu estrelado, comendo o pão feito na areia e na brasa, cortejada pelo chefe dos mercadores, ela deixa para trás suas roupas, chapéu, óculos e incorpora panos que se metamorfoseiam em sentidos outros para além das roupas, sentido de uma nova vida. Sentidos do seu *sim*. À medida que uma vida vai ficando para trás outra vai

³⁶ Se o território é um agenciamento de componentes, a desterritorialização é a passagem para outros agenciamentos “mesmo que o outro agenciamento opere uma reterritorialização”. In: Deleuze; Guattari, 1997b, p. 137.

entrando, ocupando o corpo, marcando-o com henna, com panos, com gestos e tonalidades do sol, com experiências. À noite uma fogueira com sua luz de aconchego em pleno deserto. Não há diálogo entre eles, tudo é dito em árabe, mas há encontro. Todo encontro passa pelo corpo e seus gestos, enquanto uma fogueira os aquece. Experimenta novas formas de vida liberando um corpo atrofiado pelos espaços milimetricamente demarcados. Aprende a pensar sem a informação sobre as coisas, sem o mapa escolar ou qualquer outra prescrição que se apóie em linhas previamente traçadas indicando os caminhos que se deve seguir. No deserto, sem as palavras, uma sensibilidade é acordada. É como se esse deserto retirasse do corpo de Kit sua letargia. Ela traça com seu corpo uma linha de fuga, inventa um modo de viver o deserto.

Há um caderno que acompanha Kit desde o início da viagem e ainda está em sua valise. Quase ao final do filme ela recorta as páginas de seu diário, transformando-as em pequenas bandeirolas com que enfeita e preenche o teto do quarto em que era mantida presa, afastada das outras mulheres do harém, pelo seu homem do deserto. Toda a escrita fora cortada, o caderno perde seu sentido como suporte de um relato, como rastro oficial que se pode deixar no mundo do registro. Resta-lhe o corpo, caderno-pele, onde se inscrevem as marcas dos afetos vividos: as tatuagens de henna, as rotas percorridas, o sabor de uma comida, o aconchego de uma fogueira, o vento quente de algumas regiões, a luz do luar, as perdas de pessoas queridas, os estranhamentos de todas as naturezas, o prazer das noites com seu homem do deserto. *“Eu deixei uma vida nessas viagens. Poderia eu voltar? Eu sou azul. Eu sou azul”*. Esta é a última linha escrita no caderno em transformação.

Ao que parece Kit não suporta mais a segurança de uma vida doméstica, uma casa, o amor de um homem; quando tudo no filme se encaminha para essa conformação ela desata-se.

Vendo-se assim inicia o movimento necessário para abandonar a situação: inventa uma saída. Levando apenas dinheiro, desfaz o rastro picotando o caderno, e sem registro, a não ser na pele, afirma estar perdida. Lança-se sob a proteção do céu e foge para a rua. Cria uma linha de fuga da linha do registro e ocupa o deserto novamente. Na rua, no aglomerado de uma vila, usa o dinheiro para comprar comida e é por ele mesmo, o que parecia ser a sua saída segura, que ela é capturada. De uma sessão de espancamento acorda num hospital, capturada pelo serviço de recuperação de estrangeiros. E nós, por um momento, assistindo ao filme, ficamos contentes porque Kit fora encontrada. Sentimos o mesmo conforto quando o homem do deserto a acolhe, a deseja, levando-a para uma casa, e para uma vida de esposa. Somos levados por esse movimento do filme da volta de Kit para a sua casa – no trajeto entre Sudão e Tânger. O amigo Tunner a espera no Hotel em Tânger, certo da sua volta, como nós. E já estamos novamente contentes no filme porque ela encontrará o conforto, a casa, o amigo que a levará para casa. Uma vida de conforto a espera junto da possibilidade de ser esposa novamente. E para nós, que montamos a historinha antes dela acontecer no filme (montamos um mapa *a priori*, lembramos de Ana Godoy, “o mapa nunca vem antes...”), o estar perdido é a pior coisa que pode acontecer a uma pessoa cuja saída única e certa é ser achada e devolvida ao lar.

No retorno a Tanger olha silenciosamente a cidade pelo vidro do carro e é olhada pela senhora do Consulado Americano que a acompanha. A senhora com gestos sutis manifesta desprezo pela mulher que preferiu o interior tórrido e selvagem da África e que não demonstra alegria no resgate. Em Tanger ela deixa Kit no carro esperando e vai ao Hotel, ao encontro do amigo de Kit. Na espera Kit não espera, delicada, tranqüila, sai do carro e, decididamente, escapa mais uma vez rompendo o desígnio de um voltar para casa como esperávamos. É

possível voltar? Kafka circunscreve um campo para a pergunta: “Além de certo ponto não existe retorno. Este é o ponto que precisa ser alcançado”. Kit atingiu esse ponto e partículas de deserto a povoam (silêncio, imobilidade, ausências, solidão), tornando-se estranha à ordem dos homens.

Diante deles, o sol seguia sua curva no céu, lentamente, descendo do outro lado da Saguia el Hanra. As sombras das colinas e dos rochedos alongavam-se no fundo do vale. Mas o guia não parecia dar-se conta de nada. Imóvel, as costas apoiadas contra a parede do túmulo, não sentia a passagem do dia, nem a fome e a sede. Estava pleno de uma outra força, de um outro tempo, que o haviam tornado **estranho à ordem dos homens**. Talvez não esperasse mais nada, não soubesse mais nada, e se houvesse tornado semelhante ao deserto, silêncio, imobilidade, ausência.

[Le Clézio, Deserto. Grifos meus]

O impossível retorno se desenha no momento em que ela corta o caderno e abandona o registro do que fez. Daí em diante, Kit vive num trânsito pleno, sem ideal, sem objetivo, sem chegada; ela arma no corte do caderno uma fuga. Uma escrita, registro, relato pode ser um mapa que deixa rastros para o futuro, que se gruda a um passado e esquece um presente. Viver é pura exploração dos meios, pura cartografia e seu mapa correspondente. Mapa intensivo do contato com as forças, de estar perdido como experiência que a vida precisa para se expandir. Uma linha de fuga em Kit. “Como Kafka faz o macaco dizer em “Um informe para uma academia”, não se trata do movimento vertical bem formado em direção do céu ou diante de si, não se trata mais de arrebentar o telhado, mas de ‘passar primeiro a cabeça’, não importa onde, ainda que no mesmo lugar, intensamente; não se trata de *liberdade* em oposição a

submissão, mas apenas de uma linha de fuga, ou melhor, de uma simples *saída*, à direita, à esquerda, onde quer que seja, a menos significativa possível”. (Deleuze; Guattari, 1977a, p.12)

O que Kit experimenta no deserto é *uma saída* que começa exatamente com sua impossibilidade de continuar sendo o que era com tudo que tinha vivido até então na cidade ou mesmo durante a viagem na companhia de Port e Tunner. É na imensidão vazia do deserto que inicia um processo de aprendizado um tanto doloroso onde nenhum modelo já estabelecido pode ser acionado. No movimento mínimo desfazem-se os contornos definidos de sua vida e o nomadismo que Kit experimenta se encontra com aquele da caravana de nômades. Junta-se a eles e inventa uma vida e neste movimento produz novos sentidos para sua vida. “O nômade é aquele que não parte, que não quer partir, que se agarra a este espaço liso onde a floresta recua, onde a estepe ou o deserto crescem, e inventa o nomadismo como resposta a esse desafio”. (Deleuze e Guattari, 1997c, p.52)

O *sim* de Kit põe em movimento uma alegria. Ao responder sim, caminha ao encontro da voz que lhe pergunta, sorri como se estivesse indo ao encontro de algo especial. Sem medo, com um delicado sorriso, segue com passos lentos em direção a voz. Deixa-nos olhando, atônitos, estáticos sem saber como aquilo pode ser bom. *Sim* à possibilidade de poder começar, nesse lugar, tudo de novo.

Parece, às vezes, que o artista, e em particular o filósofo, não é mais do que um acaso em sua época... Assim que ele aparece, a natureza, que jamais salta, dá seu salto único, e é um salto de alegria, pois ela sente que pela primeira

vez chegou ao objetivo, lá onde ela compreende que jogando com a vida e com o devir ela teve um adversário forte demais. Tal descoberta a faz se iluminar, e um doce cansaço vespertino, o que os homens chamam de charme, pousa sobre seu rosto.

[Nietzsche, Schopenhauer educador
apud Deleuze; Parnet, 1997, p. 6]

Deleuze na transcrição do vídeo “O Abecedário de Gilles Deleuze” fala do seu fascínio pelos nômades e do seu aborrecimento com as viagens extensivas. “Sim, os nômades sempre me fascinaram, exatamente porque são pessoas que não viajam. Quem viaja são os imigrantes. Há pessoas obrigadas a viajar: os exilados, os imigrantes. Mas estas são viagens das quais não se deve rir, pois são viagens sagradas, são forçadas. Mas os nômades viajam pouco. Ao pé da letra, os nômades ficam imóveis. Todos os especialistas concordam: eles não querem sair, eles se apegam a terra. Mas a terra deles vira deserto e eles se apegam a ele, só podem ‘nomadizar’ em suas terras. É de tanto querer ficar em suas terras que eles ‘nomadizam’. Portanto, podemos dizer que nada é mais imóvel e viaja menos do que um nômade. Eles são nômades porque não querem partir. É por isso que são tão perseguidos. (...) Não preciso sair. Todas as intensidades que tenho são imóveis. As intensidades se distribuem no espaço ou em outros sistemas que não precisam ser espaços externos. Garanto que, quando leio um livro que acho bonito, ou quando ouço uma música que acho bonita, tenho a sensação de passar por emoções que nenhuma viagem me permitiu conhecer”.³⁷

³⁷ “O Abecedário de Gilles Deleuze”. Disponível em:
<http://www.4shared.com/document/xsbNQzLw/deleuze-o-abecedario.html> Download: 21 de julho de 2007.

“Do intensivo ao pensamento, é sempre por meio de uma intensidade que o pensamento nos advém”. (Deleuze, 2006, p. 210).³⁸ A diferença só pode ser preenchida com o diferente: tateando os lugares, aprendendo a andar e a gaguejar novas palavras.

O nômade e o migrante são diferentes. Nesse sentido dizem que “é falso definir o nômade pelo movimento” (Deleuze; Guattari, 1997c, p. 52) e afirmam, de acordo com Toynbee, que o nômade é “antes aquele que não se move.” Aqui é preciso diferenciar velocidade de movimento. O movimento típico do migrante tem a ver com as extensões territoriais percorridas e a velocidade típica dos nômades é da ordem do intensivo, como as viagens sem deslocamento espacial. Os autores se referem “às viagens espirituais feitas sem movimento relativo, sem sair do lugar”. (Deleuze; Guattari, 1997c, p. 52) Nas viagens de deslocamento territorial o homem opera sobre si mesmo uma “desterritorialização relativa” diferente da que se opera na lentidão do tornar-se-animal em Kafka. Nele trata-se de uma “desterritorialização absoluta. Uma viagem imóvel e no mesmo lugar, que só pode viver-se e compreender-se como ultrapassagem de limiares de intensidades”. (Deleuze; Guattari, 1997a, p. 54)

O nômade, o nomadismo não é a saída para nossas vidas porque ele não tem vocação revolucionária por si. E o que é o nômade? Uma fuga. E o que sobrevive a estas fugas se torna mais forte em nós. O que será de Kit; de Gregor Sansa, de todos os que se lançam as vastidões do deserto, do mar...? Marlow, personagem de Conrad no romance **Coração das trevas**, que experimenta no percurso rio acima por dentro de uma floresta fechada em busca do capitão Kurtz, a escuridão humana e tudo que está adensado aí. O encontro com o capitão Kurtz é o

³⁸ “Com efeito, o intensivo, a diferença na intensidade, é ao mesmo tempo o objeto do encontro e o objeto a que o encontro eleva a sensibilidade”. In: Deleuze, 2006, p. 210

encontro com alguma coisa nele mesmo. O comandante da embarcação na novela **A Linha de Sombra**, também de Conrad, que navega nos mares orientais vive uma experiência universal de intensa solidão e percebe neste processo que a vida contém tudo, inclusive as coisas mais terríveis, das quais não se pode esquivar porque se está no mar. Em ambos os casos é muito mais do que um destino geográfico. Conrad fala dessas experiências que estão numa zona de penumbra, uma região que fica entre a juventude e a maturidade, e do viver essa zona extraindo dela uma sensação incomum, algo que seja único. Diferente. O marinheiro, aquele que se lança ao mar, experimenta uma completa independência dos assuntos terrenos. No mar, como afirma Virilio, se coloca os problemas de ocupar um espaço aberto com seu movimento turbilhonar próprio e cujo efeito pode surgir em qualquer ponto. O marinheiro lida com o inesperado do mar, ele preenche o mar com o seu mar desconhecido. Do mesmo modo Kit preenche o deserto com o seu desconhecido e imenso deserto.

Ó morte, velho capitão, é tempo! Às velas!/ Este país enfara, ó Morte! Para frente!/ Se o mar e o céu recobre o luto das procelas,/ Em nossos corações brilha uma chama ardente!/ Verte-nos teu veneno, ele é o que nos conforta!// Queremos, tanto o cérebro nos arde em fogo,/ Ir ao fundo do abismo, Inferno ou Céu, que importa?/ Para encontrar no Ignoto o que ele tem de *novo!*

[Charles Baudelaire, A viagem]

No filme duas passagens importam para entender as buscas do oficineiro. A primeira passagem é a morte do marido e a partida de Kit em direção ao (desconhecido) deserto; a segunda é o desmonte do caderno como preparo da fuga.

A primeira passagem é interessante relacioná-la à noção de partida que Joseph Conrad apresenta em “O espelho do mar”. A partida é um rito de navegação. “Um navio pode ter deixado o porto há algum tempo; pode estar ao largo, no sentido mais pleno da expressão, há dias; no entanto, com tudo isso, enquanto a costa que estiver se afastando for visível, um navio de antigamente rumando para o sul não teria, no sentir do marinheiro, iniciado a viagem”. (Conrad, 1999, p. 19-20) A partida é um empreendimento do marinheiro. Somente quando não há mais a imagem da costa para mantê-lo atado a terra da qual parte é que a viagem começa e ele tem, a sua frente e sob si, apenas o movimento turbilhonar do mar. Tudo é desconhecido. Assim como esse viajante do mar, Kit enfrenta o deserto sem referências, sem uma imagem prévia de um “como” fazer.

Essa mesma passagem encontra ressonância na fala de Antonin Artaud sobre sua proposta de um Teatro da Crueldade como meio de combate e enfrentamento de um modelo de sensibilidade que leva as pessoas a procurarem no cinema, no “music-hall ou mesmo no circo satisfações violentas, cujo teor não as decepciona”. (Artaud, 1999, p. 95) Por isso nossa sensibilidade atingiu um ponto de desgaste e “certamente precisamos, antes de mais nada, de um teatro que nos desperte: nervos e coração”. (Artaud, 1999, p. 95) Artaud se refere a um pensamento (uma prática) que se experimenta a partir dos sentidos. “Daí o apelo à crueldade e ao terror, mas num plano vasto, e cuja amplidão sonda nossa vitalidade integral, nos coloca diante de todas as nossas possibilidades”. (Artaud, 1999, p. 97) A morte e a partida para Kit

têm a dimensão de uma experiência da sensibilidade; são inseparáveis do desmanchamento de um conjunto de referências, de um perder-se no qual toda a vitalidade é posta em jogo.

Larrosa (2000) chama atenção no livro **Pedagogia Profana** para a necessidade de o estudante encontrar um lugar para se perder, pois “com todo o tempo, com todo o silêncio, com toda atenção concentrada, o estudo ainda não é possível. Com toda a melancolia, com todo o mau gênio, com toda aspereza, o estudo ainda não é possível. No espaço sem marcas do labirinto sem intervalos da madrugada, o estudo ainda não é possível. O estudante, para estudar, ainda necessita fazer um lugar para si, para habitá-lo e demorar-se nele. Ainda necessita encontrar um lugar para se perder. (...) O estudante deve queimar as palavras sábias para que, como fumaça, desapareçam da Casa do Estudo e deixem nela um vazio no qual ele se perca. (...) No meio do fogo, rodeado de fumaça, o estudante começou a estudar”. (Larrosa, 2000, p. 203, 205 e 206)

A escolarização trabalha cotidianamente com nosso corpo e nosso pensamento para produzi-los adequados a um modelo de sociedade. É um corpo estático que aprende sobre os movimentos do mundo, sobre os movimentos da terra, sobre os movimentos do corpo. Corpo imobilizado por uma produção de pensamento que defende pressupostos que geram apatia nas escolas; corpos dóceis, tranquilizados, inertes, encerradas nos clichês e impotentes para ultrapassar este estado. E os clichês, como dizem nossos autores de referência, servem para que não vejamos a imagem, para que não vejamos algo na imagem. Lidamos com clichês e nos afastamos cada vez mais da imagem, daquilo que na imagem são as forças.

A oficina rigorosamente abre espaço para produzir um “conhecer com vontade”. Max Stirner fala da necessidade do declínio do saber sem vontade que ocupa nossas escolas - ele se

referia as escolas do século XIX. A “liberdade de pensamento só se completa com a liberdade da vontade”. (Stirner, 2001, p. 75) Para ele o objetivo final da educação não era o saber, “mas o querer nascido do saber”. (Stirner, 2001, p. 75) O saber precisa se desenvolver enquanto vontade livre. Vontade é o que já não aparece na grande situação de escolarização tamanho o rebaixamento das forças que ela produz. Max Stirner conclui o texto “O falso princípio da nossa educação” dizendo que “o saber deve morrer para ressuscitar como vontade e recriar-se a cada dia como livre personalidade”. (Stirner, 2001, p. 85)

A oficina, cuja força está no “saber com vontade”, se liga a vida do oficineiro interessado pelo acontecimento. A vontade sai do interesse que o oficineiro tem no mundo, de aprender com ele sobre ele. O saber que ele apresenta resulta dos encontros e de sua vontade de aprender. E o seu meio de aprender tem a ver com a produção de um pensamento sem as amarras que o condicionam e submetem ao já dado pelo pensamento, o já pensado, o já sabido. Ele não ignora o pensamento dado, mas tem uma escuta mais ampla capaz de sons muito baixos, sussurros, silêncios, ruídos do não dado, do desconhecido no pensamento. Não é bem responder as questões propostas pelo trabalho, antes, ainda, ficar em volta delas e poder sair delas também. Senti-las vibrando com as forças de outras linhas. Perder as questões, se perder nas questões.

Corrêa se refere à oficina como suporte para um sem número de possibilidades e de resultados. Tomo suas palavras para falar do papel do oficineiro como o pesquisador interessado, pesquisador com vontade, nas oficinas. “Os fios que oficineiro empresta a essa trama são, no final das contas, ele mesmo, ou seja, o tema e as estratégias que usa são ligados muito mais ao que ele gosta, a algo que tenha importância existencial do que algo que ele

‘deva’ dizer como obrigação contratual. Assim, a eleição do tema de uma oficina estaria mais ligada ao que escolheria como passatempo, ou como premente, inadiável ou ainda como poético embelezador da sua vida. Tais fios devem sair dele como saem os da aranha, fios que são resultado do que come, da caçada que empreende diariamente e não adereços que o seu poder de compra permite adquirir no mercado”. (Corrêa, 1998, p. 153)

Oficinas são dispositivos cujas estratégias produzem um modo de ver. Não o ver calcado nas imagens clichês, não ver para avaliar uma situação a fim de nela intervir, não é um “ver para fazer” como nos diz Pelbart, a partir de Bergson, mas um “ver para enxergar aquilo que não é visível, ver para captar da realidade sua dimensão de excesso, de beleza, de horror, de intolerável, de assustador”. (Pelbart, 2000, p. 94)

As oficinas no HCTP adquiriram velocidade própria e não dependiam mais de uma proposição para seguir. Seguiam na minha companhia, e eu também era levada pelas velocidades de escritas, movimentos para dizer, fazer ver. A força de independência das velocidades fora conquistada nos encontros: a produção de poesias para um livro em Marrone, em Andes, em Xuxa, em Águia, em Medo; de textos para o jornal em Nivaldo, Xuxa, Negão, Dinaldo; de desenhos de mandalas... A oficina fugia ao meu controle.

Andes recolhia frases para nossos estudos em torno do seu livro. Nesse movimento havia produção de uma saúde. As fugas têm a ver com isso e se dão apesar do acorrentamento pela medicação. É numa espécie de misteriosa tranqüilidade que elas se dão, não se trata de modo algum de uma conformação ao espaço, uma vez que elas acontecem ali dentro, como se

eles estivessem “agarrados” ao hospital-prisão. Como Kafka em “Um relatório para uma academia”: “[h]oje vejo claro: sem a máxima tranqüilidade interior eu nunca poderia ter escapado. E de fato talvez deva tudo que me tornei à tranqüilidade que me sobreveio depois dos primeiros dias lá no navio. Mas a tranqüilidade, por sua vez, eu a devo sem dúvida às pessoas do navio”. (Kafka, 1999, p. 65)

Uma das frases de Andes: ... *meu amigo quando voltou do HU [Hospital Universitário] dizia assim, escuta e vê o que tu acha: 'a voz tá dizendo coisas que eu não entendo.' Tu não acha que dá pra escrever um jornalzinho com isso? O que será, né? O que que é essa voz? O que será que ele ouve?*

Surpreendo-me com os movimentos que estão ao meu redor. Andes se pergunta no texto “Será que louco tem volta?” sobre a necessidade da existência dos CAPS. Na situação em que se encontra dizer não à instituição pode ser mais um atestado de insanidade. Sair do Hospital requer algumas condições, e a frequência ao CAPS é um dos requisitos importantes no processo. O CAPS é instituição inquestionável no tratamento da saúde mental hoje, como a escola é para a educação, o hospital para a saúde, a prisão para os criminosos, os manicômios para os loucos (doentes mentais) e assim por diante. Mas, esse mesmo lugar que Andes não suporta, torna-se 'temporariamente' suportável pela presença de Rose. Os olhos de Andes brilham, o corpo amolece, e ele cantarola enquanto desliza pelos corredores, sozinho ou empurrando a cadeira de roda do seu amigo queimado. Ao mesmo tempo tudo é fugaz, como a fumaça de um cigarro formando imagens. As grades não permitem os deslocamentos espaciais, muito menos as fugas, elas não foram feitas para isso. É preciso armá-la, inventá-la, uma saída se arma experimentando. O frade na novela “Mundo Alucinante” de Reinaldo

Arenas mostra as imperfeições de uma prisão: “[a]lgo fazia com que a prisão sempre fosse imperfeita, algo estraçalhava aquela rede de correntes e a fazia tornar-se mesquinha e inútil. Incapaz de prender... (...) E, pulando as correntes, saía, rápido e sem trava, fora das paredes, e não deixava nem um momento de maquirar escapulidas e planejar vinganças e libertações”. (Arenas, 1984, p. 205)

Corrêa (1998) ao final de seu trabalho de mestrado diz que as oficinas são “conquistas fugidias, instáveis, que não respeitam programas nem hierarquias. Dialogar e sentir-se livre são coisas que acontecem, no final das contas, quando se ama. E amar nos espalha inteiramente pelo nosso corpo, nos cola às coisas e ao chão. O futuro mais belo que pode estar reservado para as oficinas é o seu completo estilhaçamento, a sua total inutilidade enquanto máquina ou sistema”. (Corrêa, 1998, p. 122)

Uma folha A4 preenchida nos dois lados: *isso é Marte!* (40), seu mundo. A folha completamente tomada de cores intensas e traços fortes não me dava indicação alguma de um começo e, por um instante, senti falta dele. Sobre o contínuo de tonalidades, disse, respondendo minha pergunta: — *Isso não teve começo e nem fim, isso não pára. Só pára quando a gente interrompe.* Seu olhar estava fixo em Marte. Podia dizer que Xuxa estava imóvel, mas uma velocidade indescritível percorria seu corpo; nada se mexia e, no entanto, tudo parecia se mover a uma velocidade absoluta. Depois de instantes, atento, voltado para sua própria produção, queria continuar as explicações, escrever mais (aliás, ditar, pois Xuxa também não escreve), desenhar, conversar...

— *Escreve isso aí, escreve.* Xuxa me procurou para saber se eu havia feito um jornalzinho ou livro com as coisas que disse e ditou. — *A senhora tem aquilo aí?* Convidou-

me para um lugar aberto onde pudéssemos sentar. Ficamos no pátio, próximo ao refeitório, junto a Andes e Aquiles. Xuxa sentou sobre o cimento frio do chão, arranjou uma cadeira para mim, e esperou que eu iniciasse: — *lê, lê, aí lê pra mim agora.*

Li pausadamente sua produção a partir dos desenhos (39) e (40) presentes no capítulo “Cartografias intensivas”. Quanto mais eu avançava na leitura, mais Xuxa se deliciava com as suas palavras na minha voz. Um sorriso lhe atravessava o rosto todo, o corpo e, quanto mais ria, mais se entregava ao chão de cimento frio. Um corpo em queda passando para outro nível de sensação. Quando terminei ele tentou se recompor. — *Ficou bonito, heim? Eu gostei. Lê de novo. Nem parece que isso foi escrito por mim. Eu que já fiquei internado em tantos lugares e os caras só chamam a gente de burro, de maluco, de vagabundo. Olha, [dizia sorridente e tranquilo] na minha ficha tem Colônia Santana, Casa do Menor Infrator, Colônia do Rio Maina, Casa do Albergado, Presídio de Joinville, Casa de Tratamento de Joinville... E parece que isso também não tem fim, vai de uma instituição para outra. Xuxa não tem mais que vinte e cinco anos e, como nos mostra numa de suas produções (47), a maior parte de sua vida é passada na reclusão.*

Oficina faz rizoma, uma composição com as coisas que o oficineiro elege como importantes – uma frase, um desenho, uma voz, pessoas, retalhos. Os materiais que ele elege não supõem uma forma que os precede e não responde a um modelo que se coloca acima deles. “Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. (...) É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas

adquirem velocidade. *Entre* as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para a outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio”. (Deleuze e Guattari, 1995, p. 37)

“A linha de fuga é uma desterritorialização. Fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia”. (Deleuze e Parnet, 1998, p. 49 e 51) A oficina experimentou nas linhas a desmaterialização enquanto sistema de organização de programa de estudos. Criou velocidade própria no Hospital e pôs em movimento de estudo pacientes-presos considerados por todo um sistema de pensamento vagabundos, inúteis e perigosos à sociedade. A oficina que criou velocidade foi tão longe que encontrou seu “futuro mais belo”. Estraçalhou-se. Perdeu a razão (enquanto conjunto de atividades prontas precisou refazer-se). Kit foi tão longe, ao interior esturricado do deserto, e encontrou seu futuro mais belo. Perder-se. “O futuro mais belo que pode estar reservado para as oficinas é o seu completo estilhaçamento, a sua total inutilidade enquanto máquina ou sistema”. (Corrêa, 1998, p. 122)

Um devir fugitivo não é a mesma coisa que fuga da cadeia, até porque o devir fugitivo não está reservado aos presos, embora essa noção operativa tenha se construído com eles, está para todos.

Se até aqui vislumbramos a importância da primeira passagem a qual me referi páginas atrás, a importância da segunda – que de qualquer jeito é inseparável da primeira – talvez comece a se desenhar a partir deste ponto; quem sabe um pouco antes, quem sabe um pouco depois...

O louco se recupera (!?)

Há uma saúde que se instaura que não é a saúde que se opõem às patologias mentais nas quais eles estão enquadrados, mas é a saúde da invenção, esse estado de invenção que se instaura na oficina. Um estado de festa, por isso a exclamação. Essa mesma sentença como interrogação aparece no pensamento de Andes, produz uma série de perguntas insistentes levadas muito a sério (*Será que louco tem volta? Será que louco tem vontade de voltar pra sociedade?...*) e se desdobra como preocupação dos outros pacientes (*Será que louco se recupera? Se recupera mesmo? Será que é por causa da cabeça?*). Escrever para dizer. Eis o começo de onde partem as escritas do diversos números do jornal **O louco se recupera!** (47 a 61). O escritor que não escreve inventa um modo para dizer. Escrever é, então, inventar modos de dizer. Aqui, neste caso e no primeiro número: “o que eu gostaria de dizer aos jovens”.³⁹

Uma questão surge: *eu tenho tanta coisa pra dizer para as assistentes, para os agentes e para o diretor, mas é melhor que eu não diga nada. Tudo que eu digo é sempre pior pra mim, porque tudo é contra mim.*

Outra questão: *quando a gente entra aqui a primeira coisa que acontece é que a gente perde a voz. Se eu disser o que eu penso, eu me altero, e daí parece mesmo que eu sou louco e eu não tomo nem um remédio, preciso tomar cuidado com o que digo. Todo mundo*

³⁹ Essa idéia surgiu em parceria com Guilherme Carlos Corrêa, professor do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria (RS) que também desenvolve pesquisas em espaços prisionais e organiza em Santa Maria um Fanzine chamado **Eu quero cantar**. Nossa proposta era buscar junto aos presidiários modos gráficos de expressão (escritas, colagens, desenhos) daquilo que gostariam de dizer a crianças e jovens de instituições escolares.

aqui precisa. Porque tudo pode voltar contra mim. Quando escrevo não gosto de dizer onde estou.

Como fazer: tomar o máximo de cuidado, porque esse jornal não é veículo de comunicação e, por extensão, de delação. Como vacúolo de não comunicação faz passar o que não passa. Lembrando que o que não passa é resto, não tem serventia, não é útil. Combinado isso iniciam, entre os pacientes, discussões sobre quem vai fazer o quê. Quem gosta de falar entrevista, quem gosta de desenhar desenha, quem gosta de ler escolhe alguma coisa lida, quem gosta de escrever escreve poesia e, nesse movimento, o jornalzinho traça suas primeiras linhas.

Assim começa a expressão da vontade de dizer.

A montagem do número 0 (zero) foi minha, feita a partir das falas, dos escritos e dos desenhos do grupo. Foi um exercício novo, um desafio ao modo como habitualmente distribuía no papel conjuntos de escritos e desenhos de trabalhos escolares e acadêmicos: uma coisa ao lado da outra, respeitando uma lógica de combinação com um sentido do que deve ser o começo, o meio e o fim. Por exemplo, o desenho da jangada combinado com a poesia de Jorge de Lima sobre o mar. Mas, num segundo momento, experimentei uma distribuição dos elementos de texto e desenhos em função da composição da página, sem a preocupação de agrupá-los segundo os conteúdos (47 a 50). Este modo de fazer foi o que preferi manter como uma forma de enfrentar a lógica das distribuições que havia aprendido com tanta ênfase em casa, na escola, na universidade, no trabalho...

A folha A4 de sempre, em que me habituei a todo tipo de 'regulamentação regulamentar', abria-se, agora, como espaço de experimentação. Perguntas divertidas da

montagem: jogar tudo para cima e arranjar conforme caiam sobre o papel branco? Como percorrer um espaço em branco, a folha de papel A4, de modo a não ocupá-la com o dado, com uma seqüência dada? Seria possível percorrer a folha branca, distribuir nossas produções, como Kit percorreu o deserto?

O “número experimental 0”, como o nome indica, foi um teste para experimentar o efeito da reunião das nossas produções gráficas num jornalzinho. Quando as cópias ficaram prontas, levei-as para o grupo. Ao recebê-las cada um se isolou para consultar o resultado do trabalho. Independente de saber ler ou não, todos se concentraram na avaliação do jornalzinho. Após um longo silêncio, como se voltassem de uma longa viagem, começaram a despontar, na forma de risos e sons indecifráveis, pequenas manifestações de satisfação. Em seguida um deles iniciou uma leitura em voz baixa para o seu companheiro que não sabia ler. Logo se formou um outro grupinho em volta de um outro leitor, até que uma empolgação divertida tomou conta de todos e percebi que vibravam a propósito do mesmo motivo: o texto “Eu quero falar sobre os filósofos”, resultado da conversa entre o andarilho, a curiosa e o domesticado (50). Empolgada com o efeito produzido por esse texto perguntei se queriam saber quem eram, dentre nós, o andarilho, a curiosa, e o domesticado. Para minha surpresa ninguém respondeu, deixando minha pergunta no ar. Continuaram ali, lendo e relendo, totalmente envolvidos, interessados e concentrados.

Que legal isso, fui eu que escrevi!

Eu sou esse domesticado.

Eu quero ser este andarilho.

Ah! eu sou este andarilho.

Esse trecho é meu, eu também digo isso.

Eu penso assim também.

Calo-me diante do encontro que faziam com as palavras. Palavras escritas que soavam como as suas, não porque eram de sua autoria, mas sim palavras que se afinavam com seu modo de pensar. Ao sair do refeitório, naquele dia, já levava para casa muitas produções para o número um do jornal **O louco se recupera!**.

Há percursos diferentes entre o número 0 e o número 1. No primeiro centralizei a montagem e tomei todas as decisões a partir da reunião das produções do grupo até a materialização do jornal. Já no número 1, após os encontros em que produzimos diversos materiais gráficos, nos preocupamos em encontrar juntos, o melhor modo de apresentar o que queríamos dizer/publicar. A partir da reunião dos desenhos e da transcrição de escritos e falas em letra de computador - formando pequenos textos que poderiam ser distribuídos como blocos, juntamente com os desenhos na superfície das folhas A4, dedicamos uma tarde inteira para a seleção e a montagem. Cada frase, cada texto, a posição de cada elemento foi rigorosamente discutida, ensaiada e decidida (51 a 54).

A partir da experiência em produzir o “número 1”, do envolvimento coletivo na produção do jornal, passamos ao número seguinte. O número 2, nosso terceiro movimento de jornal, é também um terceiro movimento de produção e, para além de uma distribuição diferente dos textos e desenhos na folha A4, a letra que aparece é a deles. Não mais textos pausterizados e uniformizados submetidos ao regime das possibilidades do editor de textos do computador. Cada escrito aparecia, agora, com a letra de seu autor. Toda uma outra movimentação. Trêmulas ou rebuscadas, as letras manifestavam o rigor de uma escrita que precisava acontecer, quer sob o efeito acachapante da medicação, quer manifestando o

preciosismo de quem se dedica à arte da caligrafia, ambas experimentando a alegria de poder dizer o que se quer. Não houve um jornal de número 3, de número 4, mas o importante é que o movimento desencadeando para concretizar os três primeiros (zero, um e dois) não foi em direção a uma fórmula, nem a uma excelência baseada em padrões comerciais, pois o que estava em jogo era a experimentação constante e o acolhimento do que, porventura, se apresentasse como variação a partir do ânimo e dos materiais de que dispúnhamos (55 a 60).

Três números de jornal, a concretização de um mini-livro chamado **O canto da letra** e depois disso nada mais parou. Outros livros: **O som de águia, Será que louco tem volta?** e **Luz e sombra**. Há outros em lista de espera. Há roteiros de filme prontos esperando uma câmera. Tudo isso pacientemente esperando.

Uma estrutura de jornal se desfez, restou dele o melhor: múltiplos modos de manifestar o que se tem para dizer. Uma casa. Fazer um jornal é construir um território no qual se pode abrir mão de contrato, posse e autoria. Jornais como mapas intensivos, porque “escrever é também tornar-se outra coisa que não escritor. Aos que lhe perguntarem em que consiste a escrita, Virginia Woolf responde: quem fala de escrever? O escritor não fala disso, está preocupado com outra coisa”. (Deleuze, 1997, p. 16)

Distribuição. Nos dias de festa, em que se reuniam mais de duzentas pessoas no HCTP, era muito divertido distribuir o jornalzinho e as poucas cópias (no máximo dez de cada) dos livros de Marrone, *Águia* e *Andes*. Familiares, agentes prisionais, professoras, psicólogas e assistentes sociais disputavam os exemplares distribuídos gratuitamente. Sempre faltava. Formava-se uma fila comprida e os escritores, com ares de importância e altivez, procediam à entrega dos exemplares. Bonito de ver os agentes e toda a equipe técnica

interessados pela escrita dos detentos, se divertindo com aquelas verdadeiras caixinhas de surpresa. Pequenas novidades. Uma dobra da oficina.

A cada nova ida ao hospital a pergunta: *E aquele jornalzinho? Eu tenho umas coisas pra dizer pra ele.*

Fugir

Após a morte de seu marido, Kit abandona a base militar impulsionada pela decisão – não formulada em palavras e nem como algo conhecido – de não completar o circuito que se fecharia com seu regresso ao ponto de partida. Foge para o deserto, sem rumo.

Mais tarde, cativa do beduíno que a toma como amante, quando um novo circuito começa a se desenhar, escapa. Desnorteada, anda sem rumo até que, identificada como pertencente a um grupo ou clã inimigo, é brutalmente violentada por vários homens.

Sem saber como desperta em um hospital de onde é levada, por uma assistente do Consulado Americano, ao encontro de Turner, seu amigo... Antes que se dê esse encontro, Kit novamente foge. Persistia na sua decisão não manifesta em palavras, mas evidente em sua insistência em fugir. Não mais deslocar-se para voltar ao lugar de onde partiu, não mais completar circuitos planejados de futuro. Diante da impossibilidade de voltar, ela rigorosamente cumpria sua decisão de fugir.

De que se foge?







minicorrentes, que tinham por função atar as pestanas e logo cada pêlo das sobrancelhas, e depois, muito juntas, iam rematar-se, amarrando-se aos pêlos do nariz, já acorrentado. De modo que o frade não podia nem sequer pestanejar. Mas a décima e última corrente permanecia livre. Saía da mesma região de que saíam as outras, e pendurava-se no ar. Sua função era servir de orientação aos carcereiros, para que eles soubessem mais ou menos os diferentes órgãos do prisioneiro. Onde a boca para dar-lhe os alimentos... Não obstante, como toda a sua cara permanecia cruzada por essa metálica rede de fios, era impossível localizar-se qualquer parte, motivo por que o alcaide ordenou que somente se desse sopa ao réu, e esta lhe era atirada por sobre as correntes, no lugar em que aproximadamente poderia ter a cara, para que assim que o líquido passasse a intrincada rede chegasse enfim à boca. Mas isso quase não acontecia. E o frade aprendeu a sugar pelas ventas. Por último, um carcereiro que tinha um ódio mortal pelo frade porque este, em sua entrada e antes de ser acorrentado, havia-lhe dito: "Pensei que em Toribios somente havia touros, mas o senhor não é senão uma vaca", encasquelou que aquele acorrentamento era bastante leve, e uma nova rede de correntes cruzou as velhas redes, e todo o quarto não era senão uma pelota gigantesca de chumbo e aço, que já se avolumava demasiadamente e chegava quase ao teto. A essa grande massa metálica, por ordem do alcaide, fizeram-se atar quatro correntes que se prendiam à couraça onde jazia sepultado o frade, e logo iam-se amarrar em cada um dos cantos do teto, de modo que o frade, visto na constante semipenumbra daquele cárcere sem janelas nem portas, parecia uma aranha gigante colocada de costas e coberta por uma grava viscosa e brilhante. E que era da vida daquele homem que permanecia no interior daquela rede asfixiante? Frei Servando já se ia habituando às prisões. E esta já lhe era dura, mas nem tanto. De maneira que aprendeu a tomar o ar através da rede de correntes, e aprendeu a sugar aquela água podre, que lhe jogavam sobre o rolo metálico que lhe

escondia a cara. De modo que a sopa que lhe serviam segunda-feira (sempre pela tarde) umedecia seu rosto sábado, já bem de manhã. E pelas mudanças de temperatura que se observavam em seu férreo envoltório, pelo aquecimento ou resfriamento do rodilhado, o frade sabia da chegada do dia e de sua ida, da entrada da noite e do amanhecer. E se tivesse prolongado aquele envoltório, com os anos, teria aprendido a atravessar com a vista o ferro e o teto, e ver o céu, o sol e os urubus revoando por cima da prisão... E como foi emagrecendo até que seus ossos se reduzissem de volume, o acorrentamento se fez mais suportável, e até podia, de vez em quando, mexer ligeiramente o abdômen e respirar... E apesar de sua situação tão penosa de tartaruga encailhada, apesar da vigilância dos carcereiros, e das frotas de barcos que chegavam carregadas de barras de aço, que se acumulavam sobre um corpo já esquelético, apesar dos *rigores* desse acorrentamento, algo tinha falhado em toda aquela cerimônia infernal. Algo fazia com que a prisão sempre fosse imperfeita, algo estraçalhava aquela rede de correntes e a fazia tornar-se mesquinha e inútil. *Incapaz de prender...* É que o pensamento do frade era livre. E, pulando as correntes, saía, rápido e sem trava, fora das paredes, e não deixava nem um momento de maquirar escapulidas e planejar vinganças e libertações. O pensamento, subindo ligeiro por entre aquelas barras de aço, pulava por cima do nariz dos próprios carcereiros e chegava, retrocedendo no tempo, até os campos de areia e montes de pedras pintadas de branco, e passeava por frescos *figueirais* e emaranhados *chaparrais* e depois subia até a cidade das infatigáveis campanhas. E já debaixo dos bancos eu via passando as vendedoras vestidas com seus ponchos, oferecendo frituras e alpercatas... De modo que tudo se tornava inútil. E o frade ia e vinha como nunca por onde mais lhe agradava, e repassava o tempo, e entrava nele e tornava a sair, livre, como nunca em dias de depressão (como o tinham sido todos) pudera conseguir. E se não fossem aquelas odiosas correntes que me apertavam a abertura dos lábios, entrando pelos in-

de um - frade

terstícios dos dentes e atando-lhe a língua, ter-se-ia visto dentro daquela armação, semelhante a um fantástico pássaro, o sorriso de Servando, tranqüilo, agitado por uma espécie de ternura imperturbável. . . E, entretanto, os carcereiros faziam conjeturas e temiam: viam aquela bola na penumbra. Viam-na brilhar. E temiam. E o temor lhes fazia despertar novos temores. De maneira que sobre aquelas correntes amontoavam-se mais correntes, e sobre aquelas *mais correntes* tornou-se a colocar uma nova rede de correntes. Mas os carcereiros continuavam temendo pela audácia do frade, e também pela bestialidade da obra que eles estavam fazendo. Motivo por que pediu-se uma nova rede de correntes. E vieram dois bergantins da Inglaterra. E toda aquela carga reluzente foi colocada sobre aquela *ferragem* já embolorada, que começava a atravessar as paredes. E o cárcere quase que balançava sob aquele peso. Mas os carcereiros continuavam temendo, e reuniam-se nos corredores, aterrados. E começavam a temer de seus temores. E encolhiam-se pelos cantos e apontavam para a cela do frade. E pelas noites algum enlouquecia, e logo dizia que da cela do condenado haviam-se ouvido gritos e desprendimentos de correntes, e que nas paredes (e isto sim era verdade) haviam-se ouvido rangidos. . . E novos bergantins vinham carregados de correntes. E, como as tormentas eram muitas e o peso da carga demasiado, não foram poucos os que pararam no fundo do estreito. E isto foi um novo motivo para a acusação de bruxaria do frade e seus diabólicos pactos com o temível diabo, que tanto temiam os temerosos carcereiros tão temíveis. Mas outros bergantins chegaram sim em terra. E as correntes foram arrastadas por inumeráveis *fiéis* até a *santa* prisão onde jazia o *maldito* condenado. E novas correntes acrescentaram-se às novas correntes. E, por último, suprimiu-se a comida do frade e ele era só abastecido de correntes. A tarefa era febril: dia e noite não se ouvia senão aquela subida de correntes que se jogavam sobre um corpo já passado. . . E os carcereiros continuavam temendo. . . Até que chegou o momento: os aterrorizados guardas ouviram o

ranger e se esconderam, abraçados, nas celas mais baixas. Logo ouviram de novo o novo ranger, e continuaram-se escondendo. E imediatamente ouviu-se o estalido das paredes, o estalido do chão e o estalido de toda a prisão. Era o peso das correntes do frade que, enfim, tinha deitado abaixo todo o cárcere, que já não existia mais. E os escombros das grades foram abrindo passagem através de outros escombros. E o frade, acorrentado, veio abaixo, entre avalanches de pedras e chiados de grades de ferro, que se retorciam e cediam. E assim foi rolando aquela massa de aço, andar por andar até transformar em pó todas as galerias e deitar por terra as celas infernais, até chegar ao andar mais baixo e esmagar, com uma só pancada, todos os medrosos carcereiros. E o alcaide, ao sentir o estalar dos ferros, disparou a correr campo abaixo, mas um bloco de pedra bateu-lhe no pescoço e o fez parar, até que o frade, em seu vertiginoso giro, passou-lhe por cima. . . De modo que a prisão ficou reduzida a pedras espalhadas. Mas eis que Frei Servando continua acorrentado, e como a prisão estava numa encosta, prossegue dando voltas dentro de sua armadilha, destruindo aldeias e sepultando povoados inteiros. Assim passou toda Sevilha, transbordando o Guadalquivir e pulverizando juncos, rãs, pássaros e marismas. Depois continuou até Madri, assolando-a. E dali voltou, passando pelo Escorial, reduzindo-o a um montão de pedras sem deixar uma árvore de pé. Devastou As Duas Costeiras e ardeu logo para Cadix, afundando o porto. Assim ia o frade, rolando dentro de suas correntes, que já se arreventavam e abriam. Assim ia, até que atravessou, de uma feita, toda a Serra do Leão. E foi, balançando (unicamente atado pela corrente central), até chegar ao mar. Mas antes tropeçou em alguns alcantis, e a corrente central cedeu, e os *cabos* cederam. E o frade caiu livre sobre as ondas, tão espumantes, que não pararam nem um momento de bater os caranguejos nas imperturbáveis falésias da costa. E despedaçá-los.

CAPÍTULO XXV

Da minha ida para Portugal

E caí na água. E a batina e a capa foram-se encharcando e me afundaram, mas rapidamente desfiz-me da minha indumentária e, nu, procurava agarrar-me às ondas, já que não tinha outro lugar a que me agarrar. E estava assim, clamando por uma tábua para salvar minha vida, quando um rugido enorme ribombou no meio do mar. E as ondas enfureceram-se e coloriram-se de vermelho. E por um momento não se ouviu senão aquele estrondo que parecia chegar de outros infernos, para mim até então desconhecidos. ... E quando de novo pude sair à superfície, no meio daquela barafunda, vi a batalha naval que antes, até então, nunca tinha celebrado a história, e só a algumas braçadas de onde eu tinha naufragado. Eram três indetermináveis frotas muito bem alinhadas: a Real Armada Inglesa, a Armada dos *Gachupines* e a Armada Francesa. E estas duas últimas começaram a metralhar a primeira. Mas eis que a esquadra inglesa enfileira seus canhões para onde vêm os disparos, e a frota espanhola fica completamente dizimada, não sem antes ter içado as bandeiras nacionais para poder baixá-las em sinal de rendição (que assim mentirosos e covardes são os espanhóis na guerra). E eis que o combate entre os marinheiros franceses e ingleses se prolonga, até que uma grande chama levanta-se nas naves francesas e logo se ouve um aterrador estandardo, e desaparecem para consolo dos tubarões. Tudo aquilo me parecia um pesadelo, e até teria imaginado que se tra-

(Reinaldo Arenas, Mundo Alucinante) 209

Tem muita coisa na palavra medo. O medo do mundo. Temos medo da polícia. Temos medo da overdose. Temos medo de tempestade. Temos medo do trovão. Temos medo do relâmpago. Temos medo da seca. Temos medo da enchente. Medo é uma palavra boa. Temos medo do craque. Temos medo da cocaína. Temos medo do cigarro. Isso é o que todo mundo tem medo. Eu não tenho medo dessas coisas.

[Medo]

“De que se foge” trata de visitar a questão ‘de que mesmo se foge quando se está preso?’ Se o cartógrafo se dá conta de que uma prisão está ativa desde muito cedo e a gente nem sabe quando ela se construiu, como é que se foge dela? Fugir é explorar os meios prisionais – que meio não é prisional? – se lembrarmos de Deleuze quando diz que as prisões, hoje, se dão a céu aberto. Então, se foge no meio.

O que nos força a produzir linhas de fuga? A oficina é arrastada numa linha de fuga traçada no HCTP. Fuga no meio-prisão. Ninguém saiu do lugar-prisão, do lugar-manicômio, contudo experimentamos um fora dali, ali mesmo. Algo semelhante e com outras dimensões foi experimentado no *morrinho* da escola, como apresento na introdução. A linha de fuga se produz no meio da prisão, da escola, da família... sempre no meio de uma relação de poder. As prisões que não se mostram, instalam-se nos corpos silenciosamente. Vivem-se, então, prisões, por vezes inadvertidamente; cada um sabe as marcas desses estados prisionais. Foge-se dentro delas, nelas, por elas, o que é o segredo de cada um, não raro um enigma para si mesmo. O que se experimenta e se inventa nessas condições chamo de “fora intensivo”, que se produz na

relação com forças do Fora que não se compõem com as forças da prisão, mas com o que na prisão não faz repetir mais prisão.

A prisão está lá e está aqui. Ser perigoso, como são considerados os pacientes participantes da oficina, é uma potência da nossa vida (está lá e está aqui) que não se atualizou e quem sabe não chegue a se atualizar. Na situação inicial – vivida na escola do interior, no *morrinho*, bastava à irmã-diretora dizer ‘pervertidas’ e teríamos outra história para contar – faltou pouco para não se atualizar e aí operar toda uma maquinaria classificatória e corretiva.

No HCTP a medicação combinada à vigilância prisional sobre os corpos reduz, pouco a pouco, as forças daqueles que estão sob esse domínio. As grades aplacam deslocamentos espaciais extensivos e a medicação, combinada a isso, *tende a* aplacar deslocamentos do pensamento, conformando o usuário a um estar doente e a uma quase impotência, a um quase nada.

O andarilho do HCTP, se liberado das grades, diz continuar preso. Ele nos mostra como a medicação, além de reter os movimentos do pensamento, retém os deslocamentos no território. Um andarilho quer andar, nega-se a vida fixa num único lugar. Seu espaço é o espaço do mundo, quer o incerto dos deslocamentos no espaço: o frio, o vento, a chuva, a noite, o sol, o céu, a rua com tudo que ela pode oferecer a alguém. O andarilho que está preso cumprindo medida de segurança para sair do hospital deverá continuar ingerindo os remédios, mantendo-se em tratamento. Qual é a lógica? O andarilho não ocupa lugar fixo no território, mas a distribuição de medicamentos só é feita num lugar fixo que são os postos de saúde ou os CAPS. Para que uma pessoa possa retirar seus medicamentos precisa de endereço residencial, mas o andarilho não sabe o que é endereço residencial porque ele não quer um para si. A

medicação funciona como prisão para ele. Deixa-se bastante claro ao andarilho, e a qualquer outro paciente, como lemos no texto de Andes “Será que louco tem volta?” a impossibilidade de viver sem remédios. É recorrente a advertência feita aos internos: *Prestem atenção: sair daqui e parar de tomar os remédios a volta é certa*. A medicação aparece para o andarilho como prisão: — *estou indo embora. Acharam um lugar pra mim, uma residência em J... Vou pra lá. Mas não vou poder voltar para aquela vida de andarilho.*⁴⁰ Tais palavras foram pronunciadas sem aquele brilho nos olhos que caracteriza os que estão em vias de sair da prisão-hospital. É claro que ele não quer ficar ali, mas ele não enxerga nesta saída da prisão o fim da prisão na sua vida. Do lugar no espaço para prender, o andarilho nos mostra que as formas de prisão e os modos de prender se alargaram e dão conta de manterem-se ativos para além das grades.

Vera Malaguti Batista, no artigo “História sem fim”, mostra como uma subjetividade nos é imposta nesse momento do capitalismo definido por ela como mundo desencantando que tem como metáfora o desamparo: “[a] combinação da insegurança generalizada com a grande expectativa de performance e a descartabilidade dos corpos no capitalismo sem trabalho instituem um cenário de intensa demanda por drogas: os sujeitos têm que funcionar. Drogas para emagrecer, engordar, muscular, dormir, acordar, fornicar: a performatividade deve ser proporcional à descartabilidade. A psiquiatria e a medicina a oferecem em larga escala. Impõem-se, então, um projeto de controle social de medicalização que vai se somar aos velhos

⁴⁰ Ver Preve, Ana Maria H. **Três imagens no tempo: medicação e vida**. Disponível em: http://www.lab-eduimagem.pro.br/JORNAL/artigos.asp?imagem=03&NUM_JORNAL=19&NUM_SECAO=03&ID=326 Acesso: 20.06.2010

controles: a prisão e o campo. Quem não estiver preso estará medicado”. (Batista, 2004, p. 154)

O andarilho não tem medo do mundo, quer voltar para ele, mas está impedido pelo uso contínuo do remédio. Nós também já não conseguimos viver longe dos remédios. A produção de um medo coletivo leva à via do remédio e da segurança. Medo de falhar, e daí toma-se Viagra; medo da ansiedade, daí toma-se Lexotan...; medo de voltar para os hospitais-prisão, toma-se remédios e por aí segue a lista infindável do que pode conter o medo que se sente das forças no mundo.

Na sociedade disciplinar os problemas da cidade eram resolvidos com espaços fechados e policiamento espacial restrito. Espaço recortado, imóvel e fixo. Cada qual se prendia em seu lugar. As contenções se davam então nos lugares fixos meticulosamente vigiados por um vigia. Fugir disso implicava risco de vida. “Cada um, em seu lugar, está bem trancado em sua cela de onde é visto de frente pelo vigia... É visto, mas não vê; objeto de uma informação, nunca sujeito numa comunicação”. (Foucault, 1991, p. 181) Foucault apresenta o modelo disciplinar como a forma de produzir corpos úteis e dóceis através da construção Panóptica. E ele nos diz: “... o poder pode ser utilizado como máquina de fazer experiência, modificar o comportamento, treinar ou retreinar os indivíduos. Experimentar remédios e verificar seus efeitos. Tentar diversas punições sobre os prisioneiros, segundo seus crimes e temperamento, e procurar as mais eficazes. Ensinar simultaneamente diversas técnicas aos operários, estabelecer qual é a melhor. Tentar experiências pedagógicas – e particularmente abordar o famoso problema da educação reclusa, usando crianças encontradas; ver-se-ia o que acontece quando aos dezesseis ou dezoito anos rapazes e moças se encontram; poder-se-ia

verificar se, como pensa Helvetius, qualquer pessoa pode aprender qualquer coisa; poder-se-ia acompanhar ‘a genealogia de qualquer idéia observável’; criar diversas crianças em diversos sistemas de pensamento, fazer algumas acreditar que dois e dois não são quatro e que a lua é um queijo, depois juntá-los todos quando tivessem vinte ou vinte e cinco anos; haveria então discussões que valeriam bem os sermões ou as conferências para as quais se gasta tanto dinheiro; haveria pelo menos ocasião de fazer descobertas no campo da metafísica. O Panóptico é um lugar privilegiado para tornar possível a experiência com homens, e para analisar com toda certeza as transformações que se pode obter neles”. (Foucault, 1991, p. 179-180) O poder se exerce sobre os corpos para transformá-los.

Na sociedade de controle, uma vez que estamos deixando as sociedades disciplinares para trás, conforme Deleuze (1992), o controle é contínuo e a comunicação instantânea.⁴¹ Nesta somos sujeitos de comunicação, nas anteriores éramos apenas objetos de informação. “Certamente, não se deixou de falar da prisão, da escola, do hospital: essas instituições estão em crise. Mas se estão em crise, é precisamente em combates de retaguarda. O que está sendo implantado, às cegas, são novos tipos de sanções, de educação, de tratamento. Os hospitais abertos, o atendimento a domicílio, etc., já surgiram há muito tempo. Pode-se prever que a educação será cada vez menos um meio fechado, distinto do meio profissional – um outro meio fechado –, mas que os dois desaparecerão em favor de uma terrível formação permanente, de um controle contínuo se exercendo sobre o operário-aluno ou o executivo-universitário. Tentam nos fazer acreditar numa reforma da escola, quando se trata de uma liquidação. Num regime de controle nunca se termina nada”. (Deleuze, 1992, p. 216)

⁴¹ Segundo Deleuze foi William Burroughs quem começou a análise dessa situação. “Controle é o nome que Burroughs propõe para designar o novo monstro, e que Foucault reconhece como nosso futuro próximo.” (Deleuze, 1992, p. 220)

Na sociedade de controle o medo se apresenta como movimentador da insegurança que pede por segurança. De espaços fechados ao todo do espaço a céu aberto, assim funciona hoje o controle. Por isso a afirmação ‘estamos todos presos’. Lembremos das primeiras conversas das oficinas no HCTP quando os pacientes diziam: *a senhora pensa que está livre? A senhora não anda na rua com medo de ser assaltada? Não tem medo do trânsito? Não tem dias que o trabalho é uma prisão?* Naqueles movimentos iniciais da oficina os pacientes apresentavam uma noção de prisão que ia além dos ambientes prisionais, colocando todos os meios como meios prisionais.

Nosso medo, efeito de campanhas massivas dos meios de comunicação de massa, prepara um campo onde devem aparecer as alternativas para que, supostamente, o medo seja suprimido, afastado, mas nunca resolvido. O fim do medo é o fim dos sistemas de segurança. A produção do medo e os sistemas de segurança são dois pedaços de uma mesma coisa: o clima de insegurança geral no qual se vive. Quando pensamos que lugar de bandido é na cadeia, estamos pensando como todos, movidos por campanha. Já estamos concordando que bandido é, nada mais e nada menos do que bandido. Só bandido. Esse medo generalizado de tudo é o que o Estado toma para si para prover de dispositivos de segurança uma população.

A fama de Frei Servando, personagem da novela de Reinaldo Arenas (63 a 67), produziu medo nos carcereiros. Por isso eles pediam para que mais correntes fossem colocadas no Frei. E elas chegavam aos montes e ainda assim os carcereiros não perdiam o medo de Frei Servando. Medo é a paralisia que um corpo precisa atingir para que políticas de segurança incidam sobre ele, e as indústrias de controle oferecem muitas correntes para conter o nosso medo. Ouve-se constantemente nas campanhas veiculadas que precisamos de mais segurança,

que os ambientes precisam ser seguros, que um shopping nos oferece a segurança e o conforto de que tanto precisamos para um viver tranqüilo, para comprar tranquilamente etc.

A sociedade de controle ultrapassa sem extinguir a sociedade disciplinar como afirma Deleuze (1992). Nela exige-se “participação e fluxo inteligente”. (Passetti, 2003, p. 19) A participação exigida na sociedade de controle é a forma de inibir as resistências. Nesse sentido Passetti diz que o controle não cessa de agir. “No interior da sociedade de controles contínuos os lugares são redefinidos por fluxos. O investimento não é mais no corpo propriamente dito; interessa agora é extrair o máximo de energias inteligentes, fazer participar, criar condições para cada um se vestir atuando e decidindo no interior das políticas de governo, em organizações não governamentais e na construção de uma economia eletrônica”. (Passetti, 2003, p. 29 e 30). Esse jeito de operar que vai dos corpos aos fluxos produz no conjunto da população ‘um todo’ em nós com medo.

Corrêa (2006) nos seus estudos sobre ‘educação e comunicação’ mostra como ambas formam um bloco de estratégias pedagógicas que dão consistência às campanhas, por exemplo. Uma campanha é um efeito coletivo de pensamento do mesmo. “Na realidade pedagógica decorrente da associação escola-comunicação destaca-se o conjunto de ações socializantes destinadas a produzir uma ordem de participação coletiva, cuja principal característica é o universal, e a difundir os valores de uma racionalidade científica e capitalista grifada pela governamentalização do Estado. E aí a penetração da lei, da norma, dos direitos e deveres, enfim da cidadania no mais ínfimo de cada relação até a produção de uma relação de cada um consigo. Um corpo social e uma interioridade, um eu que quer, são os objetivos e efeitos dessa pedagogização. Ou ainda a estrutura de uma vontade própria por meio dos

tratamentos individualizados, de conteúdos programáticos, de parâmetros científicos de julgamento: uma vontade própria comum a todos”. (Corrêa, 2006, p.158–159)

“O medo é uma droga incrível”, nos diz a personagem do filme “Edukators” (Hans Weingartner, 2004), porque ele nos paralisa. Droga, na concepção do filme, é o que sufoca a energia revolucionária dos jovens, e o medo, nesse sentido, tem o papel de imobilizador. *Tem muita coisa na palavra medo. O medo de tudo*, como nos lembra Medo.

Medo, então, é um estado que precisamos atingir para o pleno exercício da segurança. Não há segurança sem produção de medo. A pergunta “de que se foge?” encaminha, após essas primeiras linhas, a um de que se foge se estamos todos presos? “Estamos todos presos. De ambos os lados dos muros a mesma sociedade. Uma se acha boa; a outra é vista como má. A normal encarcera no seu espelho o que lhe é insuportável. Ela diz que lá dentro eles serão educados para voltarem integrados ao lado de fora. A sociedade se defende construindo prisões e constatando que elas não dão certo. Faz reformas na arquitetura e na lei para internar novamente: negros, nordestinos, bichas, pequenos ladrões, jovens, religiosos, ateus, manos, desempregados, larápios, halterofilistas, operários, *um-sete-uns*, manicures, pobres, punks, putas, loucos, bêbados, homens e mulheres quase normais, enredados em infrações e armadilhas policiais e jurídicas. Estar dentro ou fora é quase um acidente. Dizem que somos livres, mas vivemos prisioneiros dentro do território nacional. Dizem que somos civilizados, mas ainda não aprendemos com as sociedades primitivas a ser antropofágicos. Temos medo de subversão. Somos antropômicos e estamos todos presos”.⁴²

⁴² Núcleo de Sociabilidade Libertária. NU-SOL. Trecho do texto de apresentação da exposição **Estamos todos presos**. Museu da Cultura, PUC, São Paulo, 2000. Disponível em: <http://www.nu-sol.org/verbetes/index.php?id=58>. Acesso: 02.02.2010.

Desse modo, quando o controle é uma ação ininterrupta e espalha-se por toda a sociedade, uma fuga não se constitui como fugir na superfície extensiva da Terra, de um lugar para outro. As fugas territoriais se complicam porque inumeráveis sistemas de controle e segurança estão sempre em ação (em alerta) atualizando incessantemente sua potência de contenção. Câmeras e satélites rastreiam a superfície terrestre e podem nos objetivar a qualquer instante, portanto, mesmo fora das instituições prisionais a fuga no espaço extensivo é, também, complexa. Mantém-se a punição e o castigo através de formas mais adequadas ao controle: coleiras eletrônicas, pulseiras e tornozeleiras com tecnologia de geolocalização por GPS tornam possível o cumprimento das penas em regime aberto, mantém-se a vigilância, mas seu funcionamento obedece a uma outra lógica. Aqueles que não cumprem penas são igualmente controlados pelo “simples” uso de tecnologias portáteis como os celulares, os pequenos computadores, os cartões de crédito. Ao lado do benefício ou malefício que essas tecnologias produzem o que importa é que só o fazem a partir da extração de informações úteis. Assim experimentamos, sabendo ou não, regimes de vigilância e controle, e deixamos como rastro informação capturada pelo uso dessas tecnologias. Estamos sempre comunicando. Os rastros das páginas acessadas, dos deslocamentos no território (pelo uso do celular e dos cartões de crédito) fornecem ao Estado mapas prontos de onde estamos e do que estamos fazendo, com estamos e do que gostamos neste e naquele momento. E as câmeras espalhadas nas casas, nas ruas, nas escolas, nos carros, nas canetas...? Uma lista infindável de capturas na sociedade de controle: “O Controle eletrônico é a maneira mais recente do controle de populações e indivíduos por meio de vigilâncias exercidas por câmeras, digitalizações, bancos de dados, chips, telefonia celular, satélites espíões, georreferenciamentos, mapeamentos de

superfície, profundidade e siderais, programas de computação, enfim uma enorme indústria que cresce e estimula o controle do indivíduo, de seus familiares, bens materiais, prisioneiros, da mesma maneira que se é vigiado pelo Estado e parcerias público-privadas. O controle eletrônico funciona numa nova modulação da sociedade de vigilância e punição na passagem da disciplina em ambientes fechados para o controle a céu aberto”.⁴³

A escola não é indiferente e tem parte importante no preparo do corpo para o controle. Corrêa (2006) afirma que a escola e as demais instituições disciplinares em outra escala e com outra extensão e capacidade “com seus arquivos de notas, de provas, de registros de ocorrência, com seu poder de certificação, de normalização (e também de demarcação da linha divisória entre alfabetizados e analfabetos, entre capazes e incapazes, poder de distribuição dos graus de excepcionalidade dos que não são normais abrangendo superdotados e retardados) funciona, depois que passa a ser monopolizado pelo Estado, como um computador, armazenador *dinossáurico* de dados e um alimentador do controle. Não estranha que é nela que se adquire o costume de ser constantemente controlado e avaliado e de estar sempre produzindo dados. Mecanismos como a avaliação, a orientação e o aconselhamento, próprios da pedagogia escolar, têm como efeito a modificação da vontade segundo os programas de governo. O controle, no entanto, amplia esta função”. (Correa, 2006, p. 153) Não há controle sem a internalização da lógica disciplinar. Portanto, punição e prevenção não foram coibidas pela disciplina, mas por ela redimensionadas, atuando como complementares ao controle e à continuidade do medo. (Corrêa, 2006)

43 Núcleo de Sociabilidade Libertária NU-SOL. Sessão “Verbetes: abolicionismo penal libertário”. Disponível em: www.nu-sol.org Acesso: 20.02.2010

É preciso fugir! Como é que se foge quando o vigia não está mais na torre Panóptica? Como é que se foge quando o controle opera por fluxos? Fugir pode ser... parar de oferecer dados, de deixar rastros ou fazer passar alguma coisa incodificável. Como?

Fugir é explorar os meios I

A criança não pára de dizer o que faz ou tenta fazer: explorar os meios, por trajetos dinâmicos, e traçar o mapa correspondente. Os mapas dos trajetos são essenciais à atividade psíquica. O que o pequeno Hans reivindica é sair do apartamento familiar para passar a noite na vizinha e regressar na manhã seguinte: o imóvel como meio. Ou então: sair do imóvel para ir ao restaurante encontrar a menininha rica, passando pelo entreposto de cavalos – a rua como meio.

[Deleuze, 1997, p. 73]

Fugir é arriscar-se. Se até aqui admiramos a construção de ilhas, de mandalas, de coelhos, de coelhos que viram mapas e desconstróem imagens-mapas, de casas, de pessoas que ocupam as casas, de pensamentos sobre o mundo, de diferentes formas de ocupar o espaço, de produzir espaço, de pensar a vida é momento de percorrer de forma mais aguda os corredores que, naqueles mapas iniciais, mostram apenas suas linhas que limitam portas por onde devem circular muitas pessoas. Corredores frios, sem detalhes. *Há por aí mapas com muitos e com poucos detalhes. Estes, e o ‘esqueleto do manicômio’ são mapas com poucos detalhes* (18 a 23). É com Medo que seguimos agora tentando dar um pouco mais de densidade ao que preenche o espaço, ao que subtende os trajetos. Seguimos com sua pista: —

Aqui (olhando os mapas 14, 18 até 23) só está estipulado o local e não o que tem dentro de cada repartição. E tem eu, aqui, agora, cansado.

— *É, esse daí sou eu (apontando incisivamente para 61b). Não é mais um preso qualquer o nome disso escrito na porta e no corpo, é “tristeza dor e sofrimento”. — Preto porque é só desgraça. Esse laranja porque eu sou um laranja, dá boa, ainda. Sou eu. Eu tou chorando. Tou amarrado. Tem marca no meu pé. Tem muita porrada. Meu coro já tá macio de tanta porrada. É pra acabar com esses manicômios (sic). Acabar com tudo isso, jogar uma bomba, jogar uma bomba nesse inferninho. Êta lugarzinho ruim. Eles nem chamam mais de manicômios judiciais, mas de hospitais de custódia e tratamento psiquiátrico.*

Medo e Xuxa conversavam sobre essas mudanças. Fumavam juntos um cigarro feito de folha de papel branco enrolada, sem nada dentro. Fumavam e conversavam sobre “o acabar com os manicômios”. — *Não mudou nada. É tão ruim como antes e disso a gente sabe bem, vocês de fora não. Lembrei que nós, os extramuros, acreditamos que esses lugares quase não existem mais, ou que são instituições reformadas, melhoradas.*⁴⁴

⁴⁴ “Estima-se que 4.000 cidadãos brasileiros estejam hoje internados compulsoriamente nos 19 Hospitais de Custódia e Tratamento Psiquiátrico ou Manicômios Judiciários em funcionamento no país. (...) São freqüentes as denúncias de maus tratos e os óbitos nestes estabelecimentos. (...) A publicação da lei 10.216, assim como as resoluções da III Conferência Nacional de Saúde Mental, vêm fomentando, no entanto, de forma inequívoca, a mudança das práticas na assistência ao louco infrator. O exame crítico e intersetorial dos conceitos de inimputabilidade, medida de segurança e periculosidade, e a busca da superação do modelo de tratamento/custódia, através da articulação entre os atores da saúde e justiça são componentes desta mudança. A construção de novas práticas para um segmento historicamente situado à margem, inclusive do Sistema de Saúde, encontra resistência na rede de atenção extra-hospitalar de saúde mental, na rede SUS em geral, nas comunidades de origem dos pacientes e nos órgãos de justiça, que, não raro, sugerem a reinternação de pacientes em manicômios judiciais mesmo na ausência de novo delito. Desta forma, muito embora o processo de desinstitucionalização destas pessoas esteja em curso em alguns estados, o sucesso do controle da porta de entrada do manicômio judiciário é ainda eventual e não existem ainda medidas para realizar uma redução programada de leitos/vagas”. Para saber mais ver: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. DAPE. Coordenação Geral de Saúde Mental. Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil. Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas. OPAS. Brasília, novembro de 2005. Disponível em em: http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/relatorio_15_anos_caracas.pdf Acesso 30.01.2010.

Bernardo, que já esteve ligado às atividades da Luta Antimanicomial, explicou numa das sessões da oficina como é a lógica de funcionamento do Hospital. Fundamentado na experiência construída através da participação no movimento antimanicomial quando pode conhecer a realidade de outras unidades de internação e de custódia além da sua ele afirma: — *não é só aqui que as coisas funcionam assim, esses lugares são todos iguais porque ninguém tem interesse em gente assim como nós. A gente é só um número pra eles.*

Um manicômio judiciário possui características de hospital (emprega medicação na sua rotina e conta com especialistas em saúde), mas no seu funcionamento é muito mais um aparato prisional que está operando. Bernardo continua: — *Você é jogado para o lado. Até o Movimento deixa a gente de lado quando a gente volta demais pra cá. A gente chega a perder as esperanças. Tudo é retirado de nós. Eu conheço este lugar há 18 anos. Toda a promessa que vocês ouvem que isso aqui melhorou é balela. História pra boi e vaca dormir. Isso piorou radicalmente. Eu sei como é, eu já participei disso eu fui até pra São Paulo participar de congresso: é reunião, congresso, as pessoas falam, sempre falam muito, e nada mudou. Eu já participei disso tudo e vivo aqui dentro. Eu sei o que eu tou dizendo disso aqui. Há viagens aqui, que são sem volta. O Roberto não consegue mais voltar, nem o Marcos, o Zezé, o Lúcio, eles não conseguem mais voltar. O Filipe chegou com possibilidade de volta e hoje não tem volta. Acabaram com ele de tanto remédio. E olha que estamos num Hospital. Mas eu vi, ele tentou voltar. Tratamento? Só se for pra gente ficar louco, daí sim esse tratamento funciona. Mudança nisso aqui? Humanização. Humanização é a palavra que eles gostam. Na dá nem para dizer com que isso aqui se parece. Olha só, tando lá fora eu tou aqui dentro. Isso fica dentro da gente, chega até no nosso osso. É muito difícil esquecer. Eu até digo que a gente*

não esquece. Eu tento ficar lá fora, mas qualquer coisa que eu faço, e pode ser pouco, me traz de volta. É sempre assim depois que eu entrei aqui. Pode perguntar pra todo mundo aqui e tu vais ouvir a mesma resposta. Olha aí quantos estão de volta. Isso aqui (se referindo aos nossos encontros nas oficinas) é uma coisa pequenininha pra mim e aí, até parece que tu esquece que tá aqui dentro. Sim têm outras coisas legais aqui, aliás têm algumas pessoas legais aqui perto da gente, que tem interesse, mas isso é pouco.... “Frente à força da prisão?”, perguntei. — Sim, isso aqui quando diz que prende, prende mesmo e se o cara é sozinho, se lá fora ninguém que saber dele, daí... daí moça, daí é que fica. E preso é preso, e preso e louco é pior.

Bernardo, até pouco tempo, na sua penúltima internação, manifestava orgulho em ser do Movimento de Luta Antimanicomial. Hoje, de volta ao hospital, construiu outro pensamento a respeito do convívio na instituição. Antes defendia em tom professoral o discurso do Movimento, hoje, com a nova experiência de voltar, de encaixar-se na rotina com um corpo fisicamente cansado, alquebrado, não pode mais se enganar com o que dizia.⁴⁵

⁴⁵ As primeiras idéias da Reforma Psiquiátrica no Brasil estão ligadas àquelas do movimento sanitarista dos anos 1970. Defendia-se que o doente mental deveria ser assistido por práticas de saúde coletiva, assim como qualquer outro doente. Em 1978 inicia-se propriamente o movimento social de luta pelos direitos dos pacientes psiquiátricos no Brasil. O movimento constitui-se inicialmente na denúncia das violências praticadas sobre os pacientes nos asilos, bem como nas demais instituições de internamento, e ainda na denúncia da mercantilização da loucura resultante da criação de redes privadas de assistência a saúde mental. Em 1987, no II Congresso Nacional do Movimento dos Trabalhadores de Saúde Mental em Bauru (SP), o lema era: “por uma sociedade sem manicômio”. Um lema que ainda está em movimento no Brasil exigindo atitudes concretas para a instalação de uma rede na sociedade que dê conta das intenções de saúde no âmbito das práticas sociais geridas nas comunidades e descentradas dos hospitais. Imagina-se com isso que o louco fique um pouco mais livre das internações. Segundo as políticas da Reforma da Saúde Mental no Brasil a tendência é a substituição do modelo hospitalocêntrico pelos tratamentos comunitários ligados ao território do paciente. É importante destacar que os Manicômios Judiciários embora estejam sob a égide desse mesmo lema sua gestão depende da Justiça. A partir do ano de 1992 os movimentos sociais, inspirados pelo Projeto de Lei Paulo Delgado, conseguem aprovar em vários estados brasileiros as primeiras leis que determinam a substituição progressiva dos leitos psiquiátricos por uma rede integrada de atenção à saúde mental. É a partir deste período que a política do Ministério da Saúde para a saúde mental, acompanhando as diretrizes em construção da Reforma Psiquiátrica, começa a ganhar contornos mais definidos. É na década de 90, marcada pelo compromisso firmado pelo Brasil na assinatura da Declaração de Caracas e pela realização da II Conferência Nacional de Saúde Mental, que passam a entrar em vigor no país

Diz-se que a prisão serve à correção de erros, reabilita e reeduca as pessoas para que possam ser incorporadas novamente à sociedade. Michel Foucault (1979), nos estudos empreendidos sobre a prisão, mostra não somente que a prisão, a partir do momento que se constituiu como forma de vigilância, produz a delinquência, mas também que, desde o seu início, esteve ligada a um projeto de transformação dos indivíduos. “Habitualmente se acredita que a prisão era uma espécie de depósito de criminosos, depósitos cujos inconvenientes se teriam constatado por seu funcionamento, de tal forma que se teria dito ser necessário reformar as prisões, fazer delas um instrumento de transformação dos indivíduos”. (Foucault, 1979, p. 131 e 132) O que Foucault deixa claro através dos textos, dos programas, das declarações de intenção é que isso não é verdade, pois desde o começo a prisão deveria ser o aparelho de completa perfeição tanto quanto a escola, a caserna ou o hospital para agir com precisão sobre os indivíduos. O fracasso dessas intenções foi registrado logo no começo de seu funcionamento. Foucault diz que desde “1820 se constata que a prisão, longe de transformar os criminosos em gente honesta, serve apenas para fabricar novos criminosos ou para afundá-los ainda mais na criminalidade. (...) A prisão fabrica delinquentes, mas os delinquentes são úteis tanto no domínio econômico quanto no político. Os delinquentes servem para alguma coisa”. (Foucault, 1979, p. 131 e 132). A mesma afirmação é feita por Loïc Wacquant no artigo “A ascensão do Estado penal nos EUA”. A partir de um relatório feito por uma

as primeiras normas federais regulamentando a implantação de serviços de atenção diária, fundadas nas experiências dos primeiros CAPS, NAPS e Hospitais-dia, e as primeiras normas para fiscalização e classificação dos hospitais psiquiátricos. Há também em curso a implantação nos municípios de Serviços Residenciais Terapêuticos. A esse respeito ver: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. DAPE. Coordenação Geral de Saúde Mental. Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil. Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas. OPAS. Brasília, novembro de 2005. Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/relatorio_15_anos_caracas.pdf Acesso 30.01.2010.

comissão nacional de justiça criminal que recomenda a extinção dos centros para jovens detentos e a suspensão da construção de penitenciárias durante uma década, Wacquant dirá que, “longe de acabar com a insegurança, a carceragem alimenta por sua ação criminalizante”. (Wacquant, 2002, p. 14)

A sociedade sem delinqüência foi um sonho do século XVIII. A delinqüência “era por demais útil para que se pudesse sonhar com algo tão tolo e perigoso como uma sociedade sem delinqüência. Sem delinqüência não há polícia. O que torna a presença policial, o controle policial tolerável pela população se não o medo do delinqüente?”. (Foucault, 1979, p. 137 e 138)

Fugir é explorar os meios II

Pedro. Seu prontuário data de 31 de maio de 2000 como data de entrada no HCTP. Muito antes disso era um menino do interior que estudava e ajudava o pai nos afazeres do campo. Um dia, enquanto ajudava seu pai nos trabalhos, uma árvore caiu sobre sua cabeça. Dali para frente nunca mais deixou de fazer tratamento. Convulsões. Ataques epiléticos freqüentes. Para de estudar, para tudo. Fica sem amigos. Isola-se. Depois de um tempo comete um crime, um “ato delituoso. Ato libidinoso por motivos torpe e cruel. Homicídio qualificado.” Um menino. Um encontro libidinoso. “Por ciúme”. “Uma brutalidade”.⁴⁶

⁴⁶ Escrito com base no prontuário de Pedro. Os trechos entre aspas foram transcritos do prontuário.

Em seu prontuário uma pergunta: “O periciado, por doença mental, era, na época dos fatos, inteiramente incapaz de entender o seu caráter criminoso?” —“ERA”. Páginas a frente: “Réu absolvido, mas aplicando-lhe Medida de Segurança de 03 anos e se for verificada a não cessação de sua periculosidade seguirá no tratamento, na medida de segurança” Até... até segunda ordem (61a, 61b).

Em janeiro de 2008 após a terceira tentativa de positivar um laudo de cessação de periculosidade - Pedro já estava em regime de alta progressiva -, seu pedido de desinternação foi indeferido. (Lembrete: a família não o quer de volta). Ele quer sexo e já sabe que não pode, insiste dizendo às mulheres que circulam: eu preciso. Depois de um mês no cubículo oito da ala um, coloca o colchão sobre seu corpo e atea fogo na tentativa de se matar. Foi o que pode conceber para por fim a agonia dos dias vividos ali: queimar o próprio corpo. Sua linha de fuga transformara-se numa linha suicidária cuja interrupção não o impede de, a despeito do corpo mortificado, fazer notar a potência vital de que dispõe. Se hoje passa seus dias no HCTP sobre uma cadeira de rodas, sobre uma cama e sempre na dependência de outra pessoa, Pedro quer obstinadamente uma mulher, precisa de uma mulher. Quer fazer sexo. Não pode!

Há dez anos internado espera o laudo positivo de cessação de periculosidade, tomando remédios. Depois que aquela árvore lhe caiu sobre a cabeça nunca mais prestou. No hospital toma mais que um remédio, e, mesmo assim, ainda tem forças para ativar o membro sexual. De vez em quando, quando não suporta a vontade de sexo, o exhibe aos passantes. Segundo os enfermeiros não se sabe como ainda é tão potente com tanta coisa que já sofreu: a alimentação

de prisão, todos esses anos de remédios fortes que afetam a libido, a cadeira de rodas, etc. O fogo não era o pior.⁴⁷

Fugir é explorar os meios III

Aquiles, com a ajuda de seus colegas de enfermagem, atravessou a pequena janela basculante do banheiro e subiu para o telhado do Hospital. Do telhado lançou-se para o chão. O chão que ele pretendia que fosse fora do Hospital era ainda dentro do pátio do Complexo Penitenciário. Dali pensava sair por alguma abertura em direção à rua, ao morro, ao mato, ir embora e nunca mais voltar...

Seu pulo foi interrompido no chão do pátio da prisão. Tentou. Arriscou. Pulou de uma altura de aproximadamente três metros, e quando caiu quebrou calcanhar e tornozelo. Gritou tanto de dor, tão alto, que logo foi socorrido pela polícia do Complexo. Dias no Hospital Universitário, meses numa cadeira de rodas, dias com muletas. Passado algum tempo caminha manco e sozinho. Depois disso evita conversas, desconfia de tudo, não suporta mais cadeia. Evita dias de festa. O fracasso da fuga resulta num acúmulo de marcas: marcado pelo tombo, pela quebra do tornozelo, por novos castigos, por um perigo maior que ele passa a representar que é ser ‘esse dos que tenta fugir’, ele percorre a linha de silêncio e de recusa que traçou na tentativa de se esquivar da linha dura da prisão. A fuga da prisão fracassa e a linha (de fuga)

⁴⁷ Situação semelhante e diversa de produção de morte pode ser vista no filme **A casa dos mortos** (2009) de Débora Diniz, realizado no Hospital de Custódia e Tratamento (HCT, Manicômio Judiciário). Disponível em: www.acasadosmortos.org.br Acesso: 20.06.2010

que a mobiliza se rompe. Nem sempre é possível inventá-la, nem sempre ela tem a potência que precisaria para correr. Às vezes, ela mal se esboça e já se rompe ou é interrompida. A tristeza, a dor, as fraturas e a injúria por não ter conseguido fugir dão ao silêncio a tonalidade da recusa e da imobilidade que a prisão suporta muito bem. A linha que ele traça não é propriamente de fuga como estamos chamando aqui. Quase é, mas não é. Talvez o silêncio, a tristeza, o buraco em que entrou... (advindo do erro do pulo, da falha..., da merda de não ter conseguido escapar para a rua), enfim a condição na qual se encontra possa ser aquela na qual uma linha de fuga mais uma vez se esboce e quem sabe desta vez...

Fugir é explorar os meios IV

Não, liberdade eu não queria. Apenas uma saída; à direita, à esquerda, para onde quer que eu fosse; eu não fazia outras exigências; a saída podia também ser apenas um engano; a exigência era pequena, o engano não seria maior. Ir em frente! Só não ficar parado com os braços levantados, comprimido contra a parede de um caixote. (...) Hoje, vejo claro: sem a máxima tranqüilidade interior eu nunca poderia ter escapado. E de fato talvez deva tudo o que me tornei à tranqüilidade que me sobreveio depois dos primeiros dias lá no navio. Mas a tranqüilidade, por sua vez, eu a devo sem dúvida às pessoas do navio.

[Kafka, 1999, p. 59-72]

Pacientes com mais de dez anos de “casa” não são raros ali. Entraram para cumprir três anos de Medida de Segurança, como prevê a lei e lá ficaram... Na atualidade, pelo tempo que

se deixa alguém encarcerado, pode-se dizer que as prisões buscam neutralizar as forças dos prisioneiros. Passeti (2004), retomando Louic Wacquant coloca que essa situação, pode ser resumida em três pontos: “difusão da noção de ‘encarcere o criminoso e jogue a chave fora’; despolitização da prisão, deslegitimando qualquer forma de rebelião; identificação do preso com o rebaixo cultural. O encarcerado permanece sendo um corpo sobre o qual se investe dor, castigos, produtividade, moral e equipamentos de controle, como os derivados da economia computacional”.⁴⁸

As fugas como produção de estados diferentes: — *ontem eu disse um não*. Andes foi convidado a fumar maconha, e sabe que o seu encontro com qualquer droga resulta em algo nocivo para ele. Já fez isso outras vezes e foi mal sucedido, foi parar no cubículo por dez dias. — *Tem algo que tá mudando em mim*. Foi bonito ouvi-lo. Ele atribui o seu “não” talvez ao tratamento, talvez a família que tem feito algumas ligações nessa semana e, talvez, *também por causa daquele livrinho que eu tô escrevendo contigo*. *Não sei, não sei de nada, mas eu tô diferente, eu não sou mais o mesmo*. Escrever é explorar os meios.

Cultivar as perguntas, desenhar as mandalas, escrever um livrinho, fazer poesias, um estranho uso das grades na busca da *máxima tranqüilidade interior*, um estar sempre pronto para fugir. Um devir fugitivo. “Não há dúvida de que profundos movimentos de desterritorialização se operam, agitando as coordenadas do corpo e delineando agenciamentos particulares de poder; entretanto, colocam o corpo em conexão não com a rostidade, mas com devires animais, especialmente com o auxílio de drogas. Sem dúvida não existe menos

⁴⁸ Ver Wacquant, Louic. “A cor da justiça: quando gueto e prisão se encontram e se mesclam”. In: Lins, D.; Wacquant, L. (Orgs.) **Repensar os Estados Unidos: para uma sociologia do super-poder**. Campinas. Papirus, 2003, p.181.

espiritualidade: pois os devires-animais referem-se a um espírito animal, espírito-jaguar, espírito-pássaro, espírito-ocelote, espírito-tucano, que se apoderam do interior do corpo, entram em suas cavidades, preenchem os volumes, ao invés de lhe criar um rosto”. (Deleuze; Guattari, 1996, v. 3, p. 43)

Hospital-prisão. Uma operação de aniquilamento do que fora designado como *nada* – lembremos Foucault (1991, p. 249): “[o] internamento é a prática que melhor corresponde a uma loucura sentida como desatino, isto é, como negatividade vazia da razão; nele, a loucura é reconhecida como não sendo *nada*.” – continua potente como outrora. Os aniquilamentos nas instituições de internamento de prisão e loucura infelizmente seguem rumos independentes das lutas, dos movimentos de reformas. A máquina de punir é uma velha senhora muito bem instalada.

Fugir é explorar os meios IV

No final de uma festa junina há outro começo. O chão tomado pelos restos de papel e comida, a grama amassada e todos cansados das agitações que envolvem o preparo de uma festa. Festas tão generosamente preparadas pelas Assistentes Sociais, professoras, enfermeiras, psicólogas visam encontros, sair da rotina, comer algo diferente, uma alegria - aquela que é possível em face das contingências prisionais.

A tarde de festa passa rápido e muita coisa se passa, muita conversa, muita alegria, encontros com familiares, ausências e saudades. Fico na festa por toda à tarde até o início da

noite quando todos os internos se recolhem. Um silêncio desconhecido para mim até então inunda o local. O silêncio das portas fechando-se, o silêncio que acompanha a noite e o fim de uma festa. Um murmúrio desolador.

Durante a festa, animada por quadrilha, casamento, bandeirinhas, pescarias, e música, dançamos a tarde toda numa animação bonita de se ver, boa de experimentar. No transcorrer da tarde ajudei os agentes prisionais na distribuição de comida e refrigerantes aos internos que não quiseram ou estavam impedidos de participar da festa. Ainda que ela estivesse gostosa, há quem não goste de festa na cadeia. Alguns se incomodam com as alegrias que as acompanham. É como se festa não combinasse com a condição prisional, com as tristezas, as angústias. A música que se desprendia da festa certamente adensava a tristeza que preenchia os corredores vazios e os cubículos em que os impedidos de festejar se encontravam.

Ao dar o primeiro passo no corredor levando pratos de comida, refrigerantes e o quentão sem álcool, ouvia o som das batidas nas portas produzidos com uma caneca, com socos e pontapés, ouvia gritos de revolta pelo não comparecimento de familiares ou os gritos de *por favor, me deixa ir lá só um pouquinho*. O agente que me acompanhava explicava as situações, desde que eu perguntasse por elas. A cada prato que entregava me aproximava de algo que era desconhecido para mim, de uma área no manicômio na qual eu jamais havia ingressado. Percebia que alguns internos não gostavam do excesso de doce que acompanhava os pratos de comida junina, não gostavam de comer sozinhos no cubículo, preferindo fumar um cigarro. Sigo agora o corredor acompanhando o agente, sigo com as distribuições no espaço esquadrinhado. O corredor é cinza, mas é pintado de verde. Os homens estão em buracos (leitos) com pouco ar que circule, sem sol direto; o que entra é uma pequena

claridade. As janelas dos cubículos ficam a uma altura considerável do chão. O olho antes de avistar um pequeno pedaço de céu rebate nas paredes. Tudo é cinza. O verde é cinza. Cinza é a cor do fim de tarde quando retornam da festa para esses buracos. Cinza é a cor dos cubículos enquanto a festa acontece. E é assim: sempre as duas coisas. Certamente, quando estávamos nas oficinas, isso acontecia nos corredores com alguma variação. As oficinas não são dias de festa.

[O trabalho que apresento aqui, a cartografia, se dá nesse meio: metade o horror e outra metade certa alegria proporcionada pelas festas ou por algum outro tipo de encontro e até o encontro nas oficinas.]

Olhá-los pelas aberturas das portas naquele dia de festa foi percorrer a paisagem mais triste que encontrei ali. O interno em cadeira de rodas, sozinho no pátio sob a vigilância dos agentes, tapava os ouvidos ao som da festa, o som da alegria parecia entristecê-lo mais. Enquanto passávamos, fez um movimento mais brusco para alcançar o prato de comida, caiu no chão totalmente desprotegido e chorou. Aquele choro, aquela festa do outro lado, aquela desolação dos cubículos e enfermarias, um silêncio... Para que serve isso? Eu estava distribuindo doces e isso era como distribuir doces no inferno... Esse trabalho está no *meio* disso. Cresce nessa Terra.

Depois de atingir certo ponto não há mais retorno. Num outro dia o passeio continuou e encontrei o horror mais uma vez quando o agente que me acompanhava disse: — *Ninguém quer saber deles, muito menos a família. Em alguns casos se a família pode, fica ainda com a aposentadoria, quando esta existe e deixa o paciente de lado. Daí eles não tomam remédio, vão pra rua e geralmente voltam pra cá como uns bichos, totalmente largados, cabeludos,*

magros, doentes, quebrados, sem roupas, sem documentos, cheios de bicho de pé, comendo toco de cigarro, terra... para a família, muitas vezes, não é fácil ter um cara desses em casa. O humor deles vira muito num mesmo dia. A família não sabe como lidar.

Em sua maioria eles são provenientes de famílias pobres. Na instituição ingerem medicações fortes e tornam-se mais vulneráveis ao convívio fora da internação tamanho o nível de debilidade que esses medicamentos produzem no corpo e o grau de dependência que a instituição cria.⁴⁹ A família não quer saber, as residências terapêuticas públicas são escassas, sobram as residências privadas. É a aposentadoria que facilita essas saídas para residências privadas. E o agente diz mais uma vez: — *Geralmente a família não quer... não quer saber mesmo.*

E o passeio não para. Estou caminhando novamente nos corredores com um auxiliar de enfermagem enquanto faço algumas fotos. Ele me leva um pouco mais para dentro dos espaços até então fechados para mim. As fotos contam muito pouco do que acontece nos corredores e celas.

Com um molho de chaves abre as portas de cubículos e enfermarias, e me leva para dentro desses lugares estranhos. Enquanto me leva fala das medicações. — *Essa medicação acaba literalmente com o cara. Acaba mesmo, eu falei literalmente e é isso, literalmente. Fisiologicamente eles ficam fracos e, por outro lado, eles não reagem mais. A medicação acaba com o poder de reação, assim fica mais fácil controlá-los aqui, porque eles são muito fortes. Uma dose dessas na gente (apontando para um dos medicamentos sobre a mesa) faria a*

⁴⁹ O paciente há longo tempo hospitalizado/dependência institucional, será objeto de política específica de alta planejada e reabilitação psicossocial, sob responsabilidade dos gestores da saúde. Conforme Lei 10.216 de 06 de abril de 2001.

gente dormir por três dias. Eles não, eles são fortes é preciso uma dose alta pra derrubar os caras no surto.

Sigo o enfermeiro e parece que uma nova camada se desprende, um novo solo se mostra, e não há foto que dê conta do que vou encontrando. O cheiro suportável dos corredores encontra o insuportável dos cubículos. Todo o cheiro forte que sinto não é nada se comparado aquele das manhãs carregadas pelo cheiro de urina de uma noite inteira sem descarga, porque as descargas estão no corredor, do lado de fora do cubículo. Dentro dos cubículos de paredes desenhadas, descascadas, escurecidas (paredes-palimpsestos) há uma peça quadrada de ferro esmaltado, engastada no piso ao nível do chão, com lugar elevado para por os pés e com um buraco ao centro de modo a que agachado se possa urinar e defecar. Essa peça chama-se boi. Baratas e ratos invadem esses cubículos pelo boi. O cheiro nauseante de urina me leva a perguntar: “como é possível ficar ali?” — *Ah, mas eles são fortes!*, respondeu-me; sabendo que nós, diante disso tudo, somos fracos. É preciso Haldol, muito Haldol. É preciso ser forte.

Depois desses passeios não é possível se esquecer do cheiro, da cor. Mas isso vira lembrança, imagem na lembrança. Foto. Imagem. Mapa. E todos eles são o pouco de que dispomos para mostrar o que não se mostra, para mostrar o que deve ser escondido. Para mostrar o ponto cruzado por linhas no mapa da geografia escolar. São o pouco e ainda assim são muitos. As imagens são cheiros, sons, frio ou calor, calafrio ou aconchego. O que se quer atingir com o trabalho com as fotos, com os mapas intensivos é estar o mais próximo possível da carne. Na carne a palavra se inscreve. Mas isso é o mais perto que se pode chegar a atingir. A cartografia intensiva caminha junto da carne, mas não é ela.

Hora de partir, de seguir adiante porque o dia terminava, porque uma pesquisa chegava ao fim, porque eu já tinha visto muito. Uma estranha geografia composta pelas linhas, todas que podem cruzar um lugar como este, que cruzam quaisquer outros espaços, e que foi possível alcançar por essas passagens. Linhas invisíveis, imaginárias, dotadas das forças agentes como as das linhas imaginárias dos mapas escolares e dos mapas oficiais da geografia.

Percorrer um corredor e entrar num cubículo não era coisa simples; nesse momento – no encontro com o insuportável – todas essas linhas se cruzam. E o ponto no espaço extensivo da cidade que o lugar HCTP ocupa é apenas um ponto, destituído visivelmente dessas forças. E é bom lembrar que sobre um ponto pode passar um número infinito de linhas. Isolar alguém e deixá-lo esquecido nessas instituições é uma operação de esconder o insuportável, o portador de forças não domesticadas, aquele que é designado como bandido. O perigoso.

Fugir é explorar os meios V

Ouçó ainda uma voz antes de sair e acabar a pesquisa: — *Antes de ir, passa lá na sala de novo, quero te mostrar uma coisa, a última coisa, deixa eu te mostrar o que é a loucura.* Na sala da enfermagem o guia que me levou ao interior dos cubículos segurava pelas pontas uma lâmina de Raio-X, uma radiografia. Mais uma imagem. Uma imagem a mais para não esquecer que as imagens aqui são mapas de outras e novas paisagens, e não podemos esquecer que é a paisagem que interessa mais que o mapa.

Sob o efeito das palavras do técnico em enfermagem olhei a radiografia de um úmero no estado em que ficou após uma fratura. Diziam ali na sala da enfermagem que o ocorrido poderia ter gerado complicações sérias no braço como a perfuração de vasos sanguíneos etc, mas estavam admirados com a capacidade daquele corpo. E a imagem me calou como se estivesse diante do impossível, joguei essa imagem sobre as outras: *tristeza e dor e sofrimento; isso aqui fica dentro da gente, chega até o osso; coelhos; casas; submarinos; pardais; paisagens; mandalas; eu era brincalhão, agora tou mais quieto; agora eu tou vesgo antes eu tinha olhos normais; a carta ao 1º. Código penal florianopolitano da vara de execuções penais criminais;...* Joguei sobre todos os mapas disponíveis aqui dentro. Todos.

A radiografia era a paisagem da sua última internação, das cinco que vivera ao longo dos seus quarenta anos de idade. Seu prontuário dizia: *[p]aciente trazido pela polícia, que o deixou aqui sem ao menos tomar conhecimento da possibilidade de alta ou não. Não se pode, portanto, saber o motivo do seu encaminhamento até este local. Ao exame, o paciente simula quadro psicótico, forçando a internação, provavelmente por motivos sociais. Este é, portanto, a indicação de internação. Internado novamente. Paciente apresenta-se em péssimo estado geral. Higiene precária, desorientado (não se orienta no espaço e no tempo), com arame na mão esquerda, com fratura no úmero*".⁵⁰ Toma Haldol desde 1993, e tem hoje (em 2010) quarenta anos.

A radiografia que apresentava a fratura completa e não tratada do úmero de Davi era o que o técnico tinha para me mostrar como imagem daquela tarde, como se ele tivesse captado do que se tratava minha pesquisa e por onde passavam meus interesses. Percebeu que eu

⁵⁰ Trecho extraído do Prontuário Médico do paciente.

estava interessada em todas as loucuras e em todos os aprisionamentos, inclusive, e, sobretudo, naqueles que nos impedem de ver “que atrás da ordem desse mundo, existe uma outra. Que outra?” - é o que se pergunta Antonin Artaud.

O que é grave/ É sabermos/ Que atrás da ordem deste mundo/ Existe uma outra./ Que outra?/ Não o sabemos./ O número e a ordem de suposições possíveis/ Neste campo/ E precisamente/ O infinito!/ E o que é o infinito?/ Não o sabemos com certeza./ É uma palavra que usamos/ Para designar/ A abertura/ Da nossa consciência/ Diante da possibilidade/ Desmedida,/ Inesgotável e desmedida./

[Antonin Artaud, 1983, p. 154]

“A prisão é, então, um instrumento de recrutamento para o exército dos delinquentes. É para isso que ela serve. Fala-se há dois séculos: ‘a prisão fracassa, pois ela fabrica delinquentes.’ Eu diria, antes, ela é bem-sucedida, pois é isso que se lhe requer”. (Foucault, 2004, p.48)

Não estamos longe dos carcereiros temerosos na novela de Arenas (63 a 67) quando pedimos por mais formas de segurança, ou por uma segurança sempre mais eficaz; e quanto mais o nosso medo do mundo aumenta ou quanto mais se produz em nós esse medo do mundo, mais segurança nós pedimos.

Frei Servando experimenta a fuga pelo excesso de correntes. É o excesso de peso que faz as correntes se arrebentarem. Mas não podemos esquecer que o pensamento de Frei Servando era livre. De que se foge?

Fugir é explorar os meios VI

A primeira informação geral e inespecífica sobre os crimes cometidos foi a que permaneceu pelos quase cinco anos de pesquisa. Nunca liguei pessoas a crimes. Ao cabo da pesquisa, no entanto, me pergunto sobre os crimes cometidos. Sou visitada por essa questão justamente pela gravidade dos rótulos e denominações. Antes dessa questão fui informada durante uma conversa sobre meu trabalho **com os meninos**. — *Meninos? Não pense que eles são inocentes. São é um bando de vagabundos estupradores. A senhora chama de meninos esses vagabundos?* O agente ficou visivelmente transtornado com meu adjetivo. E, alterando a voz, me disse: — *A maioria aqui é estuprador e homicida.*

Nos últimos dias da pesquisa perguntei a uma estagiária do Serviço Social pelos crimes mais comuns ali. Nas horas vagas ela fazia um levantamento sobre essa situação, mas não o tinha concluído. Apresentou-me os dados parciais que perfaziam setenta por cento dos quase cento e quarenta internos. Leu sua anotação feita à mão em papel simples, deixando claro que se tratava de uma pesquisa de seu interesse e não do interesse de estágio. Suas anotações em curso mostravam que os números de homicídios e de estupros não eram significativos, mas sim os de furto de pequenos valores, muitas vezes motivado por uso de drogas. Havia agressão a vizinhos e aos familiares. Roubo de veículos; lesão corporal como modalidade da agressão física. Estelionato. Poucos traficantes. Delitos combinados de ameaça e roubo. Violência doméstica e o enquadramento na Lei Maria da Penha. Roubo com uso de armas era raro. Dizia-me que muitos desses pacientes não têm motivos para estarem aqui por tanto tempo. Destacou alguns exemplos que considera intrigante: — *Fulano, por exemplo, furtou cinco*

reais numa loja de 1,99. Outro, está aqui de novo, porque furtou uma TV velha que tava dentro na delegacia. Outro um pequeno furto e desacato à autoridade. A sua pesquisa estava inconclusa, mas era outra forma de apresentar os pacientes-internos. Quando se diz que alguém é ‘um bandido vagabundo’ sobra pouco espaço para aparecer o que estou mostrando e chamando de geografias intensivas. Sobra nenhum espaço para todo o resto que compõe geografias intensivas. E o resto, aqui, o que não é permitido, o que se costuma jogar fora é material para a invenção de outros e novos começos. Nosso resto é chamado (por uma sociedade) de indivíduo perigoso.

Fugir é explorar os meios VII

“Mas Perry disse (o assassino da família Clutter): ‘Por quê? Soldados não perdem o sono. Matam gente e ganham medalhas por matar.’ (...) É muito mais difícil – e, portanto, tem o seu aspecto moralizante – para um prisioneiro ferir ou matar um guarda, do que para este ferir ou matar um prisioneiro. As conseqüências, para o primeiro, são infernalmente mais severas. O guarda ganha uma medalha por isso!”. (Capote, 2003, p. 359)

Fugir

A vida está sob perigo. As potências da vida estão sendo capturadas neste estado-meio prisional. O indivíduo perigoso aparece numa sociedade e nunca fora dela. Na sociedade de controle o aprisionamento se dá pela cadeia, pelas prisões a céu aberto (todas) e pelos

remédios. Quem de nós está fora desses extratos aprisionantes? Nas fissuras dos diagramas de poder podem-se inventar algumas linhas de fuga e de afirmação de vida que se dobram sob a ação dessas forças. O que importa é criar uma linha de fuga. Um devir fugitivo em relação às formas de pensamento e aos modos de ser aprisionantes. Foge-se dessas formas de prisão, desses estados prisionais, do controle, das prisões no corpo.

Vera Malaguti Batista (2004) lembra que aqueles que não estiverem presos estarão medicados. Nesse sentido é que a autora se pergunta: “[q]uais serão os efeitos, por exemplo, à memória feminina do século XXI produzido pelos milhões de Lexotans ingeridos pelas mulheres angustiadas? Que tipo de inconformismo pode resistir aos milhões de Prozac consumidos por tantos homens deprimidos?”. (Batista, 2004, p. 154)

Fugir das acomodações e incomodar-se mais. Incomodar-se com a fórmula acomodante (territorializada) de que todo louco é perigoso. De que todo preso e louco é vagabundo, de que é uma encarnação do mal e por isso deve ser eliminado para proteção e em defesa da sociedade. Acomodar imobiliza o corpo, incomodar o coloca em muitos movimentos, sobretudo no de aprender e experimentar. Incomodar é estar também - por não saber como fazer - perto do abismo da experimentação. A imobilidade aprendida na escola, nas situações de comunicação e difundida por todo o campo social pelas diversas mídias leva a copiar modelos; modelos de saúde, de laser, de estudar, de vida, de escola, de prisão..., de defesa. A reprodução desses discursos policialescos a cerca do bem e do mal não são ingênuos, embora sejam ‘apenas’ pensamentos, “produzem efeitos concretos, são discursos que matam”. (Batista, 2004, p. 159)

Incomodar-se como potência de vida. A fuga, nesse sentido, como coloca Silvana Tótoro, “não é se recusar à ação e tampouco se evadir da realidade, mas um ato de criação – um experimento invenção. Criar é começar algo novo, um deslocamento em direção aos fluxos mutáveis. Por isso, uma minoria nunca se deixar sedentarizar e também não constitui um conjunto fechado sobre si; e porque não se deixa fixar, seu movimento está sempre em conexão com outros devires-minoritários”.⁵¹ (Tótoro, 2004, p. 242)

De que?

Um dia vi um gesto. Águia recortando fotos com a mão. Outro dia outro. Águia corrigia a versão rascunho de seu livro **O som de águia** (62, imagem de contracapa de seu livro) e extraía dele todo o dado (toda palavra) que se identificava com a cadeia, que qualificava a cadeia. Nas fotos fazia o mesmo, recortava grades, portas, construção, toda inscrição que marcava o lugar-cadeia (toda imagem). — *Não quero que ninguém saiba que eu tive aqui, eu sei, e sei bem. Não quero que me olhem com pena ou com medo. Não quero que as pessoas fechem as portas para mim.*

Numa dessas fotos, recortadas por seu gesto inventivo de apagar o rastro apagando a imagem, estamos – eu e ele – de mãos dadas num jardim, rindo, alegres... Apagar o rastro é

⁵¹ “Um devir-minoritário não é o mesmo que assegurar a identidade para as minorias – excluídas do Estado, dos direitos de cidadania. Movimentos de busca de identidade ou se fecham em grupos isolados, ou reivindicam o reconhecimento de direitos iguais, ou seja, fazer parte de uma maioria. Não se pode ignorar que grupos minoritários, tão logo se sentem fortalecidos em sua identidade, buscam fixá-la na forma Estado”. (Tótoro, 2004, p. 243-244)

também desfazer o rosto, esvaziando a imagem daquilo que a estabiliza; aquilo que na imagem e em nós os torna familiares. E de repente já não há eu, nem ele e nem nós ali. Já não há o preso, o louco, o oficeneiro, e ali não há alegres e rindo. Nada na imagem permite balizar um julgamento. Há apenas o que resta quando toda intenção é subtraída; quando um gesto mínimo, inventivo, faz escapar à percepção. Nesse momento de meu encontro com a foto (foto-mapa que o cartógrafo produziu) sou arrastada por essa estranha linha livre, linha de fuga em que já “se esgotou todas as felicidades do perceber e do percebido” (Deleuze, 1993, p. 33) e experimento, para minha alegria e terror, a vida. Imperceptível.

Acaso não é preciso isso, deixar de ser para tornar-se imperceptível (...)? (...)

Tornar-se imperceptível é a Vida, “sem interrupção nem condição” (...).

[Deleuze, 1993, p. 35]

**Mensagem numa garrafa
atirada ao mar
(I)**

Anotações sobre tornar-se perigoso

Anotar uma idéia como quem anota um sorriso ou uma variação de gritos.

[Orlandi, 2005, p. 33]

Não esperem encontrar aqui o desenrolar desta coisa tão legal, tão bonita que Orlandi indica. A epígrafe está aí só para me lembrar de tudo quanto já escrevi neste trabalho, mas também e principalmente para abrir espaço para um tipo de anotação que é inseparável de um sorriso ou de um grito. Ela compõe o solo sedimentar desta pesquisa. Estas anotações são os materiais sólidos, quase fluidos, que ao longo dos anos foram se depositando. Estas anotações fazem parte do ler-anotar ao pé da página, nos cantos, nos pequenos papéis cor-de-rosa e amarelos que se colam sobre as margens dos livros lidos em diferentes momentos da pesquisa. Há um tipo de leitura que não abandona a pesquisa. Um tipo de leitura que tem a ver com esse clima, essa atmosfera densa da prisão, do hospital-prisão. Como não anotar em **História da Loucura** e outros tantos textos de Michel Foucault? E por que não trazer as anotações para este espaço-tese mesmo que dispersas, desconexas (em relação à escrita feita até aqui), em um bloco fechado, e, insistentes no citar recursivo? Sedimentos que são, estas anotações funcionaram em momentos precisos como lembretes em meio aos caminhos tortos da pesquisa. Funcionaram como uma bruxaria, um conjunto de atos-palavras que - repetidos sem nada (ou quase nada) acrescentado a elas - eram a invocação das potências sísmicas do

pensamento de Foucault, pois são muitos os modos pelos quais podemos nos tornar indivíduos perigosos... Funcionaram, ainda, como um pequeno percurso que não parou de se fazer junto com as experimentações que a tese foi propondo. Pequeno, porque nunca ocupou um lugar específico na pesquisa, mas desenhou o lugar suficiente para que eu pudesse prosseguir nela, para que eu pudesse partir. Por isso essas anotações estão aqui. Como uma mensagem numa garrafa lançada ao mar.

No paraíso você diz 'olá' mesmo sem ter visto nada / No paraíso os homens já chegam mortos ao mundo.

[Werner Herzog, Fata Morgana, 1976]

Embora reconhecendo a ausência de culpabilidade e, assim, a inexistência de crime nas condutas daqueles que se revelam inimputáveis, o ordenamento jurídico-penal brasileiro, paradoxalmente, insiste em alcançá-los, ao impor, como consequência da realização da conduta penalmente ilícita, as chamadas medidas de segurança, com base em uma alegada 'periculosidade' atribuída a seus inculpáveis autores. (...) A 'periculosidade' do inimputável é uma presunção, que não passa de uma ficção, baseada no preconceito que identifica o 'louco' – ou quem quer que apareça como 'diferente' – como 'perigoso'.

[Maria Lúcia Karam, 2002, p. 217]

Um dos temas centrais no livro **História da Loucura** de Michel Foucault é a relação entre razão e loucura, de modo que a história da loucura não pode ser vista separada da

história da razão. O livro é antes uma crítica a razão, e, nesse sentido, Foucault nos mostra a crescente subordinação da loucura à razão. Não há desrazão sem razão.

A loucura também tem seus jogos acadêmicos: ela é objeto de discursos, ela mesma sustenta discursos sobre si mesma; é denunciada, ela se defende, reivindica para si mesma o estar mais próxima da felicidade e da verdade que a razão, de estar mais próxima da razão que a própria razão.

[Foucault, 1991, p. 15]

Antes de Pinel e Esquirol, antes do século XIX, era impossível falar de doença mental. Falava-se de doenças gerais porque o corpo não era dividido entre físico e mental. Era uma doença com seus sintomas diferentes das outras doenças. Ao final da Idade Média o Louco aproxima-se de todos de um modo diferente. A personagem do Louco, do Bobo, do Simplório nas farsas assume cada vez mais importância, pois estas personagens vão ao centro do teatro como detentoras da verdade, desempenhando um papel “inverso e complementar ao que assume a loucura nos contos e sátiras”. (Foucault, 1991, p.14)

A Nau dos Loucos invade as paisagens mais familiares e seus passageiros tornam-se personagens ambíguos questionando o mundo dos “sensatos”. “Se a loucura conduz todos a um estado de cegueira onde todos se perdem, o louco, pelo contrário, lembra a cada um sua verdade; na comédia em que todos enganam aos outros e iludem a si próprios, ele é a comédia em segundo grau, o engano do engano. Ele pronuncia em sua linguagem de parvo, que não se parece com a da razão, as palavras racionais que fazem a comédia desatar no cômico: ele diz o

amor para os enamorados, a verdade da vida aos jovens, a medíocre realidade das coisas para os orgulhosos, os insolentes e os mentirosos”. (Foucault, 1991, p.14)

Foucault pergunta-se então sobre o poder do fascínio que na época clássica se exerce através das imagens da loucura. “Este saber, tão inacessível e temível, o Louco o detém em sua parvoíce inocente. Enquanto o homem racional e sábio só percebe desse saber algumas figuras fragmentárias – e por isso mesmo mais inquietante –, o Louco o carrega inteiro em sua esfera intacta: essa bola de cristal, que para todos está vazia, a seus olhos está cheia de um saber invisível”. (Foucault, 1991, p. 21)

Michel Foucault possibilita-nos uma compreensão do internamento. Coloca-o na contramão do desenvolvimento das técnicas médicas na época clássica, assim como do avanço das idéias humanistas. O internamento nos hospitais gerais a partir de 1656 atende a supressão da diferença na sociedade.

No fundo, o internamento não visa tanto suprimir a loucura, ou escorraçar da ordem social uma figura que aí não encontra lugar; sua essência não é a conjuração de um perigo. Ele apenas manifesta aquilo que a loucura é em sua essência: uma revelação do não-ser. E manifestando esta manifestação, por isso mesmo ele a suprime, pois a restitui à sua verdade de nada. O internamento é a prática que melhor corresponde a uma loucura sentida como desatino, isto é, como negatividade vazia da razão; nele, a loucura é reconhecida como não sendo *nada*. Isso significa que de um lado ela é imediatamente sentida como diferença, donde as formas de julgamento espontâneo e coletivo que se pede, não aos médicos, mas dos homens de bom senso, a fim de determinar o internamento de um louco. Por outro lado, o

internamento não pode ter por finalidade outra coisa que uma correção (isto é, a supressão da diferença ou a realização desse nada que é a loucura na morte). Donde esses desejos de morrer que se encontram tão freqüentemente nos registros do internamento sob a pena dos guardiões e que não são, para o internamento, signo de selvageria, desumanidade ou perversão, mas estrito enunciado de seu sentido: uma operação de aniquilamento do nada.

[Foucault, 1991, p. 249]

O Hospital Geral criado por Luis XIV é um marco para lidar com o louco. É uma obra assistencialista original que está entre a polícia e a justiça. Foucault fala do Hospital Geral como entidade coercitiva e repressiva que nada tem a ver com a essência da loucura e nem com a recuperação do louco, e sim, antes, com a exclusão da sociedade daqueles indivíduos que são por ela considerados perigosos. Para lá foram enviados doentes venéreos que adquiriram a doença fora da família, prostitutas e sodomitas, os desordeiros do coração e os libertinos. É por um traço de negatividade atribuído ao louco como parte de uma população maior, que se o retira do convívio social.

É a razão, sob a forma do saber psiquiátrico fundamentado em laudos médico-científicos, a grande propulsora de um pensamento e uma prática de exclusão da loucura na Idade Moderna. Mas é com o surgimento das Ciências Humanas que se irá criar a categoria de doença mental, que não somente dará prosseguimento a tutela da razão sobre a loucura, mas abrirá espaço para a figura do terapeuta. A loucura passa ser vista como um adormecimento da razão. Essa nova compreensão da loucura demanda por espaços próprios de cura e por especialistas qualificados para acordar a razão do sono em que está mergulhada.

O parêntese aberto aqui serve para mostrar a necessidade de tirar de circulação alguns indivíduos, mantendo-os confinados em lugares específicos, inserindo-os numa lógica

espacial-institucional com fins de cura e ressocialização. Trata-se de internar o louco, mas também de exercer uma dominação sobre a loucura. É preciso não perder de vista, num mundo em que prevalece a razão e a ciência, a relação sempre existente entre a experiência da loucura e formas novas de exclusão.

Perguntaram a Foucault, em uma entrevista para o **Le Monde**⁵², se havia uma filosofia na história da loucura, ao que ele respondeu.

— “A loucura não pode ser encontrada no estado selvagem. A loucura só existe em uma sociedade, ela não existe fora das normas da sensibilidade que a isolam e das formas de repulsa que a excluem ou a capturam. Assim, podemos dizer que na Idade Média, e depois no Renascimento, a loucura está presente no horizonte social como um fato estético ou cotidiano; depois, no século XVII – a partir da internação –, a loucura atravessa um período de silêncio, de exclusão. Ela perdeu esta função de manifestação, de revelação que ela tinha na época de Shakespeare e de Cervantes (por exemplo, Lady Macbeth começa a dizer a verdade quando fica louca); ela se torna derrisória, mentirosa. Enfim, o século XX se apossa da loucura, a reduz a um fenômeno natural, ligado à verdade do mundo. Desse ato de posse positivista derivariam, por um lado, a filantropia desdenhosa manifestada por toda a psiquiatria com respeito ao louco e, por outro lado, o grande protesto lírico encontrado na poesia, de Nerval até Artaud, e que é um esforço para tornar a dar à experiência da loucura uma profundidade e um poder de revelação que haviam sido aniquilados pela internação”. (Foucault, 1999, p. 150)

Perguntam-lhe ainda se a loucura vale mais que a razão, ao que ele responde:

— “Uma das objeções do júri foi, justamente, de que eu teria tentado refazer o Elogio da Loucura. No entanto, não: eu quis dizer que a loucura só se tornou objeto de ciência na medida em que ela foi

⁵² “A loucura só existe em uma sociedade”. Entrevista com J.-P. Weber. **Le Monde**, n. 5.135, 22 de Julho de 1961, p. 9.

descaída de seus antigos poderes... Mas, quando a fazer a apologia da loucura em si, isso não. Afinal de contas, cada cultura tem a loucura que merece. E se Artaud é louco, e se foram os psiquiatras que permitiram a internação de Artaud, isso já é uma bela coisa, e o mais belo elogio que se possa fazer... (...) aos psiquiatras”. (Foucault, 1999, p. 150)

Em uma mesa redonda intitulada “Expertise Psiquiátrica”, Foucault acusa os peritos e por isso formula uma questão à psiquiatria geral:

— “O que é impressionante na história da *expertise* psiquiátrica em matéria penal é o fato de que foram os psiquiatras que, por volta de 1830, se impuseram de modo absoluto à prática penal, que não tinha nenhum interesse neles e que tudo fez para afastá-los. Eles se impuseram a ela e agora eles têm nas mãos. Mas o que é esse desejo criminal para o psiquiatra? Na psiquiatria houve, já faz dois séculos agora, um desejo da anexação da criminalidade. E não se pode compreender o funcionamento da *expertise* psiquiátrica atual se não considerarmos, por um lado, a prática penal e, por outro lado, a psiquiatria e a necessidade de que a prática psiquiátrica, em geral, tem de *expertise* médico-legal. Toda prática psiquiátrica precisa que haja peritos, que haja intervenções da psiquiatria como tal no domínio penal. E eu creio que a razão, evocada há pouco, foi a lei de 1838: no momento em que a psiquiatria se dava o direito de fazer internar um indivíduo como perigoso, era preciso mostrar que a loucura era perigosa... Eles estabeleceram que, no âmago de todo crime, havia um pouco de loucura e, a partir do momento em que se mostra que, por trás do crime, há perigo de loucura, reciprocamente, por trás da loucura, há perigo de crime”. (Foucault, 1999, p. 269)⁵³

Colocados sob efeito da medida de segurança, os pacientes do HCTP estão em uma zona nebulosa entre a loucura e a delinquência. Seus crimes foram julgados, mas eles (os agentes) foram considerados inimputáveis, portanto estas existências prisionais são enquadradas no sistema judiciário numa categoria de cruzamento entre loucura e delinquência. Ali, confinados, esperam pela reversibilidade dos distúrbios de personalidade, pelo laudo

⁵³ Mesa redonda “A expertise psiquiátrica”. **Actes, Cahiers d’action juridique**, n. 5-6, Dez. de 1974 – Jan. de 1975. p. 46-52.

positivo de cessação de periculosidade. A existência prisional do Bandido da Luz Vermelha apresentada por Edivaldo Vieira da Silva mostra o cruzamento dessas linhas. Diz ele que “[a] indiscernibilidade entre loucura e delinqüência, permitiu, trinta anos depois, após o cumprimento de sua sentença, que o Estado tentasse mantê-lo no cárcere de uma Medida de Segurança caracterizando-o, por fim, como louco, um ser destituído de razão, representando um perigo recorrente para a sociedade, que deveria ser mantido em confinamento por tempo indeterminado até os saberes médico-psiquiátricos emitirem um laudo de cura favorável à sua soltura, estratégia de efetuação transversal da prisão perpétua, indiferente ao Código Penal que estabelece como pena máxima no Brasil, trinta anos de reclusão”. (Vieira da Silva, 2002, p. 232-233)

Foucault na aula de 19 de março de 1975 proferida no Collège de France e posteriormente publicada, juntamente com mais dez aulas, sob o título “Os anormais”, coloca a psiquiatria ao lado da defesa da sociedade. Dirá ele na ocasião que a medicina mental dos fins do século XIX e início do século XX não visa mais a cura, “ou não visa mais essencialmente a cura. Ela pode propor (e é o que ocorre efetivamente nessa época) funcionar simplesmente como proteção da sociedade contra os perigos definitivos de que ela pode ser vítima de parte das pessoas que estão no estado anormal. A partir dessa medicalização do anormal, a partir dessa desconsideração do doentio e, portanto, do terapêutico, a psiquiatria vai poder se dar efetivamente uma função que será simplesmente uma função de proteção e de ordem.” (Foucault, 2001, p. 402) A psiquiatria, segundo Foucault, conecta-se ao racismo que possibilita filtrar os indivíduos no interior de uma dada sociedade, pois “a loucura só existe em uma sociedade, ela não existe fora das normas da sensibilidade...”. Instaura-se em nome da

psiquiatria uma caça aos degenerados e estes são, por sua vez, aqueles portadores do perigo e que por isso colocam a sociedade em risco. A psiquiatria, nesse aspecto, seria a ciência de proteção da sociedade.

As linhas sólidas de prisão e de loucura que cruzam as vidas de pacientes nessas situações prisionais combatem incessantemente o mal potencial que ameaça uma dada sociedade e seus indivíduos, que ameaça um certo arranjo da sensibilidade que os configuram como tais em uma época determinada.

Em outra entrevista realizada em 1972 perguntaram a Foucault se ele conhecia alguma prisão-modelo.⁵⁴ Respondeu que não, mas lembrou-se de um estabelecimento que ficava na estrada que vai de Upsála a Estocolmo e que parecia muito confortável. Em seguida disse que não se trata de prisão-modelo ou abolição das prisões, o problema atualmente em nosso sistema é a marginalização realizada pela prisão. Diz ele que “[e]sta marginalização não desaparecerá automaticamente ao se abolir a prisão. A sociedade instauraria, simplesmente, um outro meio. O problema é o seguinte: oferecer uma crítica do sistema que explique o processo pelo qual a sociedade atual impele para a margem uma parte da população. É isso”. (Foucault, 1999, p. 268)

Porque é disso que se trata. De como uma sociedade em nome da razão se constitui como credora de uma dívida da loucura e se outorga o poder supremo, sob a forma da autoridade moral e científica e sob aquela do mandato jurídico, de agir sobre a vida das

⁵⁴ “O grande internamento”. Entrevista com N. Meienberg. (Trad. J. Chavy), **Tages Anzeiger Magazin**, n. 12, 25 de Mar. de 1972, p. 15 17, 20 e 37.

peçoas, não somente para decidir seu futuro no presente, mas para garantir que nada se decida sem que ela o permita, sem que seja por meio dos tribunais que ela constitui para fazê-lo. É isso, mas (ah!) não é só isso...

Ilha Florianópolis, 29-7-2008

Eu, por mais uma vez, humildemente venho comunicar já no meu-SENTIDO-de novo alterado não esta muito razoavel continuar envolvendo com segundas pretensões mutuas irrazoaveis com objetivos ignorantes que só não prejudicar não só a mim como "der" em derivar, por isso em essas e outras razões só far o favor do responsavel por tantas INTERNAÇÕES ser mais objetivo no assunto, porca, pois sempre serei o prejudicado. Grato por tudo. O mesmo de sempre

...

a 1º CÓDICO PENAL FLORIANOPOLITANA DA VARA DE
EZECUÇÕES PENAS CRIMINAIS

**Mensagem numa garrafa
atirada ao mar
(II)**

Caminha-se muito enquanto se escreve. De tanto caminhar as distâncias se desmancham e longe e perto se confundem, a dor no corpo se transforma e o cansaço vira saúde. A saúde de não querer mais parar. As coisas se ligam umas às outras e, como se não houvesse começo nem fim, tudo segue, porque têm que seguir. Não posso parar. Não quero. Distâncias são esses pontos fechados e nada se sabe sobre eles, não se quer abrir, parece que não se pode abrir. Abri um. E vi que está tudo tão perto e tão longe. Estou no limbo da distância, olhando para minhas marcas de caminhada que, de tão fortes, não permitem uma volta incólume dessa viagem. Como a personagem do filme: estou perdida? A força que me impulsiona a escrever mais um pouco é a mesma que impulsiona os pacientes do HCTP a escrever para leitores sejam eles Juízes (68), parentes, outras pessoas interessadas. Aos Juízes escrevem cartas que não chegam, sequer partem, ficam retidas em algum lugar, como errantes dentro de garrafas nas correntes do oceano – mas, se escrevem é porque querem ser lidos. Meus destinatários estão comigo querendo saber se há algo ainda para dizer e, se há o que é? O corpo entrega os pontos e aí, esgotada, me dou conta que aprender alguma coisa não poderia me deixar de outro modo, completamente marcada, dolorida.

Volto-me para o lugar de onde pude falar até aqui. Aos olhos bem informados pela televisão e até pelos cursos universitários, os presos-loucos são como um nada: inúteis, abobados, anormais, delinquentes, tolos, louquinhos, perigosos, bandidos. Mas o processo de aprender no seu itinerário de pesquisa mostra outra coisa. Esses caras, alvo de polícia, políticas e programas e que parecem já não ter mais nada a oferecer ao mundo, ensinam-me. Há algo nessa inutilidade que é precisamente o fato de estarem livres da utilidade, e por isso

não terem que corresponder a padrões de rigor científico, a padrões sociais quaisquer. Assim, partindo de que são inúteis, não precisam provar nada a ninguém.

Queriam e permanecem querendo que suas cartas sejam lidas pelos Juízes. São escritores de outras escritas, são poetas, filósofos, artistas fazedores de mandalas. Mas tudo isso pode ser provisório, passar, acabar e ser abandonado, com a tranqüilidade com a qual se deve abandonar alguma coisa que se inventou quando ela acaba. A provisoriedade desse processo é frágil demais para representar uma salvação, é também por demais frágil para representar ‘uma saída para...’, eis a sua força. Eles continuam lá teimosos, trancados, sob o peso das grades.

Sair nas condições que a instituição impõe garante que essa saída seja uma só: o mesmo. Tais saídas para a família, para o trabalho, para lares de repouso vinculados a igrejas, para residências terapêuticas públicas ou privadas, saídas para a rua - para a liberdade como se costuma dizer, são novas capturas, apenas uma saída. Visam o bem, mas disso quem trata são as instituições. Podem achar que estou dizendo que não quero que eles saiam de lá, mas não é isso. Estou falando de múltiplas saídas, de invenção de saídas, das saídas improváveis para nós todos que estamos presos e medicados. Fugas.

Botar fogo no colchão; pular de um telhado; torna-se artista fazendo mandalas; apaixonar-se por Rose; gostar e desgostar do CAPS e junto disso uma compreensão das formas de tratamento institucionais; ouvir um filme pelo rádio e fazer madrugadas gostosas e intermináveis; ter um amor platônico; imaginar passeios sobre as linhas imaginárias de uma ilha de papel; montar uma casa vermelha para acolher os amigos; ler um livro e poder ir tão longe e. Essas saídas são fugas, saúde, devir. São tão fugidias quanto a fumaça do cigarro que

Andes quer como capa do seu livro. Tudo é frágil, tudo que se alcança se desfaz facilmente, rápido demais para representar a cura nos moldes que estamos acostumados a querê-la, rápido o bastante para se conquistar uma saúde. Dizem os pacientes que a escrita funciona como um modo de não pirar, de fugir para algum lugar, então ela afirma uma lucidez viva, um ir sempre mais longe do que o extensivo do espaço permite. *Meu caderno é um conselheiro de planos para o futuro. Escrevo na madrugada quando perco o sono. E vou, tu nem imagina pra onde. Viro criançinha e rio a toa.* Não posso esquecer-me de Clarice Lispector: “Eu escrevo sem esperança de que o que eu escrevo altere qualquer coisa. Não altera em nada... Porque no fundo a gente não está querendo alterar as coisas. A gente está querendo desabrochar de um modo ou de outro...”⁵⁵

O que parece não é. Se o trabalho parece querer ajustá-los, não, não, não é isso. Não visava arranjar uma renda, embora Águia tenha conseguido alguma grana com suas mandalas, mas foi porque alguém lhe ofereceu algo em troca e ele, sozinho, vislumbrou poder, na rua, ganhar a vida com isso. Eram lindas, tinham força para isso, se ele pudesse despender a força necessária para produzir o silêncio de que elas necessitam para surgir. Não se tratava, então, da produção de um bem estar, mas sim do enfrentamento de problemas, e da coragem para pensar o que acontece.

Nessas, vou pensando como é que se move a questão do ensino de Geografia e como se dá meu aprendizado como oficinaira. Como vai ser formar professores para conduzir os jovens e as crianças do Brasil que devem aprender conteúdos de Geografia? A educação é obrigatória

⁵⁵Trecho extraído da entrevista realizada com Clarice Lispector por Julio Lerner para a TV Cultura em Janeiro de 1977 e publicada na revista **Shalom**, 296(2), 1992. O trecho encontra-se na parte II do vídeo original (marca 8:06). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=TvLrJMGInF4&feature=related> Acesso: 20.06.2010

e eles não podem escapar disso, a não ser que se coloquem em grave conflito com a lei. Como será para mim voltar agora para o educacional escolar apontado para o incremento da utilidade nos cursos de formação universitária, voltado aos objetivos expressos nos programas escolares de Geografia de ensinar aos jovens a lidar com o estudo do espaço, sua ocupação e representações? Tal como Kit não quero completar circuitos. Eu estou perdida mesmo. Ufa! Até que enfim! Como é demorado esse processo em nós. Quanto medo em perder-se. Quanta paralisia do corpo, quanto pensamento igual. Quanto medo de sair dos trilhos. O inegociável das fugas em Kit mostra que não há volta. Não é mais possível voltar. Se nominalmente eu vou voltar a fazer formação de professores será de outro modo. O imanifestado que impulsionava Kit impulsiona, por sua vez, a oficina. Mesmo que uma questão não esteja formulada..., vai-se adiante. Adiante!

A compulsoriedade da educação escolar é o problema que move a oficina. Só estará acontecendo oficina quando houver a possibilidade de instauração de linhas de fuga, por isso ela não é saída. As saídas (as evasões) são sempre majoritárias, assim como o homem, no conto de Kafka “Um relatório para uma academia”, é a única saída deixada ao animal. Como um homem devém animal? Fugindo.

A educação escolar, e aqui já podemos dizer, é prisional. Sendo obrigatória oferece ao pensamento situações de enclausuramento, coloca grades quando determina o quê, como e quando se deve aprender o que se deve de todo modo aprender. Nessa lógica a escola força os alunos (e os professores) a se enquadrarem no formato educacional, disciplinado, cordato, cidadão. Seriam as oficinas uma abertura às fugas e aos devires outros? Novas geografias surgiriam delas em ambientes escolares? Os processos de subjetivação implicados na escola

sofreriam rasuras se algumas das atividades educativas se dessem pela mão de oficinairos? E se sofressem? Mesmo assim não se pode pensar em oficinas como uma escola. Elas não salvam a educação, quem trata disso é a instituição. Nossa experimentação, como toda experimentação, é frágil e incerta e se vier a ser pensada como saída para a escola inauguraria outro tipo de aprisionamento. Não? Estariam as oficinas legadas aos lugares minoritários? A uma educação menor? Tantas perguntas.

Os mapas aqui não têm utilidade e a oficina só é oficina quando não serve, quando se põe como abertura, seja qual for sua estratégia. Nessa perspectiva a oficina não serve como medida reformadora ou substitutiva da escola, e, quando ela se encaixar nesses objetivos, nos programas de campanha para todos, lembremo-nos que é por meio de campanhas que nos tornamos cidadãos e são as campanhas que dão o tom do balir das ovelhas no rebanho.

— *De que serviu tudo isso?* Pergunta Werner Herzog aos alpinistas que voltam da escalada dos dois cumes dos Montes Gasherbrum ao norte do Paquistão. Tais subidas são como missões (pequenas ou grandes), importantes decisões que se toma ao longo de uma vida. Subir não para alcançar o ponto mais alto, bater recordes, mas subir porque é preciso. E é por isso que se vai adiante. — *O alpinismo*, respondem os alpinistas à pergunta de Herzog, *pode terminar hoje. Imagine-se podendo simplesmente andar, avançar durante séculos para sempre,... sem chegar a lado nenhum, sem nunca olhar para trás, sem olhar para frente. Avançar, simplesmente até o mundo acabar ou até perder a curvatura. (...) Andar*, diz Herzog juntando-se aos alpinistas, *até deixar de haver caminhos*.⁵⁶

⁵⁶ Werner Herzog (Direção). **Gasherbrum, Der Leuchtende Berg**. Werner Herzog. Legendas em português de Portugal, Avalon Distribución Audiovisual. Madrid. Sistema Pal 2, 1984, DVD (44 minutos).

Os sentidos produzidos aqui se dão no vazio dos sentidos quando estes são entendidos como fatos majoritários. Não é esse o sentido que essas combinações configuram ao estarem juntas, e sim, aquele que é produzido quando elas se aproximam de um quase sem sentido ou sem utilidade. Então escrever. Escrever para dizer. Escrever da experiência. Escrever do desassossego. Escrever como experimentação. A tese quis dar conta do movimento vital de pesquisa, portanto, essa escrita é para escrever até deixar de haver escrita possível para novos outros sentidos se apresentarem. Por uma escrita do impossível.

Apresentar, a partir de uma noção de mapa, os mapas intensivos é tornar-se, mas não é de modo algum tornar-se profissional da cartografia intensiva, mas outra coisa. “Não temer a geografia alguma” (Artaud, 1983, p. 93), pois ela é material, já dizia Artaud; e fazer mapas, “tornar-se outra coisa, traçar linhas de fuga, que não são imaginárias” (Deleuze; Parnet, 1998, p. 56) são forças que o oficinairo acolhe e leva adiante. Não ter medo.

O fato destes mapas não extraírem sua força e importância do conteúdo informacional que detém - freqüentemente débil e precário, faz com que eles sejam de pouco interesse para a constituição de arquivos. Em sua espécie de mutismo informacional se abrigam da depuração fina que interessa aos fins de diagnósticos e sentenças. Sua força e importância vêm da sua pouca utilidade para essas instâncias (de diagnóstico e de sentença), e é em desfavor da sua captura para tais finalidades que este trabalho empreendeu suas forças.

A estratégia para isso tem como base uma atenção àqueles processos aos quais essas produções estão ligadas. Em suma, a atenção à cartografia e não à análise dos mapas. O interesse pelos mapas passa muito mais pelas composições e superposições que fazem com os outros mapas (quaisquer). Esses mapas, sem pretensões universalizantes, alcançam um outro

universal que é político e de afecção dado pelo seu contato direto com as contingências. Mostram, mesmo que de maneira oblíqua, do modo como os apresento, a forma como a loucura é tratada ao ser capturada pela doença mental, a loucura como aquilo que deve ser eliminado de cada um, e que deve ser tratada pela via do remédio, da internação e, aqui acrescida do suplemento do juízo e suas conseqüentes e múltiplas formas de punição.

Vale, portanto, sublinhar o interesse na cartografia, ou seja, no processo, no trânsito, no entre. Acontecimento. Cartografias intensivas são operadores políticos ao enfrentarem uma política da totalidade, da síntese e da identidade. Com sua micropolítica olham para a macropolítica dos mapas da geografia escolar, os mapas autoritários de que fala Harley (1989) e, também, aquela que confere à prisão coerência e utilidade.

Percorrer um problema de pesquisa com o coração flutuante e se afastar dos esquemas que preparam para responder a pergunta: *para que serve?* Habitar o problema mais do que tentar, com a pesquisa, entendê-lo. O resultado cartografado são os modos como o pesquisador, no tempo em que teve exposto ao problema, o habitou. Perseguir as variações intensivas desse tal problema para poder olhar com mais atenção como se encontra, com quem e com o que se encontra, e a relação com o mundo contemporâneo. Não se limitam aos nossos problemas existenciais. Os problemas de pesquisa, sendo nossos, estão em relação direta com problemas contemporâneos e interessa, neste caso, a uma educação no contemporâneo.

A oficina quer abalar a vontade de verdade da educação. Não querer a verdade, não esperar por ela. Se existem são apenas verdades transitórias que servem até um ponto. Kit nos ensina isso quando abre mão do que chamamos de verdadeira vida, confundida com o viver burguês que se endereça a todos.

Para que serve isso?

Quando Bruno [Strosek] faz a pergunta: para onde vão os objetos que não têm mais utilidade?, poder-se-ia responder que normalmente vão para o lixo, mas tal resposta seria insuficiente porque a pergunta é metafísica. Bergson fazia a mesma pergunta, e respondia metafisicamente: o que deixou de ser útil, simplesmente começa a *ser*.

[Deleuze, 1983, p. 208]

Então, com dizia, estamos livres da utilidade. Estamos abertos ao que começa a ser. Lembro da voz forte de Estamira no meio e de dentro das montanhas de lixo, dizendo: — *quem sabe de mim sou eu*. E o que ela sabe, e o que ela é não se distinguem do território que recorta, da casa que faz, das marcas expressivas que são sua assinatura no mundo que inventou desafiando o possível para viver, mover-se, combater. Estamira em meio ao lixo, aos restos de todos os mundos, inicia outro ciclo de combinações com as coisas.⁵⁷ Porque quando as coisas não têm mais utilidade elas começam a ser. “— *Para onde vão os objetos que não tem mais utilidade?*”

Perguntei a Águia porque havia parado de desenhar mandalas. Ao longo de dois anos ou mais dedicou-se a elas e fez composições que impressionavam até os agentes prisionais. — *Parei de desenhar mandalas, tou indo embora*. “Por que você parou?” — *Porque elas acabaram. Têm outras coisas pra fazer daqui pra frente*. Águia viveu mandalas e pacientemente, delicadamente colocou-as sobre superfícies comuns de papel A4 nos

⁵⁷ **Estamira**. Marcos Prado. Brasil, 2007, DVD (120 minutos).

oferecendo o que não sabia que sabia fazer. Seus primeiros desenhos foram soltos, descobrindo o que estava aparecendo; depois, rigorosamente, insistiu no traço que dava em mandalas e o aprimorou. Na fraca luz do seu cubículo-cela, durante madrugadas frias ou quentes, sobre um colchão fino, velho e sujo, controlou o traço, deu precisão à linha e criou quase duzentas mandalas com quase nada. Assim prosseguiu até que elas acabaram.

Seguir com as mandalas enquanto elas duram; durar nas coisas na duração delas, desenhar até que elas acabem; Estamira dizendo ‘eu sei de mim’, ‘eu sei o que me faz bem’..., esses lapsos, esses hiatos, essas vidas próximas do perigo do desmoronamento, próximas da morte, essas buscas - inventivas buscas que fazem proliferar a vida e não salvam ninguém de nada, elas produzem vida. Como o fazem? Fugindo, fazendo fugir. Mas, não se trata de uma escolha, nem de construção, e sim da invenção de uma saída quando nada parece levar a uma saída. Quando tudo parece fechado, perdido, acabado, morto e sem saída eis que um sutil, mínimo e imperceptível movimento, traça uma linha e alguma coisa importante, notável acontece. Um movimento necessário, um movimento urgente de vida traça uma linha.

Com este trabalho caminhei sobre esse mínimo traço para com ele armar um chão, um território para em seguida alguma coisa fugir e fazer fugir, e na fuga inventar os mapas de uma geografia movente. Esses mapas permitem pensar uma saúde, uma vida, um estilo, uma cura para aí poder afirmar que essas linhas mínimas, de constituição frágil, inventam vidas que fogem a qualquer codificação. Um máximo de vida sobre linhas mínimas, de fraca saúde, à beira da morte.

Uma branquinha, duas rosinhas, e uma azul. Às vezes uma verdinha, e uma alaranjadinha. Os comprimidos que nos atravessam a todos. Refiro-me aos remédios que tomam no Hospital e aos que nós tomamos. Impossível esquecer Vera Malaguti Batista (2004, 154), “quem não estiver preso estará medicado”. Cada um de nós com suas quantidades e cores. Tomamos comprimidos para qualquer dor, poucos de nós estão livres deles. Estamos no meio. Estamos todos presos e estamos todos medicados.

O que fazemos com as forças no mundo que dobramos sobre nós mesmos, tentando nos produzir e ser aceitos, tentando permanecer vivos? E com Artaud, podemos dizer: ninguém pode nos censurar por querermos alívio para nossas dores. Que nossa busca por alívio não se transforme num apaziguamento inegociável e mortal. Que possamos eleger nossa farmacopéia e arquitetar nossa cura. Pequenas curas fugidias: alívio.

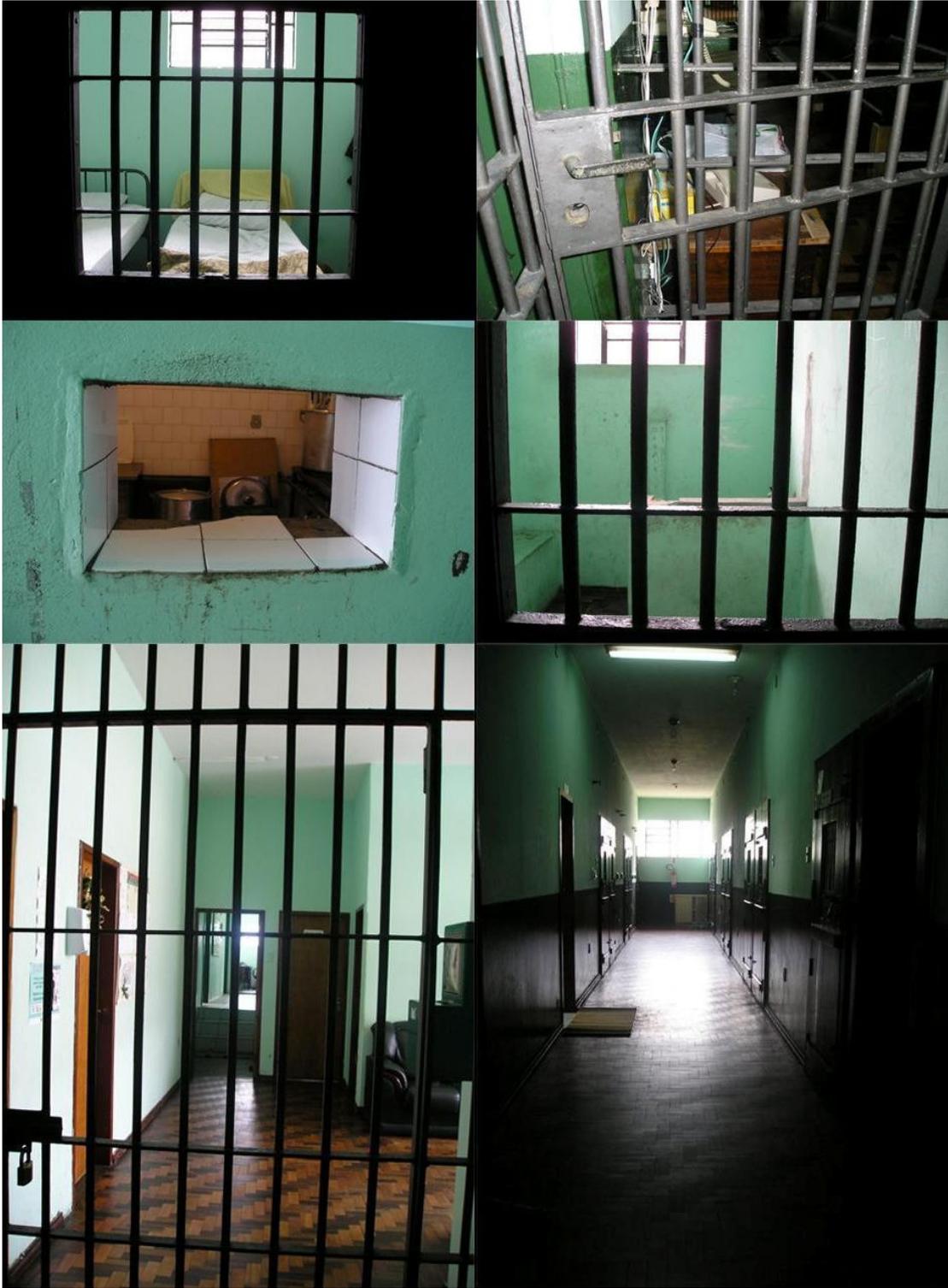
O extensivo não se opõe intensivo. Olhar um mapa às seis da manhã não é o mesmo que olhar um mapa ao fim da tarde. Tudo muda porque o traço intensivo é inseparável das subjetivações que experimentam aqueles que percorrem um meio e das subjetivações do próprio meio. O intensivo é o que passa, algo que passa por aquilo que já está aí. Um modo diferente de olhar que depende muito mais de um estado e não de uma estrutura que o prepare dando as dicas de como deve ser olhado um mapa para que ele seja intensivo. “Não me cansarei de descobrir que a árvore das seis da manhã não é esta doce das doze do dia, nem aquela cujo halo nos consola ao anoitecer. (...) somos cruéis e ternos, egoístas e generosos, apaixonados e meditativos, lacônicos e estrondosos, terríveis e sublimes, como o mar...”. (Arenas, 1984, p. 10-11) A linha intensiva é formada do desenho físico da linha e das contingências em que ela é vista ou lembrada, ou pensada, ou imaginada.

Livres da utilidade, quando não se pode tirar mais nada deles, porque reduzidos a identidade de preso, louco, bandido, criminoso, vagabundo, tolo, começa a funcionar nas oficinas uma atualização de potências insuspeitadas, não dadas no começo e que ultrapassam o final: uma alegria, uma inteligência, uma sociabilidade não violenta, uma produção de saberes. Isso é no movimento. No processo. No percurso. Acontecimento.

A ausência de escrita, pois, que não é analfabetismo. A ausência de escrita que é possibilidade de outras escritas. Escrita-ação. Para quê as letras, as linhas, os pontilhados? Os milhares de sinais coerentes, isso aprendeu ele. Os sinais que não se encontram apenas com os olhos, que não se escrevem apenas com o papel, com uma esferográfica e com uma mão. Como aprender estes sinais? Seria talvez preciso cortá-la, cortar a mão, ou deitar fogo a todas as esferográficas. Talvez então eles surgissem, esses invisíveis sinais que são os mapas topográficos do mundo, todas as flechas, as poeiras, as nervuras, os perfumes, as minúsculas indicações que impedem que nos percamos. A inteligência é infinita, é muito mais longa do que as volutas das palavras.

[Le Clézio, s/d, p. 34-35]

Conclusão











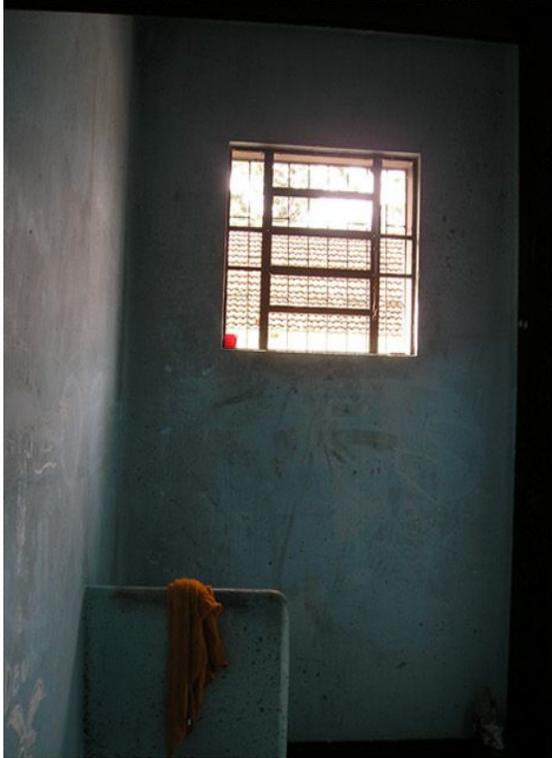


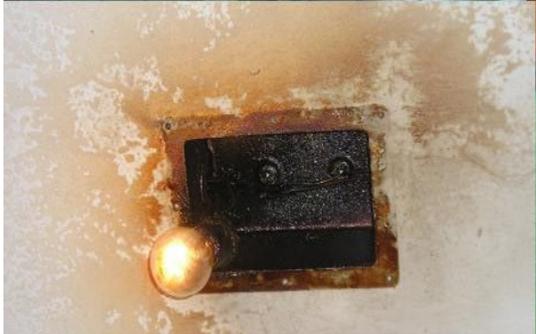














Bibliografia

- ABBOTT, Jack Henry (1982). **No ventre da besta: cartas da prisão.** (Trad. Maria Célia Santos Raposo) Rio de Janeiro, Francisco Alves.
- ARENAS, Reinaldo (1984). **O mundo alucinante.** Trad. Paulo Octaviano Terra. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- ARTAUD, Antonin (1999). **O teatro e seu duplo.** Trad. Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes.
- BAUDELAIRE, Charles (2002). **Poesia e Prosa.** Trad. e Org. Ivo Barroso. Rio De Janeiro: Nova Aguilar.
- BATISTA, Vera Malaguti (2004). História sem fim. In Passetti, Edson. **Curso Livre de Abolicionismo Penal.** Rio de Janeiro, Revan, p. 153–159.
- BLAKE, William; LAWRENCE, D. H (2001). **Tudo que vive é sagrado.** Trad. Mário Alves Coutinho. Belo Horizonte: Crisálida.
- BOWLES, Paul (1990). **O céu que nos protege.** Trad. Roberto Grey. Rio de Janeiro: Rocco.
- CAPOTE, Truman (2003). **A sangue frio: relato verdadeiro de um homicídio múltiplo e suas consequências.** Trad.Sérgio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras.
- CHATWIN, Bruce (1996). **O rastro dos cantos.** Trad. Bernardo Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras.
- CONRAD, Joseph (1998). **Coração das trevas.** Trad. Albino Poli Jr. Porto Alegre: LP&M.
- ____ (s.d.). **A linha de sombra: uma confissão.** Trad. Maria Antonia Van Acker. São Paulo: Hemus Editora.
- ____ (1999). **O espelho do mar seguido de Um registro pessoal.** Trad. Celso M. Paciornik. São Paulo: Iluminuras.
- CORAZZA, Sandra; TADEU, Tomaz (2003). **Composições.** Belo Horizonte: Autêntica.
- CORDIOLI, Sirene. **Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico: os direitos preconizados pela Reforma Psiquiátrica e a realidade dos internos.** Monografia (Especialização), Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis.
- CORRÊA, Guilherme C. (1998). **Oficinas: apontando territórios possíveis em educação.** Dissertação (Mestrado em Educação), Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Dezembro.

- _____ (2000). Oficina – novos territórios em educação. In: PEY, Maria Oly. **Pedagogia Libertária: experiências** hoje. Rio de Janeiro: Editora Imaginário.
- _____ (2006). **Educação, comunicação, anarquia:** procedências da sociedade de controle no Brasil. São Paulo: Cortez.
- DARÓS, Rita de Cássia (2004). **Diagnóstico Institucional.** Florianópolis: UNISUL. (Trabalho de Conclusão de Curso em Serviço Social).
- DELEUZE, Gilles (1983). **Cinema:** a imagem-movimento. Trad. Stella Senra. São Paulo: Brasiliense.
- _____ (1992). **Conversações.** Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34.
- _____ (1997). **Crítica e Clínica.** Trad. Peter Pál Pelbart São Paulo: Editora 34.
- _____ (2001). **Empirismo e subjetividade:** ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34.
- _____ (2006a). **A ilha deserta e outros textos.** Trad. Coordenada por Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Iluminúras.
- _____ (2006b). **Lógica do sentido.** Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva.
- _____ (2007). **A imagem-tempo.** Trad. Eloisa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix (1997a). **Kafka:** por uma literatura menor. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago.
- _____ (1992). **O que é filosofia.** Trad. Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34.
- _____ (1994). **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34.
- _____ (1997b). **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Vol. 4. Trad. Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Editora 34.
- _____ (1996). **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Vol. 3. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Claudi Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34.
- _____ (1997c). **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Vol. 5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34.

- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire (1998). **Diálogos**. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta.
- FERRAZ, Silvio (2005). **Livro das sonoridades [notas dispersas sobre composição]** - um livro de música para não músicos ou de não-música para músicos. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- ____ (2004). **O trabalho, uma música**. In: PASSETTI, Edson (Org.). Kafka-Foucault, sem medos. Cotia - São Paulo: Ateliê Editorial, pp. 69 – 72.
- FOUCAULT, Michel (1979). **Microfísica do poder**. Org. e trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal.
- ____ (1987). **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Ligia M. Pondé Vassallo. Petrópolis: Vozes.
- ____ (1990). **La vida de los hombres infames: ensayos sobre desviación y dominación**. Trad. Julia Varela y Fernando Álvarez Uría. Madrid: La Piqueta.
- ____ (1991). **História da Loucura na Idade Clássica**. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva.
- ____ (1992). **O que é um autor**. Trad. António Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Vega: Passagens.
- ____ (1999). **Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise**. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- ____ (2001). **Os anormais: curso no Collège de France (1974 – 1975)**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes.
- GIRARDI, Giseli (2007). **Fixações e ficções em mapas**. Texto apresentado no IX Congresso de Estudos Literários. (Mimeo)
- ____ (2009). Mapas desejantes: uma agenda para a Cartografia Geográfica. **Pro-posições**, Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, v.20, n.3(60), p. 147–157. Set./Dez.
- GIACÓIA Junior, Oswaldo (2005). **Sonhos e pesadelos da razão esclarecida: Nietzsche e a modernidade**. Passo Fundo: UPF.
- GODOY, Ana (2008a). **A menor das ecologias**. São Paulo: EDUSP.
- ____ (2008b). **Como entrar nas palavras, nos sons, nas cores ou nas pedras: uma experimentação**. Artigo escrito para Grupo Transversal – Faculdade de Educação, UNICAMP. (Inédito)

- HARLEY, John Brian (1989). Deconstructing the map. **Cartographica**, Toronto, Univ. Toronto Press, 26 (2): p. 01-20.
- ____ (1991). A nova história da cartografia. **Correio da UNESCO**, São Paulo, Ano 19, Ag., n.8, p. 04-09.
- KAFKA, Franz (1976). **A metamorfose**. Trad. Torrieri Guimarães. São Paulo: Clube do Livro.
- ____ (1999). Um relatório para uma academia. In: **Um médico rural: pequenas narrativas**. Tradução e posfácio Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras.
- KARAM, Maria Lúcia (2002). Medidas de Segurança: punição do enfermo mental e violação da dignidade. **VERVE: Revista Semestral do Nu-Sol – Núcleo de Sociabilidade Libertária/Programa de Estudos Pós-Graduação em Ciências Sociais, PUC-SP**, n. 2, p. 210-224.
- KAVÀFIS, Konstantinos (s.d.). **Poemas**. Seleção, estudo crítico, notas e tradução José Paulo Paes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- LARROSA, Jorge (2001). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Leituras**, n. 4 (Textos-subsídios ao trabalho pedagógico das unidades da Rede Municipal de Educação de Campinas/Fumec), Secretaria Municipal de Educação, Campinas, Julho.
- ____ (2000). **Pedagogia Profana: Danças, Piruetas e Mascarados**. Autêntica: Belo Horizonte.
- LE CLÉZIO, J.-M. G (1987). **Deserto**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Brasiliense.
- LIMA, Jorge de (1952). **Invenção de Orfeu**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal.
- MASSEY, Doreen (2008). **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Trad. Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de (2009a). **Apontamentos sobre a educação visual dos mapas: a (des) natureza da idéia de representação**. Texto apresentado no VI Colóquio de Cartografia para crianças e no II Fórum Latino Americano de Cartografia para Escolares, 17 – 19 de Junho Juiz de Fora, MG.
- ____ (2009b). Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografia menores. **Pro-posições**, Faculdade de Educação, UNICAMP. Campinas, v.20, n.3(60), p. 17 – 28, Set./Dez.

PARNET, Claire. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Entrevista realizada por Claire Parnet [1988-1989].

Transcrição disponível para download em: <http://www.4shared.com/document/xsbNQzLw/deleuze-o-abecedario.html> (Originalmente produzido em vídeo. Realização Pierre-André Boutang. Paris: Éditions Montparnasse, 1988-1989. Documentário. 158 minutos.

PASSETTI, Edson (2003). **Anarquismos e sociedade de controle**. São Paulo: Cortez.

____ (2004). **Curso Livre de Abolicionismo Penal**. Rio de Janeiro, Revan.

PELBART, Peter Pál (1989). **Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão**. São Paulo: Brasiliense.

____ (1993). **A nau do tempo rei: 7 ensaios sobre o tempo e a loucura**. Rio de Janeiro: Imago.

____ (2000). **A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea**. São Paulo: Iluminuras.

POL-DROIT, Roger (2004). **Michel Foucault: entrevistas**. Trad. Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. Rio de Janeiro: Graal.

PREVE, Ana Maria H. (1997). **Sexualidade, quem precisa disso?** A trajetória de uma oficina. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

ROLNIK, Suely (1989). **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade.

____ (2001). Os mapas movediços de Öyvind Fahlström. **Öyvind Fahlström. A nother Space for Painting**, MACBA, Barcelona, 2000, p. 333-341. Catálogo da retrospectiva da obra de Öyvind Fahlström. Museu d'Art Contemporani de Barcelona, Barcelona, Espanha.

SEEMANN, Jorn. (Org.) (2006) **A Aventura cartográfica: perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a cartografia humana**. Fortaleza: Expressão Gráfica.

STIRNER, Max (2001). **O falso princípio da nossa educação**. São Paulo: Imaginário.

TÓTORA, Silvana (2004). Devires minoritários: um incômodo. **VERVE: Revista Semestral do Nu-Sol – Núcleo de Sociabilidade Libertária/Programa de Estudos Pós-Graduação em Ciências Sociais, PUC, São Paulo**, n. 6, p. 229-246, Out.

- VIEIRA DA SILVA, Edivaldo (2002). Intolerável. **VERVE**: Revista Semestral do Nu-Sol – Núcleo de Sociabilidade Libertária/Programa de Estudos Pós-Graduação em Ciências Sociais, PUC, São Paulo, n. 2, p. 225-244, Out.
- VIVEIROS de Castro, Eduardo (2002). **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify.
- WACQUANT, Loïc (2002). A ascensão do Estado penal na Europa. In: **Discursos Sediciosos: crime, direito e sociedade**. Instituto Carioca de Criminologia. Rio de Janeiro: Editora Revan, p. 13- 39.
- WILLER, Cláudio (1983). **Escritos de Antonin Artaud**. Coleção Rebeldes Malditos. Porto Alegre: LP&M.

Filmografia

- A casa dos mortos**. Débora Diniz. Brasil, 2009, DVD (24 minutos).
- Entrelinhas: um documentário**. Letícia Cardoso e Pedro MC. Cizânia Filmes, Florianópolis, 2009, DVD (25 minutos).
- Estamira**. Marcos Prado. Brasil, 2007, DVD (120 minutos).
- Edukatoren. Os edukadores**. Hans Weingartner. Alemanha, 2004, DVD (127 minutos).
- Fata Morgana**. Werner Herzog. Alemanha, 1971, DVD (79 minutos)
- Gasherbrum, Der Leuchtende Berg**. Werner Herzog. Legendas em português de Portugal, Avalon Distribución Audiovisual. Madrid. Sistema Pal 2, 1984, DVD (44 minutos).
- Stroszek**. Werner Herzog. Alemanha, 1977, DVD (115 minutos).
- O céu que nos protege**. Bernardo Bertolucci. EUA, 1990, DVD (138 minutos).